



NEIVA MERIELE

A HORA
DA *Verdade*

ME
MODO
Editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Neiva Meireles

**A Hora da
Verdade**

**MODO Editora Tradicional
2013**

ÍNDICE

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

Rafaela atravessou o pátio gramado da universidade a passos largos, com o rosto avermelhado pela corrida de sua sala até o portão de saída. Sua irmã já devia estar à sua espera há mais ou menos meia hora, e do jeito que Fabi era inquieta, devia estar praguejando pelo seu atraso. Não reparou nos últimos degraus da pequena escadinha que dava acesso ao estacionamento, e pensando estar dando o último passo se desequilibrou quando ainda faltavam dois degraus. Seus cadernos e livros caíram de suas mãos espalhando-se por todos os lados. Um grupo de meninas que assistiu a cena toda, não se controlou e caiu na gargalhada. Rafa teve vontade de fazer um gesto obsceno mostrando o dedo médio, mas se conteve, afinal, ninguém tinha culpa se sua vida era um saco e se havia um motorista ridículo esperando por ela e sua irmã todos os dias no estacionamento da universidade.

Entrou na parte traseira do veículo preto e bateu a porta com um estrondo.

— Ei, ei, ei... Quem devia estar bravinha era eu e não você. Por que demorou tanto? — Fabi perguntou, soltando os cabelos que já estavam longos e precisando de um corte urgente.

— Atrasei-me tentando convencer um professor idiota a... Ah deixa para lá...

Fabi começou a rir sem parar, aliás, ela estivera segurando o riso há bastante tempo, considerando a forma como era impulsiva e debochada.

— Eu vi quando você quase se estatelou no chão. Estava com o pensamento em que lugar?

— Pare de rir, não tem a menor graça... Mas, você já vai saber onde estava meu pensamento.

Rafa cutucou o motorista que mal se deu ao trabalho de olhar pelo espelho retrovisor.

— Júlio, hoje nós não vamos para casa. Leve-nos até o shopping.

— Ei, mocinha, você pirou? Não posso fazer isso. Seu pai me deu ordens severas para que viessem de casa para a universidade, e da universidade para casa; e não pretendo desobedecê-lo.

— Rafa, o que você está fazendo? — Fabi perguntou, segurando a irmã pelo braço.

— Eu quero ir ao shopping, o que há de tão absurdo nisso afinal?

— Não haveria nada de absurdo, se fôssemos filhas de um pai normal, o que não é o nosso caso. Por favor, Rafa, não faça nada que o deixe irado...

— Mas que droga, Fabiana, essa situação está indo longe demais. São anos e mais anos vivendo dessa forma, debaixo de regras ridículas impostas por um homem estúpido e possessivo...

— Ele é nosso pai... — Essa era sempre a mesma resposta.

Antônio Donnelly dizia que era por proteção. Um homem da alta sociedade carioca, conhecido como magnata do petróleo, nunca admitiu perante a sociedade ter duas filhas, para tristeza de sua mulher Beatriz. Uma longa história de mentiras e meias-verdades faziam com que Rafaela e Fabiana vivessem em um mundo totalmente diferente das demais pessoas.

No melhor bairro carioca, perante a sociedade, nada mais eram do que as vizinhas do milionário, enquanto, no quintal, havia uma ligação entre as duas casas. Mesmo para Rafa e Fabi, acostumadas a essa vida desde pequenas, era difícil compreender essa situação e os motivos que levavam o pai a cometer essa loucura.

Com o passar dos anos a pressão passou a ser ainda maior, talvez por perceber que suas filhas já não eram mais crianças e tinham suas próprias desconfianças em relação a ele. Decidido a não revelar em hipótese alguma o parentesco, contratara Júlio, que além de motorista era também o seu homem de confiança, e quem levava as garotas para onde elas precisavam ir. Mas isso não acontecia com frequência, pois Antônio só permitia a saída delas se fosse com a supervisão constante de Júlio.

Anos atrás elas conseguiram despistá-lo, e era nessas horas que viviam o melhor de suas vidas sobre duas rodas, a verdadeira paixão das irmãs Donnelly. Era também nessas horas que valorizavam o dinheiro, pois a brincadeira custava grana e ainda tinham que despistar muita gente para que o poderoso Antônio Donnelly não ficasse sabendo.

Agora, com Júlio no encalço de ambas, simplesmente tiveram que abrir mão de sua paixão e eram obrigadas a ter aquele bruta-montes o tempo todo de olho nelas.

— Não ouviu o que eu disse, Júlio? Quero que nos leve ao shopping. Eu e Fabi precisamos de um cabeleireiro, de roupas, enfim... Não é da sua conta. Na verdade, estou dando-lhe uma ordem...

— Eu só sigo ordens do senhor Donnelly, você não tem autoridade para isso.

— Você tem duas opções — Rafa levou a mão na maçaneta fazendo menção de abrir a porta — ou você nos leva até o shopping ou vai ter que dar explicações ao meu pai por ter nos deixado sozinhas. Porque hoje, eu e minha irmã vamos sair de qualquer maneira.

— Droga... — Júlio resmungou e bateu com raiva na direção buzinando escandalosamente.

Fabiana apertou a mão da irmã com um sorriso orgulhoso no rosto.

— Como teve coragem de enfrentá-lo?

— Tomei uma decisão. Ou nós mudamos esse comportamento de papai agora, ou vamos viver o resto da vida assim...

No fundo, ela estava morrendo de medo da situação toda. Com certeza, Júlio contaria tudo ao seu pai na primeira oportunidade, e só Deus sabia o que podia acontecer. Mas fazia dias que alimentava a esperança de ir a um cabeleireiro com sua irmã e sair um pouco daquela rotina imposta por seu pai.

Júlio as levou até o shopping e, estacionando o automóvel, desceu do carro junto com as garotas.

— Ah não... — Dessa vez, foi Fabi quem se opôs. — Prefiro voltar para casa se é para sair com esse idiota atrás de nós.

Júlio ouviu e fez cara de irritado. Girou a chave no dedo como se estivesse saturado, em seguida, tirou o celular do bolso e começou a discar impaciente.

Rafa foi ágil e tirou o celular de suas mãos a tempo de desligá-lo, pois já estava chamando o número de seu pai.

— Seu cretino, nem pense nisso...

Júlio agarrou seu braço com fúria; quem aquela menina mimada pensava que era? Tinha ordens a respeito das duas e não aceitaria nenhuma que não fosse a do Senhor Donnelly.

— Solte ela, Júlio, ou farei uma gritaria aqui. Vou chamar a atenção de todo mundo e você vai preso. Aposto que não quer isso, não é?

Ele largou o braço de Rafa, mas conseguiu tirar o celular de suas mãos.

— O que deu em vocês hoje, hem? Andaram bebendo alguma coisa? Nunca as vi tão petulantes antes.

— Não tem jeito, Rafa, deixe esse idiota ficar de babá...

— Fique longe de mim, ou melhor, fique longe de nós. Hoje você não vai ficar no nosso encalço. Eu e Fabi vamos almoçar e fazer compras so-zi-nhas, ouviu bem? — Rafa ordenou com cara de poucos amigos.

Diante do olhar incansável e raivoso de Júlio, entraram no shopping e foram direto para o restaurante. Chegava a ser cômico vê-las como se fossem duas crianças pelos corredores do shopping.

— Estou sentindo-me como uma fugitiva — segredou-lhe Fabi, rindo á beça.

— Nós estamos fritas — Rafa falou com os olhos arregalados, rindo mais de nervoso do que feliz por estarem se sentindo livres. — Papai vai nos matar quando ficar sabendo que desobedecemos suas ordens.

Decididas, dirigiram-se para o restaurante chinês, paixão das duas por suas comidas picantes e exóticas. Um garçom com olhinhos puxados veio atendê-las e em pouco tempo se retirou, deixando as duas inquietas e desorientadas. Não precisavam de palavras, tanto uma quanto a outra sabia que, assim que se deparassem com a figura alta e carrancuda de Donnelly, a coisa ficaria feia para o lado delas.

O mais curioso é que essa obsessão aumentara seriamente nos últimos meses. Até a adolescência elas foram criadas por Lia, uma pessoa maravilhosa que dispusera sua vida em função delas e, infelizmente, sua vida acabara de forma drástica, com uma morte estúpida. Depois de Lia, elas já sabiam se virar sozinhas, e já conheciam perfeitamente as regras do seu pai, para segui-las sem maiores problemas. Mas nos últimos meses, Antônio passou a assumir uma posição amedrontadora e impôs que suas filhas só saíssem sob o olhar de Júlio.

A princípio fora legal ter uma espécie de faz-tudo, guarda-costas, motorista, carregador e mandalete, mas com o passar dos dias essa situação ficou insustentável e agora tornara-se insuportável. Há dias que Rafa e Fabi evitavam sair, só para não ter que aguentar a presença constante daquele bruta-montes.

O garçom chegou com os pratos e elas passaram a comer em silêncio, tão tensas que o sentimento de medo era quase palpável.

— Rafa... No que você está pensando? — Fabi perguntou enquanto bebia um gole de água com gás e fazia um movimento estranho e engraçado com o nariz.

— Que estamos metidas em uma bela enrascada... Que papai vai nos matar quando souber que dispensamos Júlio e que, portanto, é melhor aproveitarmos já que levaremos uma bronca de qualquer maneira.

— Uau... A ideia é boa. O que deu em você, hem? Decidiu bancar a independente agora, foi?

— E por que não? Nunca enfrentamos nosso pai, e só saberemos sua reação se criarmos coragem para isso.

Depois da deliciosa refeição, caminharam pelos corredores do shopping, apreciando as roupas das vitrines enquanto saboreavam um enorme e delicioso sorvete.

— Mamãe nos mataria se nos visse comendo tanto assim...

— Fabi limpou a boca suja de chocolate. Já estavam no segundo sorvete e, com certeza, ainda haveria lugar para um terceiro.

— Sabe qual é o meu problema? É que quando eu termino de tomar o sorvete sinto muita coceira na língua. Não ria, Fabi, é verdade. E então, tenho que comer mais um e mais um, para ver se a coceira passa.

— Deixa de ser boba, Rafa, que bela desculpa para se empanturrar de sorvete...

— Que droga, ninguém acredita quando eu falo isso, mas é a mais pura verdade!

Depois de muito baterem perna, finalmente começaram as compras. Ter dinheiro naquelas horas era muito agradável. Não se orgulhavam disso, pois a liberdade que tanto sonhavam lhes era negada, mas quem resistia a uma linda calça jeans?

— Olha, Rafa — Fabi apontou para um manequim que vestia uma linda calça jeans com uma lavagem diferente das demais. —

Vamos entrar.

Uma atendente com um sorriso falso e forçado veio atendê-las.

— Posso ajudar?

— Eu gostaria de provar aquela calça jeans que está no manequim.

A moça olhou para Fabi dos pés a cabeça avaliando seu corpo.

— Qual é o problema? — Ela perguntou, sentindo o rosto pegar fogo e a raiva a consumi-la. — Por acaso está imaginando que eu não vou entrar naquela calça?

— Fabi... — Rafa resmungou beliscando seu braço — sem confusão, por favor...

A atendente meneou a cabeça controlando o riso e foi buscar a calça que Fabi tanto queria.

— Por favor, Fabi, não arrume confusão. Já estamos metidas em uma até o pescoço só por estarmos aqui sem o olhar de Júlio e, se quer saber, a confusão está só começando, pois tenho planos malucos para nós essa tarde.

— Pois antes de saber qual é seu plano maluco, vou provar àquela bobinha ali que eu entro naquela calça jeans, e ainda sobra espaço.

— Perdão, maninha, mas eu não apostaria nisso se fosse você — Rafa mordeu a língua, tentando não rir de sua irmã.

— Até tu, Brutus?!

Com um puxão, Fabiana tirou a calça das mãos da atendente e praticamente marchou até os provadores para provar que estava certa. Rafa a acompanhou e entrou no provador junto com ela.

Fabi olhou a etiqueta e arqueou as sobrancelhas.

— O que foi, Fabi?

— É número 34. Qual a pessoa normal que veste esse número? Uma modelo esquelética ou anoréxica?

— Podia ter pedido seu número, ao invés de querer provar que caberia nessa roupa...

Fabi franziu o nariz e tirando seu short tentou entrar na bendita calça jeans.

— Se quer saber, na maioria das vezes esses números nem regulam, tudo depende do formato da peça.

Fabi estava transpirando e teimando em entrar na calça que ficara entalada na altura do bumbum, e ela rebojava comicamente na esperança de fazê-lo passar pelo cós já esticado ao máximo.

— Fabi, essa calça vai ras...

Rafaela não conseguiu terminar a frase, pois, no exato momento, ouviu-se um barulho típico de tecido rasgado.

— Oh, mas que droga!!! — Fabi praguejou, retirando a calça rasgada e pulando num pé só quando o tecido não queria sair de seu pé. Caiu desajeitada no chão e as duas começaram a gargalhar. Definitivamente, o dia não estava favorável para elas.

— Pare de... de... rir — pediu Fabi, ainda esticada no chão.

— Não dá... Você está ridícula aí no chão...

— Algum problema? — Alguém perguntou do lado de fora da porta.

— Só um minutinho? — Pediu Rafa, tentando se recompor.
— O que a gente faz, Fabi? Você nos meteu nessa; agora, vai ter que polir sua cara de pau e ir falar com a moça.

Minutos mais tarde saíram do provador com a cara mais neutra que conseguiram fazer. A atendente ergueu uma sobrancelha, olhando diretamente para a calça enrolada embaixo do braço de Fabi, que encarou seu olhar com a mesma intensidade.

— Vou levar — disse por fim.

Com olhar ainda mais surpreso a moça pediu a Fabi que entregasse a peça para que ela colocasse em uma sacola.

— Não é necessário — estava falando em monossílabos com medo de rir, e com mais medo ainda de ter que admitir que rasgara a calça.

— Você sabe quanto custa essa peça? — Com ar zangado e de poucos amigos, a atendente agora olhava para ela e Rafa como se fossem duas trombadinhas. Certamente estava pensando que duas loucas, que ficavam horas rindo no provador, não tinham dinheiro para pagar uma calça de marca.

— Sim querida... E vamos pagar á vista, caso esteja se perguntando...

Saíram da loja com Fabi ainda carregando sua preciosa calça rasgada embaixo do braço.

— Você é doida mesmo, Fabi. Coloque essa calça dentro da bolsa, antes que algum segurança pense que a gente roubou.

Fabi torceu a boca e retrucou: — Quem aquela mulherzinha pensa que é, hem? Primeiro, insinuou que eu não entraria na calça, depois insinua que não temos dinheiro para comprá-la? Qual é a dela?

— Vamos corrigir só um detalhe, maninha — Rafa a interrompeu, caindo na risada — você realmente não coube na calça...

Fabi beliscou-lhe o braço.

— Não precisa ser cruel também...

As duas entraram no primeiro salão de cabeleireiro que encontraram. Rafaela ainda estava um pouco indecisa, afinal, desde que se lembrava por gente, que seu cabelo era cortado por uma única pessoa, Sílvia. E agora, Fabi insistia para que deixassem mais essa parte da rotina de lado.

— Você corta primeiro, então — disse Rafa, com a intenção de ter mais alguns minutos para pensar.

— Ok, eu corto primeiro.

Alguns minutos mais tarde, Fabiana estava com os cabelos cortados em estilo chanel, realizando seu grande sonho, e em uma tonalidade avermelhada.

Altas e magras por natureza, elas despertavam olhares por onde passavam. Apesar da insistência de Donnelly em mantê-las escondidas, nunca conseguiu evitar que essa beleza natural ficasse evidente, já que eram atraentes garotas de pele clara e ambas com olhos incrivelmente verdes herdados pelo pai.

Sempre elegantemente vestidas, essa era mais uma das tantas regras que ele impunha. Apesar de não serem vistas como suas filhas, insistia em manter um estilo todo especial, fino e requintado, o que muitas vezes irritou as irmãs, que preferiam uma vestimenta mais confortável do que luxuosa. As refeições também eram rigorosamente servidas no mesmo horário e se, por um acaso, as garotas atrasassem, compravam uma bela de uma bronca. Beatriz sempre tentava acalmá-lo, mas era inútil, tudo em Antônio Donnelly era extremo.

Rafa olhou incrédula para a irmã menor, e levou as mãos á boca contendo um gritinho.

— Não acredito que você teve coragem de cortar seu cabelo chanel...

— Eu não falei que um dia cortaria? Agora é sua vez, maninha; sente-se naquela cadeira e me surpreenda — Fabi sorriu, movendo a cabeça para os dois lados e fazendo com que o cabelo sedoso se espalhasse como seda.

— Você está linda demais, Fabi... Mas, não sei... Acho que, no meu cabelo, um banho de brilho já é o suficiente...

— De jeito nenhum... Estamos passando por uma fase de mudança, lembra? Aliás, nem preciso lembrá-la de que o dia de hoje tem que valer a pena, levando em consideração a bronca que nos espera — Fabi franziu o nariz em sinal de desagrado e empurrou-a, fazendo-a sentar-se na cadeira giratória.

— E então, garota? O que vamos fazer nesse belo cabelo? — Perguntou a cabeleireira, segurando toda a cabeleira em um rabo-de-cavalo.

Rafa olhou-se no espelho pela milésima vez. Era ela mesma? Sim, incentivada pela irmã e pela cabeleireira acabara topando por algo diferente e agora se olhava no enorme espelho admirando o resultado final. Era a primeira vez em sua vida que usava franja e, definitivamente, amara de paixão; além da franja, o visual ficava completo com as várias luzes que puxara em seu cabelo, deixando-o bem mais claro, com a cara do verão.

— Você ficou... Magnífica, Rafa. Estou sem palavras... — Fabi a abraçou e, não resistindo, passou os dedos por entre os fios

castanho-dourado.

Estavam pagando a conta quando seu celular tocou. Estremecendo por antecipação, Rafa atendeu a ligação com mãos trêmulas. Poderia estar ainda mais agitada, mas, ver o nome da mãe, Beatriz, no visor a deixava um pouco menos nervosa, mas não totalmente tranquila. Antes mesmo que dissesse alô, sua mãe irrompeu nervosa e preocupada.

— Rafa, pelo amor de Deus, o que aconteceu com você e sua irmã? Perderam o juízo?

— Calma, mamãe Bia, nós estamos bem. Porque você está tão nervosa? Aconteceu alguma coisa?

Fabi roía as unhas em um gesto claro de nervosismo.

— Não seja criança, Rafaela. Seu pai está furioso querendo saber por que não voltaram até agora. Júlio ligou para ele há alguns minutos dizendo que vocês duas obrigaram-no a levá-las ao shopping e sumiram...

— Oh mamãe... Eu e Fabi só quisemos sair um pouco; aliás, cortamos nossos cabelos sabia? Fabi está com um corte chanel e eu fiz franja, e estou praticamente loira...

— Oh, não exagere Rafa, você está longe de ser loira — Fabi riu, tentando controlar o medo e o nervosismo.

— Minha filha, eu fico feliz que estejam se divertindo, fazendo coisas normais de garotas da idade de vocês, mas Antônio está pensando em ir procurá-las, ele está transtornado e, sinceramente, meu amor, não quero assustá-las, mas se não voltarem logo para casa não sei o que pode acontecer...

Rafa olhou com ar horrorizado para Fabi que tomou o celular de sua mão e começou a falar sem parar.

— O que ele está falando, mamãe?

— Fabi... Por favor, se uma de vocês tem um pingão de juízo que seja, voltem para casa agora ou eu não sei do que o pai de vocês é capaz. Não deviam tê-lo desafiado...

— Tente acalmá-lo, mamãe. Estamos voltando para casa imediatamente.

Desligando, as irmãs Donnelly se entreolharam assustadas. Caminhando apressadas pelos corredores do shopping, procuravam por Júlio. Rafa, que pretendia aproveitar ao máximo aquele dia de irmãs, ir à praia e curtirem um bom banho de mar, agora estava confusa e com medo, mas precisava pensar em alguma coisa e rápido... Teria que dar uma boa desculpa ao pai, ou acabariam sendo castigadas de alguma forma.

De repente, naquela tarde de calor intenso, a chuva caiu, ao princípio, devagar, e em seguida, torrencialmente. Não sabia dizer se a chuva estava prevendo calmaria ou tempestade... Foi quando passavam em frente a Strongs, uma loja de roupas de motociclista, que ela teve uma de suas brilhantes ideias.

— Vem Fabi, vamos entrar aqui...

— O que você vai fazer?

— Escolha uma roupa para você, que vou escolher uma para mim, e lhe conto minha ideia no provador. Rápido. Ah... Mas, por favor, escolha algo que seja do seu número — não pôde deixar de acrescentar, rindo ao lembrar-se do episódio de horas atrás.

Depois de alguns poucos minutos estavam as duas dentro de um provador, fechando o zíper de jaquetas e calças justas de couro preto, e calçando botas também pretas.

— Me conta de uma vez, que saco! Com um calor infernal, nós metidas em roupas de couro. Espero que tenha um bom motivo para estar fazendo isso, uma vez que essas roupas custarão o olho da cara — Fabi limpou o rosto que transpirava.

— Quando sairmos na rua vai melhorar, está chovendo lá fora...

— Continuo sem entender...

— Escuta... Nós precisamos sair daqui sem que Júlio nos veja, aliás, ele deve estar nos procurando feito um louco...

— Não vamos voltar para casa com Júlio?

— Vamos voltar para casa, mas não com o Júlio. Presta atenção, estamos encrocadas mesmo, mas, para que papai tenha algo em que pensar antes de nos estrangular, precisamos de outro alvo para sua ira...

— Acho que eu entendi... E esse alvo seria Júlio.

— Exatamente. Meu plano é o seguinte: Júlio nunca vai nos reconhecer com esse cabelo e essas roupas, então, até aí tudo bem. Saímos do shopping, pegamos um táxi e vamos para casa... Quando chegarmos, papai vai estar furioso, mas nós vamos dizer a ele que estávamos tentando provar que nem Júlio, nem ninguém, é garantia de que estamos seguras, e que a prova é que conseguimos despistá-lo e ele nem percebeu...

— Perfeito, perfeito, você é genial Rafa. Com isso a raiva de papai vai se transferir toda para Júlio, e nós vamos sair ilesas porque, afinal, só estávamos tentando provar uma teoria.

— Isso mesmo. Então, vamos antes que Júlio nos encontre.

O rapaz do caixa olhou com indisfarçável interesse para as duas mulheres lindas que saíam do provador e não conteve um

elogio:

— Uau, de onde surgiram duas mulheres-gato?

Rafaela e Fabi se olharam e também não disfarçaram o agrado que o elogio lhes causou. Mulheres-gato? É... de fato a roupa as deixavam sexy... Se o rapaz desconfiasse da encrenca em que estavam metidas...

— Vamos sair daqui vestidas assim, e estamos com pressa, então, por favor, se você puder somar os gastos e nos providenciar uma sacola para colocarmos as roupas que estávamos vestidas, eu agradeceria... — Disse Fabi, jogando a cabeça para o lado com certo charme.

— Claro... — O rapaz sorriu, semicerrando os olhos, flertando descaradamente não apenas com uma, mas com as duas irmãs. — Estarão protegidas com essas roupas, a chuva lá fora está cada vez mais forte... Deixe-me só conferir o preço da peça — ele pediu, fazendo a volta por trás do balcão e posicionando-se atrás de Rafa, encostando os dedos em seu pescoço em busca da etiqueta.

— Hei... O que está fazendo? Você não precisa fazer isso, além do mais já tirei as etiquetas, ou acha que eu seria burra a ponto de sair na rua com elas penduradas na roupa? Caramba... Você deve ter um catálogo com os preços no sistema do seu computador, mas, se precisar de ajuda eu mesma posso procurar nesse monte de roupas iguais as que eu e minha irmã compramos...

— Desculpe-me — ele pediu, mas seu semblante não tinha o menor sinal de arrependimento.

— Isso foi demaaaaaaais — Fabi estava eufórica quando saíram da loja. — O cara estava flertando descaradamente com nós duas...

— Fabi... Ele era um babaca. Nenhum cara tem o direito de sair tocando nos clientes só porque é bonitinho.

— Ah, deixa de ser chata, Rafa. Nós nem sabemos se vamos estar vivas amanhã — zombou.

— Vamos sim, pode apostar. Vamos passar a perna em papai e acabar com a alegria de Júlio. Estou com medo, confesso, mas também estou orgulhosa de nós duas. E agora, trate de caminhar diferente para que Júlio não nos reconheça.

Fabiana começou a caminhar rebolando os quadris e Rafa não se aguentou e começou a rir. O que estavam fazendo, afinal? Não estavam encenando um filme, aquilo era vida real e duvidava muito que seu plano desse certo, e com sua irmã rebolando ridiculamente da forma como estava só acabariam chamando ainda mais atenção.

— Pare de rebolar, por favor, Fabi. Assim que chegarmos na rua ninguém vai reparar em nós, e podemos correr porque está chovendo. As pessoas vão pensar que estamos tentando correr da chuva.

Alcançando a rua começaram a correr até pararem em um ponto de táxi.

— Graças a Deus, conseguimos — Rafaela agradeceu já dentro do táxi, informando ao taxista onde deveria levá-las.

— Que droga! De que adiantou tanta produção? — Fabi resmungou zangada, passando a mão nos cabelos encharcados.

— Pense pelo lado positivo... Se não fosse essa roupa de motoqueiro estaríamos em situação ainda pior.

Viver uma aventura era tudo de bom, e a adrenalina correndo forte nas veias era como tônico vital, mas, quando

chegaram perto da mansão do magnata Antônio Donnelly, todo ânimo das garotas se acabou. De repente, Rafa teve vontade de nunca ter dado uma de independente; de repente, se sentia ridícula com aquela franja e queria loucamente poder voltar no tempo e não ter enfrentado o pai. O que dera nela? Perguntou-se. Em seus vinte e quatro anos de vida aceitara todas as condições impostas pelo senhor Donnelly, nunca questionando as razões que o levavam a agir assim, então, por que justo agora decidira ser forte? Fabi era mais explosiva e Rafa temia pela língua da irmã menor.

Debaixo de chuva atravessaram o quintal que separava uma casa da outra, e Beatriz foi encontrar suas filhas com a testa franzida e gestos nervosos.

— Que roupas são essas? — Perguntou sem nada entender.
— Vocês não deviam brincar com isso, minhas filhas...

— Por onde vocês andaram esse tempo todo, e que malditas roupas são essas? — Donnelly tinha o rosto vermelho e olhar ameaçador.

— Por Deus, Antônio, controle-se — pediu Beatriz, segurando o marido pelo braço. Ele retirou bruscamente o braço e avançou para o lado das filhas.

— Vamos... Estou esperando uma resposta. Eu sempre deixei bem claro que só deviam sair com a presença de Júlio e com a minha permissão...

— Papai... — Rafa ficou surpresa quando a voz saiu, jurava tê-la perdido diante do estado de fúria do pai. — Nós só queríamos provar a você, que sempre nos protegeu como se fôssemos uma peça de cristal, que nem Júlio nem ninguém podem nos proteger caso algo nos aconteça. De nada adianta essa sua super-proteção. O

fato é que nós fugimos do homem que você considera infalível, nos disfarçamos com essas roupas e ele não nos encontrou...

— Desgraçado — Donnelly bufou e mãe e filhas se entreolharam. Não precisavam de palavras. Sabiam perfeitamente que, assim como Rafa previra, a raiva dele se transferira para o homem de confiança que falhara miseravelmente e fora enganado por duas garotas. Donnelly não o perdoaria facilmente.

— E foi isso — Fabi concluiu com a cara mais inocente do mundo.

— Não foi só isso, não — ele continuava furioso. — Eu confiei em vocês, e vocês me decepcionaram...

— Mas papai... Se você confiasse em nós não precisaria de um homem nos vigiando dia e noite. Para começo de conversa, você não esconderia de todos que somos suas filhas.

— Eu temo pela segurança de vocês, suas ingratas. Eu não faria isso se não fosse necessário... — Ele tinha olhos arregalados como se de repente seu ódio se transformasse em medo.

— Você é doente... — Fabi resmungou, pensando ter falado baixo o suficiente para que ninguém ouvisse, mas três pares de olhos desviaram-se em sua direção.

Antônio Donnelly cerrou os punhos e Beatriz meteu-se entre pai e filha a tempo de evitar que algo desastroso acontecesse.

— Nem pense nisso, Antônio... — Beatriz gritou enfrentando o marido como uma leoa.

— Sumam daqui... Sumam da minha frente — ele ordenou respirando com dificuldade, bufando como um touro bravo. — Agora... Voltem agora mesmo para o quarto de vocês e não

apareçam na minha frente até que eu decida o que fazer com as duas...

Temendo pela segurança da irmã e pela própria segurança, Rafa pegou Fabi pelo braço e correram de volta para a casa do outro lado do quintal.

Fabi tremia e chorou copiosamente sentada na poltrona de couro branco, aliás, um contraste e tanto com as roupas de couro preto que vestia.

— O que deu em você, Fabi? — Rafaela secava cuidadosamente os cabelos de Fabi que, agora devido ao corte, secava rapidamente.

— Só falei a verdade... — Fabi fungou — aquele velho é um doente. Foi por isso que decidi estudar psicologia, para ver se algum dia consigo descobrir os distúrbios que ele sofre...

— Não diga isso Fabi, ele só não sabe medir sua superproteção...

— Não, Rafa, não é isso. Eu sinto que existe algo mais...

Rafa arqueou uma sobrancelha sem entender. Será que seu pai tinha alguma doença psíquica? Talvez... Mas, saber que Fabi havia optado por cursar psicologia devido ao comportamento do pai era algo que ela nunca havia desconfiado. Sempre imaginara que Fabi escolhera psicologia pela forma como via a vida e como ansiava em ajudar as pessoas.

Serviu duas xícaras com café fumegante e entregou uma à irmã, em seguida, sentou-se na poltrona à sua frente.

— Não vamos nos torturar com isso. Aposto como amanhã papai estará um doce, e nossa vidinha voltará à mesma rotina chata e sem graça de sempre.

— É justamente isso que ele quer, Rafa. Nós sempre acabamos fazendo suas vontades. Hoje, conseguimos nos livrar por pouco, graças a sua ideia de colocá-lo contra Júlio, mas não podemos viver sempre assim. Eu cansei, tenho vinte anos e quero minha liberdade... Não sei como mamãe suporta esse homem por tantos anos.

— Porque ela o ama. Vai saber como isso funciona quando também amar alguém...

Fabi sorriu de canto antes de perguntar:

— E, por acaso, você entende do assunto? Pelo que eu sei nunca amou ninguém.

Rafa fez cara de desdém e levantou-se, indo admirar a chuva que batia sem piedade na vidraça do quarto.

— Nunca amei ninguém, mas imagino como deve ser... — Nesse momento, seu semblante era sonhador. Conseguia imaginar um belo homem, carinhoso, com olhos cativantes, boca sensual, corpo perfeito, tudo ao seu dispor, um homem que fizesse todas as suas vontades... Era assim que imaginava o amor, apesar de não ser bem isso que visualizava no relacionamento dos pais.

— E você acha que algum dia papai vai permitir que conheçamos alguém? Nem temos amigos, Rafinha. A possessividade dele é assustadora, ninguém pode se aproximar de nós duas. Digame, como vamos encontrar um amor, hem?

A pergunta de Fabiana deixou-a muito pensativa. Sua irmã tinha razão, se parasse para pensar em futuro, tudo o que conseguia ver era um homem rico e obstinado tentando proteger duas filhas de um mal que não existia. Às vezes, ela chegava a pensar que essa proteção demasiada era para suprir a falta de sua mãe biológica,

que falecera quando Rafa ainda era um bebê, depois de tê-la abandonado, mas isso não fazia sentido, uma vez que Fabi sofria da mesma proteção e sempre tivera pai e mãe juntos e perto dela.

Foram deitar-se cedo. O dia foi intenso para as duas. Desde pequenas dividiam o mesmo quarto e, portanto, os mesmos sonhos, os mesmos anseios, as mesmas frustrações. Se aquele quarto falasse teria muitas histórias para contar. Histórias de duas irmãs, filhas do mesmo pai, mas não da mesma mãe, que foram criadas de forma estranha, como se estivessem em uma prisão de luxo e talvez por isso tornaram-se extremamente ligadas uma à outra.

Na casa ao lado, Beatriz sofria ao saber que suas filhas estavam tão perto e tão longe ao mesmo tempo. Queria ir até lá e colocá-las em seu colo e fazer tudo o que uma mãe fazia, mas Donnelly não deixara dúvidas em suas ameaças. Se ela fosse até lá só prejudicaria a vida das filhas que tanto amava.

Enxugou uma lágrima teimosa. Seu marido sempre fora estranho, diferente de todas as pessoas que já conhecera. Sabia perfeitamente que ele guardava um segredo, apesar de não fazer ideia do que fosse. Quando se apaixonou pelo jovem Antônio, não teve tempo suficiente para conhecê-lo, e acabara se apaixonando também pela garotinha órfã de mãe, e talvez Rafaela tivesse sido a principal razão pela qual se casara.

No dia seguinte, Fabiana acordou bem mais cedo do que o costumeiro e, depois de tomar seu banho, foi até a cama de Rafa.

— Ei... Acorda dorminhoca!

Rafaela se espreguiçou e esfregando os olhos constatou que ainda era muito cedo.

— Caiu da cama, Fabi? Deixe-me dormir mais um pouco...

— Oh, Rafinha... Depois do dia de ontem a faculdade nunca me pareceu tão convidativa.

Rafa pulou da cama e foi tomar banho ainda a contra-gosto.

Estavam sentadas nas banquetas tomando café da manhã na pequena cozinha quando o senhor Donnelly entrou sem aviso prévio.

— Já estão acordadas a essa hora? Por acaso pretendiam aprontar mais alguma coisa? — Não esperou por resposta e prosseguiu: — Só vim para informá-las de que tranquei a faculdade de vocês. Terão que aprender a lidar com as consequências de seus atos. Minhas queridas, veterinária e psicóloga — ele fez um gesto cínico apontando para as duas filhas — podem dar adeus á faculdade. A partir de hoje, não sairão mais de casa...

Fabi atirou-se nos pés do pai implorando por seu perdão e sua piedade. Jamais sequer sonhariam que ele teria tal atitude.

— Por favor, papai, a faculdade não... Pode dar o castigo que quiser, mas a faculdade é nossa vida. Queremos ter uma profissão e, além do mais, psicologia é meu sonho, você sabe... — Ela soluçava e as lágrimas rolavam molhando o piso da cozinha.

— Não precisam de uma profissão — ele parecia não se comover com a dor de suas filhas, a dureza estampada em seu rosto hostil. — Vocês têm um pai rico, não tem? Têm todo o dinheiro de que precisam... Se deixei que cursassem uma faculdade, foi porque pensei que podia confiar em vocês...

Rafaela sentia os olhos arderem, mas não deixaria que uma lágrima sequer caísse de seus olhos enquanto estivesse na presença do pai, que estava aprendendo a odiar com todas as forças.

— Nós não fizemos nada de errado. Você está usando um pequeno deslize nosso para cometer mais uma de suas loucuras. Não sei o que houve nos últimos meses, mas está cada dia mais claro que aconteceu alguma coisa muito séria que o impede de ter paz...

— Cale a boca, você não sabe nada — Donnelly moveu-se em direção à Rafa, que se esquivou atrás da mesa.

— Engano seu, sei o suficiente para afirmar que está usando nossa saída ontem como desculpa...

— Já disse para calar a boca — ele gritou. — Quero que ouça bem, eu vou sair agora porque tenho milhões de coisas me esperando na empresa. E vocês vão ficar quietinhas em casa porque, se acontecer qualquer eventualidade, não me responsabilizarei pelos meus atos.

— O que aconteceu com Júlio? — Rafa perguntou, lembrando-se do motorista.

— Ele teve o que mereceu... — Disse, virando as costas e deixando Fabi em prantos, atirada no chão da cozinha.

— O que vai ser de nós, Rafinha. Se ficarmos dia e noite dentro dessa casa vamos enlouquecer da mesma forma que papai. Ele está louco, precisa ser internado... Eu quero morrer...

— Levante-se, meu bem — Rafa ajudou-a a levantar-se. — Sente-se aqui e olhe para mim.

Fabi obedeceu, mas não parou de chorar. O que fariam sem a faculdade? Era o único lugar onde esqueciam da prisão em que viviam.

— O que vai ser de nós duas, Rafa? Não pensei que papai chegaria a esse ponto...

— A culpa foi minha, nunca devia tê-lo contrariado. —
Rafaela se sentia na obrigação de tirá-las daquela situação. Amava a faculdade, lidar com os animais, cuidá-los era tudo o que sempre sonhara.

Quando começou a cursar veterinária já sabia em que área se especializaria. Cavalos eram sua grande paixão, e um dia pretendia entender tudo sobre eles, mas enquanto isso não acontecia, e sabendo que nunca teria um círculo de amizades mesmo que profissional, quando começou a estudar convenceu o pai a deixar que ela e Fabi tirassem carta de motorista para carros pesados. A princípio, Donnelly reagiu negativamente, mas diante dos argumentos de Rafa acabou cedendo. Ela fez o pai entender que jamais poderiam ter um emprego normal em um consultório, de forma que a única maneira seria terem um consultório ambulante, tanto para sua área, como veterinária, quanto para a área de psicologia, que Fabi cursava, e assim ambas haviam aprendido a dirigir esse tipo de veículo.

E, nesse exato momento, Rafaela agradecia a Deus por ter insistido tanto com o pai nesse assunto. Ainda não tinha uma ideia formada na cabeça, mas sabia vagamente como ela e a irmã sairiam dessa vida que levavam.

— Fabi... Vamos falar com mamãe. Papai já deve ter saído de casa.

Após interfonarem para Beatriz, e ter a certeza de que não havia mais ninguém em casa, elas foram até a casa ao lado, e se atiraram nos braços da mãe.

— Oh, meus amores, eu sinto muito por não ter conseguido evitar o descontrole de Antônio ontem... Não estão atrasadas para a

faculdade?

— Papai não lhe disse nada? — Rafa perguntou incrédula.

— Disse o quê?

— Eu não disse que ele está louco? — Fabi falou com raiva.

— Do que vocês estão falando, posso saber?

— Papai trancou nossa faculdade, disse que a partir de hoje não vamos mais sair daqui — contou Rafa, cerrando os punhos com raiva.

— Mas, que loucura! Antônio não pode fazer isso, ele está passando de todos os limites cabíveis — Beatriz estava incrédula, onde aquela loucura pararia?

— Foi por isso que viemos aqui, mamãe...

— Claro, meus amores. Eu não vou permitir que o pai de vocês as faça prisioneiras dentro da própria casa...

— Prisioneiras, nós já somos desde que nascemos, mamãe — interrompeu Fabi.

— Fabi tem razão, mamãe. Eu estou pensando em outra coisa. Ter trancado a faculdade foi a gota d'água. Estou pensando em uma forma de colocá-lo contra a parede, e vamos precisar da sua ajuda.

Rafaela contou à mãe e a irmã a única e possível ideia que tinha na cabeça, e que faria com que o pai fosse obrigado a libertá-las daquele fardo que carregavam desde pequenas.

Os dias se passavam enquanto Rafaela e Fabiana, entre o quarto e a cozinha da pequena casa que moravam, aperfeiçoavam o plano que haviam traçado.

O calor era intenso em pleno verão no Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, e de repente as irmãs Donnelly se sentiam vivas pela primeira vez na vida.

E, enfim chegara o dia da decisão...

II

O sol estava se pondo no horizonte, deixando para trás mais um dia de tensão para Rafaela. Ela caminhava de um lado para outro no seu quarto diante do olhar nervoso de Fabi. De repente, sentou-se decidida na cama e cruzou os braços como se estivesse se protegendo de algo.— Eu já me decidi, Fabi. Nós vamos sair dessa casa.

Fabi ainda mantinha certa resistência, temerosa de que tudo desse errado como da última vez.

— Rafa, pelo amor de Deus, papai jamais permitirá que façamos isso — a incredulidade e o medo estavam presentes em cada uma de suas palavras.

— Essa situação está insustentável. Ninguém pode passar a vida toda se escondendo, fingindo ser quem não é. Fabi, nós já conversamos sobre isso, você não vai dar para trás agora, não é?

— Mas, Rafa, se durante todos esses anos papai nos manteve debaixo de suas regras, o que a faz pensar que ele irá mudar agora, mesmo sob ameaça? — Fabi parecia extremamente nervosa.

— Ele não mudará, Fabi, nós mudaremos. Basta! Vamos sair daqui, com ou sem sua permissão. Algo me diz que o que papai esconde é sério demais, e nós vamos descobrir.

— Como? Se você tiver razão e ele realmente tem algo a esconder, a resposta está no país de onde veio, o qual nem temos certeza...

— Uruguai ou Argentina — Rafa parecia falar mais consigo mesma do que para com a irmã. — Pouquíssimas vezes o ouvi falando, mas acredito que seja em alguma cidade fronteiriça. E como falei já estou decidida, nós vamos atrás dessas respostas — parou de repente, fixando os olhos na irmã — você vem comigo, não vem?

Fabi baixou os olhos pensativa, por mais que quisesse livrar-se das loucuras do pai, tinha medo de sua reação quando descobrisse o que elas pretendiam.

— E nossos amigos? E a faculdade?

— Que amigos? Nossa vida é baseada em mentiras, ninguém sabe realmente quem nós somos. E depois que papai trancou a faculdade não nos resta mais nada, além do mais, não acha que merecemos ser livres pelo menos uma vez na vida?

Fabi sorriu assentindo.

— Acha que seu plano maluco dará certo? — Perguntou.

— Precisamos tentar — respondeu com um sorriso de canto.

O senhor Donnelly jamais desconfiaria do verdadeiro motivo da viagem que fariam.

Lia sempre deixara claro às garotas que um dia elas precisariam tomar uma decisão na vida, entretanto, tanto Rafa quanto Fabi nunca acharam necessário enfrentar o pai, e com o tempo acabaram esquecendo das sábias palavras da mulher que as criara com tanto carinho. Mas, nos momentos de aflição que viveram nos últimos dias, as palavras de Lia ficavam cada vez mais nítidas e desse modo lembraram-se de todas as coisas que Lia falava, de todas as vezes que ela as incentivou a fugirem de Antônio, a tomarem as rédeas da própria vida.

Foi com as palavras de Lia em mente que Rafa teve um plano mirabolante. Usaria uma chantagem com o pai, e tinha certeza que ele não teria outra saída, a não ser concordar com a viagem que planejava.

Precisaria de um trailer, dinheiro e, claro, o consentimento de Antônio. Consentimento esse que teria de qualquer maneira.

Muito mais do que uma viagem, que aliás seria muito bem-vinda, depois de tantos anos de "cativeiro", ela e sua irmã, de alguma forma, pretendiam encontrar as respostas que, durante anos, fizeram com que duas crianças se perguntassem por que eram criadas por uma babá quando adolescentes; por que tinham absolutamente tudo o que o dinheiro poderia comprar, e por isso suas amigas de escola, mesmo tão ricas quanto elas, invejavam tanto; e agora, quando jovens, perguntavam-se por que o pai insistia em manter sigilo absoluto quanto aos laços de sangue que os unia.

Nesse caso, esperar por uma resposta positiva do senhor Antônio era o mesmo que esperar a chuva no deserto. Ele jamais concordaria em deixar que suas protegidas anônimas se aventurassem rumo ao desconhecido. Tampouco permitiria que o sobrenome Donnelly fosse associado á elas, mas, a última cartada seria o apoio de sua mulher, a bondosa Beatriz.

Dias antes, Rafaela havia aproximado-se da mãe de criação e contado o que tinha em mente, claro que nem cogitara em contar a verdadeira história, apenas lhe dissera o quanto estava entediada com a vida e queria passar um tempo agradável em companhia de Fabiana.

Conhecia bem demais a mãe Bia; era assim que a chamava e sabia que ela, com seu coração enorme e bondoso, seria a única pessoa a convencer o estranho Antônio Donnelly a ceder.

Beatriz se mostrara solidária ao pedido da filha, mas tinha suas dúvidas quanto a reação do marido. Todos os anos em que estiveram casados não foram suficientes para que ela antecipasse as reações dele como a maioria das mulheres conseguiam.

Mas, da parte de Beatriz, havia toda a preocupação de mãe em relação as filhas. Para onde iriam, o que fariam, o que enfrentariam, eram perguntas que seria inútil verbalizá-las, mas que faziam com que o coração de uma mãe acelerasse por antecipação. Ainda assim, se isso faria suas duas filhas felizes, não mediria esforços para que Donnelly cedesse aquele desejo, que agora também era dela.

Rafa olhou-se no enorme espelho do closet, ensaiando mentalmente o que diria ao pai para convencê-lo. Desistiu, sabia que não adiantaria tentar ser previsível com ele. Poderia esperar qualquer reação, mas a mais provável era que simplesmente ignorasse o assunto, como sempre fazia quando o mesmo o incomodava. De qualquer forma, jamais saberiam se não criassem coragem e não deixassem o quarto em direção a casa dos pais.

— Vamos falar com papai agora mesmo — decidiu-se, puxando Fabi pela mão.

Atravessaram o pequeno jardim que unia as duas casas e entraram na magnífica mansão onde Antônio Donnelly era o senhor absoluto de tudo e de todos.

Ver o rosto carrancudo do pai desanimou-as imediatamente, mas ainda assim teriam que ter coragem. Era agora ou nunca.

— Papai, já faz algum tempo que eu e Fabiana queremos conversar com você, mas acabamos sempre adiando... Acho que chegou a hora — Rafaela disse, chamando a atenção do senhor Antônio Donnelly.

Desde o dia em que ele dissera ter trancado a faculdade que não se falavam mais.

— Eu e sua mãe estamos de saída, vamos a uma recepção na casa de um amigo...

Dona Beatriz, atenciosa e amável, interveio assim que pôde:

— Antônio, escute o que nossas filhas têm a dizer, elas me adiantaram alguma coisa e eu tenho certeza que é do seu interesse.

Rafaela olhou para a mãe e sorriu, seu pai fizera uma ótima escolha casando-se com Beatriz após a morte de sua mãe biológica, quando ainda era um bebê. Beatriz cuidou e amou Rafa como se fosse sua filha verdadeira, e Rafa tinha certeza que o mesmo amor que sua mãe adotiva sentia por Fabiana, que era sua filha legítima, sentia por ela também.

O senhor Antônio sentou-se na luxuosa poltrona, um tanto resignado.

— Então, do que se trata?

— Da nossa liberdade papai. Eu entendo que você, sendo um milionário, tem medo de nos expor, mas ter que fingir ser quem não somos não é a melhor opção — Fabiana falou. Sabia que não seria fácil convencer o pai a mudar, mas tinha que tentar, não podiam mais aceitar de bom grado aquela situação ridícula. E era

melhor ser doce ou acabaria acordando a fera que habitava aquele interior.

Diante do silêncio de seu pai, Rafaela prosseguiu:

— Fabi tem razão, ninguém sabe que somos suas filhas, todos pensam que você não tem herdeiras e isso é ridículo. Acha mesmo que isso é necessário?

Após um longo suspiro, Antônio por fim se pronunciou:

— Por favor, até hoje nenhum mal aconteceu a vocês, nunca foram sequestradas ou chantageadas. Se conseguem obter a admiração das pessoas é pelo que são, não pelo que possuem, uma vez que ninguém sabe de que família são, mas não seria assim, se eu saísse por aí gritando aos quatro ventos que tenho duas filhas herdeiras de todos os meus milhões.

— Meu amor, você sabe que eu nunca concordei com essa sua super-proteção com as meninas, elas precisam viver como qualquer outra pessoa. Rafa está com vinte e quatro anos e Fabiana com vinte, não são mais aquelas garotinhas que precisavam ser protegidas, já sabem se virar sozinhas — Beatriz também queria que Antônio mudasse em relação àquela loucura, mas ele era irredutível.

— Eu não pretendo mudar a minha maneira de protegê-las, é melhor desistirem. Não acham que foi o suficiente o que fizeram no outro dia? — Agora, o homem até então controlado parecia extremamente irritado.

— É exatamente por esse motivo que viemos conversar com você, não queremos que nos apresente a sociedade, queremos apenas vi... Viajar — Rafa gaguejou.

— Viajar? — Gritou com raiva. — E o que faz vocês pensarem que irei permitir?

— Simples, senhor Antônio — Fabi começou, mal contendo sua raiva — ou você nos dá o seu apoio ou viajamos sem o seu consentimento, não vamos passar o resto de nossas vidas trancafiadas dentro de casa porque você tem medo que possamos ser sequestradas...

— Cale a boca...

— Controle-se, Fabi — aconselhou Rafaela.

— Você está sendo insensível, Antônio, não percebeu que aquelas duas garotinhas transformaram-se em duas mulheres lindas e capazes de cuidar de si mesmas? Está na hora de acordar... — Beatriz sabia que estava mais do que na hora de suas filhas voarem do ninho, até se admirava que não tivessem tomado tal atitude há muito mais tempo. — Se não concordar com a viagem, vai perder suas duas filhas de uma só vez, como sempre temeu.

— Já disse que não. Aliás, pensei que depois de ter trancado a faculdade de vocês, finalmente tivessem percebido que não estou brincando e que não pretendo mudar...

— Isso quer dizer que você prefere da maneira mais difícil, não é, papai? — Rafa o interrompeu, desafiando-o. Mentalmente pediu perdão a Lia por ter que usar seu nome na mentira que inventaria, mas era a única pessoa que tanto ela quanto sua irmã conheceram suficientemente bem, e por estar morta não sofreria nenhum tipo de dano nem desmentiria o que estava prestes a inventar ao pai.

— O que você está insinuando? — Donnelly mantinha a respiração em suspenso e parecia surpreso com a reação destemida da filha mais velha.

— Não é uma insinuação, estou afirmando que eu e Fabi vamos viajar...

— Nunca permitirei...

— Nós já imaginávamos, por isso gravamos um vídeo, querido papai... Antes de Lia morrer, ela nos falou de uma pessoa em quem confiaria sua própria vida, e em quem poderíamos confiar se algum dia precisássemos. E esse dia chegou...

— E quem é essa pessoa, e o que tem a ver com a nossa conversa? — Donnelly tinha um ar amedrontado no rosto como se temesse muito por tudo aquilo.

— Eu jamais contaria, papai, mas deixe-me concluir... Eu e Fabi gravamos um vídeo contando em detalhes a vida de luxo em cativo que levamos, a vida que o nosso milionário pai, Antônio Donnelly, nos impõe...

Diante do silêncio do pai, Fabi continuou de onde Rafa havia parado:

—... E, se em uma semana nós não entrarmos em contato com essa pessoa de confiança dizendo que estamos viajando, longe de casa e seguras, essa pessoa levará esse vídeo a todas as emissoras de televisão, e você ficará totalmente exposto perante a sociedade...

— Eu negaria tudo — defendeu-se ele, vermelho de raiva por estar sendo absurdamente chantageado pelas filhas. — Quem acreditaria em duas malucas dizendo ser minhas filhas?

— É aí que entra essa pessoa em quem Lia confiava muito; ela sabe de toda a história, papai, e confirmará a nossa versão em dois tempos. Além do mais, existe o famoso teste de DNA e essa pessoa já possui fios de cabelos nossos que servirão como provas.

— Desgraçadas, vocês não sabem o que estão fazendo — Donnelly estava furioso, criara duas traidoras como filhas.

— Foi você quem quis assim, papai — Rafa interveio, sentindo-se vitoriosa pela primeira vez na vida. — Nunca precisamos agir assim com você antes, mas nos últimos meses tem agido de forma cruel, e ter trancado a faculdade despertou esse nosso lado...

— O que vocês querem afinal? — Perguntou resignado, sentindo finalmente que havia perdido a batalha.

— Viajar — respondeu Fabi — apenas isso. Veja pelo lado positivo, papai, você nunca precisará contar a ninguém que somos suas filhas se aceitar a nossa viagem. Voltaremos em seis meses e continuaremos a viver como sempre vivemos...

Donnelly pensou melhor, não havia uma terceira opção, estava entre a cruz e o punhal e, entre contar a todos que tinha duas filhas adultas e concordar com uma viagem, ficava com a segunda opção.

— Para onde pretendem ir? — Perguntou, mal acreditando que fora vencido.

— Não temos destino certo, queremos apenas que nos consiga um trailer e dinheiro vivo. Vamos conhecer vários lugares, pretendemos inclusive ultrapassar a fronteira do Brasil. — Disse Fabiana, sem o menor traço da raiva que sentira minutos atrás, procurando esconder suas verdadeiras intenções.

— Ótimo, farei tudo o que quiserem, inclusive comprar esse tal trailer, mas com uma condição... Que levem documentos falsos, ninguém pode nem desconfiar que são milionárias. É muito perigoso.

— Isso é crime! — Exclamaram mãe e filhas ao mesmo tempo.

— É pegar ou largar. Nesse momento, parece que tudo com que posso contar é a boa vontade de vocês e espero que não me decepcionem. Meu nome jamais poderá ser citado, em hipótese alguma.

— Não se preocupe, papai, seu nome nunca será mencionado.

Fabiana e Rafaela se entreolharam mal contendo a vontade louca de gritar que estavam a um passo da tão sonhada liberdade.

Donnelly tinha contatos suficientes para falsificar fosse lá o que quisesse e, assim como prometera, providenciou todos os documentos falsos de que necessitavam. Essa atitude deixou as garotas ainda mais curiosas. O que o pai temia tanto afinal?

Alguns dias mais tarde...

Elas dormiam pela primeira vez naquela casa ambulante, depois de um dia inteiro atrás do volante, ora dirigido por Rafa, ora por Fabi. Queriam estar o mais longe de casa possível, na verdade, mal acreditavam que haviam conseguido enfrentar o pai e partir, quem sabe para nunca mais voltar. Desde que decidiram inventar uma mentira que fizesse Donnelly ceder, já tinham em mente para onde ir e que respostas buscar. Beatriz sofreu demais com a despedida, enquanto o pai parecia preocupado com algo que elas não conseguiam visualizar. Mas, ao mesmo tempo, Beatriz sentia que suas filhas estavam partindo em busca de algo que ela, desde que conhecera o marido, nunca tivera. A tão sonhada liberdade.

Quando fizeram as malas não deixaram absolutamente nada que lhes pertencia, e isso certamente deu a Beatriz a vaga certeza de que suas filhas não voltariam. Malas e mais malas contendo o que o dinheiro era capaz de comprar, mas que não as satisfazia plenamente.

Agora, depois de um dia inteiro de viagem, estavam cansadas, mas felizes. Pararam em um estacionamento de ônibus quando já anoitecia completamente e sentaram à mesa retangular da pequena cozinha do trailer. O trailer era todo decorado em creme e marrom; talvez, se tivessem mais tempo, poderiam ter dado um toque especial ao ambiente com cores mais femininas, mas o tempo nesse caso era precioso, e se reclamassem daquele luxo ambulante seriam verdadeiras hipócritas. Apesar do espaço pequeno, o conforto era inegável.

Da pequena geladeira embutida, Fabi tirou lasanha congelada e aqueceu no micro, enquanto Rafa preparava a mesa.

Quando se sentaram para comer, Rafa sentiu que seus olhos ficaram marejados e não era por nenhum sentimento de perda, ao contrário, sentir a liberdade era simplesmente lindo. Sentia-se leve como uma pluma e a alegria nos olhos de Fabi apagava qualquer sinal de medo que pudesse ter. A partir daquele momento, ela se responsabilizava por inteiro do que pudesse acontecer, e se sentia incrivelmente bem com isso.

— Você está chorando? — Fabi perguntou tomando um gole de água. Esticando a mão, segurou a de Rafa entre a sua. — Arrependeu-se?

— Estou chorando de alegria, Fabi, ainda não acredito que conseguimos... Estou imensamente feliz.

— Eu também estou, é como se eu tivesse acabado de nascer... Acha que pegamos pesado demais com papai?

— Não, acho que agimos de acordo com o que a situação exigia. Talvez tenhamos exagerado um pouco ao termos deixado claro que não entraremos em contato com eles durante os próximos seis meses... Mamãe vai sofrer demais com isso. Não tenho certeza se agimos corretamente em relação a papai, não por questão de respeito, já que isso, ele nunca teve conosco. Mas se pretendemos descobrir um mistério, será que não acabamos dando muito na cara, ficando meio ano longe de casa? — Opinou Rafa.

— Quanto a isso também concordo. Mamãe vai sofrer sem notícias, mas por outro lado, se ligarmos podem rastrear nossas ligações ou mesmo persuadir-nos a voltar, e isso não está em nossos planos, não é? — E, mudando de assunto com um sorriso travesso, perguntou: — Posso dormir com você? Sabe como sou medrosa...

— Você inventa essa desculpa de que é medrosa só para ficar conversando até tarde com a maninha mais velha, estou errada? Mas é claro que você pode, Fabi. Eu adoro ficar jogando conversa fora com você, e agora teremos tempo suficiente para isso.

— Você é incrível! — Ambas foram para o quarto maior do trailer. Havia dois quartos, mas elas sabiam que não conseguiriam dormir uma noite sequer longe uma da outra. — Sabe, às vezes eu fico pensando que nos acertamos melhor do que irmãs de verdade.

— Mas nós somos irmãs de verdade — corrigiu Rafa. — Saiba que eu morri de ciúmes quando mamãe Bia me contou que ia ter um bebê, até chorei; eu tinha quatro anos quando você nasceu. Vi você dando os primeiros passinhos, falando as primeiras palavras, de forma que me considero não apenas uma meia-irmã, mas uma

irmã por parte de mãe e pai. Afinal, quando minha mãe biológica me abandonou, para morrer meses depois, ela estava dando seu lugar para que outra o ocupasse e, felizmente, papai encontrou para mim a melhor mãe do mundo. Aliás, acho que foi a única coisa boa que ele fez em sua vida inteira.

— Não sente raiva da sua mãe, por tê-la abandonado ainda bebê, deixando-a sozinha com papai? — Fabi quis saber.

— Eu não guardo mágoa de ninguém, você sabe; muito menos dela, ainda mais porque está morta. Não tenho porque ficar com o coração cheio de coisas ruins... E agora, mais do que nunca, só quero coisas boas para nossas vidas, Fabi. Eu prometo a você que jamais voltaremos a viver como as prisioneiras que éramos.

Depois de vários dias de viagem, onde curtiram mais do que os anos todos em que viveram sob o comando do pai super-protetor, as irmãs Donnelly ainda custavam a acreditar que haviam convencido o velho a deixá-las viajar. Rafa nunca gostara de mentiras, exatamente por saber que o pai usava muitas delas, mas, definitivamente, ter mentido a respeito do vídeo e de Lia havia valido a pena, mesmo depois de morta, Lia conseguira salvá-las, como sempre fizera quando viva.

— Uau! Já perdi a conta de por quantos dias estamos viajando. Deixamos o Rio de Janeiro há vários dias e já estamos na fronteira com o Uruguai — Fabi mencionou entusiasmada.

— Estamos na cidade Barra do Quaraí, onde tem uma ponte enorme que faz divisa com uma outra cidade que pertence já ao Uruguai. Chama-se *Bella Ciudad* — informou Rafa, enquanto

examinava um mapa. — Ainda podemos chegar a *Bella Ciudad* essa noite.

— Você está louquinha para ultrapassar a fronteira, não é? Pois eu pretendo fazer umas compras e passar alguns dias ainda no Brasil. Estou adorando essas mulheres turcas desfilando com suas roupas típicas e seus mantos na cabeça, nem parece que estamos no Brasil.

Elas permaneceram durante três dias na cidade. Percorriam as ruas pobres como se fossem as ruas de Beverly Hills. Tudo era encantador para duas jovens que acabavam de descobrir o gosto da vida, longe dos olhos do pai. Comiam em feiras e bares e acenavam encantadas para aquelas mulheres com manto branco na cabeça. Em um supermercado supriram os armários e a geladeira do trailer. No dia seguinte entrariam no país vizinho e não tinham muita certeza do que as esperava.

Na manhã de sábado, Fabi estava ao volante, quando ao longe avistaram as guaritas e vários guardas armados fazendo a segurança do local. Aos poucos foram parando até estacionarem em um dos terminais. Um senhor de seus sessenta anos sorriu ao reparar nas duas jovens. Certamente ficara surpreso ao vê-las sozinhas naquele enorme veículo.

Ele conversou com um outro guarda e fez sinal para que as garotas fizessem o retorno e estacionassem ao lado. Fabi obedeceu franzindo o cenho.

— O que será que eles querem, Rafa?

— Deve ser procedimento normal deles. Afinal, estamos entrando em outro país.

Descendo do trailer as garotas caminharam em direção aos guardas. Àquela hora da manhã o calor já era insuportável. Cumprimentaram os guardas que permaneciam impressionados pelo fato delas estarem sozinhas.

— Bom dia, jovens. Estão sozinhas? — O guarda mais velho perguntou.

— Sim senhor, algum problema? Os outros carros estão passando direto... — Rafa reparou, olhando os demais veículos.

— Não exatamente... A maioria desses veículos passa todo dia por aqui e por isso são liberados, mas, no caso de vocês, precisamos revistar o trailer. Estamos com esse procedimento devido ao número de assaltos e tráfico de drogas que vem acontecendo...

Fabi olhou para a irmã com os olhos brilhando, mal acreditando que estavam passando por aquela situação. Teriam que resolver problemas do dia-a-dia e aquilo era o máximo, pois a fazia sentir-se viva, vivendo uma verdadeira aventura.

— Não vai levar muito tempo, fiquem tranquilas. Só precisamos saber se está tudo certo e o que trazem no trailer.

— São turistas? — Perguntou o guarda mais jovem.

— Oh, sim — respondeu Rafa, sem saber ao certo se era isso mesmo que eram. — Pretendemos conhecer o Uruguai, a Argentina e, quem sabe, Chile ou Peru, por isso o trailer...

Acompanharam os dois guardas que revistaram todo o trailer e já estavam prestes a liberá-las, quando o guarda mais velho encontrou a maleta com dinheiro.

— Que dinheiro é esse? — Perguntou surpreso.

— Estamos fazendo uma longa viagem, senhor, e precisamos de dinheiro...

— Não deveriam sair sozinhas com todo esse dinheiro vivo — o guarda mais jovem examinou a maleta com olhos brilhantes, talvez nunca tivesse visto todo aquele dinheiro antes. — Não seria mais fácil usarem cheque ou cartão de crédito?

— Quando partimos do Rio, já tínhamos em mente conhecer esses países mais pobres. Visitaremos cidades pequenas, vilas pobres onde, certamente, não vamos encontrar bancos ou caixas eletrônicos... — Rafa sentia as mãos suarem, estava longe de casa e nem se quisesse poderia usar o nome do pai para saírem de uma enrascada, caso se metessem em uma.

— Talvez tenhamos exagerado, mas em nossas pesquisas ficamos sabendo que o Uruguai é um país bem mais atrasado e que as pessoas compram alimentos á granel, direto dos sacos, e que seguem um padrão de vida que para nós, brasileiros, é considerado atrasado. Sei que devemos ter exagerado, mas enfim... Essa é nossa primeira viagem...

Rafa estava orgulhosa de Fabi, pelo visto seus argumentos haviam convencido os guardas que se entreolharam, e o mais velho dirigiu-se às garotas coçando a cabeça.

— Por mim eu deixaria que passassem, mas...

— Mas o quê? — Fabi perguntou, já impaciente.

— Todo o dinheiro que passa por aqui precisa ser declarado e, nesse caso, estamos falando de muito dinheiro. Mas vou ver o que posso fazer. Vou conversar com meu superior...

Rafa estava nervosa, precisava convencer o guarda a deixá-las passar ou teriam que voltar para casa. Afinal, de que outra forma elas declarariam aquela quantidade enorme de dinheiro que traziam?

— Por favor, senhor, faça o que for necessário. Não queremos ter que voltar e cancelar todos os nossos planos.

O guarda sorriu de forma amistosa para as garotas, o que as acalmou de imediato. Afinal, ainda havia pessoas gentis no mundo.

— Não se preocupem garotas, vou dar um jeito nisso. A maleta ficará apreendida aqui até que eu consiga entrar em contato com o meu superior. Talvez eu tenha que sair por alguns minutos, mas fiquem tranquilas que resolverei o mais rápido possível.

— Muito obrigada, senhor — Fabi agradeceu comovida.

Ficaram envolvidas o dia todo nessa função, esperando pela volta do guarda, mas quem precisava se preocupar? Não tinham pressa. Afinal, estavam em casa, e uma casa muito confortável por sinal.

Foi com imensa alegria que no finalzinho da tarde avistaram o guarda com um sorriso de orelha a orelha.

— Boa noite, garotas, aqui está — disse, entregando-lhes a maleta. — Consegui resolver antes do previsto. Podem deixar o Brasil ainda hoje se assim o desejarem.

— Mais uma vez, muito obrigada — agradeceram.

Passaram pela aduana abanando para o bondoso guarda, mas estacionaram logo em seguida, pois escurecia e queriam ter o grande prazer de entrar no país vizinho à luz do dia.

A visão que se descortinou diante dos olhos de ambas foi simplesmente magnífica. A cidadezinha *Bella Ciudad* era linda, com uma paisagem estonteante; era uma cidade pequena, mas deslumbrante.

Algumas pessoas olharam curiosas para o enorme trailer perturbando a paz do local. Em uma pracinha arborizada e com chafariz algumas crianças se divertiam, e pararam imediatamente quando avistaram aquele enorme veículo se aproximando.

— Estamos chamando atenção — Fabi falou, sentindo-se imensamente feliz.

— Esse lugar é lindo, Fabi. Olha essas casinhas simples, todas exatamente iguais, pintadas de branco. É como se estivéssemos em outra época, sei lá... Sinto paz aqui...

Fazia muito calor naquela época do ano, eram apenas dez horas da manhã, mas o calor já estava insuportável. Entraram cidade adentro e pararam em frente a um hotel grande e luxuoso, provavelmente o único da cidade, contrastando com a simplicidade do resto do povoado.

— Nossa casa ambulante é o máximo, mas eu preciso de alguns minutos dentro de uma banheira e algumas horas em um local que não esteja sobre rodas — brincou Fabi, esticando as pernas enquanto descia do trailer.

— Tem razão, esse hotel parece perfeito — Rafa abanou-se com as mãos tentando refrescar-se um pouco. — Que ótima ideia você teve quando cortou os cabelos chanel, aposto como o calor está bem mais tolerável para você.

— Pode apostar que sim — Fabi passou a mão nos cabelos sentindo-se o máximo.

Entraram no hotel sentindo o frescor agradabilíssimo do ar condicionado. No balcão da recepção tentaram um diálogo com a recepcionista:

— *Nosotros...* — Rafa começou indecisa — *hablar con el dueño.*

A recepcionista sorriu diante do péssimo espanhol de Rafaela e falou em um português perfeito, apesar do sotaque:

— Tudo bem, moça, não é necessário forçar seu espanhol; estamos na fronteira e todos, ou a grande maioria, falam português.

— Que ótima notícia — Rafaela estava começando a gostar daquele lugarzinho. — Então, eu gostaria de falar com o dono ou responsável.

— Está com sorte. Dona Lídia está aqui hoje, o que raramente acontece. Vou chamá-la, aguardem um minuto, por favor — ela saiu da recepção para entrar, em seguida, numa sala próxima. Minutos depois apareceu uma elegante senhora com cabelos grisalhos.

— Brasileiras na área! É um prazer recebê-las, queriam falar comigo? — Perguntou parecendo animada.

— Na verdade, queremos um quarto... Mas estamos em um trailer, e ele com certeza atrapalharia no estacionamento, então, gostaríamos de saber se tem algum lugar apropriado onde possamos colocá-lo, pagamos o que for necessário — Fabiana quase implorou.

— Problema resolvido. Podem colocá-lo no estacionamento atrás do hotel. É um lugar reservado para os ônibus que trazem excursões; é perfeito para o que precisam. Agora, é só escolher o quarto em que pretendem ficar.

Após acomodarem-se no aconchegante quarto do hotel, Fabi e Rafa foram conhecer a cidade.

Era tudo tão diferente do Rio, não apenas a calmaria do lugar, mas também as pessoas, que as cumprimentavam como se as

conhecessem. Lado a lado, as garotas caminhavam sem precisar de palavras. A alegria nos olhos era prova de que estavam deslumbradas com o encantamento da bela cidadezinha. Compraram picolés de uma garotinha que carregava um carrinho e ela ficou imensamente grata, como se aquela venda fizesse toda a diferença na vida dela.

— Já imaginou o que nosso pai ia dizer se nos visse comprando picolé na rua?

Rafa riu. Era maravilhoso saber que estavam bem longe dos olhos do poderoso Antônio Donnelly.

— Por falar nele, quando vamos para a Argentina atrás das respostas?

— Esse é outro assunto, Fabi, não precisamos resolvê-lo agora. Vamos dar um passo de cada vez. Conseguimos sair de casa, agora vamos aproveitar tudo o que isso pode nos proporcionar, depois, sim, seguimos para a Argentina.

Passaram em frente a uma loja de motos e, com um sorriso de orelha a orelha, entraram e foram atendidas por um homem com várias tatuagens no braço.

Admiraram todas, das mais simples as mais potentes, como as bmw, mas o que as encantou mesmo foram duas motos ninjas.

— Então, *muchachas* — o homem tatuado se aproximou sorrindo simpaticamente. — São novas na cidade, não são?

— Acabamos de chegar — Rafa respondeu. — Estamos pensando em dar uma volta para conhecer melhor a cidade.

— Não há muito o que conhecer. A cidade é pequena, mas garanto que tudo por aqui é simples e belo — o homem falou cheio de orgulho.

— Fabi — Rafa chamou a irmã. — O que acha dessas duas?

— Perfeitas — mal acreditava que depois de tanto tempo voltaria a andar em uma motocicleta.

— Vamos alugar essas duas pelo resto da tarde...

— Não vão se arrepender. Com esse calor excessivo, um passeio de moto é sensacional — o dono da loja, como havia apresentado-se, cobrou o valor e desejou um bom passeio às jovens, depois de indicar alguns lugares bonitos onde poderiam ir.

— Obrigada, mas, no momento o que eu quero mesmo é sentir o vento batendo no rosto. Faz algum tempo que não sinto essa sensação — disse Rafa, já montando na moto e colocando o capacete.

— Bom passeio, *muchachas!*

Aquela era mais uma das regalias que jamais teriam sob a proteção de Donnelly. Aquela era a paixão secreta de ambas as irmãs, que fizeram praticamente malabarismo na intenção de desdobrar o pai, que nunca descobriu esse pequeno segredo que guardavam há anos.

Afastaram-se cerca de quarenta quilômetros da cidade. Tudo era maravilhoso. Havia enormes fazendas que chamava a atenção das meninas, mas em uma das estâncias a curiosidade foi maior e ambas desceram das motos. Era uma fazenda onde criavam coelhos, outra grande paixão de Fabiana, o que contradizia a regra, já que a veterinária ali era Rafa.

— O senhor fala português? — Perguntou, já entrando fazenda adentro seguida pela irmã.

— Que pergunta desnecessária — o dono resmungou, aparentemente mal humorado — em *Bella Ciudad*, todos falam

português.

— Ótimo, posso pegar um desses coelhinhos fofos? — Fabiana já estava abrindo a gradezinha, quando o senhor se adiantou.

— De jeito nenhum. Olhar é suficiente. Não são de estimação, são exportados para abate. É uma carne muito gostosa. E você não pode chegar assim na casa dos outros, entrando sem pedir licença.

Fabiana não prestou atenção nas últimas palavras do homem, estava com os olhos arregalados como uma criança assustada.

— Vocês comem os coitadinhos?

— Para lhe falar a verdade eu não como mais, enjoiei, mas milhões de pessoas pagam muito bem para saborear um desses aí — ele apontou com o dedo em direção aos coelhos.

— Você é cruel, sabia? Como pode ser insensível a esse ponto? — Fabiana estava realmente revoltada.

— Fabi... Pare com isso, você nem conhece o homem. Ele só está fazendo seu trabalho — Rafa procurava acalmar a irmã exaltada.

— Trabalho? Matar coelhos para comer? Que horror! — Agora era o homem que a olhava com ar zangado.

— Por favor, senhoritas, retirem-se da minha fazenda. Não quero ser grosseiro, mas nem as conheço. Não tenho necessidade de dar-lhes explicações sobre o meu trabalho.

— Tudo bem, nós vamos, mas o senhor me vende um coelho? — Fabi ainda tentou.

— Não vendo apenas um coelho; são exportados em grande quantidade. Agora saiam, por favor.

— Por favor... Eu quero um coelhinho, o senhor...

— Se não saírem terei que chamar a polícia — dessa vez o homem parecia de fato determinado.

Rafa puxou a irmã pelo braço e praticamente arrastou-a de volta até as motos. Mal haviam entrado no país e ela já estava prestes a arrumar confusão. Agora era responsável por Fabi e, se a irmã menor não se comportasse, teriam sérios problemas.

— Vamos, Fabi. Eu também amo os animais, mas nesse caso é diferente, ok?

— Poxa, Rafa, o coelhinho estava quase implorando para que eu o trouxesse comigo — resmungou.

— Sem drama, maninha, sem drama...

Voltaram para o povoado e seguiram para o hotel onde estavam hospedadas.

— Olha só como eu acabei... Brigando com um senhor que nem conheço por causa de um coelho. Tudo culpa do papai, que nunca permitiu que tivéssemos um bichinho de estimação — Fabi se lamentava como se ainda tivesse três anos de idade.

— Acalme-se, se você quer tanto esse coelho podemos dar um jeitinho...

— Que jeitinho? — Perguntou ansiosa.

— Voltaremos lá à noite e pegaremos um deles para você. Estou sentindo-me uma ladra desde já, mas o que eu não faço por minha maninha?

Entrando no saguão do hotel notaram uma movimentação diferente e foram ver o que estava acontecendo. Lídia estava agitada

e ocupada com a decoração, mas parecia entusiasmada.

— Estamos decorando o salão do hotel para a festa à fantasia que ocorre todo ano; é uma festa beneficente onde reúnem-se várias pessoas da cidade. Pobres e ricos, não há diferença, todos se divertem mascarados. Vem gente até de outros estados e o dinheiro arrecadado é repassado para um orfanato da cidade — explicou Lídia.

— Que gesto lindo. Todos se divertem e ao mesmo tempo ajudam crianças órfãs — Rafaela gostaria muito de colaborar com esse tipo de organização.

— Se vocês quiserem participar ainda há convites à venda na recepção. Seria uma honra! — Lídia convidou-as um pouco sem jeito.

— Mas é claro que nós queremos. Vou agora mesmo garantir nossos convites — Fabi saiu apressada em direção à recepção, sendo acompanhada por sua irmã mais velha.

Lídia mencionou que a festa não tinha tema, que poderiam escolher a fantasia que quisessem. Também disse que havia uma pequena loja que vendia fantasias, e foi para lá que elas foram, com medo de se atrasarem para a festa, que seria às nove e meia da noite.

Não foi difícil encontrar a tal lojinha, uma vez que todas as pessoas se mostravam gentis e faziam questão de indicar cada lugar que procuravam. A loja era minúscula e havia pouquíssimas opções. Deram boas gargalhadas enquanto provavam as roupas, mas nenhuma fantasia agradou as irmãs Donnelly. Cinderela, rainha ou chapeuzinho vermelho não era exatamente o que procuravam, de

forma que os únicos produtos que elas compraram foram duas máscaras de couro preto.

— E agora, o que vamos vestir? — Fabi perguntou desolada, minutos depois, no quarto do hotel.

— Teremos que achar algo que combine com as máscaras, não é engraçado? — Rafa conseguia manter o bom humor, ao contrário de sua irmã, que começava a se irritar.

— Você acha engraçado? É nossa primeira chance de vivermos uma aventura, e não temos nem uma roupa adequada, mas eu vou a essa festa de qualquer jeito.

— Não, minha irmã, você não vai de qualquer jeito, você vai maravilhosa, assim como eu... Acabei de ter uma ideia — Rafa puxou a irmã porta afora. — Vem comigo até o trailer.

No trailer, Rafa abriu as portas do armário do quarto e começou a espalhar roupas em cima da cama, procurando por uma em especial.

— Já estamos na nossa casa ambulante, agora me diga... Qual é a ideia brilhante? — Perguntou.

— Lembra das roupas de couro que compramos naquele dia que fugimos de Júlio? Pois bem, está na hora de usá-las novamente. São pretas, de couro e justíssimas. Lembra o que falou o rapaz tarado que nos vendeu as roupas? — Os olhos verdes de Rafa naquele momento brilhavam de satisfação.

— Mulher-gato! — Fabi exclamou estupefata. — Minha irmã, você é um gênio. Seremos as duas mulheres-gato. As irmãs Donnelly vão arrasar.

— Vamos arrasar sim, mas esqueça o sobrenome Donnelly, foi o trato que fizemos com papai, lembra?

Chegaram ao hotel em suas motos, o que era totalmente desnecessário, sentindo-se poderosas, mais uma vez salvas pelas roupas da Strongs. Estavam lindas, mas não esperavam que todos os convidados se voltassem em direção a elas. A verdade é que todas as pessoas vestiam fantasias simples, de babá, militar, marinheiro, ninguém estava ousada como elas.

— Constrangida? — Rafa perguntou para a irmã. As pessoas voltaram a se divertir e esqueceram as visitantes recentes.

— Nem um pouco. Estamos lindas e, se pretendemos ficar uns tempos por aqui, terão de se acostumar com nosso bom gosto — Fabi retrucou sentando-se em uma das mesas dispostas pelo salão, e cruzando as pernas.

Rafaela teve vontade de soltar uma sonora gargalhada diante do ar poderoso de sua irmã. Sabia que ela estava adorando toda aquela aventura. Também estava se divertindo muito, mas não podia deixar de se preocupar. Estavam num lugar totalmente estranho, sem ter a quem recorrer caso precisassem, além do mais, Fabiana demonstrava ser muito crescida, mas não passava de uma jovem indefesa. Sentia-se responsável por sua irmã mais nova e isso a deixava um pouco assustada.

— É assim que se fala, maninha, mas, na verdade, acho que passamos uma ideia errada a eles; ao invés de parecermos lindas e sexy, demos a impressão de perigosas. Pelo menos foi isso que eu vi na expressão deles — Rafa disse.

— Ei, a psicóloga aqui sou eu, esqueceu? Não passei todo esse tempo com livros de psicologia na mão para você me dar lição — ela brincou, mas a irmã retrucou:

— Não terminou a faculdade...

— Nem você. Agora, vamos deixar essa discussão de lado e nos divertir.

— Ah, meu Deus! Quem são aqueles homens? — Rafaela perguntou para si mesma, olhando em direção à porta.

Parados à porta estavam dois homens altos e musculosos, vestidos de polícia. É claro que se tratava de fantasia, mas as pessoas olhavam para ambos com respeito e reverência. Mesmo com a máscara eram, sem dúvida, os homens mais interessantes que Rafaela já vira, tinham um sorriso lindo e dentes brancos e perfeitos. O que era estranho, pensou ela, uma vez que todas as pessoas com quem conversara, a respeito do Uruguai, deixavam claro que os homens daquele país não possuíam esse padrão de beleza.

Lídia aproximou-se das meninas e perguntou baixinho:

— Não são o máximo?

— De quem se trata? — Perguntou Rafa, sem esconder seu interesse.

— São novos-ricos, se é que me entende. Os habitantes de *Bella Ciudad* têm muito a agradecer aos dois. Eles protegem a todos por aqui e recebem em troca o carinho e a gratidão de todos nós.

Elas não entenderam muito bem o discurso da dona do hotel, mas não podiam negar que aqueles dois eram irresistíveis.

Os dois rapazes seguiram em direção às irmãs Donnelly com inegável admiração, como se tivesse um ímã que os puxasse para elas. Com certeza, não eram habitantes da cidade. Nenhuma mulher

das redondezas teria coragem de vestir-se com aqueles trajes, concluiu o mais velho em pensamento.

— É nosso dia de sorte, meu caro irmão — comentou Hector Martins, o mais novo dos dois.

— Ou de azar. Mulher bonita significa encrenca. Isso a vida ainda há de lhe ensinar — revidou Leonardo, sem deixar de sorrir. Era bom estar de volta ao lugar que tanto amava e que fora o lar de seu pai durante uma vida toda.

— Que bobagem... Vamos nos apresentar a elas, antes que encontrem outra companhia — disse Hector com seu costumeiro entusiasmo.

Depois de cumprimentarem várias pessoas por quem passavam ao longo do corredor, pararam em frente à mesa de Rafa e Fabi.

— Será que podemos nos juntar a vocês? — O dono daquela voz máscula era ainda mais lindo do que achara a princípio. Como seria seu rosto sem a máscara, perguntou-se Rafaela.

— Claro que sim, será um prazer, senhor...

— Leonardo Martins, e nada de senhor — brincou. — Esse é meu irmão, Hector.

— Muito prazer, Hector — Fabiana apressou-se em estender-lhe a mão sem o menor constrangimento.

— O prazer é todo meu, mulher-gato — naquele exato momento, ambas as irmãs souberam que estavam diante de dois homens inesquecíveis.

— Eu sou Rafaela e essa é Fabiana, minha irmã menor... Estou encantada com a hospitalidade dos habitantes de sua cidade

— apertou a mão daquele homem lindo e sentiu os dedos firmes deslizarem vagarosamente por sua mão.

Os quatro sentaram-se junto à uma mesinha em um dos cantos do salão. Aquele mistério de não saberem o que havia por trás das máscaras deixava a todos com um certo excitamento. Rafa admirou-o com o canto do olho. Não tinha uma vasta experiência com homens, devido ao isolamento que vivia, mas sabia o suficiente para constatar que Leo era testosterona pura e que, pelo simples fato de estar próximo a ela, lhe causava arrepios por todo o corpo.

— Somos do Rio de Janeiro, viemos para o Uruguai num trailer. Um sonho que há muito vínhamos adiando — informou Fabi, iniciando a conversa.

— Nós nascemos no Uruguai, mas nossos pais são brasileiros, de Uruguaiana — Hector prosseguiu.

— Então, são praticamente brasileiros, também — Fabi não conseguia disfarçar. Aquele rapaz que devia ser dois ou três anos mais velho que ela era simplesmente o homem mais lindo que já conhecera. Seria real ou estaria sonhando?

— Na verdade, é uma longa história... — Leonardo entrou na conversa.

— E nada melhor que uma longa história para aproximar quatro pessoas — sugeriu Rafaela um pouco incerta, nunca desenvolvera uma conversa com um homem tão interessante quanto ele e temia fazer papel de boba.

O sorriso que desenhou-se em seus lábios deu a Rafa uma visão dos céus e, mesmo que estivesse bancando a boba, não deixaria de apreciar cada segundo na companhia daquele homem lindo.

— Bem, como vocês já sabem, meus pais são naturais de Uruguaiana, mas papai mudou-se para *Bella Ciudad* quando tinha dez anos. Meus avós eram pastores e mudaram-se para cá afim de fundar uma igreja. O povo daqui os recebeu com o maior carinho e papai aprendeu a amar esse lugar. Aqui cresceu, envelheceu e... Morreu — Leonardo pareceu terrivelmente triste — mas enfim, ele conheceu mamãe, casaram-se e eu nasci, sete anos depois nasceu Hector. Nossa família trabalhava com artefatos de lã, cobertores, cobertas, tínhamos uma espécie de fabriqueta mas não era exatamente o que queríamos, então há seis anos atrás nós vendemos tudo e voltamos para Uruguaiana, onde montamos nossa primeira usina de refinamento de soja, biodiesel. Fomos muito bem-sucedidos. Em pouco tempo nos tornamos proprietários de muitos hectares, onde passamos a plantar soja. Aos poucos compramos mais equipamentos e aumentamos o negócio, que se tornou um ótimo empreendimento. Temos casa lá e uma fazenda aqui, e sempre que nos sobra um tempo viemos para cá.

— Uau! Mas quem cuida de tudo por lá quando vocês estão aqui? — Rafaela quis saber, superinteressada no assunto.

— Temos os empregados, mas quem administra tudo depois que papai faleceu é nossa mãe, quando não estamos em Uruguaiana, é claro. A senhora Laura Martins tem sido nosso braço direito — ele disse cheio de orgulho da mãe.

— “Que dupla interessante”! — Pensou Fabi fascinada.

— E vocês, o que fazem da vida? — Perguntou Hector.

Foi nesse exato momento que diminuíram a intensidade da luz e começou uma espécie de balada, para alegria de Rafa, que estava a beira de um colapso nervoso, sem saber o que dizer sobre

si mesma. O DJ começou a tocar músicas agitadas e todos arredaram cadeiras e mesas e começaram a dançar na pista, no meio do salão. Leonardo e Hector explicaram que, em seguida, quando as luzes voltassem ao normal e cessasse a música, todos tirariam as máscaras. Era o auge da festa e a expectativa era muito grande.

Leo era o tipo de homem que Rafaela só vira em filmes americanos. Apesar de não conseguir ver o rosto, todo o resto lhe era incrível. Um corpo atlético, uma voz sexy, um sorriso encantador, enfim, o tipo de homem que só se encontra uma vez na vida.

— Vamos dançar? — Ele convidou e prontamente Rafa aceitou, arrependendo-se em seguida. Estar nos braços daquele homem era bom demais, chegava a doer. Foram dançar e, em poucos minutos, percebeu que sua irmã estava aos beijos com Hector.

“Essa garota pirou de vez, acabou de conhecer o sujeito e já se joga nos braços como se estivesse perdidamente apaixonada.”

Definitivamente, Fabiana estava agindo como uma adolescente em sua primeira festa noturna, o que não deixava de ser uma verdade, já que realmente era a primeira vez que ela se via em tais circunstâncias. Mas estar longe da proteção do pai não significava que poderia sair por aí beijando o primeiro cara bonito que encontrasse.

Rafa sentiu os nervos se retesando. O que deveria fazer? Ir até a irmã e puxá-la pelo braço como a irmã mais velha ciumenta, ou deixar que ela se deliciasse com um beijo arrebatador e depois arrancar-lhe todos os fios de cabelos de sua cabeça quando voltassem ao trailer?

— Você está bem, Rafaela? — Leonardo perguntou quando ela parou de dançar.

— Minha irmã... — Ela apontou o dedo sem completar a frase.

Leonardo enlaçou-lhe a cintura, apertando-a contra si bem mais do que o necessário. Seus dedos eram fortes e Rafa sentiu as pernas fraquejarem. Apoiou-se no peito másculo daquele deus grego e o encarou. Os olhos dele eram de uma tonalidade cinza e tinham o poder de hipnotizá-la. Havia um convite não verbalizado naquele olhar ou talvez uma ordem, não sabia dizer, mas o fato era que não podia esperar mais nenhum minuto para beijar aquele homem. O primeiro toque foi sutil com um leve roçar de lábios. Era como se ele quisesse sentir ou conhecer a textura de seus lábios. Em seguida, como se já não pudesse esperar, beijou-a com intensidade, deixando-se levar pela deliciosa sensação que os envolvia.

Ele tinha os lábios mais tentadores que Rafa já vira em toda sua vida, e a beijara com paixão como se estivesse esperando por aquele beijo durante uma vida inteira.

Ela sentia os lábios latejarem e uma vertigem, como se fosse desmaiar ali mesmo nos braços daquele homem.

Naquele momento, envolvida pelos beijos de um homem que acabara de conhecer, milhões de coisas lhe vieram à mente. Talvez nunca mais voltasse a vê-lo e essa poderia ser sua única chance... Talvez estivesse sendo exagerada por não conhecer outros caras, mas tinha uma sensação louca de que não conheceria outro homem como ele nos próximos duzentos anos...

Não importava. Naquele momento, tudo o que queria era delirar com os beijos de um homem que na certa era profissional em

beijar, e que naquele momento mordiscava seus lábios com uma audaz intimidade.

Que mulher era aquela que conseguia fazer com que seu bom senso se resumisse a nada, que roubava sua razão fazendo-a transformar-se em paixão? Nenhuma mulher conseguira isso. Por que então a desconhecida Rafaela lhe deixava naquele estado?

Ao mesmo tempo, depois de ter delirado nos mais loucos sonhos, Rafa dividia-se entre a indignação por aqueles irmãos apressadinhos e a vergonha por não ter resistido e nem sequer tentado afastá-lo.

Sentiu o rosto vermelho. Agora era tarde. Havia beijado deliciosamente um homem que não conhecia e poderia até estar envergonhada, mas certamente teria muitas horas maravilhosas relembando aquele momento.

As luzes voltaram a iluminar o salão, e então todas as máscaras caíram, literalmente. A reação de Fabiana, Rafaela, Hector e Leo foi praticamente a mesma, um sorriso de satisfação e cumplicidade. Rafaela piscou para a irmã menor, como poderia recriminar Fabi se ela mesma se jogara nos braços de Leo?

Retornaram à mesa onde estavam anteriormente e voltaram a conversar. Então, Leonardo comentou:

— Foi ótima a ideia de transformar roupas de motoqueiro nos trajes da mulher-gato.

— Está tão óbvio assim que é roupa de motoqueiro? — Quis saber Rafaela decepcionada.

— Oh, não linda, posso apostar que nenhuma dessas pessoas sabe que se trata de uma roupa de motoqueiro da grife

“Strong’s” — disse Leo com convicção.

— Como você sabe? — Perguntou Fabi sem papas na língua.

— Somos apaixonados por duas rodas — Hector respondeu no lugar do irmão. — Já participamos de várias competições. Aliás, eu continuo participando de campeonatos, mas Leo, depois que papai morreu, resolveu ser o “irmão responsabilidade” e abandonou o esporte — falou um tanto acusador.

— Que bobagem, eu só deixei um pouco de lado as “brincadeirinhas” de moto porque aumentaram os compromissos nesse último ano — Leo se desculpou, como se estivesse dando uma explicação a si mesmo.

Gente, mas quem eram aqueles irmãos Martins, afinal? E que coincidência, hem? Tudo bem que havia milhões de pessoas no mundo que amavam motociclismo, mas era a primeira vez que as garotas cruzavam com dois rapazes que, além de lindos, também curtiam as mesmas coisas que elas.

De repente, Rafa sentiu algo inexplicável. Tinha medo de perfeição, aliás, tinha muito medo. Desde que se lembrava, sua vida e a de sua irmã havia sido recheada de encrencas e desconfiava do destino quando tudo dava tão certo. Por mais delicioso que houvesse sido o beijo, era melhor bater em retirada antes que acabasse pedindo o lindo Leonardo Martins em casamento. Foi nesse momento oportuno que lhe veio à mente a lembrança do coelhinho que Fabi amara.

— A conversa está ótima, mas nós temos um compromisso urgente, não é Fabi? — Rafaela levantou-se.

— Compromisso? — Fabi encarou a irmã com olhar indignado, mas diante da seriedade de Rafa achou melhor

obedecer... — Oh... É mesmo, podem nos dar licença?

— Esperem... — Leo se levantou. — Onde vocês estão hospedadas? Aqui mesmo?

— Estávamos, até antes da festa, mas já fechamos nossa conta e agora estamos no nosso trailer, no estacionamento em frente á prefeitura — Rafa respondeu.

Era bom sinal, os rapazes terem perguntado onde elas estavam, não era?

Os irmãos Martins acompanharam as garotas até a porta do hotel, onde despediram-se, não sem antes apreciarem as motos em que elas estavam.

— Uau! Belas máquinas! Estou admirado que Juan tenha alugado suas preciosidades para mulheres. Ele normalmente é machista, além de ciumento — brincou Hector referindo-se ao dono das motos.

A despedida foi simples beijinhos inocentes no rosto, mas tanto Rafa quanto Fabi ficaram ansiosas por mais.

Despediram-se e ambas seguiram com suas motos para a fazenda. O local estava pouco iluminado, o que facilitaria bastante a proeza que pretendiam fazer.

— Bendita hora que você lembrou do coelho — ironizou Fabiana tirando o capacete para em seguida pular a cerca da fazenda.

— Você pode ter o coelhinho por vários anos. Já em relação àqueles gatos, duvido que consigamos prendê-los por mais de um dia — Rafa tinha uma forte intuição que a alertava a não alimentar esperança com homens daquele porte físico e beleza descomunal.

Não foi difícil para elas “pegarem emprestado” o coelhinho. Fabiana escolheu um gorducho de pelo branco. A princípio, ele pareceu assustado. Sem demora subiram nas motos e voltaram para o trailer com seu mais novo bichinho de estimação.

Com um copo de suco de limão, sentada nos degraus do trailer, Fabi segurava o bichinho com carinho.

— Você tem certeza que o Bola de Neve está bem, não é melhor...

— Pela milésima vez, Fabiana, o seu coelhinho está ótimo. Eu não terminei a faculdade de veterinária mas sei o bastante para afirmar que Bola de Neve está maravilhosamente bem.

O alívio de Fabiana foi evidente, e Rafa chegou a se emocionar ao ver sua irmã levar o coelhinho para um cesto e carregá-lo em seguida para o quarto. *Bem, pelo menos valera a pena ter deixado a companhia daquele homem magnífico*, pensou.

Há alguns quilômetros dali, na desorganizada casa da fazenda, o telefone não parava de tocar, e Leo começava a praguejar meio mundo por ter sido tolo e descuidado.

— Por favor, *mi hijo, aquellas desgraciadas pagaron con dinero falso, tienes que hacer algo*. — Lídia estava desesperada ao telefone.

— Acalme-se Lídia, eu não vou deixar isso ficar assim, mas antes tenho que investigar... Eu prometo que amanhã estará tudo resolvido — Leo prometeu com os dentes cerrados pela raiva.

Em seguida, mais dois telefonemas. O dono da loja de aluguel de motos tinha a mesma reclamação que Lídia. Leo voltou a prometer que no dia seguinte o problema seria solucionado. Mas o pior estava por vir. O dono da estância de coelhos ligou desesperado.

— *Leonardo, robaron todo em mi estancia, invadiron mi casa y llevaron todo el dinero y las cosas de valor.*

— Não pode ser, quem fez isso? Você tem algum suspeito?

— *Sí, dós muchachas com rostro lindo pero tengo certeza que fuéron ellas que me robaron.*

Leonardo tirou o telefone do gancho. Pelo menos por aquela noite não queria ouvir mais nenhuma reclamação. O sangue lhe subia à cabeça e tinha medo de suas próprias reações. Não havia avisado seu irmão ainda esta noite de que mulher bonita era encrenca na certa? Só nunca poderia imaginar que desta vez as consequências viriam tão rapidamente.

— O que você pretende fazer, Leo? — Hector perguntou após ter ouvido o que o irmão lhe contara.

— Ir até o lugar onde as garotas estão e dar-lhes a lição que merecem. Ninguém mexe com o povo daqui e fica por isso mesmo.

— Você não pode fazer isso... — Interveio o irmão menor, jogando um pacote vazio de salgadinho no chão da sala da desorganizada casa da fazenda.

— Por que não? Cada ação tem uma reação. Querendo ou não, essas duas vão pagar pelo que fizeram. É o mínimo. — Leo estava com muita raiva por ter cedido de forma tão apaixonada aos apelos sensuais que Rafaela lhe despertara. Como fora idiota!

— Você não entende. Fiquei ligadaço na garota. Você não pode fazer nada contra ela, cara.

— Você o quê? — Leo levantou-se e começou a caminhar pela sala, tropeçando vez ou outra em algum objeto atirado no chão.

— É isso mesmo que você ouviu. Pode parecer precipitado, mas pela primeira vez na vida pensei em uma mulher única: Fabiana.

— Ótimo. Agora você vem dizer que está a fim de uma sem vergonha criminosa, trambiqueira e picareta que acabou de conhecer. Deixe de bobagens e aja como homem.

— Eu tenho um único pedido a lhe fazer, irmãozinho querido, pense sobre esse assunto pelo menos por um dia... Depois faça o que achar que é necessário, mas não faça nada agora com a cabeça quente.

— É só isso? — Perguntou sarcástico. — Tem a minha palavra de que vou pensar sobre isso até amanhã à noite. Vinte e quatro horas, ouviu bem? Nada mais, nada menos — Leo subiu as escadarias de dois em dois degraus e resmungou ao tropeçar num tênis atirado no último degrau.

Enquanto isso, as garotas nem sonhavam do que estavam sendo acusadas. Tocavam num assunto que durante todos aqueles anos fora ignorado.

— Sabe, Fabi, aqui, a muitos quilômetros longe de casa, eu estive pensando e parece que, finalmente, as peças desse quebra-cabeça que é nossa vida, começaram a se encaixar.

— Como assim?

— Papai guarda com ele um segredo, isso você sabe, mas que segredo seria? Ele é um homem conhecido nos negócios, o

petróleo fez dele uma pessoa respeitada, e eu tenho certeza que nesse campo papai é honesto e cumpre a lei, portanto, seus negócios são legais. Até onde sabemos, não tem nenhuma passagem pela polícia... Então, só resta uma opção...

— Certo, papai não tem problemas com a lei, nem no trabalho, então...

— Então, o segredo do senhor Antônio é em relação a nós duas — concluiu Rafaela, mal acreditando como não se dera conta disso antes. Parecia que o simples fato de estar longe do pai deixava sua mente clara.

— Claro! Como não pensamos nisso antes? Papai esconde algo que tem a ver com nossas vidas, isso é óbvio.

— É por isso que, quando deixarmos o Uruguai, vamos para a Argentina. Quero descobrir todos os motivos que levaram papai a abandonar sua terra e mudar-se para o Rio.

III

— Já tenho uma decisão tomada, meu irmão. Não tem jeito, vamos até o trailer das garotas — Leo anunciou por volta das onze horas da noite do dia seguinte.

Rafa e Fabi nem sonhavam com a visita, e por isso ficaram surpresas quando uma batida forte se fez ouvir enquanto assistiam um dvd na pequena televisão do quarto do trailer.

— Quem será a essa hora? — Indagou Rafaela.

— Quer apostar como são os policiais da festa? — Fabi brincou sorrindo maliciosamente e Rafa atirou-lhe a almofada que segurava, em seguida foi abrir a porta.

— *Buenas noches señoritas* — Fabi tinha razão. Hector e Leonardo estavam à porta do trailer.

— Boa noite, a que devemos a honra? — Perguntou meio sem jeito.

— Ei, entrem, venham conhecer a nossa casa móvel, rapazes — gritou Fabiana sem muita cerimônia. Com certeza o convite era especialmente para Hector.

Rafaela não pôde deixar de reparar no homem másculo que deixava o ambiente sufocante. Diferente da festa, agora ele usava uma bermuda jeans, camisa pólo e tênis, e parecia ainda mais atraente, seus olhos de um azul-escuro pareciam quase cinzas e ela podia sentir um perigo iminente no ar. Sua presença imponente dominava todo o ambiente, e os olhos escuros prendiam o olhar de Rafa de forma que a deixava nervosa.

— Deve ter custado uma pequena fortuna — foi o comentário infeliz de Leo, e Rafaela não pôde deixar de notar a nota de desprezo que ele empregara na frase.

— Presente de papai — respondeu com a mesma acidez, olhando-o desafiadoramente. — Sem querer ser grosseira, mas o que vieram fazer aqui a essa hora da noite?

Ele poderia até ser o melhor beijoqueiro do mundo, mas não aceitaria que um homem que mal conhecia fizesse comentários azedos a respeito da única alegria que a vida lhes proporcionara. Se ele se achava no direito de julgá-las por terem um trailer luxuoso é porque não sabia tudo o que haviam passado antes de conquistá-lo.

— Convidá-las para um passeio nada convencional... Um passeio de helicóptero — o sorriso de Leo era forçado, mas aquela covinha em seu sorriso acabou convencendo a indefesa Rafaela, que não desconfiou de nada, e acabou topando aquela loucura que as aguardava.

Foram apenas alguns minutos dentro do helicóptero. Como eles mesmo explicaram, eram donos daquele luxo, e o próprio Leo era o piloto.

Quando mencionaram serem proprietários do helicóptero, Rafaela lançou um olhar mordaz para Leo. Como ele tinha coragem de achar fútil elas terem um trailer, quando na verdade ele tinha um helicóptero?

Não demorou muitos minutos e Rafaela já sentiu a tensão que dominava os irmãos Martins, e ao que tudo indicava, apenas Fabi não se dava conta do perigo que estavam correndo.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Leo começou a apertar alguns botões no painel do helicóptero.

— É muito perigoso aterrizarmos aqui nessa escuridão, Leo
— Hector parecia realmente preocupado.

— Eu conheço esse lugar como a palma da minha mão, fique quieto — Leo parecia inflexível, o que preocupou ainda mais Rafaela.

— Este lugar é horrível, escuro. Onde nós estamos, Leonardo? — Gritou apavorada.

— Cale a boca, bandidinha!

Fabiana olhou apavorada para Hector e perguntou com a voz trêmula:

— Hector, o que está acontecendo?

— Eu só peço que me perdoe. Não tenho culpa de nada, acredite...

— Chega de conversinha. Leve a garota para dentro da cabana, Hector — Leo ordenou agarrando Rafaela pelo braço de forma hostil.

Adiantaria perguntar o que estava acontecendo? Pelo olhar de Leo, Rafa jurava que não. Com agressividade, ele a conduzia por um caminho com pasto seco que lhe roçava as pernas machucando-a.

Leo chutou a porta de uma cabana velha, que se abriu com facilidade dando passagem para um ambiente escuro e sufocante.

As duas foram amarradas em uma cadeira. O lugar era totalmente imundo e muito velho e, como era de se esperar, não havia luz. A iluminação no momento era uma lanterna que Leo segurava, e Rafa podia vislumbrar através da pouca luz alguns móveis caindo aos pedaços espalhados pela cabana.

— Solte-me, sequestrador maldito — gritou Rafaela. — Sabia que não podia confiar em estranhos. Papai tinha razão.

Leo virou as costas e começou a caminhar em direção à saída.

— Vamos, Hector — ordenou, e no batente da porta parou e virando-se para as garotas disse num tom seco e ameaçador: — Espero que quando voltarmos aqui estejam preparadas para dizerem a verdade sobre tudo o que aprontaram em *Bella Ciudad* — e saiu a passos largos.

Hector, propositalmente, largou uma lanterna apagada há poucos metros da cadeira onde Fabi estava amarrada. Como fora ele mesmo que amarrou-a, fez um nó bem frouxo de forma que ela se soltasse sem nenhum sacrifício.

— E agora, o que vamos fazer amarradas e no escuro? — Apavorou-se Rafaela, assim que ouviu o helicóptero se distanciar.

— Acalme-se Rafa, eu estou aqui — Fabi soltou-se das cordas e pegou a lanterna, ligando-a e iluminando a cabana.

— Como conseguiu se soltar? — Perguntou surpresa.

— Hector deixou as cordas frouxas de propósito. Seja lá o que se passa na cabeça de Leonardo, parece que o meu Hector não concorda.

— O *seu* Hector? — Rafa passou a mão nos pulsos doloridos marcados pela corda — esses sequestradores nos trazem para um lugar abandonado, nos amarram e nos ameaçam, e você ainda acha que esse tal de Hector se importa com você?

— Eu fiquei superencatada por Hector, Rafa, e tenho certeza que ele não é um sequestrador, deve estar havendo algum engano, só isso. Logo, logo, todo esse mal-entendido será esclarecido.

— Vamos retroceder um pouquinho — ironizou. — Superencantada? Você nem sabe o que isso significa. Deixe de ser

ingênua, não é mais uma adolescente, tem vinte anos e é hora de parar de falar bobagens.

Já de volta á fazenda, Hector tentava colocar um pouco de juízo na cabeça do irmão mais velho.

— Você ficou maluco. Aterrizou à noite num local completamente escuro, arriscando a vida de todos nós. Tudo para assustar as garotas e deixá-las numa cabana horrível. Onde está aquele cavalheiro de quem mamãe tanto se orgulha, irmãozinho? — Hector entrou na bela casa da fazenda e atirou-se no sofá bagunçado e cheio de roupas sujas.

— Pare um pouco de falar Hector. Está deixando-me zozinho. Faça algo de útil. Suba até o quarto da empregada e confira se Juanita arrumou tudo como eu ordenei.

— Poupe-me! Confira você. Eu vou tomar um banho de piscina... — Hector saiu pela porta da cozinha e caminhou até a enorme piscina nos fundos do pátio.

Rafaela e a irmã deitaram-se em uma cama de solteiro com cheiro de mofo, na esperança de dormirem um pouco.

— Por que você acha que nos trouxeram para cá? Será que foi por causa do coelho que roubamos?

— Não seja tola, Fabiana, o coelho é o de menos. Lembra que Lídia falou sobre eles serem uma espécie de justiceiros? Pois

bem, devem estar nos confundindo ou pensando que cometemos algo errado, sei lá.

— Mas o quê? Não seria melhor contarmos que somos filhas de Antônio Donnelly? — Perguntou Fabiana.

— É claro que não, fizemos uma promessa a nosso pai, e mesmo que ele não seja um exemplo de pai, pretendo cumprí-la. Além disso, não quero que ele jogue na nossa cara que não sabemos nos virar sem a sua ajuda.

— Você tem toda razão — Fabi suspirou. — Este lugar me dá pânico. Não quero nem pensar na hora que acabar essas pilhas e ficarmos na escuridão, no meio do nada.

— Confesso que estou morrendo de medo também. Esse lugar é sufocante, mas o que importa é que estamos unidas e que esses irmãos horríveis não vão nos fazer nenhum mal.

Fabiana começou a rir sem parar.

— O que foi?

— Rafinha, você disse: esses irmãos horríveis. — Ela continuava a rir. — Eles são os homens mais lindos que conheci em toda minha vida, estou errada?

— Não, está corretíssima! — Rafa também riu. — E essa é a pior parte, acredite, eles são lindos e perigosos.

Com certeza foi a pior noite da vida de ambas. Olhavam no relógio e o tempo não passava, o sono não vinha e a cada minuto que se passava a cabana parecia mais assombrosa. O calor insuportável deixava ainda pior a situação. As duas irmãs presenciaram os primeiros raios de sol com imensa alegria e só então conseguiram dormir. Rafaela acordou quando já era onze horas da manhã, sua cabeça latejava e o corpo todo doía.

— Acorde, Fabi — chamou cutucando-a para despertá-la. — Vamos aproveitar para fugir.

— Eu devia ter imaginado — Rafaela deixou os braços caírem, desanimada. — Nos trouxeram para cá de helicóptero, devemos estar muito longe da cidade, não há nada por perto, apenas uma imensidão de campo. Já ouviu falar em planície? Você pensa que é logo ali, no entanto, existe uma imensidão entre você e o que visualiza no horizonte.

— Não existe a menor possibilidade de sairmos daqui — Fabiana conjecturou.

Foi por volta das três horas da tarde que avistaram o helicóptero que aterrizou em frente à cabana e as garotas não sabiam se choravam ou se riam. Eles estarem ali era algo bom ou ruim?

— Diga-me que você não tem nada a ver com o fato das garotas estarem soltas — Leo esbravejou olhando seriamente para o irmão menor.

— Você não é um homem mau, Leo. Está se deixando levar por um pedido de papai, e não está medindo as consequências de seus atos. Queria mesmo que as garotas passassem a noite amarradas? Além do mais, não havia a menor possibilidade delas fugirem, estamos a quilômetros de *Bella Ciudad*.

Leonardo empunhou um revólver, mesmo contra a vontade de Hector, e apontou para as duas irmãs que estavam amedrontadas sentadas num imundo sofá.

— Como vocês duas se chamam? — Perguntou.

— Você já sabe nossos nomes. Sou Rafaela, e ela é Fabiana. Aliás, eu nem sei por que estou repetindo — respondeu por entre os dentes.

— Estranho. Vasculhando o seu trailer encontrei documentos que constam outros nomes. Eu presumo que sejam documentos falsos. Por quê? — Ele falava ironicamente. E Rafa se perguntava como iriam convencê-lo de que aquilo tudo era para preservá-las. Não querendo quebrar a promessa que fizeram ao pai, permaneceram caladas.

— Não existe desculpa, não é? Sabem a quem pertence essa mala cheia de dinheiro? — Ele abriu a maleta preta que elas bem conheciam.

— Devolva agora mesmo o nosso dinheiro, seu ladrão — Rafa gritou sem medo do perigo.

— O que eu iria fazer com um monte de notas falsas? Talvez pagar o hotel de Lídia ou as motos alugadas, como fizeram em *Bella Ciudad*?

— Notas falsas? — As duas irmãs perguntaram ao mesmo tempo, o que não passou despercebido aos olhos de Hector.

— Oh, não se façam de desentendidas...

— Foi na aduana, eu tenho certeza. Enquanto nos distraíam com aquela bobagem de relacionar tudo o que havia no trailer e nos faziam esperar horas, aproveitaram para trocar as malas — Rafaela concluiu desesperada, mas Leo não se deu por vencido.

— Conhecem esse animalzinho? — Tirou de um cesto um coelhinho assustado.

— É o Bola de Neve. Devolva-me ele, Hector. Por favor, eu imploro que não façam mal a ele — pediu Fabi, e Hector

bondosamente atendeu seu pedido colocando o bichinho nos braços dela, diante do olhar furioso de Leo.

— Nós tentamos convencer o dono a nos vender, mas ele não quis. Então pegamos o coelhinho à noite, sem autorização dele — confessou Rafa envergonhada.

— Quanta ingenuidade — zombou. — Aproveitaram que não havia ninguém em casa e roubaram todas as joias e o dinheiro da família também. Onde esconderam? — Perguntou com raiva.

— Deixa de ser idiota, cara! Nós somos muito bem de vida. Mesmo se fôssemos bandidas, não precisaríamos sair de um país como o Brasil para vir roubar os pobrezinhos uruguaios — gritou Fabi, com raiva diante de tanta acusação.

— Confessem ou vai ser pior para vocês. Não querem que eu atire nessas lindas cabecinhas, querem? — Blefou.

— Pare com isso, Leonardo. Está claro que as garotas não fizeram nada — interveio Hector, pela primeira vez sentindo medo das intensões do irmão.

— Bem, vocês tiveram uma chance e não aproveitaram, agora terão que aguentar as consequências — as garotas tremiam apavoradas. Em que bela enrascada se haviam metido! — E não pensem que, por Hector acreditar em vocês, mudará alguma coisa.

Ambas foram levadas até o helicóptero e amarradas. Leo não confiava nelas, não podia correr nenhum risco deixando-as soltas.

Pouco depois, o helicóptero pousou numa pista há alguns metros de uma enorme casa, chiquérrima. Não se tratava de uma casa antiga, era nítido que a construção havia sido feita há poucos anos. Havia um pátio enorme, todo gramado. A tonalidade azul da

bela casa parecia fazer do local um lugar ainda mais aconchegante. Atrás dela estendia-se uma imensidão de terra. Podia-se notar estufas onde certamente eram cultivadas verduras; á esquerda, a uma distância razoável das estufas havia um estábulo com várias cocheiras, e numa das pequenas janelas Rafa percebeu a cabeça de um belo cavalo negro que relinchava.

— Pronto, chegamos. Vocês vão ficar aqui até confessarem toda a verdade — anunciou Leonardo, desvencilhando as garotas.

As duas não contiveram um sorriso. Então, ficariam naquele paraíso? Que espécie de justiceiro era aquele que além de ser lindo, ainda manteria suas prisioneiras em um local deslumbrante como aquele? Quanta ironia, pensou Rafa. Saíram de casa porque sentiam-se prisioneiras e agora estavam sendo aprisionadas de fato, acusadas de algo que nunca pensaram em fazer. O que poderia esperar daquele estranho? Beleza não significava nada e nem de longe aquele Leo se parecia com o homem que ela beijara na noite da festa.

Entraram na bela casa pela porta da frente e ficaram espantadas com tamanha desorganização em seu interior, parecia que um furacão havia passado por ali. Eram incontáveis pares de calçados atirados no chão, roupas espalhadas, restos de comida em cima da mesa de jantar... Era óbvio que não havia nenhuma mulher residindo ali, e pelo que Rafa deduziu, ali só podia ser a casa dos irmãos Martins.

— Eu estou morta de fome. Existe alguma coisa decente para comer nessa casa? — Perguntou Rafa com raiva, olhando com nojo para a mesa com restos de comida. Nunca em sua vida se imaginara sendo tratada daquela forma, e pior era admitir que seu

pai tinha razão, e que ela e sua irmã não tinham condições de se cuidarem sozinhas.

— Só depois que estiverem instaladas — disse Leo empurrando-as escada acima.

— Mas que droga! Solte-me, seu cretino petulante — Rafa praguejava mil nomes e tentava se desvencilhar do homem que a prendia com mãos de ferro.

Fabi parecia estar no mundo da lua. Se não fosse ridículo, Rafa poderia até jurar que sua irmã estava achando aquilo tudo muito engraçado e divertido.

Foram trancadas em um quarto pequeno que parecia ser da empregada. Só então Fabi pareceu se dar conta de que tudo aquilo não era brincadeira e começou a entrar em pânico, entretanto, Leo facilmente as trancou sem se importar com a gritaria.

— É aí que vão ficar até confessarem — gritou da porta do quarto.

Após esmurrar muitas vezes a porta, Rafaela concluiu ser em vão, então começou a inspecionar o local. Havia uma cama de casal apenas e suas malas que estavam no trailer agora encontravam-se em cima da cama. Um pequeno banheiro apenas com vaso, pia e chuveiro, e nada além disso. Não encontrou nada que servisse de arma contra aqueles dois malucos. Ela caminhou até a sacada, depois até a janela para constatar que era altíssimo e não havia a menor possibilidade de saírem dali.

— Droga, estamos presas nesse quarto sem saber o que esses caras vão fazer conosco. E você, hem, maninha, parece que nada disso a incomoda — Rafa estava com muita raiva. Quem aquele homem pensava que era? Não eram criminosas e, mesmo

que fossem, eles não tinham direito de fazer justiça com as próprias mãos.

Fabi encolheu os ombros como se estivesse conformada com a situação.

— Não me incomoda mesmo. Confesso que isso assusta um pouco, mas eu não tenho medo deles. Sei que não são maus, só estão fazendo isso porque todas as suspeitas apontam para nós. Leonardo pensa que somos ladras, que estamos enganando seus protegidos, ele é um justiceiro, esqueceu?

— E nós duas somos inocentes, ou será que isso não vem ao caso? — Ironizou.

— Pois eu prefiro a penitenciária feminina a ter que voltar a viver sob os comandos do senhor Donnelly. Acredite Rafa, nada disso que está acontecendo pode ser pior do que ter que conviver com ele todos os dias.

No fundo, Fabi tinha razão, concluiu Rafaela, mas não aceitaria de bom grado ser acusada do que não havia feito.

Cerca de dez minutos depois Leonardo apareceu e levou apenas Rafaela para um escritório tão bagunçado quanto o resto da casa.

— Já disse para não encostar em mim, seu miserável, nojento, justiceiro de uma figa...

Ele nada disse em sua defesa. Agora suas feições eram suaves, e inexplicavelmente parecia gentil.

— Rafaela, talvez não tenha dado conta, mas isso tudo é muito sério, e eu vou dar-lhe a última chance de confessar tudo... E — ele parou um instante, parecendo indeciso —... E eu prometo que

se você confessar vou libertá-la, e terá direito a se defender com a justiça.

A proposta era tentadora, poderia confessar um crime que não cometera e ser libertada, mas e depois? Diante da justiça teria que mencionar o nome de seu pai, não... Fizera uma promessa e cumpriria.

— Não, Leonardo. Seria uma grande covarde se confessasse um crime que eu não cometi apenas para ser libertada. Assim como você, eu também fiz uma promessa ao meu pai, e aconteça o que acontecer, eu vou cumprí-la — falou, deixando-o intrigado.

— Como sabe da promessa que fiz ao meu pai? — Perguntou com os olhos semicerrados como se quisesse ler algo oculto em suas palavras.

— Lídia contou-me sobre a promessa que fez ao seu pai, que não deixaria que ninguém fizesse mal ao seu povo...

Sem que ela terminasse o que estava dizendo, ele puxou-a pelo braço como se de repente sentisse mais raiva do que estivera sentindo antes.

— Você fez a sua escolha, garota — a mesma boca que a beijara com tanta paixão agora trazia traços de raiva, mas o mais impressionante era que, apesar de Leo estar armado, ela não sentia medo. Seria porque ele era maravilhosamente sexy? Repreendeu-se imediatamente. E daí que a natureza fora extremamente generosa com ele? Ele a estava tratando como uma criminosa, o que ela não era. Aliás, quando ele se desse conta do tamanho da injustiça que cometera, provavelmente seria tarde demais.

— Leo, Don Ramirez *tiéne prisa* — Hector anunciou, entrando sem aviso prévio.

— Leve a garota para o quarto — ordenou.

Enquanto subiam a enorme escadaria, Rafaela teve vontade de espernear, de sair correndo, mas o pobre Hector parecia tão contrariado com aquela situação que ela resolveu apelar:

— Por favor, moço, nós não queremos ficar presas aqui pelo resto da vida. Seu irmão está sendo ridículo, nós estávamos aqui á passeio, e partiríamos assim que ficássemos entediadas, não roubamos nada, acredite...

Hector lançou-lhe o mais doce de seus sorrisos. Como convenceria a garota de que aquilo tudo acabaria antes que se desse conta? Como poderia convencê-la de que Leo também não era assim, e que só deveria estar agindo por impulso, talvez por ter se sentido traído ou quem sabe por estar estressado e confuso devido a tudo o que vinha acontecendo nos últimos tempos?

Leo deveria estar pirando de vez para prender duas patricinhas que nada sabiam sobre a vida. Deu de ombros:

— Sei que vai parecer ridículo, mas tente ficar tranquila, convencerei meu irmão a soltá-las.

Rafa olhava através da sacada do quarto onde estavam trancadas outra vez. Com a mão na boca não conseguia acreditar que aqueles dois malucos chegariam tão longe. Eles entraram no helicóptero que já começava a mover as hélices.

— Olhe, Fabi, eles estão indo embora — gritou chamando a irmã até a janela.

— Ah, meu Deus, vamos morrer aqui sem água nem comida — desesperou-se a irmã menor pela primeira vez, dando-se conta de que eles não estavam brincando.

— E agora? Eles não vão ter piedade de nós — Rafaela deixou os braços caírem ouvindo os últimos sons do helicóptero já longe.

— Que estranho... — Fabiana murmurou com a mão no trinco da porta. — Já sei, foi Hector quem fez isso...

— Fez o quê? — Perguntou, ainda olhando para o lugar vazio onde estivera o helicóptero.

— A porta do quarto não está trancada — anunciou e Rafaela saiu tropeçando para conferir.

Com uma alegria que sentiram poucas vezes na vida, elas sentiram-se vitoriosas e estavam prestes a correr dali quando o som de um cão latindo chamou-lhes a atenção. Ao correrem para a sacada depararam-se com a casa cercada por seguranças, todos de preto e com cães enormes e amedrontadores.

— Eu não acredito! Fabi, esses caras estão levando a sério esse negócio de serem justiceiros. Isso é ridículo, a casa está cercada de seguranças e cães... Desgraçados, eles pensaram em tudo.

— Pense pelo lado positivo, não há como fugir, mas temos a casa toda só para nós duas. Nunca tivemos isso antes — Fabi lembrou e Rafa sorriu.

— Essa situação está cada vez mais ridícula. De prisioneiras de papai a prisioneiras de dois malucos...

— Não me pergunte qual das duas opções eu prefiro, você pode não gostar da resposta — disse Fabi abrindo a porta e puxando escadaria abaixo uma Rafaela incrédula.

— Tem algo que quero que saiba — Hector falou a certa altura.

— O que é?

— Deixei o quarto das garotas aberto e...

— Eu já esperava, por isso liguei as câmaras de segurança — Leo olhou seriamente para seu irmão. — É a segunda vez que age sem o meu consentimento Hector. Isso não é uma brincadeira, trata-se de uma promessa e você não está colaborando.

— Tudo bem, eu prometo que não vai acontecer outra vez, mas você tem que reconhecer que está sendo muito radical, se mamãe souber...

— Mamãe não deve saber disso, ouviu? — Leo interrompeu. — Pelo menos, por enquanto. Ela está em Montevideu descansando e pondo a cabeça em ordem, não vamos incomodá-la... Hector, você tem que prometer...

— Tudo bem, eu prometo que não digo nada. Até porque eu ainda tenho esperança que você acabe com essa loucura antes que mamãe volte.

— Será que existe alguma coisa comestível que não esteja vencida aqui? — Rafaela começou a revirar os armários bagunçados da cozinha. Não encontrou nada e isso a apavorou. Será que aqueles irmãos doidos iriam deixá-las morrer de fome?

— Encontrei uma pizza — gritou Fabi da porta do freezer. A pizza não estava com aspecto muito bom, parecia estar naquele freezer há séculos, mas como era o único alimento, assaram-na num forno moderno, mas imundo. Enquanto aguardavam, Rafa espremeu

dois limões quase secos, mas com grande esforço conseguiu obter deles um copo de limonada. Sentaram-se no sofá da sala e comeram aquela pizza como se fosse um banquete, tão famintas estavam.

— Esses caras são as pessoas mais porcas que eu já conheci... — Fabi resmungou olhando com nojo para os cantos da sala.

— Eles não moram aqui, e pelo visto não tem uma empregada... Além disso são machistas demais para lavarem uma louça — Rafa suspirou. — Isso aqui mais parece um chiqueiro. Se eu continuar olhando para essa porquice toda vou ter ânsia de vômito. Quanto tempo será que ficaremos presas aqui? Não vou aguentar viver nesse lixão...

— E o que você sugere?

— Estamos sendo vigiadas por inúmeros guardas com seus cães raivosos, e não sei se você percebeu, mas existem várias câmeras espalhadas por toda a casa como se estivéssemos participando do Big Brother; estão em pontos muito altos, de forma que não tem como quebrá-las.

— Isso prova que a intenção deles é nos deixar aqui por muito tempo — calculou Fabi para si mesma.

— E se vamos ficar aqui por muito tempo, temos que dar um jeito nessa bagunça ou vamos acabar pegando uma doença — Rafa falou exagerada, levantando-se. — Depois de toda essa confusão preciso de várias horas de sono para me recuperar.

Subiram abraçadas e assim que caíram na cama dormiram como dois anjos, mal lembrando que estavam sozinhas em um país estranho e presas em uma fazenda, longe de tudo e de todos.

— acorde preguiçosa. São oito horas — Rafaela cutucou a irmã.

— Oito horas! Isso é madrugada para mim. Estamos sequestradas, não precisamos acordar cedo, esqueceu? — Resmungou, puxando os lençóis para cobrir-se.

— É impossível esquecer esse detalhe, mas enfim, fique dormindo, eu vou descer...

— Agora que já estou acordada... E vendo você de banho tomado e bem mais animada que ontem, dá até para esquecer que somos prisioneiras... Acho que vou imitá-la — pulou da cama graciosamente.

— Meu Deus, que milagre foi esse que aconteceu enquanto dormíamos?

A sala estava repleta de caixas e sacolas, e quando as garotas começaram a abri-las, encontraram todo tipo de alimento. Havia comida para aproximadamente três meses. Encontraram também um bilhete escrito assim: *Quem mandou esses suprimentos foi o senhor Hector Martins. Disse que não conseguiu convencer o irmão, mas que enquanto estiverem aqui não vai deixar que passem fome.*

Juanita.

— Quem será Juanita? — Rafa indagou.

— Não faço ideia, mas você tem que admitir, Rafinha, que Hector está sendo maravilhoso. Se tivesse más intenções, como o irmão, não estaria agindo de forma tão gentil.

— É... e ter um aliado nesse momento é muito importante. Pelo menos não vamos morrer de fome, isso já é um bom começo.

Havia tanta variedade de alimentos que ambas optaram por algo simples, leite com cereal, em seguida começaram a limpeza da cozinha.

— Vamos fazer um acordo — Fabiana propôs.

— Acordo?

— Sim, que pelo menos enquanto estivermos limpando essa casa esqueçamos que somos prisioneiras, será menos doloroso.

— Chega a ser cômico, mas tudo bem, combinado. É difícil, mas não impossível — concordou, surpreendendo-se consigo mesma.

O que parecia levar apenas algumas horas levou o dia todo. Limparam os vidros da cozinha, o que deixou o local muito mais claro; em seguida, limparam dentro e fora de todos os armários; lavaram os utensílios de cozinha; desengorduraram o fogão e os fornos elétrico e microondas. Depois de terminada essa parte foi a vez das geladeiras e, por último, tiraram o pó do restante dos móveis. Com os armários e geladeiras limpos guardaram a comida que chegara pela manhã, varreram o local e lavaram. A limpeza da sala foi bem mais fácil. Após limparem os vidros tiraram o pó dos móveis e passaram aspirador de pó nos tapetes e sofás. O mais difícil foi recolher as roupas e as embalagens que estavam por todo lado. Varreram e lavaram as largas tábuas da madeira cara, estenderam os tapetes e arrastaram os sofás mudando-os de lugar, deixando a sala muito aconchegante.

— Ufa, terminamos — sentaram-se exaustas no sofá. Rafa aspirou o ar. — Sinta o cheirinho de lavanda.

— Estou impressionada. Conseguimos fazer de um chiqueiro, um hotel cinco estrelas. Esse local está muito acolhedor.

— Tem razão. Nunca imaginei que seríamos capazes, já que nunca fizemos isso na vida.

Aquelas duas peças estavam impecáveis, limpas e cheirosas, e a noite já ia alta. O estômago roncou...

— Estou faminta, mas sem coragem para preparar nada que me faça gastar minhas últimas energias, e você? — Rafa perguntou.

— Podemos assar uma lasanha daquelas que guardamos no congelador. Eu faço isso, você trabalhou mais que eu — ainda não era uma refeição decente, mas era melhor que pizza vencida.

Nos próximos cinco dias não sabiam se era dia ou noite, tão ocupadas estavam com a limpeza da casa. Antes de passarem para o segundo andar, limparam a biblioteca, o escritório e os banheiros. No segundo piso havia três suítes enormes, fora o quarto onde estavam dormindo. Limparam tudo cuidadosamente e se divertiram muito mexendo nos pertences de Hector e Leonardo. Dispensaram cuidados especiais à suíte verde e mudaram-se para lá, guardando suas roupas caras nos enormes armários que forravam as paredes.

Sozinhas naquela casa enorme deram boas gargalhadas, convictas de que naquela história toda quem estava ganhando eram elas, e que os meninos não passavam de dois babacas. Sem querer eles haviam proporcionado a vida que elas sempre sonharam, e ainda por cima bem longe dos olhos de Donnelly. Ele jamais as encontraria naquele fim de mundo. Eram prisioneiras sim, mas e daí? A novidade as estava agradando e muito, pelo menos por enquanto...

— Você é um idiota, como pôde deixar as câmeras desligadas? — Dessa vez foi Hector quem se zangou.

— Já te disse pela milésima vez, eu pensei que estivesse ligando, quando na verdade estava desligando, aquilo é bem complicado... Mas fique tranquilo, liguei para Don Ramirez e ele disse que as garotas estão inexplicavelmente sossegadas.

— Missão cumprida? — Fabi perguntou na quinta-feira pela manhã.

— Ainda não, temos uma pilha de roupas e calçados sujos na lavanderia... É a única peça que falta para limparmos — e então, de repente, os olhos dela entristeceram-se.

— O que foi?

— Durante toda essa semana estivemos ocupadas, acho que você esqueceu até o Bola de Neve — ela apontou para o cestinho onde o coelhinho estava — mas agora que o serviço acabou, vai ser difícil esquecer que estamos presas.

— Eu vou ser sincera com você, sinto falta da mamãe, mas estou sendo mais feliz aqui do que quando estava com eles, tendo que fingir sempre que não os conhecia. Aqui é como se eu me sentisse livre morando com você, é como se essa casa nos pertencesse — Fabiana abraçou a irmã.

— É irônico, mas também me sinto livre aqui e isso me assusta.

Abraçadas seguiram para a porta dos fundos da cozinha onde ao lado situava-se a lavanderia, mas a visão que se descortinou diante de seus olhos foi maravilhosa. Um pátio enorme

que rodeava toda a casa, churrasqueira, mesa e cadeiras e o principal, uma piscina enorme.

— Acho que o serviço não acabou, maninha. Acha que daremos conta desse pátio? — Fabi sorriu. Teriam tempo de sobra para deixar aquele lugar digno de admiração.

Deu muito trabalho para lavar toda aquela roupa suja e os inúmeros calçados, mas as irmãs Donnelly tomaram conta de tudo. A limpeza do pátio foi muito divertida. No fundo do pátio havia um muro enorme, intransponível, nas laterais, grades de ferro, também a uma altura considerável. Dentro da casinha de ferramentas encontraram tudo que precisariam para a limpeza do local. E só então se deram conta de que os meninos não eram tão profissionais assim, afinal, quem deixaria ferramentas afiadas como aquelas ao alcance de quem supunham serem criminosas?

— Droga, eu nunca usei um negócio desse na vida, sabe como isso funciona? — Rafa perguntou enquanto mexia em uma máquina de cortar grama.

— Eu também não sei. Desistimos?

— De jeito nenhum, eu vou pedir ajuda a um daqueles bruta-montes — ela armou-se de coragem e foi até o portão da frente, o homem apontou desengonçadamente uma arma e um cão começou a latir. — Pode abaixar a arma, eu vim pedir ajuda. Eu e minha irmã queremos cortar a grama e não sabemos como isso funciona.

Ele olhou para o companheiro que deu de ombros.

— Por favor, se ficarmos aqui sem fazer nada vamos acabar enlouquecendo, você sabe que pode confiar, já que estamos aqui há uma semana...

— *Vá bién* — o homem concordou e explicou-lhe como a máquina funcionava.

— *Gracias* — agradeceu e, depois que se retirou, Ramirez comentou com o colega:

— Acho que o patrão está cometendo um grave erro.

Era a segunda semana desde que chegaram na fazenda. Limpar o pátio durante aquela semana havia sido muito mais divertido do que limpar a casa, até pegaram um bronzeado. Limparam canteiros de flores, apararam a grama, limparam o chafariz e principalmente a piscina.

— Cansada? — Perguntou Rafa no sábado, um dia após o término da limpeza.

— O quê? De forma alguma. Hoje é dia de comemorarmos, afinal, foram duas semanas de trabalho árduo...

— Na casa dos nossos sequestradores — lembrou-a.

— Ah, esqueça essa parte, Rafinha, estamos felizes e é isso que importa. Por acaso, algum dia você foi tão espontânea em casa como está sendo aqui? Não, então esqueça essa parte chata e vamos deixar rolar...

— Ótimo, então o que acha de colocar na geladeira uma garrafa de champanhe? Pelo menos, para isso os garotos tem bom gosto, a adega deles é repleta de bons espumantes.

— Uau... Eu estava pensando apenas em vinho, mas você é quem manda, maninha, teremos champanhe essa noite!

— E que tal comida gaúcha; churrasco, arroz e salada e... Banho de piscina?

— É perfeito, vamos agora mesmo dar um jeito de ascender a churrasqueira.

Temperaram a carne de gado e frango na pia de mármore ao lado da churrasqueira fazendo a maior bagunça, colocaram nos espetos para assar e em seguida entraram na cozinha e puseram o arroz no fogo. Subiram as escadarias correndo para ver quem chegava primeiro e desceram já de biquíni e saída de banho.

— Venha, Fabi, a água está deliciosa — chamou a irmã, fazendo o maior alvoroço.

Hector estava muito mais ansioso do que queria admitir. Ver Fabiana outra vez havia sido sua grande espera desde que a havia deixado na semana anterior. E agora estava prestes a encontrá-la outra vez, e não sabia exatamente o que esperar. Manter presa a mulher que beijara com tanta paixão não era bem de seu feitio. Tentou gracejar para disfarçar a tensão:

— Abra a porta, irmãozinho, estou carregado de bolsas e a viagem foi entediante. Por que você não quis vir de helicóptero, posso saber? — Hector perguntou.

Leonardo girou a chave na porta principal da fazenda, mas não abriu de imediato.

— Mamãe pode precisar, só por isso...

— E você está muito amável com mamãe, e eu sei o porquê. Você sabe a besteira que está fazendo em relação as garotas.

A última coisa que Leonardo queria era voltar para a fazenda, mas naquela época do ano ele e Hector sempre iam para lá. Os negócios em Uruguaiiana iam bem, e então era hora de descansar na casa de *Bella Ciudad*, mas aquele ano era diferente, a começar que seu pai não estava mais entre eles e também tinha

aquelas meninas cheias de mistério... Lembrou-se da conversa que teve com a mãe:

— Meu amor, já adiou bastante a sua ida para o Uruguai, algum problema? — Perguntou Laura, já de volta a Uruguaiana.

— Oh não, mamãe, eu pensei em ficar esse ano aqui mesmo, as coisas não são mais as mesmas depois da morte de papai — sentiu-se horrível por colocar seu pai como desculpa, mas tinha outra saída?

— Mas que ótimo, meus amigos Robert e Gisa me pediram para passar uns dias na fazenda e eu disse que não seria possível, mas agora...

Leo sentiu as pernas fraquejarem.

— Oh, meu Deus, acabei de lembrar que eu tenho que ir para a fazenda. Contratei um treinador para o meu garanhão e quero supervisioná-lo de perto. Você ficará bem?

Não era de todo mentira. Realmente seu cavalo começaria a ser treinado, mas isso não exigia sua presença na fazenda de forma alguma.

— É claro que sim, não prometo ir vê-los enquanto estiverem lá, as lembranças ainda são muito fortes... E saber que foi por lá que tudo aconteceu só piora as coisas.

— Eu entendo mamãe, eu entendo.

E assim tivera que voltar para a fazenda, não havia como escapar, sua mãe era muito esperta e se facilitasse tudo estaria perdido.

— Meu Deus, o que aconteceu aqui? — Leo estava de boca aberta. Não entrara na casa errada?

— Uau, a casa está limpa e organizada, e esse cheirinho de comida? — Hector aspirou o ar largando as malas num canto, com medo de estragar aquele ambiente.

Continuaram entrando casa adentro e se surpreendendo com a limpeza das peças. Chegando na cozinha, Hector automaticamente desligou uma panela de arroz que já estava pronto e, ouvindo vozes vindas do pátio, seguiram para lá.

— Existe algo melhor do que chegar em casa e encontrar casa limpa, comida pronta e duas belíssimas mulheres de biquíni? — Hector cutucou o irmão que intimamente concordou, mesmo explodindo de raiva.

Fabi e Rafa levaram o maior susto e não conseguiram pronunciar palavra alguma. Haviam colocado na cabeça que ficariam naquele paraíso sozinhas, e nem cogitaram a possibilidade dos irmãos Martins voltarem, mas era exatamente isso que acontecera.

— Não estávamos esperando que viessem. Por que não deram uma ligadinha? — Brincou Fabi, não esquecendo que não passavam de prisioneiras, mas o que era aquela alegria toda e aquelas batidas descompassadas de seu coração?

— Queria fazer uma surpresa, lindinha — Hector aproximou-se da piscina e beijou Fabi demoradamente diante dos olhares incrédulos de Leo e Rafaela.

Quando foi que o mundo virou de pernas para o ar? Certamente a tortura psicológica a que foram submetidas durante anos afetara a memória de Fabiana. Ela mal conhecia Hector, não podia simplesmente agir como se estivessem casados há anos.

Rafa não tinha a menor intenção de compactuar com as atitudes de sua irmã, muito menos de baixar a cabeça para Leo, por

isso enrolando-se em uma toalha foi verificar se o churrasco estava pronto, em seguida, pôs os pratos e talheres na mesinha redonda perto da piscina.

Que se danassem todos, pensou consigo mesma. Não estavam agindo todos de forma inexplicável? Então, ela também agiria como se a casa lhe pertencesse e ponto final.

— Podemos juntar-nos a vocês? — Leo perguntou quebrando o gelo, e Rafaela imaginou que ele devia estar morrendo de fome para chegar ao ponto de pedir alguma coisa a quem considerava desprezível.

— Se prometerem lavar a louça do jantar...

— As prisioneiras são vocês... — Ele riu, fazendo com que o coração dela disparasse.

— Então nada feito, churrasco e champanhe só para nós duas, Fabi — gritou para que a irmã ouvisse, sabia que estava brincando com fogo, mas não tinha mais nada a perder.

— Tudo bem, eu me rendo — Leo ergueu as mãos em forma de rendição. *"Droga, não devia estar agindo dessa forma só porque essa bandida é terrivelmente sexy"*. Pensou.

Jantaram todos reunidos como se fossem uma família. Que ridículo, não eram uma família, eram inimigos. Hector e Fabiana conversaram durante todo o jantar, ele sempre procurando não tocar em assuntos pessoais. Conversaram sobre a economia dos países Uruguai, Brasil e Argentina e outras trivialidades como se fossem velhos conhecidos, entretanto, Leo e Rafa permaneceram em absoluto silêncio.

— Droga! — Praguejou Leonardo empurrando a cadeira com força. Em seguida saiu, deixando os três emudecidos. É claro que

Rafa seguiu-o com a esperança dele ter deixado a porta da frente aberta. Triste decepção, ele havia trancado.

Hector se negou a lavar a louça e subiu alegando estar cansado da viagem.

— Essas garotas deixaram minha suíte parecendo quarto de hotel. Nunca dormi aqui antes com lençóis tão cheirosos e macios!
— Exclamou para si mesmo, deliciado.

— Vá dormir, meu bem, tivemos duas semanas exaustivas.
— Aconselhou Rafa à irmã menor, que esfregava os olhos obviamente relutando em deixá-la.

— Você vai lavar a louça?

— De jeito nenhum. Leonardo prometeu que lavaria e terá que cumprir.

— Boa noite, maninha — Fabiana saiu reprimindo uma risada, o que não passou despercebido à Rafaela.

Vagou pela cozinha, sala e escritório e ainda tentou dezenas de vezes abrir a porta da frente em vão. Onde Leo estaria? Perguntou-se pela milésima vez. Tudo bem, não importava a hora que ele chegasse, estaria no sofá e faria com que ele lavasse a louça.

— “Meu Deus, essa bandidinha parece uma princesa” — pensou Leo ao entrar e deparar-se com uma belíssima mulher dormindo no sofá de sua sala.

Chegou mais próximo e abaixou-se. Por que a vida havia pregado aquela peça com ele? Apaixonaria-se facilmente por Rafaela em outras circunstâncias, entretanto, naquele momento ela era uma

forte suspeita, não apenas das acusações a que fora apontada, mas também do pior de seus pesadelos. Ainda assim, quase sem perceber o que fazia, sua mão já deslizava pelo rosto de Rafa, que resmungou algo inteligível, o que o fez afastar-se imediatamente no exato momento em que ela acordou.

— Por que está dormindo na sala? — Perguntou pigarreando para disfarçar.

— Que horas são? — Rafaela perguntou sem responder sua pergunta.

— Duas e meia. — Disse olhando no relógio, e ela saltou do sofá.

— Droga, acabei dormindo.

— Estava a minha espera? — Perguntou Leo, certo de que ela negaria, o que não aconteceu.

— Sim, você prometeu que lavaria a louça e independente de eu ser sua prisioneira, terá que cumprir. Trato é trato.

Ele curvou os lábios num sorriso zombeteiro que a desconsertou.

— Isso me faz deduzir que não sente mais medo de mim...

— Cheguei a sentir, mas agora percebi que você não passa de um cara desorientado, querendo fazer justiça com as próprias mãos e, portanto, cometendo grandes enganos... Mas é um cara bom.

— Obrigado — zombou, e os dois caminharam lado a lado para a cozinha, sentindo-se desconfortáveis com a situação.

— É fácil. Você pega o detergente líquido e coloca um pouco na esponja, em seguida vai passando nas louças sujas e depois

enxaguando com água, que sai daquela torneira — brincou incentivando-o. — Não é tão difícil assim...

— Vamos fazer um trato. Hoje você lava a louça e eu seco, amanhã trocamos de função, combinado?

— Tudo bem — concordou, entendendo que não conseguiria convencê-lo.

Era melhor aceitar o acordo apesar de ser um saco ter que lavar louça de madrugada; também, recriminou-se, quem mandou ficar até essa hora esperando?

Ela lavou toda a louça e deixou que escorresse no secador.

— Agora você já pode secar; já escorreu todo o excesso de água que tinha.

— Achou mesmo que eu iria secar? É uma bobagem secar. Deixe aí mesmo que amanhã estará tudo seco, e então é só guardar.

— Seu idiota, preguiçoso — acusou-o indignada, percebendo que fizera papel de boba lavando louça na esperança que ele secasse.

— Sabe o que eu acho? — Sem esperar por resposta continuou: — Que para uma bandida até que você cuida bem de uma casa.

— Se eu fosse uma bandida eu pegaria uma dessas facas afiadas que acabei de lavar e cravaria em seu peito, ou então colocaria veneno no seu copo, sei lá. Isso não lhe passa pela cabeça?

Leo encolheu os ombros, indiferente.

— Ou quem sabe... — Prosseguiu — já que não sei por quanto tempo pretende manter-me aqui, poderia fazer um investimento a longo prazo, como, por exemplo, seduzir você e

engravadar. Não seria capaz de colocar na cadeia ou fazer algum mal a mãe de seu filho, seria?

Dessa vez ele riu gostosamente.

— Você é muito esperta para ser considerada inocente.

Ela grunhiu e saiu rangendo os dentes em direção à suíte.

IV

Rafa espreguiçou-se ainda sonolenta e pulou da cama, indo abrir a porta-janela que dava para o terraço. Daquele cômodo a visão da fazenda era ainda melhor. Ela deixou o olhar se perder na imensidão á sua frente; voltando a reparar na fazenda, avistou o garanhão negro que chamara sua atenção da primeira vez. Ele estava inquieto e não deixava o homem agachado casqueá-lo. Na faculdade fez algumas aulas específicas, e fizera suas próprias pesquisas na internet e em documentários, devido a sua paixão por cavalos, e aquele, com certeza, era um cavalo da raça crioula; um cavalo que não era mais somente a paixão dos gaúchos, mas uma febre nacional — e até mundial — e também um mercado tremendamente lucrativo para quem soubesse negociá-los.

Hector estava na cozinha servindo-se de uma xícara de café e sobressaltou-se ao ver Rafaela entrando.

— Desculpe-me, ainda não estou acostumado a ter duas mulheres dividindo o mesmo teto — ele fez menção de vestir uma camisa, já que estava sem uma.

— Você é o dono dessa casa, não tem porque se incomodar com isso — disse com desdém.

— Por favor, Rafaela, você ainda está zangada... Eu sei que esta é uma situação chata e meio boba até, mas tanto eu quanto você sabemos que nenhuma das partes envolvidas é criminosa, nem nós e nem vocês.

— Ótimo, então por que não diz isso ao seu irmão?

— Eu já disse a ele um milhão de vezes, mas Leo está desorientado, com medo de errar e, infelizmente, está disposto a pagar para ver.

— Falando nele, onde está? — Perguntou, servindo-se de café e tentando demonstrar desinteresse.

— Depois de guardar a louça de ontem à noite, foi com o treinador ver o Picasso.

— Foi ele quem guardou a louça? — Perguntou incrédula.

— Estou tão surpreso quanto você — ele riu malicioso. — Você está conseguindo fazer o que mamãe não conseguiu durante uma vida toda.

Ela mudou de assunto rapidamente.

— Vocês acham que sabem tudo. Não lhe passa pela cabeça que temos família e que assim que sentirem nossa falta colocarão a polícia toda a nossa procura?

— São tão ricas assim? — Hector franziu o cenho, mas sem esperar resposta, prosseguiu — levará cinco meses até que isso aconteça.

— Co... como você sabe? — Gaguejou. Aquela era a última carta que tinha na manga.

— Lídia nos contou que ficariam seis meses sem entrar em contato com seus pais... Devo confessar que isso me parece bastante estranho.

— Aquela bocuda...

— Não se zangue com ela. O que você esperava? Que falasse bem das garotas que lhe pagaram com notas falsas? — Hector falou, embora compreendesse que as garotas falavam a verdade.

Rafa se serviu automaticamente de um pão crocante delicioso que os uruguaios chamavam de *galleta*.

— Hector, quero que pense comigo. Chegamos na aduana e um guarda, legal até demais por sinal, veio checar o trailer. Estava prestes a nos mandar embora quando encontrou a maleta de dinheiro...

— Eles precisam saber a origem do dinheiro. É normal que ele procedesse dessa forma e levasse o dinheiro ao seu superior — Hector defendeu. Conhecia muito bem aquele procedimento, uma vez que seguidamente tinham que passar por aquele processo quando vinham de carro para *Bella Ciudad*.

— Perfeitamente normal, mas o guarda anunciou que teria que levar essa informação ao seu superior e saiu com a nossa maleta de dinheiro. Só voltou à noite e tivemos que dormir por lá mesmo.

— E...?

— O que quero dizer é que eles tiveram tempo de sobra para verificar o dinheiro. Acha que eles deixariam que dinheiro falso entrasse no país? Além do mais, que dificuldade teriam em passar a perna em duas garotas sozinhas?

— Meu Deus, você está coberta de razão — Hector levantou-se confuso, e passou a mão nos cabelos num gesto de nervosismo. — Se o dinheiro realmente fosse falso eles teriam prendido vocês; e se Lúcia e o dono das motos descobrissem que o dinheiro era falso, como homens treinados não perceberiam?

— Então, por que não tenta convencer Leonardo?

— Poderia até convencê-lo, mas ainda restariam duas provas contra vocês. O Bola de Neve — ele apontou para o cesto, mas o

coelho já não parava mais lá dentro — e as identidades falsas. Aliás, essa é a única parte que eu não consigo entender.

— Eu gostaria muito de explicar, mas...

— Explicar o quê? — Perguntou Fabiana com sua habitual alegria que era peculiar.

— Sua irmã conseguiu convencer-me de que o dinheiro foi trocado na aduana — Hector beijou-lhe a boca diante do olhar desaprovador de Rafa. — Mas, o que eu não consigo entender, é por que possuem documentos falsos.

— Se pudéssemos contar a verdade sairíamos daqui ainda hoje, mas como fizemos uma promessa teremos que cumpri-la, mesmo que isso signifique sermos prisioneiras — Fabiana declarou entre feliz e triste.

Rafaela não estava com a menor disposição para cozinhar, e como sua irmã e Hector não se desgrudavam, não teriam almoço naquele dia; ela já podia antecipar a explosão de Leonardo ao chegar cansado e não encontrar nada para comer. A típica reação de homens machistas como ele. Teve duas grandes surpresas com a chegada de Leo. Ele tomou banho e esquentou no microondas um prato com arroz e carne do dia anterior sem um único resmungo, mas a maior surpresa foi sentir que seu coração quase lhe saía pela boca diante daquele homem nu da cintura para cima, e com os cabelos molhados caindo-lhe na testa.

— Não vão almoçar? — Perguntou, arqueando a sobancelha.

— Este calor daqui deixa a gente sem ânimo para ficar em frente ao fogão — disse, dando de ombros.

Ele sorriu sem se dar conta de que a deixava sem fôlego. Que sentimento era aquele afinal? Tudo bem que ele era lindo, mas...

— Uma carioca reclamando de calor? — Brincou. — Eu bem que percebi que não há mais nenhum enlatado no armário.

Rafaela contentou-se em comer *galleta* com atum enlatado e maionese. Hector e Fabi comeram pizza quando já passava das três horas.

Que ironia. Jamais seu pai permitiria que levassem aquela vida. Era rígido em seus costumes e os almoços e jantares eram servidos sem um minuto de atraso. Refeições essas que eram feitas no mais absoluto silêncio, pois o todo-poderoso não gostava que conversassem à mesa. E caso não fosse obedecido, bastava para que começasse um ataque de fúria, onde as consequências poderiam chegar ao extremo caso Beatriz não interferisse.

Leonardo subiu para sua suíte assim que terminou de comer.

Diante da compreensão de Hector quando explicou pela manhã o mal-entendido da mala de dinheiro, Rafa pretendia convencer Leo, por isso subiu as escadas em direção à suíte. Bateu duas vezes na porta e chamou-lhe pelo nome, sem sucesso. Será que a estava ignorando? Empurrou a porta, irritada, e deparou-se com um Leonardo totalmente relaxado que dormia profundamente estirado na enorme cama de casal. Aquele aparelho em seu bolso era um celular? Era a chance perfeita. Se conseguisse pegar o celular, em questão de segundos estaria em sua suíte e, com a porta trancada, faria as ligações que precisava para sair daquele lugar.

Caminhou vagorosamente até a cama. Tinha duas opções: Simplesmente roubar o celular e torcer para que ele não acordasse,

ou... Preferiu a segunda opção para seu próprio espanto. Sentou-se na cama ao lado de Leo e começou a acariciá-lo, estremecendo com o prazer que aquilo lhe proporcionava. Acariciou seu rosto másculo, em seguida traçou com a ponta dos dedos o contorno de seus lábios. Quando ele abriu os olhos sonolentos, antes que pudesse dizer uma única palavra, Rafaela começou a beijá-lo lentamente, enquanto deixava os dedos brincarem com os cabelos sedosos.

O que estava acontecendo com ele? A sensação de ser acordado aos beijos era maravilhosa, e não conseguia raciocinar com clareza.

Finalmente, Rafa alcançou seu objetivo e fingindo uma carícia audaciosa roubou-lhe o celular e enfiou rapidamente no bolso traseiro de seu jeans, aproveitando que ele estava de olhos fechados. Agora só precisava beijá-lo mais um pouco, o que não seria difícil, e dar alguma desculpa para sair do quarto.

— Rafaela... — Ele murmurou com voz rouca.

— Oh, meu Deus! Como eu posso desculpar-me eu... que...queria falar com você, e...vi você... dormindo... Desculpe — ela saiu discretamente em direção a porta.

— Ei, Rafa — chamou. — Não vai deixar-me aqui nesse estado, vai?— Leo levantou-se e se aproximou, puxando-a em seguida para si.

Esperando por um beijo ardente ela se surpreendeu quando ele a girou fazendo-a ficar de costas e retirou o celular de seu bolso traseiro. Pior foi receber a maior palmada de sua vida nas nádegas. Nem quando criança recebera tal castigo.

— Nunca mais me faça de idiota, garota. Da próxima vez, posso não ser tão bondoso — Leo tinha um olhar amedrontador e a

voz soava ameaçadora, indicando que ele estava falando sério. Com o rosto vermelho de humilhação, Rafaela voltou para o quarto com o traseiro dolorido.

— O que aconteceu? — Fabiana perguntou ao entrar no quarto e encontrar sua irmã com os olhos vermelhos, envolvida entre as cobertas.

— Nada, eu... Eu estou cansada de ficar nesse lugar, só isso.

A noite já havia caído há bastante tempo. Depois do episódio no quarto, Leo ausentou-se e ainda não tinha voltado. Rafa, com o humor renovado e decidida a não demonstrar fraqueza para aquele homem arrogante, resolveu preparar o jantar composto de frango á milanesa, arroz e saladas de pepino, alface e tomate. Leonardo chegou no momento exato em que começavam a comer, e parecia muito bem-humorado. Rafaela empinou o queixo disposta a ignorá-lo.

— Hum... Adoro frango á milanesa. Parece que adivinharam que eu estava cheio de fome — comentou, sentando-se na ponta da mesa.

— É pena que eu só tenha feito seis pedaços. Dois para mim, dois para Fabi e dois para Hector — retrucou Rafaela, mordendo com exagerado gosto seu pedaço de frango.

— Por ser malcriada, acaba de perder metade de sua refeição — Leonardo roubou-lhe o outro pedaço de frango, deixando-a furiosa.

— Desse jeito vão acabar se casando — Hector zombou, fazendo com que os dois parassem imediatamente com aquela discussão infantil.

— Mas isso está delicioso — Fabiana pegou mais um pedaço de frango. — Mamãe não faz ideia que a sua dondoquinha sabe cozinhar. Em casa nunca pôs a mão na... oh... — Fabiana tapou a boca e vermelhou imediatamente diante do olhar de pânico de sua irmã mais velha. Aquele era um assunto proibido; simplesmente, não podia revelar nada que dissesse respeito a vida de ambas no Rio de Janeiro.

— Mamãe ligou! — Exclamou Leo mais tarde a Hector.

— E daí, por que essa cara? Mamãe sempre liga para saber como andam as coisas por aqui. Oh não... Não me diga que ela ficou sabendo sobre as garotas...

— Claro que não... Ela parecia preocupada, nervosa...

— Mamãe não é de fazer alarde, deve ter acontecido algo importante, talvez devêssemos ir até Uruguaiana.

— Eu também pensei nisso, mas temos duas criminosas aqui que não podem ficar sozinhas, ainda mais agora que dispensamos os vigias.

— Não seja ignorante, meu irmão, você não ouviu Fabiana deixar escapar que são bem de vida? E não é a primeira vez que dão a entender, mesmo sem querer. As roupas que usam são prova disso.

— Aposto como foi tudo combinado... E, em relação às roupas, pode ser fruto do dinheiro falso que usam.

— Você está fantasiando demais. Escute bem o que lhe direi, você ainda vai se arrepender amargamente desse seu julgamento.

Leonardo era um dos homens mais cobiçados dos países Uruguai e Brasil. Mesmo antes de se tornar conhecido na mídia já arrancava suspiros da mulherada. Depois que entrou para a lista dos milionários mais lindos da região o assédio cresceu assustadoramente.

Ao entrar no ramo de biodiesel sua família se tornou conhecida, respeitada e admirada no Brasil inteiro por sua humildade e pela grande ajuda que prestavam a entidades carentes. Como estava à frente dos negócios, uma vez que seus pais não gostavam de aparecer na mídia, Leonardo se tornara o centro das atenções. Bem, Hector também era conhecido da mídia, mas não por ter ligações com o biodiesel, e sim pelas vitórias nas competições; por diversas vezes teve seu rosto estampado em revistas ao lado de potentes motocicletas. Leonardo também teve seus momentos de diversão em cima de duas rodas, mas largara tudo há mais ou menos um ano para cumprir a promessa que fizera ao pai. Bem, de certa forma, isso lhe trouxera outras vantagens também, pois acabara fazendo algo que sempre quisera, mas nunca tivera tempo nem coragem. A criação de seus cavalos de raça.

Antes da misteriosa morte de seu pai, prometera que cuidaria do povo que ele tanto amou e agora, por mais que tentasse, não conseguia encarar aquelas duas estranhas como se não tivesse nada de anormal no fato delas estarem tão à vontade em sua casa.

— Tomei uma decisão. Vamos até Uruguaiana ver o que está acontecendo — anunciou Leo horas mais tarde.

— Á essa hora? São quase dez horas da noite e estamos sem o helicóptero. Além do mais, tem as garotas...

— O helicóptero já deve estar chegando e é exatamente por causa das garotas que vamos à noite, acho difícil que elas consigam fugir, mas por via das dúvidas, deixe as câmeras ligadas.

— Eles estão estranhos. O que acha que está acontecendo?

— Fabi perguntou.

— Hector é seu namoradinho, deveria saber.

— Por que as pessoas mais velhas complicam tanto as coisas? — Fabiana resmungou com infantilidade. — Se você está com vontade vá até lá, se jogue nos braços de Leo e diga que não quer que ele vá embora.

Esquecendo-se por um momento do atrevimento de sua irmã a encarou seriamente para tocar num assunto que ficara entalado desde o jantar.

— Ótimo, as pessoas mais velhas complicam demais as coisas, enquanto as mais novas não prestam atenção no que falam e acabam dando com a língua nos dentes. Ouça, não quero mais saber desse tipo de deslize, entendeu? Nossa família é um assunto proibido.

— Desculpe-me, não vai acontecer novamente.

— Tudo bem. Mas vem cá... Você disse que Leo vai embora, o que sabe sobre isso? Disse, ainda há pouco, que não sabia o que estava acontecendo. Vamos morrer aqui?

Fabi soltou uma gargalhada cheia de zombaria.

— Vai morrer apenas se a falta de Leo for tão grande que a faça perder a respiração.

— Quanta bobagem, Fabiana, eu estou preocupada. Você sabe perfeitamente que essa casa é totalmente protegida, não há

como fugir. E se dessa vez eles forem de vez?

— Que ideia! Eu estou despreocupada. Hector nunca nos deixaria aqui sozinhas, ele pode até ir, mas com certeza voltará.

— Queria ter essa mesma certeza — suspirou.

Poucos minutos depois, Hector veio despedir-se dizendo que iriam á Uruguaiana, mas voltariam no dia seguinte; também aconselhou Rafaela a não fazer nenhuma besteira.

Leo aterrizou o helicóptero na pista da usina de biodiesel. Em seguida, ele e Hector dirigiram-se no possante automóvel preto para a mansão onde sua mãe, com certeza, os aguardava.

— Deixa eu adivinhar... Você não trouxe as chaves do portão — Hector brincou para quebrar o gelo.

— Por acaso você trouxe?

— Não — e os dois correram em direção ao interfone.

Laura Martins era uma mulher incrivelmente bela e não parecia ter idade suficiente para ser mãe de dois homens de vinte e dois e vinte e nove anos. Naquele exato momento, ela usava uma camisola de seda e um roupão por cima, e parecia bastante preocupada.

— Eu devia imaginar que fariam a loucura de se deslocar de *Bella Ciudad* para ver o que estava acontecendo — ela beijou e abraçou os filhos afetuosamente.

— Temos um helicóptero, mãezinha, lembra? — Leo brincou.

Aquele luxo era o que mais gostava de lembrar. Há seis ou sete anos atrás, jamais poderia imaginar que morariam em uma mansão e que teriam um helicóptero, mesmo sendo apaixonado por aviões desde garoto.

— Ver Hector tão bem humorado e você, tão tenso, me deixa intrigada — Laura foi preparar café. — Afinal, você adora a fazenda e seus cavalos, enquanto Hector usa o lugar apenas para se ver longe das câmeras dos fotógrafos.

— Treinar um cavalo para o freio de ouro é bastante trabalhoso e requer muita atenção, mamãe... E Hector está assim, de bem com a vida, porque só para na piscina — explicou omitindo a verdade.

— Chega de falar de nós — Hector interveio. — Você parece nervosa com alguma coisa. O que aconteceu *mamá*?

Laura tremeu as mãos derramando um pouco do café que trazia e com voz hesitante falou:

— O investigador Wagner Mello descobriu detalhes importantes sobre a “morte” do seu pai.

— O que ele descobriu, mamãe? O autor do crime e o motivo? — Indagou Leonardo, subitamente nervoso.

— Infelizmente não, mas ele disse que está muito perto de esclarecer tudo...

— Mas então o que foi que Wagner descobriu? — Hector perguntou, tão ansioso quanto o irmão mais velho.

— Que não havia nenhuma reunião e nenhum investidor no Rio de Janeiro, e que nos dias em que seu pai esteve por lá se encontrou várias vezes com um homem, que é o principal suspeito.

— Quem é esse homem? Eu quero saber, pois vingarei a morte de *papá* — Leonardo estava furioso e indignado.

— Não coloque os carros na frente dos bois, são as primeiras informações que temos depois de mais de treze meses de investigação. Além do mais, Wagner é um profissional e não dirá

nada sem antes ter certeza... Esse homem é só um suspeito, nada está confirmado. E se matá-lo estará no mesmo nível que ele, não foi para isso que eu lhe dei educação — ralhou, suspirando provavelmente para dissipar as lágrimas.

— Uma coisa é certa, papai sabia que estava lidando com um homem perigoso, do contrário não teria... — Leo calou-se subitamente, não podia entrar naquele assunto sem revelar coisas que o pai pedira para que ficasse em sigilo, pelo menos para Hector.

No dia seguinte, Leo foi para a usina acertar alguns detalhes pendentes e levou consigo o irmão, para evitar que abrisse a boca e falasse mais do que devia.

— Filho, ligue para o técnico, o computador da minha sala estragou outra vez — pediu Laura, passando pelo escritório de Leo.

— Não posso oferecer o meu porque tenho milhões de detalhes para colocar em ordem antes de voltar para a fazenda, mas aposto como o do Hector está liberado... — Sugeriu.

— Apesar de saber que Hector não gosta que mexam em seu computador vou quebrar a regra, pois preciso terminar um relatório com urgência — a moderna senhora encaminhou-se para uma das tantas salas que formavam os escritórios, todos ocupados pela família Martins.

Laura riu sozinha, Hector nem precisava de um escritório, pois demonstrava claramente que aquele não era seu ramo. Alguns minutos após ter entrado ela voltou estupefata.

— Agora consigo entender o porquê de Hector ter largado mão das competições... — Explodiu, entrando no escritório de Leo.

— Por que está dizendo isso, mamãe?

— Posso saber o que duas belíssimas jovens estão fazendo numa impecável fazenda? Nunca vi aquele lugar tão limpo antes...

— O que... Onde... — Leo gaguejou, mas não conseguiu formular nenhuma pergunta ou resposta.

— Acabei de ver as imagens no computador de Hector. Para falar a verdade, nem sabia que havia câmeras na casa da fazenda...

— Colocamos para ter mais segurança... — Mentiu, mas sabia que a mãe não cairia naquela mentira deslavada.

— Sei... Mas ainda não me respondeu. Quem são aquelas garotas que estão na fazenda?

— Amigas de Hector, *mamá*, imploraram para passar uma temporada lá e acabamos concordando. São brasileiras — bom, pensou, pelo menos não mentira a frase toda.

— Sei... — Repetiu — e o que Valéria achou disso tudo?

— Ela ainda não sabe — Leonardo apressou-se em dizer em voz baixa.

— Essa história está estranha demais. Eu só espero que você seja um pouco mais ajuizado que seu irmão e tenha o bom senso de mandá-las embora, — e antes de sair ainda acrescentou — antes que sua namorada descubra. Não quero confusão.

Leo levantou-se disposto a encontrar Hector e enforcá-lo, mas, infelizmente, Laura encontrou-o antes. Ele tomava café tranquilamente sentado em cima da mesa de escritório que fora ocupado por seu pai até um ano e meio atrás.

— Que bom que encontrei você...

— Parece zangada, mamãe, o que aconteceu? — Perguntou como se ainda tivesse cinco anos de idade quando aprontava alguma traquinagem.

— Não me consultou antes de levar suas amigas para a fazenda...

Pego de surpresa Hector ainda conseguiu ser cauteloso quando perguntou:

— As garotas?... Então, Leo lhe contou sobre as garotas e provavelmente disse que eram minhas amigas — ótimo, pensou... Meu querido irmão aprisiona duas mulheres e coloca tudo nas minhas costas. — O que mais ele disse?

— Não importa o que ele disse. Eu vi essas duas jovens através de seu computador; são lindas, aliás — nesse momento, Leonardo adentrou no escritório com olhar de pavor ao ver sua mãe e Hector conversando.

— Eu não vou mentir, mamãe... — Começou, diante do olhar incrédulo de Leo. — Elas não são minhas amigas...

Laura e seu filho mais velho aguardavam que Hector concluísse, e Leo respirou aliviado quando, enfim, ele completou a frase:

— Trata-se de minha namorada Fabiana, e sua irmã mais velha Rafaela.

Laura Martins arregalou os olhos sem acreditar e abraçou o filho, emocionada.

— Finalmente criou juízo, meu bem. Espero conhecê-la em breve — e acrescentou olhando para Leo. — Só não entendo por que não contou nada à Valéria... Ou será que está de olho na cunhada de Hector... — Supôs, piscando o olho para o filho.

Mais tarde, quando se preparavam para voltar, Leo ainda se mantinha indignado com Hector por ter revelado parte da verdade.

— Poderia ter confirmado que eram suas amigas, ao invés de... — Leo começou a reclamar entrando no helicóptero.

— Preferia que eu tivesse contado que você as mantém prisioneiras? — Desabafou, entrando também. — Devia agradecer, ao invés de ficar reclamando.

Leonardo manteve-se a viagem toda de regresso à fazenda carrancudo, enquanto Hector ouvia as músicas em seu mp3 sem se importar com o humor do irmão.

Foi com imenso alívio que Rafaela ouviu o barulho do helicóptero aterrizando. Durante o dia que os irmãos Martins passaram em Uruguaiana não descansou um só minuto. Tentou de todas as formas fugir dali, mas os cães enormes estavam atentos a cada movimento seu. Fabiana, por sua vez, preocupava-se apenas em estar bela para esperar o namorado, o que a deixava indignada.

Fazia mais um dia insuportavelmente quente e Rafa vestia um short jeans e uma camiseta branca, que contrastava com sua pele bronzeada. Os meninos entraram porta adentro e enquanto Fabi se atirava nos braços de seu amor, Rafa olhava com desprezo para seu raptor.

— Belas tentativas de fuga... — Ironizou Leo. — Por alguns instantes, cheguei a pensar que Rufus e Dolly se renderiam ao seu charme.

— Obrigada por me fornecer essas preciosas informações. Na faculdade aprendi que sabendo o nome dos cachorros tenho muito mais chance de tornar-me amiga deles, e tomarei a liberdade de atirar algo bastante pesado nas câmeras para que não possa

mais me vigiar — sua raiva era visível. Como aquele homem era arrogante!

— Continue tentando... — Disse, dando-lhe as costas e se dirigindo para o escritório.

Passava das dez da noite quando Rafa resolveu comer alguma coisa. Hector e sua irmã, estavam ambos entretidos com a novidade, uma televisão que, contra a vontade de Leo, fora instalada na sala. O mesmo, desde que chegara, não saiu do escritório nem para a costumeira visita que fazia ao seu garanhão quando anoitecia.

Ver sua irmã tão feliz a deixava confusa. Seria apenas fantasia de uma adolescente, ou Fabi estava mesmo apaixonada por Hector? Sabia que ele não era mau, assim como sabia que Leo também não era. Era uma pena que não conseguisse provar sua inocência. Em compensação, sabia que no dia que aquele pesadelo acabasse, veria em Leonardo o peso da culpa por ter julgado duas jovens inocentes.

Tomava tranquilamente seu café puro depois da refeição e nem percebeu que Leo a admirava do batente da porta.

— Posso saber no que estava pensando? — Perguntou, com sua inconfundível voz sexy.

— Claro... Estava pensando em como será maravilhoso o dia em que eu ver nesse seu rosto lindo o sabor da derrota, quando você descobrir quem eu sou de verdade.

— E quem você é de verdade? — Perguntou, agarrando-a violentamente pelo braço.

— Sou a pessoa que colocará você atrás das grades acusado de danos morais, cárcere privado, violência e muitas outras coisas

que você nem imagina — desprendeu-se dos dedos que a aprisionava e voltou a tomar seu café diante do olhar surpreso de Leo.

Naquele momento, Rafaela tomou uma decisão, uma vez que não precisava se preocupar com Leonardo e sua cisma, tudo que lhe restava era ignorar suas acusações e conquistar-lhe a confiança, já que naquelas circunstâncias era impossível provar sua inocência.

Mais tarde deitou-se na enorme cama e não demorou a pegar no sono.

Acordou no dia seguinte com uma movimentação estranha na casa. Despertou Fabi e, ao abrir a porta-janela, logo percebeu do que se tratava. Uma mulher linda de aproximadamente quarenta e cinco anos descia de um luxuoso automóvel preto com placa brasileira, impecavelmente vestida e de salto alto. Viu quando Leo e Hector abraçaram-na com afeto, mas pareciam terrivelmente preocupados. Então as ideias começaram a povoar sua mente; ali, bem diante de seus olhos, estava a liberdade, sua e de sua irmã. Não sabia quem era aquela senhora, mas com certeza não compactuaria com as atrocidades de Leo.

Desceu as escadarias de dois em dois degraus tendo Fabiana em seu encalço. A requintada mulher entrava na casa naquele exato momento. Leo parecia ter visto um fantasma e Hector sorria aliviado. Tudo aquilo parecia irreal.

— Que prazer, minha querida. Desculpe ter vindo sem avisar... — Disse a senhora, vendo os trajes que elas ainda usavam

—... Eu tinha negócios para fazer em *Bella Ciudad* e aproveitei para conhecer minha nora, que segundo Hector...

— A senhora é mãe desses dois? — Rafaela a interrompeu.
— Pois fique sabendo que deu à luz a homens sem dignidade, que acham que podem prender duas mulheres numa fazenda e fazê-las serem vigiadas por cães de guarda e câmeras de segurança...

— Do que essa garota está falando? — Indagou aflita.

— Ah... Eu devia imaginar... Então, a senhora não sabe? Leonardo desconfiou que fôssemos criminosas, nos levou para uma cabana abandonada, apontou uma arma para nossas cabeças e nos deixou passar a noite amarradas. Depois nos trouxe para cá e disse que ficaríamos aqui até confessarmos algo que, eu juro, jamais sequer pensamos em fazer.

— Meu Deus! — Laura abafou um grito desesperado e Hector a amparou, já que Leo estava estarecido. — Isso é verdade, Leonardo?

— Não é bem assim, *mamá*... — Começou gaguejando. — Essas duas aí estavam com dinheiro falso e assaltaram uma estância, sem falar no...

— Não seja ridículo, Leonardo. Olhe para elas, não seriam capazes de assaltar nem um mendigo. São jovens lindas e parecem ricas, sofisticadas... Que loucura! E vocês não têm o direito de mantê-las presas — olhou severa para os dois filhos.

— Por favor, mamãe, não quero conversar na frente delas. Vamos até a cidade e conversamos com calma. Lídia confirmará o que eu disse.

— *Cierto* — resmungou, levantando-se a contra gosto.

— Acho que acabaram de ganhar uma fortíssima aliada — disse Hector com um sorriso cúmplice, depois que mãe e filho se retiraram. Rafa sentia a esperança renascer, mas não pôde deixar de perceber a tristeza nos olhos de Fabiana.

Leonardo só vira a mãe perder a compostura quando recebeu a notícia do assassinato do marido, mas agora tinha quase certeza de que Laura perderia a classe diante das circunstâncias. Os constantes suspiros eram prova disso, sinal de que precisava pensar em alguma coisa rápido. Transcorreram os trinta quilômetros da fazenda até a cidade no mais absoluto silêncio. Ao chegarem no hotel, Lídia encaminhou-os ao escritório onde os dois poderiam conversar sossegados.

— Leonardo... Temo repetir pela segunda vez, em menos de uma semana, mas não foi para isso que eu lhe dei educação, seu pai jamais apoiaria essa sua ação — desabafou desgostosa.

— Pois eu estou fazendo exatamente o que papai me pediu antes de ser assassinado.

— Co...como assim? O que Olavo lhe pediu antes dessa tragédia?

— É estranho. Uma semana antes de papai ser morto, ele me chamou em seu escritório e pediu que eu cuidasse bem de você e de Hector se algum dia ele viesse a faltar, e implorou para que eu me encarregasse de *Bella Ciudad*, que foi o povo que ele mais amou... — Leo fez uma pausa com amargura na voz —... Eu só prometi porque me sentia culpado.

— Culpado de que, meu amor? — Laura segurou-lhe as mãos com carinho.

— Por ter feito dele um homem milionário. Não era isso que papai desejava. Ele nunca teve essa ambição de ser rico, tudo o que desejava era viver em paz com sua fábrica e suas lãs, aqui, com o povo que amava... E quem sabe algum dia pudesse devolver alegria aos seus olhos, mamãe...

Laura baixou os olhos incapaz de encarar o filho. Será que Olavo havia revelado o segredo que eles guardaram por tantos anos?

— Do que você está falando? — Perguntou por fim.

— Papai contou-me tudo. A princípio, senti muita raiva por você tê-lo traído, mas ele me fez jurar que eu iria devolver a você a alegria completa...

— Não, por favor — Laura interrompeu o filho. Estava pálida, sabia que Leonardo a estava julgando erroneamente, mas era melhor que pensasse assim. A verdade poderia feri-lo ainda mais — você não vai se meter nessa história, prometa. Vamos entrar num acordo.

— Um acordo? — Leo franziu o cenho.

— Eu não me meto nessa história das garotas na fazenda, apesar de achar muito errado e indiretamente ser cúmplice, com a condição que você esqueça esse assunto. Eu sou muito feliz e ponto final, combinado? — Estava muito contrariada consigo mesma, mas não havia outra saída, já sofrera demais com aquela história e não queria ver o filho envolvido.

— Combinado — concordou, depois de pensar um pouco. — Mas, enfim, tudo o que papai me falou me faz pensar que ele sabia do risco que corria, ou seja, ele desconfiava de que sua vida estava ameaçada.

— Mais uma pista valiosa para Wagner.

— Bem, agora eu preciso ir. Não confio plenamente em meu irmãozinho.

— Vou voltar com você — Laura levantou-se decidida.

— Acabamos de fechar um acordo, dona Laura — lembrou-lhe contrariado.

— E nesse acordo não foi citado que eu não poderia ver as garotas. Senti muita simpatia por elas, principalmente pela mais velha. Quero apenas conversar. Por favor, Leonardo, eu sou sua mãe...

— Ótimo, você venceu. Vamos.

Horas depois voltavam á fazenda.

— Não acho necessário que esses enormes cães fiquem em frente à porta.

Leonardo piscou charmosamente para a mãe e segredou-lhe:

— Rufus e Dolly são inofensivos. Só assustam, mas as meninas não sabem disso. Aliás, é melhor falar baixo para elas não escutarem.

Fabiana e Rafaela estavam à espera com um misto de ansiedade e antecipação. Enquanto esperavam o retorno de mãe e filho, Rafaela encarregou-se de preparar um delicioso café da manhã, com direito a pãezinhos quentes e bolinhos de queijo. Afinal, aquela era a primeira luz que enxergava desde sua chegada na fazenda.

— Mas que cheiro delicioso! — Exclamou Laura, adentrando na cozinha.

— Espero que goste de pães de queijo — Rafa apressou-se a dizer.

— Eu sou louca por pães de queijo. Quem lhe contou, querida? Leonardo?

— Oh, não. Leonardo é a ovelha negra da família. Quem me fez essa gentileza foi seu adorável filho Hector; ele sim é um cavalheiro — fez uma pausa, medindo as palavras que diria a seguir. — Queria encontrar uma forma de agradecê-la...

— Por favor, meu bem, infelizmente eu não consegui mudar os planos de Leo. Eu queria muito tirá-las daqui e devolvê-las a seus pais, mas se fizer isso estarei automaticamente pondo meus filhos atrás das grades.

Rafaela retirou a luva de pano das mãos e desabou numa cadeira aos prantos. Não queria ter tido aquele tipo de reação, mas aquela simpática senhora com suas palavras a havia tocado profundamente, fazendo-a inexplicavelmente compreender que não queria voltar para casa. Não queria viver na sombra de seu pai, e a verdade a assustou. A fazenda era o lar que nunca teve, adorava limpar a enorme casa, cozinhar na hora que desse vontade, tomar banho de sol no jardim dos fundos sem aquele medo e aquela sensação de rejeição e abandono que sentia no Brasil. Mas tudo isso era patético. Por mais bonzinho que Leo pudesse parecer, fora ele quem a aprisionara. Além do mais, nutria desconfianças que iam muito além dos possíveis crimes dos quais eram acusadas.

Pelo que Rafa sabia sobre a vida, tinha certeza que Leo não as prenderia se não tivesse fortes razões para isso, e duvidava que fosse apenas por causa da grana falsa.

O abraço que recebeu a seguir foi inexplicável. No instante seguinte estava acolhida nos braços de Laura que enxugava seu rosto com um lenço de papel.

— Vai ficar tudo bem minha menina. Leo é um homem bom, nunca lhe fará mal eu garanto.

— Eu sei... Eu gosto dele — admitiu.

Laura sorriu e tentando disfarçar os olhos umedecidos ordenou: — Vamos comer logo os pães de queijo antes que esfriem. — Nesse momento, entraram Hector e Fabi seguidos por Leonardo.

— Posso sentar-me ao seu lado? — Leo perguntou docemente.

— Acho que a senhora deve visitar a fazenda mais vezes — brincou Rafa, fazendo todos caírem na gargalhada.

— Mas o que esse coelho está fazendo embaixo da mesa? — Laura perguntou quase gritando de susto.

— É o Bola de Neve — Hector explicou — o bichinho de estimação de Fabiana.

Rafaela poderia classificar aquele dia como o melhor dia que já tivera desde que chegara á fazenda, não sabia exatamente o que sentira por Laura, mas era um sentimento muito bom, confiança talvez, e foi com tristeza que despediu-se da mãe de Leo. Ele parecia atrapalhado com a mãe por perto, o que deixava claro que não era o homem mau que tentava aparentar.

— Prometa que virá na fazenda sempre que puder — implorou, enquanto se despedia.

— Rafa... — Laura olhou indecisa para Leonardo — tenho uma usina de biodiesel para comandar, mas prometo que virei visitá-

los quando me sobrar um tempinho.

Despedindo-se das garotas e de Hector, Laura pediu para que Leo a acompanhasse até o automóvel.

— Algum problema, mamãe? — Ele arqueou as sobrancelhas, como sempre fazia quando estava preocupado.

— Quero que me prometa que vai contar a Valéria o que está acontecendo. Apesar do namoro de vocês ser um pouco estranho, ela precisa saber o que se passa em relação a você.

Leonardo pensou em Valéria. Fazia seis meses que estavam namorando, seria essa a palavra certa? Perguntou-se. Ela era uma excelente secretária, assessorava sua mãe nas mais diversas atividades, era bonita e sociável, alguém que, assim como ele, não tinha sonhos românticos. O propósito de ambos era crescer juntos nos negócios, mas não havia paixão alguma, e quando eram fotografados mesmo sem perceber, Valéria se encontrava impecável ao seu lado, como uma boneca de porcelana. Havia acomodado-se com aquele relacionamento, e era estranho que só agora começasse a encarar sua relação como algo sem graça.

— Talvez você tenha razão, *mamá*... afinal, em algum momento ela ficaria sabendo — disse, saindo de seus devaneios, mas não tinha a menor pretensão de contar-lhe nada. Não confiava plenamente em Valéria para abrir o jogo a respeito de um assunto tão delicado.

— Então, por que não vem junto comigo e resolve de vez essa situação? — Sugeriu-lhe.

— Eu vou com você.

Hector, Fabi e Rafa olharam com curiosidade para a valise que ele trazia na mão ao descer as escadarias.

— Vai viajar? — Hector perguntou.

— Vou com mamãe. Amanhã estarei de volta. Cuide dessas duas garotinhas — falou e, pela primeira vez, Rafa notou em seu olhar um leve brilho de bondade.

— Posso saber com que propósito? — Perguntou Hector um pouco incerto.

— Preciso me encontrar com Valéria — respondeu simplesmente, sem entrar em detalhes.

Por que não conseguia parar de se perguntar quem era aquela tal Valéria com quem Leo iria se encontrar? Poderia muito bem perguntar a Hector, mas jamais chegaria a tanto. Rafa foi dormir mais cedo aquela noite. A última coisa que queria era ficar segurando vela para sua irmã. Com um sorriso, derramou uma loção hidratante nas mãos e passou em todo o corpo antes de vestir o pijama, afinal, não podia reclamar tanto assim; todos os seus cosméticos e suas roupas estavam ali. Que outro sequestrador se daria esse trabalho?! Pensou.

Sequestrador!!! Sorriu diante daquele pensamento. Não adiantava mais tentar enganar a si mesma. Leonardo não era um sequestrador, era um homem extremamente atraente e aquele seu ar arrogante o deixava ainda mais sedutor.

E era muito pior o sentimento que estava alimentando agora do que o anterior. Se antes sentia medo de ter que ficar ali presa, agora sentia medo de ter que partir. Parecia haver passado séculos desde que ela e a irmã deixaram no Rio uma vida de louco e um pai monstruoso, para irem de encontro ao que supunham ser o segredo que ele escondia. Ter optado por uma estadia no Uruguai antes de irem para a Argentina havia sido ideia sua, e agora tudo mudava de figura. Seu coração batia descompassado diante do medo da situação. Seu interior era um turbilhão de sentimentos desencontrados. Mais cedo ou mais tarde acabaria por desiludir-se, tinha certeza disso, era como se uma voz interior a avisasse.

Leonardo estava ao telefone por volta das nove horas da noite, impecavelmente vestido na tentativa de que sua aparência diminuísse a tensão do momento.

— Valéria, poderíamos nos encontrar daqui a pouco? Eu estou na cidade e...

— Oh querido, realmente não posso. Estou tendo uma reunião em minha casa. Papai e mamãe precisam de mim — sua voz, como sempre, era desprovida de emoção.

— É importante, Valéria. Trata-se de nós dois, não temos tido tempo para conversar.

— Por favor, Leonardo, eu sei que você está naquela fazenda, ocupado com aquele seu cavalo sem futuro, mas...

O quê? Cavalo sem futuro? Picasso lhe custara uma fortuna e era uma das melhores recompensas que os rendimentos da usina lhe proporcionaram. Estava em treinamento e seria muita pretensão afirmar que ganharia o Freio de Ouro, mas com certeza acumularia outros tantos troféus.

— Tudo bem, querida — disse no mesmo tom — se você prefere resolver isso por telefone, ótimo. Eu estou rompendo nosso namoro.

— Exatamente como eu já previa — afirmou com voz fria, como se aquilo não tivesse a menor importância para ela.

— Droga! — Resmungou Rafaela ao tropeçar em uma cadeira na escuridão da cozinha.

Olhou no relógio que marcava três horas da madrugada. Deixara Fabi dormindo profundamente, mas não conseguiu conciliar o sono, então resolveu descer e preparar alguma coisa para comer.

Ascendeu apenas a lâmpada da pia e começou a preparar um sanduíche de peito de frango e sorriu consigo mesma; sua sorte grande era a esteira e a bicicleta ergométrica que havia na varanda, do contrário estaria enorme de gorda. Suspirou profundamente ao olhar para seu reflexo através do vidro da janela, nunca fora uma garota namoradeira, mas ultimamente sentia-se extremamente carente.

Nem sabia ao certo quantos dias fazia que estavam naquela fazenda, e apesar de sentir saudade de sua mãe Bia, não tinha o menor desejo de voltar para sua casa no Rio de Janeiro. Terminou de comer o sanduíche e estava tomando o último gole de suco quando alguém se aproximou por trás, na semi escuridão.

Com o susto, Rafaela afogou-se com o suco e sentiu quando Leonardo começou a dar-lhe tapinhas nas costas para que se recuperasse.

— Leo... Você não estava em Uruguaiana? — Perguntou, quando passou o acesso de tosse. — Assustou-me!

— Não queria assustá-la, me desculpe — pediu, deslizando a mão pelas costas de Rafa como se não quisesse tirá-la dali. — Resolvi voltar hoje. Acabei de chegar e não esperava encontrá-la na cozinha quase no escuro.

Leo parecia calmo, relaxado. O rosto másculo tinha as expressões suaves. Rafa não sabia dizer o que havia acontecido durante sua rápida saída, mas com certeza lhe fizera muito bem.

Nem de longe parecia aquele homem arrogante que ela costumava enfrentar. Será que ele era do tipo que se transformava à noite? *Quanta besteira!* Pensou.

— Eu... Estava sem sono e com fome... Mas já estou subindo. Boa noite!

— Espere — pediu, quando ela já virava as costas para sair da cozinha. — Você está linda com esse pijama.

Ele não sabia ao certo o que estava fazendo, aliás, se pensasse um segundo a mais, nem teria aberto a boca para dizer nada. Aquela mulher o seduzia mesmo sem querer, só o fato dela respirar o deixava tenso em vários sentidos. E nesse exato momento, queria prolongar os segundos perto dela, aliás, estava perdendo o sono desde que Rafaela entrara em seu quarto e o acordara aos beijos. Se ela era uma criminosa, não tinha certeza, mas que ela estava mexendo com ele, isso era fato.

Ela virou-se lentamente e não esperava encontrá-lo tão próximo, sentiu o perfume másculo que Leo usava e um arrepio percorreu-lhe o corpo. Diante desse gesto ele não se conteve e puxou-a de encontro ao peito musculoso. O ar ficou difícil de ser encontrado, retroceder já era impossível e havia dois corpos colados, sedentos de paixão. Foi ele quem iniciou o beijo, a princípio lânguido, vagaroso, um beijo longo e delicioso, cheio de paixão, que logo pegou fogo se transformando em labaredas. De repente, foi como se Rafa despertasse para a vida, estava agarrada a Leo como se ele fosse sua tábua de salvação em um mar gelado, mas “mar gelado” era uma palavra ridícula naquele momento; se estivesse raciocinando com clareza, Rafa definiria o momento com uma palavra quente, como vulcão.

Quando finalmente a soltou, os olhos de Leo faiscavam e ela não saberia dizer se era de raiva ou desejo.

— Vá para seu quarto antes que eu perca a cabeça — Leonardo pediu dando-lhe um último beijo, dessa vez suave.

Sem dizer palavra alguma ela subiu os degraus até seu quarto.

Nos próximos quinze dias, Rafaela evitou-o de todas as maneiras, não porque sentisse satisfação nisso, mas porque depois do dia que Leo a beijara descobriu que a tal Valéria era sua namorada. Estava limpando a lavanderia quando encontrou um jornal datado de três meses atrás com uma foto enorme de Leo e sua linda namorada Valéria. Como fora idiota ao supor que um homem rico, lindo e inteligente estivesse sozinho. E pior ainda era reconhecer que estava morrendo de ciúmes; isso sim era ridículo.

Eram inúmeras as coisas que a intrigava desde que chegara à fazenda, mas de fato não conseguia entender as atitudes de Leo. Ele a culpava de ser criminoso, no entanto a havia beijado no mínimo três vezes e demonstrado real apreciação; e mais, depois que resolvera ignorá-lo, Leo passou a tratá-la com simpatia e até fizera elogios às suas comidas. Quem era aquele homem afinal?

— Lhe dou cem *pesos* por seus pensamentos — disse Fabiana, dando-lhe um beijo no rosto e fazendo-a sair de seus devaneios.

— Bobagem — desconversou. — Serei convidada para seu casamento, maninha? Você e Hector não se desgrudam mais.

— Casamento ainda não, mas estou perdidamente apaixonada! E você, como está?

— Não posso dizer o mesmo que você, não estou feliz; apesar de não sentir falta de casa, estou confusa e estressada —

reclamou desamparada.

Hector entrou naquele momento e carregou Fabiana consigo para a sala de estar. Minutos depois, Leonardo, com sua presença marcante invadiu a cozinha.

— Onde está meu irmão?

— Ele não está na sala? Agora mesmo foi para lá com Fabiana.

— Droga! Devem estar no escritório — Leo saiu a passos largos para o escritório e Rafa o seguiu.

Encontraram Fabi e Hector em frente ao notebook.

— E aí, Nick — ele dizia empolgado, enquanto olhava da webcam para Fabiana. — Essa é minha namorada, Fabiana.

Com uma rapidez admirável, Leonardo transpôs a distância que os separava e fechou o aparelho com um estrondo.

— Hector, o que pensa que está fazendo? Fabiana não é só a sua namoradinha, esqueceu? Ninguém pode saber que elas estão aqui — explodiu e depois Rafa não conseguiu entender mais nada, pois ele continuou xingando em um espanhol rápido e impossível de entender.

No dia seguinte, por volta do meio-dia, Leonardo, enquanto almoçavam, pegou a todos de surpresa quando mencionou que iria passar alguns dias em Gramado, na serra gaúcha, a negócios.

— Que legal! Reserve um lugarzinho no helicóptero para mim e Fabi, faz algum tempo que não tenho oportunidade de ir para aquelas bandas — entusiasmou-se Hector, e Fabiana aprovou automaticamente.

— De jeito nenhum — e olhando com ar amistoso para sua futura cunhada prosseguiu — Desculpe-me, Fabi, apesar de você ser

namorada do meu irmão, não posso levá-la, você sabe...

— Tudo bem, eu até entendo, mas você acha que eu sairia por aí como uma louca gritando que sou uma prisioneira e pondo em risco a liberdade do homem que amo? — Perguntou Fabi, indignada.

— Sendo assim... — Deixou a frase no ar e Rafa não pôde evitar uma pontinha de ciúmes por sua irmã e Leo terem uma conversa amistosa, o que ela não conseguiria enquanto não provasse sua inocência, ou seja, nunca.

— E Rafa? — Perguntou Fabiana, como se ela não estivesse ali e não pudesse falar por si mesma, o que a deixou enraivecida.

— Eu me viro sozinha, não se preocupem — falou irônica. — Aliás, vai ser ótimo ver-me livre de vocês, inclusive de você, maninha, que não perdeu tempo e se juntou aos inimigos.

— Oh Rafinha, não faça assim. Você sabe que eu te adoro, mas não deixaria que Hector viajasse para um lugar paradisíaco sozinho — desculpou-se.

— Nem gaste seu latim desculpando-se, Fabiana. Teremos a honra de levar Rafa conosco, ou acha que eu seria louco de deixá-la sozinha? Meus empregados já perceberam que se trata de uma bela *muchacha*, não seria difícil para ela convencê-los a soltá-la — comentou maliciosamente.

— De criminosa a vagabunda! — Exclamou, vermelha de raiva. — Você conseguiu se superar, senhor Leonardo Martins — e saiu da mesa derrubando uma cadeira para em seguida subir os degraus de dois em dois.

Rafaela permanecia emburrada enquanto arrumava sua mala. Por outro lado, não era uma ótima oportunidade para mostrar

a Leo que podia confiar nela? Sim, porque na verdade não pretendia mais fugir, e sim provar a ele que nunca roubara nada, a não ser o coelhinho, e muito menos falsificara dinheiro. Chegara àquela conclusão dias atrás. Não sabia bem o motivo que a levava a querer agir assim, mas a certeza que trazia consigo desde então era que não deixaria a fazenda antes de provar àquele homenzinho arrogante que era alguém digna de respeito e admiração. E quando colocava uma coisa na cabeça ia até o fim.

A viagem foi rápida, mas o que as garotas sentiram ao se verem livres foi maravilhoso. Pela primeira vez em meses, elas puderam se sentir à vontade. Rafaela sorriu ao ver a alegria de sua irmã, ela e Hector não passavam de duas crianças. Hector aparentava ter mais que vinte e dois anos na fisionomia, mas era um criança.

Leonardo também parecia bem-humorado e estava maravilhosamente lindo com roupa esportiva. Sentira-se orgulhosa quando reparou no olhar aprovador que ele lhe lançou quando deixou a fazenda. Vestira-se cuidadosamente com uma calça jeans que lhe delineava as curvas bem-feitas, uma camisa com bordado em prata nas mangas e na gola, e sapatos de salto alto. Prendeu os cabelos em um rabo-de-cavalo, não poderia estar mais linda com os olhos verdes brilhando de excitação.

Gramado era um lugar magnífico, uma cidade pitoresca com muito chocolate e artefatos de couro de gado. O flat onde ficariam hospedados era chiquérrimo e muito confortável. Rafa sorriu com desgosto. Ela era o motivo por não terem ficado em um hotel.

Leonardo não confiava nela, de modo que seria perigoso estar num lugar com tanta gente.

Assim que chegaram à cidade, Hector e Fabiana saíram para lanchar e Leo sairia minutos depois para uma reunião, deixando-a trancada no flat.

Droga, pensou. Tudo bem que ele não confiava nela, mas precisava deixá-la trancada com um sol magnífico lá fora, que era um convite silencioso para um passeio? De qualquer forma, era bom estar no Brasil novamente. Preparou um café e enquanto sorvia o líquido quente folheou um jornal do dia anterior. Era um jornal da região que mostrava as belezas da serra gaúcha; em outra página havia uma matéria onde se comentava a expectativa para o Festival de Cinema que ocorria todo ano em Gramado. E havia algumas páginas destinadas às finanças de todo Brasil.

Já estava desistindo do jornal quando seus olhos pousaram incrédulos numa foto do senhor Antônio Donnelly, nada mais, nada menos que seu próprio pai. Ele parecia muito sério na foto e o comentário a seguir a chocou. Não se tratava exatamente de finanças, mas de um homem chamado Marcos Araudi, que estava à passeio em Gramado. O comentário era o seguinte:

"Marcos Araudi passa uma temporada na cidade após desfazer sociedade de muitos anos com o senhor Antônio Donnelly. O magnata Donnelly faturou milhões através do petróleo. O que poucos sabem é que Marcos era seu sócio, que esta semana tiveram uma briga e desfez a sociedade, deixando o outro em maus lençóis. Segundo amigos próximos, quem tinha inteligência para tocar os negócios era Marcos, de forma que Donnelly teria poucas chances de continuar sendo bem-sucedido depois desse rompimento."

Quanta informação! Rafaela estava estupefata. Não fazia ideia que seu pai tinha um sócio, muito menos que ele não entendia do próprio negócio. Sentiu pena de sua mãe Bia. Donnelly deveria estar descontando sua frustração na esposa, e mais uma vez a vontade de voltar para casa diminuiu. E agora, como contaria à irmã que perderam metade de seu patrimônio? Mas isso importava realmente? A chave girou na fechadura, o que a fez fechar o jornal e atirá-lo a um canto.

— Como passou, querida? — Perguntou uma voz zombeteira que ela conhecia muito bem.

Sentiu um arrepio gostoso percorrer-lhe a espinha. Era a primeira vez que estavam realmente sozinhos no mesmo ambiente.

— Comportei-me como uma boa garota, acho que poderia dar um voto de confiança — pediu séria. Leonardo olhou-a e mediu-a dos pés a cabeça com aparente agrado.

— O que seria esse voto de confiança?

— Bem... Sei que não tenho a menor chance de fugir, porque minha adorável irmã não me acompanharia, então, que tal se eu lhe provasse o que estou dizendo?

Ele caminhou em sua direção e afastou distraidamente uma mecha de cabelo que lhe caíra nos olhos, fazendo seu coração disparar inexplicavelmente.

— Geralmente meu cérebro funciona rapidamente, mas acho que hoje ele está meio lento. Explique-se — pediu.

— Eu gostaria de ir ao cabeleireiro e comprar algumas coisas... Sem você me espionando. Não lhe pedi isso em *Bella Ciudad* porque tinha certeza que você não concordaria, mas aqui é diferente...

Leonardo dirigiu-lhe um olhar especulativo, como se quisesse ler o que se passava em sua cabeça. Céus, como ele ficava lindo quando semicerrava os olhos daquela maneira. Arqueando uma sobrancelha ele perguntou como os uruguaios:

— *Tiéne plata?*

— Que pergunta! Não, é claro que não tenho dinheiro, mas você tem — respondeu com olhar travesso.

— Você venceu — sorriu jogando a cabeça para trás e fazendo o coração dela quase parar — *hechicera!*

— Isso quer dizer “feiticeira”? — Perguntou, cometendo o erro de abraçá-lo.

— Isso quer dizer “sim” — retrucou afastando-se. — Mais tarde levarei você até um cabeleireiro.

Já passava das cinco da tarde e nem sinal de Hector e a namorada.

— Vamos? — Leonardo surgiu a sua frente, magnífico e impecável.

— Não vamos esperar Fabi e Hector? — Repreendeu-se em seguida, Leo lhe dera a chance que tanto queria e ela ainda ficava questionando.

— Eles sabem se virar — pegou as chaves e esperou que Rafa passasse para depois trancar a porta, e desceram em silêncio pelo elevador.

Rodaram por meia hora no carro que ele alugara. Rafaela sentia-se sufocar ao lado de Leonardo. Ele era lindo, charmoso e usava uma colônia inebriante. Sabia que era loucura estar pensando aquelas bobagens todas, mas de certo modo ele estava mais flexível, do contrário não teria concordado em deixá-la sair. Na

verdade, longe daquela fazenda, daquele povoado, Leo parecia outro homem, mais maleável e menos arrogante. Talvez porque, estando ali longe de todos, não precisasse provar nada a ninguém.

— Pensando em quê? — Perguntou ele com um sorriso.

— Você é muito bonito, sabia? — Não sabia dizer de onde tirara coragem para falar-lhe, mas o sorriso que recebeu foi gratificante.

— Já que mencionou... Você também é — e como se acabasse de lembrar de algo, tornou-se sério e acrescentou: — mas não pense que vai ganhar minha confiança com elogios.

Com desenvoltura admirável estacionou o automóvel em frente a um salão de beleza de luxo e entregou-lhe um maço de notas.

— Divirta-se... E comporte-se — esperou que ela saísse e fechasse a porta para dar partida.

O primeiro ímpeto que teve foi de correr e achar o telefone mais próximo, mas o que faria em seguida? Voltaria para aquela vidinha de mentiras, com um pai desequilibrado? Nunca mais veria Leonardo, ou pior, veria ele e Hector em uma cadeia atrás das grades. Um frio percorreu-lhe a espinha. Não, não queria que isso acontecesse. Com passos decididos caminhou para dentro do salão.

— Marcou hora, senhora? — Uma jovem alegre perguntou.

— Oh, me desculpe, é que acabei de chegar na cidade e... bem... Tenho um compromisso essa noite, mas tudo bem se não puder atender... — Mentiu.

— De jeito nenhum, nós vamos dar um jeitinho. Acompanhe-me, por favor.

Em alguns minutos, Rafaela estava com os cabelos ensopados em creme e recebendo uma deliciosa massagem no couro cabeludo. Uma mulher alta, linda e muito bem vestida sentou-se logo à sua frente, recebendo tratamento especial de uma das cabeleireiras.

— Quero algo totalmente diferente em meus cabelos, outro corte e outra tonalidade, tenho um compromisso essa noite — pediu com confiança, e Rafa concluiu que aquilo acontecia com frequência.

Estavam secando seus cabelos quando aquele homem inconfundível, com os olhos cinzentos adentrou no salão.

— Já terminou, Rafaela? — Seu tom de voz era suave, mas permanecia sério e parecia totalmente deslocado naquele ambiente feminino.

— Ainda não, preciso de meia hora mais ou menos, se não se incomodar em esperar... — Disse, sem muita confiança na voz, diante dos olhares curiosos da mulherada.

— Encontrei um amigo... — Estendeu-lhe as chaves do carro — ele me levará até o flat. Estarei a sua espera.

Virou as costas e saiu. Ela olhou para as chaves do carro, incrédula. Não tivera nem tempo de dizer a ele que não estava com sua carta de motorista.

— Seu namorado é muito bonito — a jovem que cuidava de seus cabelos comentou acanhada.

— Oh não, ele não é meu namorado... — Respondeu automaticamente, mas arrependeu-se em seguida, quando a bela mulher a sua frente comentou:

— Espero encontrá-lo por aí qualquer dia desses. Não deixarei que escape... Um homem como ele...

Sem se conter diante do ciúme descabido, Rafaela concluiu a frase, adorando ver o rosto da bela mulher se transformar em um pimentão.

— Leonardo não é meu namorado... É meu marido — e olhando para a própria mão sem aliança, acrescentou — ainda não oficializamos a união, mas é apenas uma questão de tempo.

— Uau! — A jovem exclamou. — Mulher de sorte, hem?

Depois de comprar um belo vestido justo preto e um par de sapatos, voltou dirigindo para o flat. Não encontrou ninguém, e após guardar as compras se admirou mais uma vez no enorme espelho da sala. Seus cabelos brilhavam como seda e o novo corte a deixara com as feições delicadas e ao mesmo tempo marcantes. Como já esperava, minutos depois Leo chegava também.

— O que achou de meu cabelo? Pareço mais bonita? — Perguntou num tom neutro.

— As garotas do salão não puderam fazer muito para melhorar sua aparência — apesar de ele estar sorrindo docemente, ela ofendeu-se com o comentário.

— Estou tão mal assim?

— Oh, não... — Leonardo sacudiu a cabeça com veemência. — Você não me entendeu, eu lhe fiz um elogio.

— Elogio? — Arqueou a sobrancelha incrédula.

— Quis dizer que já é linda com ou sem cabeleireiro...

— Ah, obrigada — o silêncio que se seguiu foi um tanto constrangedor, e ela perguntou, apesar de saber que não havia amigo algum:

— Seu amigo não quis entrar para tomar um drinque ou um café? — Ele pareceu desconcertado com a pergunta e, ao invés de responder, perguntou por seu irmão e Fabiana.

— Não faço ideia — foi a resposta ríspida dela.

Deixou-o praguejando em espanhol ao celular, provavelmente falando com Hector, e foi tomar um banho de imersão, tomando cuidado para não molhar o cabelo. Não queria estragar o penteado.

Tentou acalmar seus nervos. A verdade era que não conseguia parar de pensar que estava sozinha com aquele homem lindo, mas comprometido. Droga, não era mais uma adolescente e sabia perfeitamente o que era aquele friozinho em sua barriga cada vez que cruzava com ele. E que ideia foi aquela de dizer que Leonardo era seu marido? Era uma mentira descabida. Não tinha o direito de ter ciúmes de um homem que não lhe pertencia.

Sorriu maliciosamente. Podia até ser uma grande mentira, mas foi maravilhosa a sensação que teve ao reparar no rosto envergonhado daquela mulherzinha nojenta.

Vestiu um roupão felpudo e cheiroso e foi até a cozinha preparar um sanduíche, pois estava faminta. Leonardo estava lá e a olhou, a princípio, com interesse, depois com desaprovação.

— Não deveria andar pela casa só com isso.

— Algum problema? Estou com muito mais roupa do que se estivesse de short ou minissaia... Por acaso, isso o incomoda?

— Você sabe como desconcertar um homem — ele sorriu. — Queria poupá-la de meus possíveis olhares.

— Valéria não gostaria de ouvi-lo falar dessa forma comigo, posso apostar.

— Você me surpreende — foi o comentário azedo dele, que mudou abruptamente de assunto. — Sua irmã e Hector estão em Canela, cidade vizinha daqui, e pretendem voltar tarde. Você terá que ficar sozinha porque eu tenho um compromisso para essa noite.

— Que compromisso? — Perguntou, querendo em seguida ter mordido a língua. Jurou que ele não responderia.

— Não é da sua conta, mas vou responder. É um coquetel e preciso marcar presença.

— E por que eu tenho que ficar aqui? Posso perfeitamente ir a um restaurante jantar, ou simplesmente caminhar pela cidade...

— Está pedindo demais. Já passeou, fez compras, foi ao cabeleireiro e ainda dirigiu meu carro. O que mais você quer?

— Pensei que você era um homem, mas hoje descobri que não passa de um rato — ela não pretendia ser tão grosseira, mas ele havia despertado sua ira.

— Do que está falando, sua louca? — Leonardo também parecia irritado agora.

— Que você é um mentiroso, que não consegue confiar em ninguém. Pensa que não percebi você em outro carro, me seguindo o tempo todo?

Sem perceber, ela estava gritando e os olhos ardiam com as lágrimas que começavam a cair.

— Eu lhe pedi um voto de confiança e você me concedeu, então, por que não pode confiar em mim? Eu teria voltado, mas não... Preferiu ficar seguindo com outro carro e ainda mentiu. Fica acusando-me o tempo todo, mas o mentiroso aqui é você — ela saiu correndo para o quarto, mas não sem antes perceber o constrangimento de Leonardo.

Meia hora depois já havia parado de chorar, mas estava exausta e sentindo-se uma idiota por ter feito toda aquela cena digna de uma criança de dez anos. Ouviu uma leve batida na porta.

— Rafa, quero falar com você — pediu ele.

— Não!

— Por favor, é importante... Abra a porta.

— Não... Não quero falar com você — seu coração estava descompassado. Era imaginação sua ou havia uma nota de preocupação em sua voz?

— Eu não estou brincando, abra essa porta.

Ela abriu uma fresta da porta e espiou.

— Vim... Pedir desculpa — ao ouvir essas palavras ela tentou fechar a porta, mas ele foi mais rápido e empurrando-a entrou no quarto. — Eu não devia tê-la seguido. Pode desculpar-me?

— Não... Eu não acredito em você.

— Posso provar...

— Como?

Ele sorriu, aquele sorriso maravilhoso que derretia qualquer coração.

— Aceita ir a um coquetel com um rato?

Rafaela arregalou os olhos. O quê? Estava sendo convidada para acompanhá-lo ao coquetel. Era a chance perfeita para provar que conseguia se comportar no meio de várias pessoas.

— É sério?

— Nunca falei tão sério em toda minha vida... E então, você aceita?

— Mas é claro, saia já daqui que quero começar a me arrumar — brincou felicíssima.

— Nem muito obrigado? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Agradecerei quando voltarmos, só assim saberei se você merece meu agradecimento ou não.

— Uau! — Exclamou ele, quando Rafaela saiu do quarto. — Você está estonteante! Onde foi que arranjou esse vestido?

— Comprei essa tarde... E não me olhe com essa expressão, porque eu não fazia ideia que seria convidada para sair com você.

Ele sorriu parecendo ainda mais lindo, se é que seria possível...

Céus, aquela mulher era uma tentação! Devia ser proibido uma mulher ser tão atraente e bem-humorada. Seu papel era odiá-la, tê-la como uma criminosa, entretanto, Rafaela não era apenas bonita e desejável, ela era também uma pessoa com um coração enorme, e intimamente começava a se arrepender por tê-la sequestrado.

A casa onde estava sendo realizado o coquetel era perfeita, aconchegante e arejada, com poucos convidados, o que Rafaela não esperava. Quando chegaram, cochichou:

— Não sabia que se tratava de uma reunião íntima.

Ele não respondeu e seguiram de mãos dadas para apresentar-se aos demais convidados, aliás, o contato dos dedos de Leo, entrelaçados aos seus, era ao mesmo tempo delicioso e perturbador. Ele estava particularmente carinhoso. Rafaela suspirou. Se estar perto dele com toda sua arrogância já era desesperador, quanto mais com ele sendo tão atencioso.

Foram acomodados em um sofá na sala de estar, e em pouco tempo apareceu um rosto sorridente e atraente.

— Olha quem está aí, se não é o nosso amigo da fronteira!

— Max... Não sabia que você estaria aqui, que prazer em revê-lo, meu amigo — Leo abraçou o amigo com o costumeiro cumprimento dos gaúchos e em seguida fez as apresentações.

— Rafaela, esse é o filho do dono do flat onde estamos hospedados, e Max... Essa é Rafaela.

Max cumprimentou-a com evidente interesse e, durante as duas horas seguintes, fez questão de incluí-la na conversa.

— Devo confessar que estou com muita inveja de você, Leo — falou, quando Rafa se retirou para buscar um copo de suco. — O que exatamente ela é sua? — Quis saber.

— Não é da sua conta, meu amigo — Leonardo sorriu maliciosamente ao perceber que Rafaela voltava caminhando graciosamente com um copo na mão. Max que interpretasse o que bem quisesse.

— Por que pararam, rapazes? Estavam falando de mim? — Ela perguntou, sentando-se ao lado de Max. Leonardo estava de pé, encostado a uma parede em frente a eles.

— Acertou em cheio. Eu estava dizendo á Leonardo que estou com inveja por ele estar acompanhado de uma mulher tão fascinante — Max falou em tom suave, segurando-lhe uma das mãos.

— Hum... Muito obrigada, estou sentindo-me lisonjeada.

Ele aproximou-se do ouvido dela e, após uma olhadinha para Leo, segredou-lhe:

— Olhe para a cara de Leo. Adoro vê-lo morrendo de ciúmes. É só uma vingancinha, já que em outras épocas ele me roubava todas as garotas. Eu levava meses para conquistá-las e então, quando ele aparecia na cidade, elas caíam aos seus pés sem nem lembrar que eu existia.

Rafaela riu gostosamente e Leo amarrou ainda mais a cara. Droga, pensou, o que era aquilo que estava acontecendo com ele? Estava com ciúmes de Rafaela. Ela parecia muito à vontade com Max, de mãos dadas e com segredinhos.

Uma mulher linda e espalhafatosa aproximou-se deles, e Rafa sentiu o sangue fugir de seu rosto. Quase que instintivamente aproximou-se de Leo e enlaçou-lhe o braço, ao que ele arqueou uma sobrancelha, mas nada disse.

— Max, querido... Que bom que você está aqui — só então ela percebeu a presença de Leonardo e Rafaela. — Apresente-me aos seus amigos... Espere... Não nos encontramos hoje à tarde no cabeleireiro?

Rafaela queria que se abrisse um buraco no chão. Era a mesma mulher que estava no salão de beleza dando mole para Leo, mas com um pouco de sorte quem sabe...

— Oh, sim — a mulher continuou, antes que ela pudesse responder qualquer coisa — é você mesmo, e esse é seu namorado, oh, me desculpe, você disse que não é namorado... É marido, acertei?

Max olhou para Leonardo com perplexidade, Rafaela com pânico e a mulher com interesse. Para total surpresa dela, Leo sorriu quase que orgulhoso, e Rafa soltou a respiração que, sem perceber, estivera retendo.

— Vocês são casados? — Max perguntou. — Devia ter contado, ao invés de ficar com esse suspense todo. Por pouco não dou uma cantada na mulher do meu melhor amigo.

— Não somos exatamente casados, ou melhor, não oficialmente, mas moramos juntos — corrigiu Rafaela, diante do silêncio de Leonardo.

— É a mesma coisa — Max deu de ombros.

— Mas é só uma questão de tempo, não é, meu amor?

Leonardo enlaçou-lhe a cintura. O coração de Rafa batia descompassado no peito, mas sabia que ele estava apenas querendo puni-la por ter mentido e, para completar, puxou-a e a beijou apaixonadamente. Rafaela ficou perplexa, não por tê-la beijado na frente de outras pessoas, mas por ela ter correspondido com tanto ardor. Quando foram despedir-se dos anfitriões, ainda abraçados, o homem baixo e rechonchudo parabenizou-o:

— Já estava passando da hora de ter uma bela companheira no papel de esposa — e dirigindo-se a Rafaela: — Você fez muito bem ao meu amigo, ele está radiante.

— Oh, obrigada, mas não acredito que seja eu o motivo. Leonardo sempre foi espetacular, mesmo antes de eu entrar em sua vida.

— E ainda é modesta! — Exclamou a mulher dele, sorrindo afetuosamente. — Suponho que trabalhe no mesmo ramo que Leo.

— Não faço ideia do que é trabalhar com biodiesel, eu sou veterinária — respondeu, ocultando parte da verdade, e Leonardo olhou com a mesma curiosidade que os anfitriões.

— É mesmo? Em que se especializou? — Quis saber o homem.

— Aí é que está, não tive oportunidade de me especializar ainda... Alguns probleminhas inesperados, mas seguirei com minha paixão inicial... Cavalos, especialmente da raça crioula.

O anfitrião piscou para Leonardo.

— Agora entendo porque se apaixonou por Rafaela. Eu tinha certeza que acabaria se casando com alguém que gostasse de cavalos, assim como você.

— E que escolha melhor do que uma veterinária, não é? — Mencionou ironicamente, enquanto depositava um beijo inocente em sua nuca.

Rafaela sentiu que o sangue corria mais forte em suas veias. Voltavam para o flat no mais absoluto silêncio, até que ela não se aguentou mais. Não precisavam mais fingir uma vez que não tinha mais plateia.

— Droga, você não vai gritar ou me jogar na cara as besteiras que eu fiz?

Ele lançou-lhe um olhar rápido, em seguida voltou sua atenção para a estrada.

— Tenho quase trinta anos, não três... Além do mais, de que adiantaria gritar, você é mais teimosa do que uma mula e, para ser sincero, ainda não consegui encontrar nenhuma desvantagem nessa sua história.

— Como assim? Não ficou chateado? — Estava decepcionada, esperava vê-lo irritado ou irônico, menos tranquilo da forma como estava. Ou será que ele gostava de tê-la como mulher? Fantasizou.

— Eu precisava mesmo de uma desculpa para quem quer que fosse que me visse com você, agora já tenho — sorriu divertido,

e Rafaela repreendeu-se por ser tão romântica e ficar alimentando aqueles sonhos. — Minha mulher... Que ideia, hem? De criminosa à minha adorável mulher e, ainda por cima, veterinária! Que mentira foi aquela?

Rafaela fuzilou-o com o olhar. Leonardo parecia querer lembrar a si mesmo o tempo todo que ela era perigosa.

— Confesso que prefiro a primeira opção do que a segunda. Deve ser repugnante ser mulher de um homem como você. Prefiro ser taxada de criminosa — e acrescentou furiosa — e quanto a “mentirada” que contei, achei interessante ser o centro das atenções, só isso.

Leonardo suspirou. Por que, afinal, não estava chateado? Devia ter ficado furioso quando tomou conhecimento das mentiras de Rafaela. Ao invés disso, ficou radiante ao perceber a decepção estampada no rosto de Max. Sua mulher, que ideia! Rafaela era um verdadeiro furacão, entrara em sua vida da pior maneira possível e ele jurou que se tratava de uma criminosa, uma mulher perigosa, mas começava a ter sérias dúvidas a respeito de seu julgamento. Ainda assim, tinha algo dentro de si que o alertava a não se aproximar demais daquela mulher, que o olhava nesse momento com o beicinho mais lindo que já vira.

— Só não entendo por que disse àquela mulher que era minha esposa. Por acaso, ficou com ciúmes dela? É a única explicação plausível — ele estava querendo tirá-la do sério, mas não conseguiria.

— O que preferia que eu dissesse? Elas queriam saber o que você era meu, então, a primeira coisa que me veio à mente foi isso,

mas já estou arrependida. Devia ter falado que você era meu sequestrador, teria sido bem mais emocionante.

— Tudo bem, docinho, não estou reclamando — ironizou mais uma vez, e Rafa teve vontade de esbofeteá-lo.

— Bem, chegamos.

Entraram em silêncio. Rafa, emburrada, rumava para seu quarto quando Leo a deteve segurando-lhe o braço.

— Você disse que agradeceria quando voltássemos. Eu fiz minha parte e me comportei maravilhosamente bem.

— Tem razão — sem ao menos pensar no que estava fazendo, levantou as mãos e passou os dedos nos cabelos macios, colocou-se na ponta dos pés e começou a beijá-lo, como se sua vida dependesse daquele ato.

Era para ser algo automático. Rafa queria que Leo percebesse que não fazia a menor diferença, que ela poderia beijá-lo milhões de vezes e, mesmo assim, não sentir nada demais. Mas, assim que encostou seus lábios nos dele, o mundo todo pareceu girar a uma velocidade incalculável, e tudo o que queria era que aquele momento se eternizasse.

A princípio, Leo não reagiu, mas, sentindo aquele corpo feminino colado ao seu não resistiu, e enlaçou-a pela cintura aprofundando o beijo. Nunca estivera com uma mulher assim antes. Rafaela tinha sabor de morango com chocolate, e era o tipo de mulher que fazia um homem pensar em casamento, em filhos, em eternidade. Podia perder-se naqueles olhos brilhantes, que agora tinham expressão de pavor.

Estava apaixonada, sim, estava pedidamente apaixonada. Fora por isso que mentira para aquela mulher linda, que Leo era seu

marido; também era por esse motivo que não queria mais ir embora. Mas não podia ser verdade, então era assim o amor? Era doloroso demais, ainda mais se tratando de um homem que a julgava uma criminosa... Não, não era só isso. Leonardo pertencia a outra mulher... Não fazia sentido amar um homem comprometido que, ainda por cima, era cachorro a ponto de querer ter um caso passageiro com sua prisioneira.

— Você está bem, Rafa? — Perguntou Leo suavemente.

— Não, nunca mais estarei bem... — Fez menção de sair correndo, mas ele a deteve.

— Do que está falando?

— Você tem namorada, eu me sinto enojada por tê-lo beijado sabendo que pertence a outra pessoa — foi a primeira desculpa que lhe veio a mente, e o simples fato de mencionar isso a fez sentir um aperto no coração.

— Não, Rafa, não se sinta culpada, eu não tenho mais uma namorada. Tudo acabou... Naquele dia que fui com minha mãe para Uruguaiana.

Era muito bom saber que ele não tinha uma namorada, mas não era tudo. Continuava sendo a garota com documentos falsos e acusada de ter repassado dinheiro falso, entre outras coisas. Leo podia até tê-la beijado, mas isso não mudaria nada.

— Isso não voltará a acontecer, Leo, não podemos agir dessa forma.

— Tem razão — ele a soltou, voltando a ser aquele Leonardo arrogante que ela conhecia. — Não se preocupe. De fato, isso jamais se repetirá.

Como fora idiota, pensou, perder-se nos braços daquela mulher só porque ela havia comportado-se bem em uma festa. Podia estar querendo conquistar sua confiança para pegá-lo desprevenido em outra ocasião.

Fabiana e Hector chegaram pouco depois deles, mas tanto Rafaela quanto Leonardo já se haviam retirado. Fabi chamou a irmã querendo contar as novidades, mas ela fez de conta que estava dormindo e a irmã logo desistiu. Não queria que sua irmã visse seus olhos vermelhos de tanto chorar.

Na manhã seguinte, Leo cumprimentou-a polidamente antes de sair para mais uma daquelas reuniões que o trouxera a Gramado.

— Você não faz ideia, maninha, Hector me levou para conhecer um lugar chamado Cascata do Caracol. É simplesmente lindo, você devia ter vindo junto conosco — Fabiana estava muito feliz, e era difícil manter-se triste diante de todo aquele humor.

— Você ainda deve estar sobre o efeito de tanta beleza para não ter percebido o que aconteceu com meus cabelos — Rafa sorriu.

— É claro que eu percebi. Ia perguntar assim que terminasse de contar as novidades, mas já que se antecipou me conte, como conseguiu esse visual lindo?

— Estive em um cabeleireiro e também fiz algumas compras no shopping. Não teve tanta graça sem você, mas confesso que foi maravilhoso andar por aquelas lojas todas... Lembrei da nossa façanha no shopping do Rio...

— Parece ter passado uma eternidade desde aquele dia... Mas Leonardo foi com você, óbvio — a irmã fez uma careta.

— Não, eu pedi a ele que me desse um voto de confiança, só que ele me entregou as chave do carro e ficou seguindo em outro, como se eu não fosse esperta o suficiente para perceber...

— Não acredito que meu irmão fez essa canalhice — Hector juntou-se a elas.

— Mas já é um grande passo... — Fabi falou, recebendo o apoio do namorado.

— Também acho. Só que eu acabei irritando-me e discutimos, então, ele me convidou para acompanhá-lo no coquetel.

— O quê? — Perguntaram os dois ao mesmo tempo.

— Exatamente isso que acabaram de ouvir. Nós fomos ao coquetel juntos.

Fabiana e Hector olharam-se cúmplices e começaram a rir.

Por que a vida tinha que ser tão complicada para ela, perguntou-se, olhando para os dois que estavam perdidamente apaixonados e não tinham o menor problema em admitir. Estaria velha demais, esse era o problema? A campainha soou e Hector foi atender.

— Olá, Max, que prazer meu amigo, entre — Max acomodou-se em uma poltrona.

Fabi e Rafa entraram naquele momento, na sala de estar.

— Oi, Rafaela, essa deve ser sua irmã. São parecidas. Uma mais linda que a outra!

— Essa é minha namorada, Max, pode tirar os olhos dela — Hector abraçou a namorada para provar o que dizia.

— Vejo que os irmãos Martins não perderam tempo — Hector e Fabi entreolharam-se sem entender, e Rafaela começou a

roer as unhas de nervos. — Mas, querida, vim convidá-los para um jantar em minha casa hoje. Onde está seu marido?

— Oh... Leonardo teve que comparecer a uma reunião, não posso garantir que aceitará seu convite, pois pretendíamos partir ainda hoje — Rafa respondeu, corando violentamente diante do olhar especulativo de sua irmã e do namorado.

— Tudo bem, eu ligo para ele mais tarde. De qualquer forma, se conseguir convencê-lo a ficar mais um dia na cidade, será um prazer recebê-los. Diga a ele que quero desculpar-me pela forma como a cortejei ontem. Não fazia ideia que fosse mulher dele — Max parecia sincero, por isso Rafa o acalmou.

— Não se preocupe, meu marido não levou em consideração, uma vez que ele próprio não lhe contou a novidade, fique tranquilo.

Mal esperaram Max sair e começaram as especulações.

— Como assim? Quer dizer que perdemos um casamento ontem? E você aí, cheia de historinhas, o que de fato aconteceu? — Perguntou Hector.

— Vocês casaram, maninha?

— É claro que não, sua boba. Eu e Leonardo continuamos tão inimigos quanto antes, ou mais até... — Após relatar tudo aos dois, que nem piscavam, fascinados com a história, Rafaela concluiu — agora entendem por que Max pensa que sou mulher de Leo?

— Mas o que meu irmão achou de toda essa história? Deve estar uma fera, presumo.

— Que nada! Disse que a minha história caiu como uma luva, assim não terá que dar explicações quando perguntarem quem

eu sou. Confesso que estou sentindo-me uma idiota por ter colaborado, mesmo sem querer, com os planos loucos de Leo.

— Pois eu acho que meu irmão está gostando dessa história tanto quanto você, cunhadinha — Hector provocou-a. — Pensa que eu não percebi você toda feliz, referindo-se a Leo como “**meu marido**” — imitou-a.

— Eu não estou gostando nenhum pouco dessa história, ouviu bem, Hector? E nunca mais me chame de “cunhadinha...”

— Por que não? Você é irmã de Fabiana que, por sinal, é minha namorada, portanto, é minha cunhadinha sim.

Rafaela atirou-lhe uma almofada. Começava a ter tanto carinho por Hector como se ele fosse seu irmão mais novo. Por que não nutria o mesmo sentimento pelo irmão mais velho? Perguntou-se. Seria tão mais fácil.

VI

Leonardo chegou por volta do meio-dia, e como Rafaela já previra, não quis nem almoçar. Em poucas palavras disse que só havia passado no flat para certificar-se que estava tudo certo e que teria que ir a outro compromisso logo mais. O coração de Rafaela ficou apertado quando reparou nas roupas que ele usava. Diferente do terno que usou para a reunião durante a manhã, agora usava uma bermuda e uma camisa pólo. Obviamente, esse tal compromisso não era nenhuma reunião com clientes, não precisava ser muito esperta para concluir o inevitável. Leo se encontraria com uma mulher.

— Sabe pelo menos que hora virá? — Arriscou-se a perguntar, embora nem quisesse saber de fato.

— Não, mas acho que vamos prolongar nossa estadia por aqui. Por quê? Algum problema? — Arqueou uma sobrancelha.

— Para falar a verdade, sim. Hector e minha irmã sairão daqui a pouco e eu pretendia ir com eles, mas não queria sair sem que soubesse...

— É assim que eu gosto — ironizou, mas seu sorriso teve um efeito devastador sobre a fragilizada Rafaela. Com a descoberta que fizera no dia anterior, que estava amando aquele homem, tudo ficava ainda mais complicado. — Você está aprendendo a se comportar como uma esposa obediente.

— Falando em esposa... Max esteve aqui.

— O que aquele conquistador barato queria? — Leo perguntou, mal escondendo sua irritação, para não dizer ciúmes.

— Pensei que fossem amigos...

— Então, o que ele queria? — Voltou a perguntar sem dar atenção a interrupção de Rafa. — Deixe-me adivinhar, veio convidá-la para conhecer a cidade e desculpar-se por tê-la cortejado ontem.

— Mais ou menos. Na verdade, ele queria que você o desculpasse, e por isso está oferecendo um jantar em sua casa e faz questão que estejamos presentes.

— Nada feito. Tenho outros planos para hoje à noite, querida.

— Espero que eu esteja incluída nesses tais planos... — Falou sem pensar, arrependendo-se em seguida, mas não havia mais tempo para remendar seu erro. Leo já se dera conta de seu ciúme ridículo.

— É claro que está. Por acaso acha que eu me esqueceria de minha adorável esposa? A impressão que tenho é que ela está louca para me perguntar onde eu estou indo.

— Engano seu, não quero saber aonde você vai nem o que vai fazer, só quero que me responda se eu posso ir com eles ao passeio ou não. Quem sabe eu não encontro alguém que me interesse...

Leonardo olhou-a furioso. Rafa não entendia por quê. Será que ele se sentia possessivo em relação a ela só porque agora eram marido e mulher de mentirinha, ou estava mesmo com ciúmes? Seria maravilhoso se essa hipótese fosse real, mas duvidava muito disso.

— Eu deveria deixá-la trancada em casa de novo, mas vou deixá-la ir com eles... Mas tem que me prometer que não vai aprontar nenhuma...

— Pare com isso, Leo, está agindo como se eu tivesse cinco anos.

— Nunca se sabe o que esperar de uma criminosa.

Leo arrependeu-se de tais palavras, assim que as pronunciou. Rafaela era forte o bastante para não demonstrar sinal de fraqueza, mas pôde perceber que ela reagiu como se tivesse levado um soco no estômago. Mordeu o lábio inferior controlando as lágrimas, e Leo teve vontade de abraçá-la e pedir desculpas, mas como faria isso se tinha muitas provas de que o que dissera era verdade? Virou as costas e saiu como se tivesse feito apenas um comentário sobre o tempo ou qualquer outra trivialidade.

Sim, não restava dúvidas. Leo podia beijá-la, achá-la atraente; sabia que não era uma pessoa feia. Na faculdade, vários rapazes faziam elogios à sua beleza. A diferença é que nunca dera chance para nenhum deles. Só que, para ele, sempre seria a criminosa, não importava que se sentissem atraídos. Leo não tinha a menor consideração por sua pessoa. Mais um motivo para provar a ele que não era nada daquilo.

Agora mais do que nunca essa era sua meta, iria provar a Leonardo que era honesta sem ter que contar que era filha do milionário Donnelly. Suspirou, a essa altura nem sabia se seu pai ainda era um milionário, e ainda tinha a missão de dar a notícia à irmã. O pior de tudo era ter que admitir a si mesma que estava feliz com o fracasso do pai. No íntimo, queria mesmo é que aquele homem perdesse tudo o que tinha e, talvez, então, daria valor a família que sempre escondeu de todo mundo.

— Fabiana, precisamos conversar — suspirou mais uma vez para certificar-se que não iria chorar, pelo menos, não por Leo — no

quarto — acrescentou.

— Não é educado irmos conversar no quarto, sendo que Hector também está aqui...

— Tudo bem, querida, acompanhe sua irmã. Eu ia mesmo tomar um banho — ele disse educado, e mais uma vez o afeto que Rafa sentia por ele aumentou.

— O que foi, Rafa? Não me diga que Leo não deixou que nos acompanhasse — Fabi sentou-se na cama de casal onde dormia com a irmã.

— Não é isso. Leonardo concordou, apesar de dizer que podia esperar tudo de uma criminosa como eu — mencionou ressentida.

— Sabe o que eu acho? Que Leo faz isso o tempo todo como um pretexto para si mesmo. Ele quer muito acreditar que você é inocente, mas tem medo de cair em uma armadilha... Contra seu próprio coração...

— O que quer dizer com isso, maninha psicóloga? — Brincou.

— Que Leo tem medo de se apaixonar por você.

— Deve estar brincando! Leo não se apaixonaria por mim por nada nesse mundo; mesmo se eu conseguisse provar que somos inocentes, ainda assim ele não sentiria nada por mim.

— Eu não acho isso... E tenho meus argumentos, antes que você comece a se depreciar. Se Leo está preocupado apenas com a parte legal de toda essa situação, por que nunca me acusou de nada? Por que nunca me ofendeu com esse tipo de comentário?

Rafaela sentiu que nem tudo estava perdido. Seria possível que Leo pudesse estar evitando apaixonar-se por ela? Quanta

bobagem! Fabiana tinha motivos muito fortes para estar a acalmá-la. Em primeiro lugar, eram irmãs; em segundo, Fabi estava apaixonada e achava que o mundo era cor-de-rosa; e em terceiro, era psicóloga. Não, não devia ir atrás do que a irmã falava, seria melhor para si mesma se não ficasse se iludindo.

— Vamos esquecer Leonardo. O que eu quero falar diz respeito a nós duas. Na verdade, é sobre papai...

— Você andou ligando para ele de algum lugar? — Fabiana parecia querer fulminá-la com o olhar.

— É claro que não, eu não faria isso sem o seu conhecimento.

Fabi pareceu se tranquilizar.

— Eu li sobre ele no jornal de ontem... — Rafa explicou tudo o que ficara sabendo à irmã, que reagiu de forma inusitada.

— Isso não me surpreende para alguém com tanto a esconder quanto papai. É possível que ainda venha a perder tudo se não mudar suas atitudes.

— Bem, é bastante complicado. Meus sentimentos andam estranhos ultimamente. Sinto ódio de papai, não consigo perdoá-lo, e é triste ter que admitir que é mais fácil ser prisioneira num país estranho do que ser filha de Antônio Donnelly.

— Nunca saberemos o que aconteceu para que ele mudasse para o Brasil, uma vez que o destino se encarregou de nos deter.

— Detesto a ideia de que estamos sendo igual a ele, com nomes falsos e tudo o mais. Que tenho documentos falsos com outro sobrenome quando, na verdade, meu nome é Rafaela Perez, mas me considero Rafaela Donnelly porque meu pai chegou no Brasil e mudou de nome... Uma vez mamãe Bia me contou que

papai se chamava Ramiro Perez, e assim que chegou ao Brasil me registrou, para em seguida se naturalizar brasileiro com sobrenome americano casando-se com sua mãe; em meus documentos sua mãe está como sendo minha mãe. Temos que admitir que isso tudo é muito estranho.

— E isso é apenas parte do quebra-cabeça... — Fabi continuou como se falasse consigo mesma. —...quando eu nasci, papai já era Antônio Donnelly, e como não podia ou não queria me registrar com esse nome, pagou uma pessoa que nem conheço para que ocupasse as linhas direcionadas ao pai. Isso se explicaria facilmente na psicologia. Papai deve ter algum distúrbio ou algo do gênero.

— Se ele ao menos concordasse em procurar ajuda psíquica — Rafaela suspirou. Comparado a tudo que viviam ao lado do pai, na fazenda, mesmo trancada a sete chaves, viviam no paraíso.

Rafaela arrependeu-se de ter acompanhado os dois. Não passavam de duas crianças loucas, mas apaixonadas. Porém, não estava no clima de ver os outros felizes, mesmo que fosse sua irmã. Isso a deixava com inveja. Por que, para ela, tudo tinha que ser tão difícil? Podia se apaixonar por Max, que aparentemente era descomprometido, ou por qualquer outro, mas não, seu coração estava ocupado pelo homem mais improvável da face da Terra.

Visitaram vários lugares turísticos. Bem, tudo naquela cidade era turístico. O que mais a impressionou foram os carros que circulavam na cidade e não eram poucos, porém, acostumada ao trânsito do Rio de Janeiro e ao costumeiro mau-humor geral, era

difícil acreditar que existia uma cidade onde os motoristas davam preferência aos pedestres e ainda acenavam com sorrisos sinceros.

Depois de caminharem por horas a fio e tirarem fotos de tudo que viam, a fome bateu e foram comer em um lugar chamado Pasteleiro, onde os pastéis tinham nome de filmes famosos, uma homenagem ao Festival de Cinema que acontecia todo ano nas cidades Gramado e Canela.

Rafa estava encantada com tudo aquilo, só que não conseguia parar de pensar um minuto no homem que amava e que daria tudo para que ele estivesse junto a eles, mas, naquele momento, ele com certeza estaria nos braços de outra mulher. Tal pensamento a fez querer voltar imediatamente para casa. Para casa? O pensamento a amedrontou. Havia pensado na fazenda como sua casa. Teria que fazer algo para se proteger, aquela era sua prisão, nunca seria sua casa. Entretanto, tinha apenas duas opções e nenhuma lhe traria alegria. Teria que provar a Leo que não era criminosa, mas se isso acontecesse ele a libertaria e provavelmente nunca voltaria a vê-lo, mas se não conseguisse provar nada, ele a veria como uma fora da lei, o que não a ajudava em nada.

— Ei, maninha, em que planeta você está? — Fabi a cutucou com um sorriso zombeteiro nos lábios.

— Perdoe-me, eu estava distraída. O que disse?

— Que já escureceu e temos que voltar ao flat.

— Certo — seu coração bateu mais forte de antecipação. Em poucos minutos iria rever o único homem em quem pensava.

Chegaram ao flat quando já escurecia completamente. O local estava em silêncio e Rafaela concluiu que Leonardo ainda não

havia chegado. Sorriu amarga. Ele devia estar se divertindo muito. Seguiu para a suíte que dividia com a irmã, encheu a banheira e tomou um banho de imersão, o que a fez relaxar. Vestiu um vestido longo com motivos florais.

— Você está linda com esse vestido novo — Fabi assobiou.
— Agora é minha vez, quero ficar horas relaxando na banheira.

Rafa sorriu. Fabi era tão espontânea. Ficara admirada com a forma com que a irmã lidara com as novidades pela manhã. Normalmente, Fabiana costumava ser mais difícil, lembrou, devia ser o fato de estar apaixonada. Saiu do quarto e atirou-se no sofá da sala, não havia nada melhor do que deitar em um sofá macio depois de um dia de longas caminhadas. Sobressaltou-se com a voz de Leo.

— Você voltou — não pretendia falar isso, mas estava realmente surpreso. Passara a tarde toda preocupado, pensando na possibilidade de Rafa não voltar.

— Assustou-me — sentou-se automaticamente. — É claro que eu voltei. O que esperava? Eu prometi que voltaria, não prometi?

— Mas eu a deixei chateada. Pensei que acharia alguma maneira de escapar, estava até esperando as desculpas que meu irmão...

Já bastava. Não queria ouvir Leonardo a chamá-la de criminosa outra vez, por isso cortou-o antes que concluísse.

— Você chegou agora?

— Você não me viu? — Ela arqueou a sobrancelha. — Porque eu a vi. Eu estava na cozinha. Você parecia exausta, não gostou do passeio?

— Adorei o passeio, esta cidade é magnífica... Mas estava cansada, caminhamos muito, mas já me recuperei com o banho de

imersão. Estou novinha em folha.

— Que bom, porque eu tenho coisas em mente que vai deixá-la bastante exausta... E então, preparada?

— Acho que não entendi. O que está querendo dizer? — Tentou disfarçar, mas era óbvio que seu rosto estava vermelho diante das palavras com duplo sentido.

Ele virou as costas e voltou em seguida, trazendo uma roupa de couro amarela.

— Visto isso... — Disse, entregando-lhe o conjunto de calça e jaqueta de couro.

— Mas... São roupas da *Strong's*.

Hector entrou naquele momento na sala e se entusiasmou com o que via nas mãos de Rafa. Perguntou:

— Vão andar de moto? — O sorriso era aberto e ficava claro que se tratava de sua grande paixão.

— Nós todos vamos. Trouxe roupa para você e para Fabi também. Fiquei a tarde toda envolvido com isso. Achei que já estava na hora de voltar a se divertir sobre duas rodas.

— Muito bem, Leo — Hector aplaudiu — vamos a algum lugar específico?

Rafa estava mais que animada. Em primeiro lugar, por constatar que Leo passara a tarde correndo atrás de todos aqueles apetrechos e não da forma que imaginara; e também, por poder fazer aquilo de que gostava muito, tratava-se de uma das coisas que mais gostava de fazer. Na faculdade, ela e Fabiana costumavam passar horas a fio fazendo manobras em um lugar apropriado; às vezes, faziam apostas e enfrentavam o trânsito.

Ainda lembrava de como se sentia livre quando estava em cima de uma moto, pena que não tinham suas próprias motocicletas, porque o pai era totalmente contra e não fazia ideia que as filhas o desobedeciam. E agora tinha a chance de matar a saudade, não era o máximo?

— Vamos ver se vocês sabem mesmo andar de moto como dizem... — Provocou Hector, e Rafa estava disposta a encarar o desafio.

— Espere até me ver com essa roupa e vai se arrepender de ter enfrentado uma mulher apaixonada por duas rodas. Vai comer poeira — zombou, mas mantinha o rosto sério.

— Nossa — dessa vez foi Leonardo quem a provocou — estou louco para apostar alguma coisa com você... E então, qual vai ser?

— Por enquanto, sou apenas a sua prisioneira. É melhor colocarmos nossa roupa de couro, e então podemos fazer apostas — e saiu vitoriosa.

Fabiana ficou radiante quando soube o que estava acontecendo. Enfim, poderiam voar em suas motos.

Agora estavam os quatro prontos para uma aventura que prometia ser inesquecível. Todos se vestiam iguais, calça e jaqueta, apenas as cores eram diferentes. Aliás, no frio inexplicável que fazia à noite para aquela época do ano, as jaquetas vieram em ótima hora. Leo vestia-se de preto e estava tremendamente sexy, Rafa de amarelo, Fabiana de rosa e Hector de vermelho. Pareciam saídos de um filme de velocidade.

Rafa colocou as luvas pretas e passou uma das pernas graciosamente na moto que a esperava na garagem do prédio,

sendo imitada pelos demais.

— Agora podemos apostar — disse.

— Ótimo, eu dou as cartas. Vamos bater uma corrida. Existe um posto de gasolina a mais ou menos três quilômetros daqui, na direção norte, e só há um caminho para se chegar lá, que é pelo asfalto. Acho justo que Hector nos acompanhe, mas fique fora da competição, já que ele é profissional...

— Oh, não — reclamou. — Você é tão bom quanto eu, apesar de não ser profissional. Isso não significa nada. Eu vou participar.

— Tudo bem — ele concordou com um sorriso zombeteiro. — Mas se chegar primeiro que os outros, não terá direito ao prêmio.

— Teremos um prêmio? — Perguntaram Rafa e Fabi, quase ao mesmo tempo.

— Mas é claro, ou não seria uma competição de verdade — Leonardo afirmou. — Só nos resta entrar num acordo sobre o que será o prêmio. E então, meninas?

— Se eu ganhar, quero essa moto como recompensa — exigiu Fabi cheia de si.

Leonardo arqueou as sobrancelhas diante de tanta originalidade.

— E você, doçura? — Perguntou à Rafaela, que corou levemente diante da forma carinhosa como a chamara.

— Bem... Se eu ganhar, quero que me deixe cavalgar quando me der vontade, e terá minha palavra que não sairei de sua propriedade.

Ele riu sarcasticamente e concluiu que não poderia deixá-la ganhar de forma alguma, ou teria que cumprir a promessa.

— Ótimo, mas não fique muito entusiasmada. Tenho certeza que sou melhor do que você, e não preciso nem vê-la andar para saber disso...

— Se tivesse tanta confiança, não estaria subestimando-me...

—... Como eu estava falando, sei que vou ganhar e meu prêmio será... Deixe-me ver... Bem, quero que Rafaela deixe a suíte e volte para o quatinho da empregada.

Droga, por que ele tinha que provocá-la daquela maneira? Nunca podiam ficar descontraídos, tinham que estar sempre em alerta um com o outro.

— Isso não é justo. Você não vai se beneficiar em nada me vendo deixar a suíte para dormir num quarto horrível — protestou.

— Está com medo, querida? Pode desistir se quiser...

— De jeito nenhum, eu vou até o fim — nunca desistira de nada, não seria agora que Leo a faria desistir e perder duas chances, a de fazer o que adorava e a de vê-lo perder pelo menos uma vez na vida. — Só tem que me dizer em que ponto nós teremos que parar. Não basta chegarmos no posto, temos que fazer algum gesto... Sei lá.

— Perfeito. O primeiro que chegar no posto tem que descer da moto e tirar o capacete, esse será o sinal — Leo declarou.

Deram partida e saíram da garagem do prédio para encontrarem-se no local onde começaria de fato a competição, se é que se podia chamar assim. Céus, por que inventara aquela brincadeira? Perguntou-se Leo, pela milésima vez; talvez, porque ainda se sentisse culpado por ter ofendido Rafa à tarde. Não sabia ao certo. O fato é que passara uma tarde infernal, pensando que ela

fugiria. A desculpa que dera para sua preocupação foi que precisava puni-la por ter passado dinheiro falso e roubado, mas a verdade que não quisera admitir era que não conseguia mais pensar em sua vida sem aquela *chica*. Estaria se apaixonando? Não, não seria tolo de se apaixonar por uma pessoa esquisita e complicada. Tudo bem, ela podia até ser complicada, mas estava irresistível com aquela calça de couro apertada. Tinha ímpetos de agarrá-la e beijá-la como havia feito no dia que voltaram do coquetel.

— *Preciso ganhar* — pensou Rafa. Tinha razões fortes para ganhar aquela competição. Era sua chance de poder sair de dentro da casa da fazenda e cavalgar os cavalos magníficos que Leo possuía, e não podia de forma alguma perder, porque teria que dormir naquele quarto horrível e ver no rosto dele o costumeiro sarcasmo.

Os quatro pararam no acostamento. Aparentemente, todos mantinham a calma e dirigiram até ali numa velocidade razoável. Agora estavam no asfalto e tudo por ali estava calmo, com poucos carros trafegando. Num acordo mudo, todos deram partida ao mesmo tempo, e começou, então, a competição.

No primeiro quilômetro, Hector estava muito a frente de todos, e Rafa achou que Leo havia sido justo. Ele era um profissional, não seria correto que entrasse na competição, mas alguma coisa deu errado na moto de Fabi e ele voltou para ajudá-la. Vendo que se tratava de coisa simples, e que a irmã estava bem, Rafa continuou seu caminho. Leo passou por ela e disparou na frente.

— Droga, mas eu alcanço você — resmungou e acelerou emparelhando com ele. Já podiam avistar o tal posto de gasolina,

mais uma curva e estariam lá, não... Não podia empatar, porque se empatasse ganharia seu prêmio, mas Leo também ganharia e ela teria que mudar de quarto. Precisava pensar em algo o mais rápido possível.

— Acho que você vai perder, doçura — gritou Leo muito próximo. Ela desviou a moto com medo que ele a tocasse e acabasse provocando um acidente.

— Acho que sim, estou morrendo de medo, meu bem — zombou. Sabia que, da posição em que estava na estrada, Leo chegaria primeiro, mas já tinha um plano.

Passou reto pelo posto de gasolina, e como já previa, Leo, após alguns segundos parado em frente ao posto, sem entender, a seguiu feito um louco. Ótimo, era exatamente isso que ela queria. Obviamente, Leo pensou que ela estava fugindo, mas os segundos que ficou parado, rendeu a Rafa uma certa vantagem. Quando Leo estava quase alcançando-a, fez a volta e disparou em última velocidade. Encostou em frente ao posto, desceu da moto e retirou o capacete. Pronto, havia ganhado a aposta. Leo encostou ao seu lado um segundo depois, mas já era tarde. Fabi e Hector chegaram naquele momento, Fabi na garupa da moto dele.

— Parece que temos um ganhador — disse Hector, diante do olhar furioso de Leo. — Parabéns, Rafa, você realmente me surpreendeu. Foi uma pena ter estragado a moto de Fabi.

— Ei, espere um minuto, não temos um ganhador... Rafa trapaceou — acusou Leo, mal contendo o impulso de dar-lhe uns tapas no traseiro. — Deu impressão que estava fugindo...

— Agora quem está sendo desonesto é você. Eu não pedi para que me seguisse. Se tivesse descido da moto e tirado o

capacete sem me ter seguido teria ganhado, mas não, teve que me seguir, pensando que eu estava indo embora... Você perdeu, querido, acho que terá que se conformar.

— Você trapaceou, isso não estava combinado...

— Como Rafa acabou de dizer, maninho, você perdeu. Eu concordo que você não precisava tê-la seguido. Se fez isso por livre e espontânea vontade, terá que se conformar.

— Inferno — resmungou e subiu em sua moto para voltar.

— Parabéns, Rafinha — Fabiana a abraçou. — Agora poderá cavalgar a hora que quiser. Espero que eu também esteja incluída nesse pacote.

Leonardo bufou. Sabia que, se decidisse, podia simplesmente acabar com aquela festinha, mas antes de qualquer coisa era um homem de palavra. Teria que confiar em Rafa, por mais difícil que isso pudesse ser.

— Vamos voltar galera, temos que ligar para alguém vir buscar a moto que estragou — disse Leo, já mais calmo. — Mas antes, preciso ter uma conversinha com você, Rafa.

Hum... Como era bom ouvi-lo chamando-a pelo apelido íntimo. Fez uma volta ao redor do posto deixando uma linha escura de pneu e colocou-se ao lado dele.

— Estou aqui, pode falar... Ei, esperem — gritou, mas sua irmã e o namorado já tomavam o caminho de volta.

— Deixe... Eu queria mesmo falar com você, em particular — como Rafa não desmontou da moto ele resolveu fazer o mesmo, mas era perturbador o toque da perna dela na sua.

— Pode falar — repetiu.

— Quero que você me prometa que não vai tentar escapar quando for cavalgar. Seria muito difícil, mesmo assim quero que...

— Leonardo, eu sei que é difícil para você confiar em mim, mas sejamos honestos um com o outro... Eu não tenho a menor intenção de fugir por... Por diversas razões — gaguejou.

— Que razões seriam essas? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Não é nada do que possa estar imaginando. Não estou querendo permanecer na fazenda para me esconder de alguém, como deve estar pensando.

— Então, por quê?

— Porque quero sair da fazenda no dia em que provar a você que tudo que eu disse, durante todo o tempo, é a mais pura verdade.

Num impulso, Leo segurou-lhe o pulso e puxou-a para em seguida beijá-la de uma forma indescritível. Eram apenas os dois e parecia que o resto do mundo deixara de existir. Leo tinha os lábios firmes e sabia como deixá-la derretida. Céus! Como queria que ele a amasse da maneira como o amava.

As mãos dele deslizavam por seu pescoço, tinha dedos ágeis e experientes, fazendo-a com que se arrepiasse toda. Nunca ninguém conseguira levá-la aquele estágio de loucura. Seria injusto comparar os beijos de Leo com os beijos dos poucos garotos que beijara, pois eles perderiam ridiculamente.

Seu desejo era beijá-lo e mordê-lo, queria derreter qualquer resquício de gelo que pudesse existir entre eles, mas antes que se desfizesse o último pedacinho do iceberg, Leo já a havia soltado, porém, diferente de todas as reações que já tivera, ele agora sorria

como se aquele beijo tivesse de fato varrido toda a desconfiança para bem longe dele.

Partiram de volta para *Bella Ciudad* no sábado à tarde, Rafa permanecia séria; na verdade, estava preocupada. Havia vivido dias tão alegres naquele lugar e tinha medo que, quando chegassem na fazenda, Leo assumisse aquela atitude arrogante em relação a ela. Mas, para sua surpresa, Leo não aterrizou na fazenda. Pararam num lugar que ela nunca havia visto antes, mas lhe pareceu um heliporto.

— Vai ficar aqui na usina? — Perguntou Hector ao irmão mais velho, e então Rafa ficou sabendo de que lugar se tratava.

— Vamos pegar um carro para ir até a mansão. *Mamá* vai gostar de receber a visita de suas protegidas.

Era um bom sinal, e Rafa estava mais que feliz. Havia adorado aquela mulher incrível, e estava ansiosa para conhecer a tal mansão que os irmãos Martins falavam com tanto orgulho. Provavelmente, não havia mais ninguém trabalhando àquela hora, porque o local estava vazio e silencioso. Suas suspeitas foram comprovadas logo em seguida, quando Leo as convidou para conhecerem o negócio que dirigia. De fato, não havia ninguém na usina, exceto os vigias. Leo e Hector mostravam tudo com grande entusiasmo, e Rafa viu-se encantada com a história daquela família. Ao contrário dela e de Fabiana, que nasceram em berço de ouro, Hector e Leo tiveram que lutar para ter a vida que tinham hoje, e ela teve certeza que eram mais que merecedores de tudo que possuíam.

— Bem, isso é tudo — disse Leo, quando terminou as apresentações.

— Estou impressionada. É estranho pensar que com um negócio grandioso como este você encontre tempo para ficar na fazenda — Rafaela não pôde resistir á provocação.

— Devia estar feliz em saber que nesse momento está sendo mais importante para mim do que minha própria empresa... As mulheres sempre gostam de ser prioridade, não é assim que funciona? — Foi a resposta de Leo. Rafa, que não esperava por essa resposta, ficou sem palavras.

— Quando eu digo que isso vai acabar em casamento vocês não me dão ouvidos, não é? — Hector falou em meio a um sorriso maroto.

— *Calla-te* — Leo fingiu dar um soco no irmão.

Tudo bem que Rafa já sabia que se tratava de uma mansão, mas não esperava ver aquele lugar magnífico. Não era apenas uma mansão, era quase um parque. O pátio era enorme e os portões que circundavam o local eram de uma beleza indescritível, mas também não era nada parecido com aqueles lugares antigos e assombrados. Assim como a fazenda, ficava claro que fora construído há poucos anos e tratava-se de uma arquitetura moderna. Fora construída em um lugar elevado, de forma que, para se chegar à mansão tinham que subir um lance de escadas.

— Esse lugar parece tirado de um filme! — Exclamou Fabi, maravilhada.

— Você não viu nada, meu amor... — Hector prestava atenção a cada reação da mulher que amava, e parecia tão ou mais satisfeito do que ela própria. Rafaela tentou disfarçar, mas podia sentir o olhar perturbador de Leo sobre ela.

— Gostou? — Ele perguntou próximo ao seu ouvido, o que fez com que sentisse um arrepio percorrer-lhe o corpo.

Ela sorriu tímida.

— É impossível não gostar. Sempre achei que minha casa fosse a mais bela que já havia visto, mas começo a ter minhas dúvidas — corou violentamente. Lá estava ela, novamente falando de sua vida sem perceber. Mas ficou claro que não precisaria se preocupar, pois pela expressão debochada de Leo, ele não acreditara em uma única palavra sua. Foi nesse momento que Fabi, que estava no último degrau, gritou:

— Duvido que você continue achando nossa casa a mais bonita que já viu, depois de conhecer essa mansão, Rafinha.

Leo enrijeceu o maxilar. Teriam combinado? Impossível. Então, seria verdade que Rafaela era rica? Então, por que não falavam de quem eram filhas? Por que estavam com dinheiro falso? Bem, muitas meninas ricas agiam de forma ilegal por puro prazer, seria o caso delas? Eram muitas perguntas, mas infelizmente, não tinha resposta para nenhuma delas, e se continuasse tão atraído por sua prisioneira, seria difícil descobrir as respostas que tanto desejava.

— Meu Deus, eu não acredito que você fez isso por mim, querido! — Exclamou Laura exultante, dirigindo-se a Leo quando saiu na porta e deu de cara com os quatro.

— Oh, querida, você parece abatida — mencionou, olhando para Rafa com carinho. — Leo está tratando você mal, minha filha?

— Nada disso, ele está sendo um cavalheiro. Acho que peguei muito sol ultimamente, sempre tive a pele muito sensível.

A mansão era linda por dentro, tudo muito elegante e caro. Laura ficou muito feliz com a visita inesperada e tratou-as como se fossem suas filhas, também fazendo-as sentirem-se em casa. Mas, a certa altura, mencionou algo que deixou tanto Rafa quanto Leo sem jeito.

— Estou adorando ter minhas duas noras passeando em minha casa — e olhou maliciosamente para Leo.

— Mamãe, por favor, pare com isso. Eu e Rafa não estamos...

— Tudo bem, eu sei que não estão namorando de verdade, mas sabe como é, as notícias voam... Max ligou para me parabenizar. Acho que ele queria mesmo era que eu confirmasse que era verdade. Sinceramente, ele não parecia acreditar em uma única palavra que você disse.

— Espero que você tenha confirmado, mamãe.

— Claro que eu confirmei, Leozinho. Também disse a ele que vocês estavam perdidamente apaixonados e que iriam se casar em breve. Só então ele se convenceu.

— Ufa... — Deixou escapar.

— Que ideia, hem, meu filho? Não quero criticá-lo, mas não basta tê-la como prisioneira, ainda a pobrezinha tem que fingir estar apaixonada por você?

Leo soltou uma gargalhada e Rafa sentiu o rosto arder de vergonha. Por que agira por impulso? Agora tinha que aguentar tamanha humilhação causada por ela mesma.

— Pergunte a Rafaela. Foi ela que teve a grande ideia — disse Leo, tornando-se sério de repente.

Rafaela sentiu a cabeça girando. Desde a manhã que não estava se sentindo bem, mas agora parecia que ia desmaiar, e não era apenas pelas palavras maldosas de Leo.

— Querida, você não está bem — Laura correu para ampará-la. — Céus, essa garota está queimando de febre.

Rafaela havia passado os dois últimos dias, na maior parte do tempo, na varanda. Leo resolvera prolongar sua estadia na cidade por mais alguns dias, e como ela não queria correr o risco de deixá-lo zangado e perder a chance que conseguira de cavalgar, decidiu ficar os últimos dias quietinha no flat, sem reclamar, enquanto Leo comparecia as suas reuniões e sua irmã e Hector passeavam. Entretanto, para não ficar trancada dentro de casa, ficou a maior parte do tempo na varanda descoberta, onde poderia apreciar melhor a cidade e, com certeza, pegara sol demais. Leonardo a olhou com ar preocupado.

— Do que está falando, mamãe?

— Venha ver, querido...

Rafa sentiu que o sangue lhe corria mais forte nas veias quando os lábios de Leonardo pousaram em sua testa.

— Meu Deus, garota, por que não me avisou que não estava bem? — Perguntou exasperado.

— Eu estava sentindo-me bem até pouco tempo atrás... Acho que andei pegando muito sol na varanda do flat.

— Vamos para o hospital agora — disse ele, levantando-a do sofá.

— Pare com isso, meu filho, ela só está com febre, mas eu tenho remédio em casa, e com um pouco de repouso, amanhã ela estará perfeita — disse Laura, detendo o filho.

— Mas, *mamá*, nós temos que voltar para a fazenda...

— Nada disso. Enquanto Rafaela não estiver bem, não sairá daqui.

— *Cierto*.

— Venha, querida, quero que tome um banho frio enquanto preparo um chá e pego um comprimido, e depois irá descansar.

Rafaela nem pensou em protestar. Laura estava sendo muito gentil e gostava muito da sensação de ter alguém que se importava com ela. Fabiana a acompanhou até o quarto de hóspedes parecendo assustada.

— Você está com uma cara horrível — disse, tentando brincar.

— Imagino... Eu não devia ter ficado tanto tempo no sol, acho que isso se chama insolação, se não me engano...

— Você é veterinária, deveria saber — Fabi falou tão sério que Rafa não conseguiu reprimir uma gargalhada. Um dos dois... Ou sua irmã a estava comparando a um animal, ou era mesmo muito ingênua.

— Não se compara o organismo de um animal com o de uma pessoa, maninha. Pensei que psicólogas soubessem disso...

Laura cuidou dela como se fosse uma filha e no dia seguinte estava ótima, mas a mãe dos meninos insistiu para que ficassem para o almoço. Voltaram para casa por volta das três da tarde e em pouco tempo aterrizavam na pista da fazenda. Rufus e Dolly vieram receber seus donos, ou melhor, seu dono, pois arreganharam dentes afiados para Hector e as meninas.

— Rufus, Dolly... Quietinho — ordenou Leo, e milagrosamente os cães se acomodaram.

De volta ao lar, pensou Rafaela alegre. Ops, de volta ao lar? Que lar? Aquele não era o seu lar. Deu de ombros. De qualquer forma era muito bom estar na fazenda novamente.

Resolveu preparar algo para todos comerem. Fez uma jarra enorme de suco de laranja e torradas de presunto e queijo e levou para comerem na sala. Surpreendentemente a porta da frente estava aberta, e o ar entrava circulando no ambiente que antes estivera sempre fechado.

Claro, não tinha porque Leo manter a porta fechada, se ela havia ganhado a aposta e agora podia sair a hora que quisesse para cavalgar, o que, aliás, estava louca para fazer. Colocou a bandeja na mesinha de centro da sala e sentou-se no carpete, de pernas cruzadas.

— Sirvam-se.

Leo não esperou segunda ordem e atacou uma torrada mordendo com vontade e fazendo com que um fio de queijo derretido se esticasse.

— Hum... Isso está ótimo. Acho que terá que fazer mais desses — disse, apontando para o prato de torradas, e Fabiana e Hector também se serviram como que encorajados.

Era tão simples o elogio, mas Rafa se sentia feliz por fazer algo que Leo apreciava. Pegou a última torrada e começou a degustar. De fato, estava muito bom e o suco gelado caía como uma benção naquele calor infernal. Leo a olhou com certo carinho.

— O que foi? — Ela perguntou automaticamente.

— Jura que não vai se importar se eu lhe pedir uma coisa? Olha... Tudo bem se disser que não, mas...

— O que é... Eu não sou tão má quanto imagina, pode pedir.

— Você faria mais umas torradas dessas? — Céus, ele parecia tímido para fazer um pedido tão simples quanto aquele.

— Mas é claro, não precisava pedir com tanto jeito... Na verdade, eu também vou querer mais uma — disse, colocando na boca o último pedaço. Como gostara do jeito carinhoso que ele a tratou, quase pedindo por favor!

— Nós também queremos — disse Fabiana, incluindo Hector no pedido.

Rafa nunca se sentira tão feliz na vida. Lá estava ela, fazendo lanche para as pessoas que mais amava. Sim, amava Leonardo com todo seu coração; sua irmã era "outro alguém" que amava incondicionalmente, e Hector, como seu futuro cunhado, aprendera a amá-lo também.

Voltou minutos depois com mais uma porção de torradas e mais suco gelado, e a recompensa de seu ato foi mais que valiosa. Leonardo atirou-lhe um beijo e, um pouco constrangida diante do olhar da irmã, retribuiu com o mesmo gesto.

No dia seguinte, segunda-feira, Hector estava muito agitado e, pelo pouco que Rafa o conhecia, podia perceber que ele estava ansioso e preocupado com alguma coisa. Ele entrou pela décima vez na cozinha, coçando a cabeça num gesto nervoso. Já ia saindo quando ela o deteve, deixando um tomate que cortava pela metade. Enxugou as mãos num pano de prato e perguntou:

— Qual é o problema, Hector? Espero que não seja relacionado com minha irmã...

— Fique tranquila, não se trata de Fabiana.

— Então, o que está deixando você tão inquieto? — Ele suspirou e ela desculpou-se: — Desculpe-me, tudo bem se não quiser falar.

— É que, bem... Não é algo que você possa ajudar. Terá um campeonato em São Paulo, e eu gostaria muito de ir, só que eu não conheço as pistas e teria que treinar nelas para poder competir...

— E?

— Para que eu pudesse ter sucesso no campeonato, eu teria que começar a treinar no máximo amanhã, já que o campeonato será no sábado. Eu teria que ir de helicóptero, mas não tenho coragem de pedir a Leo, pois tenho certeza que ele não concordará — ele colocou as mãos na cabeça num gesto nervoso.

— E por que ele não deixaria? O helicóptero é tão dele quanto seu — Rafa o defendeu.

— Não é esse o problema. Eu poderia usar o helicóptero, Ramirez pilotaria para mim. É que eu queria que Fabiana fosse junto. Ela adora moto e seria muito bom, mas acho que Leo ainda não confia nela e não aprovaria. E sem ela eu não vou...

— Isso realmente é um problema, mas acho que temos uma chance.

— Qual? — Perguntou curioso.

— Leo não confia em mim. Fabiana não é o alvo dele, então, tudo o que temos que fazer é convencê-lo de que Fabi jamais colocaria em risco a minha vida, muito menos a sua. Caso ela

abrisse a boca, você automaticamente seria preso e todos nós temos certeza que minha irmã jamais faria isso.

— Você é ótima, Rafa — Hector a abraçou. — É isso... Vamos falar com ele.

— Vamos?

— Claro, você conseguirá convencê-lo melhor que eu.

Leo estava examinando alguns papéis no escritório, quando ambos entraram. Ele levantou os olhos e perguntou sério:

— O que aconteceu?

— Eu vim perguntar se você me empresta o helicóptero... — Começou indeciso.

— Ele é seu também. Você pode usá-lo quando quiser, sem precisar pedir. Aliás, eu ia mesmo perguntar se você não participaria da competição em São Paulo.

— Mas, não é só isso... eu... Eu queria levar Fabiana junto comigo.

— Hector, por favor, eu não posso deixar que você leve ela junto, por mais que...

— Mas, Leo, minha irmã não faria nada que fosse prejudicar Hector — Rafa interveio.

— Então, você está por trás disso também? — Perguntou sério. — Por acaso, está com algum plano nessa cabecinha?

— É claro que não. Na verdade, eu não faço questão que ela vá, mas Hector disse que se Fabi não for, ele não competirá. Além do mais, se minha irmã quisesse avisar alguém sobre nosso paradeiro ou algo parecido, já teria feito isso em Gramado, quando teve todo o tempo do mundo.

— Leo, eu tenho certeza que Fabiana jamais me trairia — argumentou Hector.

— De São Paulo ao Rio é um pulinho. Ela pode não resistir a tentação... — Leo parecia dividido.

Nesse momento, Fabiana entrou.

— Leo, querido, eu juro pela minha irmã, pela minha mãe e por Hector, que são as pessoas que mais amo nesse mundo, que não vou fazer nenhuma besteira.

— Pelo seu pai, você não jura? — Perguntou Leonardo com o cenho franzido.

— Afinal, você vai deixar ou não? — Rafa estava mais que ansiosa para mudar de assunto.

— Está bem, você pode ir Fabi.

Se aquilo era uma amostra de como seria o resto da semana, então Rafa podia agradecer aos céus. O humor de Leo estava ótimo e ela esperava que assim continuasse.

Com vergonha por ter acordado quase na hora do almoço, esperava encontrá-lo como bem o conhecia, indiferente ou com suas piadinhas, mas teve uma agradável surpresa ao encontrá-lo concentrado, soprando as brasas na churrasqueira perto da piscina.

Ela parou na porta, não queria estragar aquele momento. Leo estava maravilhoso sem camisa, usando apenas uma bermuda. Podia ficar a vida inteira a admirá-lo. Um sorriso involuntário surgiu nos lábios de Rafa. Como ele ficava lindo com a barba por fazer e

usando óculos de sol! O abdômen definido, os braços fortes... Impossível não suspirar diante daquela visão.

Leo surpreendeu-a admirando-o descaradamente e sorriu, mostrando dentes perfeitos.

— Bom dia, dorminhoca, ou devo dizer boa tarde? Olha que dia lindo você está perdendo.

Não pretendia ser tão dócil, mas não conseguia disfarçar. Ele estava mexendo com seus sentimentos outra vez.

— Devia ter chamado — ela se aproximou e sentiu o cheiro de churrasco.

— Eu não ousaria entrar no seu quarto — falou com um sorriso malicioso. — Vamos cair na piscina? O dia está lindo e...

— Já me convenceu — Rafa ergueu as mãos em forma de rendição — vou colocar um biquíni e já volto.

Passaram horas na piscina, e por uma ou duas vezes, Leo aproximou-se tanto que ela pensou que ele a beijaria. Quando ele saía para dar uma conferida no churrasco, Rafa aproveitava para admirar aquele corpo escultural.

Será que aguentaria por muito tempo? Perguntou-se Leo. Rafa estava linda com aquele minúsculo biquíni lhe despertando pensamentos pecaminosos. Ela o olhou naquele momento e sorriram. Onde estaria seu bom senso naquele momento? Que se danasse o bom senso, decidiu, caminhando em direção à piscina.

Atirou-se na água fazendo o maior alvoroço e respingando água para todos os lados.

— Oh... Para com isso — pediu Rafa, quando conseguiu voltar à tona depois de ele ter puxado seus tornozelos.

Leo ria do olhar raivoso de Rafa. Onde estava a doce Rafaela que sorrira para ele minutos atrás?

Atirou-lhe água e dessa vez nadou com braçadas fortes e decididas até onde ele estava.

— Você me paga — com o punho fechado tentou acertá-lhe o peito, mas Leo foi mais ágil e segurou sua mão no ar.

Que grande erro foi ter reagido às provocações de Leo, agora estava colada àquele corpo maravilhoso e começava a ter dificuldades em respirar. Tentou escapar, mas ele segurou-a nos braços e ergueu-a levando-a para fora da piscina.

— Leo — sua voz era quase um sussurro — o que...

Mas Leo não esperou que ela terminasse a frase. Deitando-a na toalha, na beira da piscina, a beijou de forma apaixonada. Seus lábios eram possessivos e, por mais que a razão dissesse para parar, já não havia mais volta. Desde que a beijara pela última vez em Gramado, que queria provar novamente a doçura daqueles lábios tentadores.

Rafa reagia com a mesma intensidade. Não estava mais sendo agarrada a força. Impossível até, porque Leo estava sob ela, enquanto apaixonadamente ela lhe acariciava o peito nu e lhe bagunçava os cabelos enquanto o beijava por vontade própria.

Não saberia dizer o que aconteceria se Rufus não tivesse aparecido com dentes arreganhados e olhar furioso. O cachorro estava disposto a defender seu dono, obviamente. Por um triz, Rufus não mordeu sua perna.

Paralisada de medo, ela permanecia agarrada ao corpo de Leo, que ordenava que o cão ficasse quieto. Rufus afastou-se

contrariado, mas não foi muito longe e continuou com os dentes a mostra.

Deixando uma Rafaela tremendo de medo, Leo foi prender Rufus no lugar de onde não deveria ter saído.

Quando voltou, ela o fuzilava com o olhar.

— Já pensou se esse cachorro me mordesse e me passasse raiva? — Mas, na verdade, Rafa estava começando a raciocinar direito e agradecia mentalmente ao cão por ter feito com que eles parassem a tempo.

Os dois se olharam e começaram a rir. Rufus havia quebrado o clima entre eles, mas tinham que admitir que a situação era cômica.

Passaram um dia maravilhoso juntos. Seria mais uma das recordações que guardaria para sempre em seu coração.

Mas como tudo o que é bom dura pouco...

Já esperava que a semana com Leo fosse difícil, mas não imaginava que ele fosse ficar o dia todo fora de casa, e a noite toda trancado no escritório, deixando claro que não queria vê-la. Pois bem, se era isso que ele queria, não seria ela a contrariá-lo.

Porém, na quinta-feira pela manhã, teve que procurá-lo para avisar que pretendia cavalgar à tarde. Havia descido para tomar o café da manhã, mas não o encontrou. Entretanto, a mesa estava posta para dois. Decidiu procurá-lo no local mais provável, o escritório. Encontrou-o atirado em uma poltrona com a cabeça enterrada entre as mãos. Teve vontade de abraçá-lo e enchê-lo de carinho. Bem, aquilo não era novidade. Sentia aquela mesma vontade todas as vezes que o via.

— Leo... — Chamou suave.

Ele levantou a cabeça e sorriu. Tinha olheiras e a barba por fazer. Rafaela nunca tinha visto ele naquele estado, parecendo terrivelmente cansado.

— O que foi *pación*?

Droga, por que ele tinha aquela mania de ficar chamando-a por apelidos carinhosos? Passava o dia todo carrancudo, quase nunca lhe dirigia a palavra, entretanto, quando o fazia, suas palavras eram sempre doces.

— Você não vem tomar café? — Ela perguntou, desviando-se do assunto que a trouxera ali.

— Acho que não...

— Inferno, o que há com você, Leonardo? Será que minha companhia é tão repugnante assim ou minha presença o incomoda a ponto de não querer nem mais se alimentar?

Leonardo levantou-se com expressão zangada.

— Será que você não entende, Rafaela? Garota, você é uma perdição, ficar ao seu lado significa perder todo o bom senso que ainda me resta. O que você quer mais? Eu tento de todas as formas ignorá-la, fingir que você não existe, que é apenas uma sombra, mas quando eu penso que consegui lá aparece você, impecável em suas roupas caras, seu jeito todo especial de caminhar pela casa, suas comidas fantásticas... Fica difícil lembrar que você é minha prisioneira, que talvez esteja envolvida com coisas perigosas...

Droga, que explosão era aquela? Estava abrindo seu coração com uma pessoa que nem confiava, pior, estava quase confessando que seria capaz de qualquer coisa para tirá-la do meio perigoso em

que se encontrava. Só de pensar que Rafa poderia estar envolvida com gente fora da lei, um arrepio lhe percorria a espinha.

Tentou aplacar tais sentimentos mentindo para si mesmo, que o que sentia por ela era algo fraternal, já que estavam morando na mesma casa... Mas tal pensamento era falso demais.

Mas, afinal, o que era aquilo? Rafaela não saberia dizer se tudo o que Leonardo dissera era um elogio ou se estava sendo xingada por ele. Na verdade, ele pronunciara todas as palavras com uma raiva palpável. Bem, só o que queria era sua permissão para ir cavalgar, não precisava ser xingada por sua "maneira especial de caminhar pela casa".

— Eu só queria avisá-lo de que quero cavalgar hoje à tarde. E acho melhor você procurar um psicólogo. Por sinal, Fabiana fez faculdade, se quiser consultá-la...

— Você é muito engraçadinha. Eu não preciso de uma psicóloga, o que preciso é livrar-me de você, querida.

Ela sentiu um enjoo e teve vontade de vomitar. O que ele queria dizer com "me livrar de você"? Será que estava pensando em mandá-la embora? Não, não queria ir embora.

— Vamos tomar café, enquanto lhe explico como montar em um cavalo — disse com um sorriso zombeteiro.

— Eu sei montar, não preciso da sua ajuda...

— Deixa de ser teimosa, você não conhece meus cavalos — Leo sentou-se e começou a fazer seu desjejum, como se nunca tivesse tido a explosão de minutos atrás.

Por volta das quatro horas da tarde, Rafaela saiu pela porta da frente. Os cachorros não estavam no pátio, sinal de que Leo havia tomado o cuidado de tirá-los dali. Que sensação deliciosa! Era

como se ganhasse vida novamente, depois de dias em estado de coma. Tudo bem, havia saído em Gramado, mas nem se comparava com aquela imensidão a sua frente. Começou a caminhar devagar rumo ao estábulo.

— Olá, *señora* — um homem barbudo a cumprimentou, sem demonstrar espanto algum em vê-la ali. Provavelmente, Leo o havia prevenido.

— Boa tarde. Leo me deu permissão para que eu andasse a cavalo — disse, sem saber ao certo se o homem iria atendê-la ou não.

— Claro, o patrão foi até a cidade, mas deixou ordens para que encilhasse Escultura para a *señora*.

— Ele foi para a cidade? — O homem confirmou com um gesto de cabeça. Então, Leonardo havia deixado ela sozinha e com a porta aberta, correndo o risco de ela não resistir e fugir?

— Foi sim, *señora*.

— Pode continuar com seu serviço que eu mesma encilho a égua — disse gentil. — Você é o treinador? — Perguntou, ansiosa por saber mais sobre os animais.

— *Si*. Estamos preparando dois animais para o Freio de Ouro. É muito difícil, mas temos que tentar. O patrão está trabalhando com sangue chileno. Pretende fazer um plantel somente com esse sangue. Já vendeu grande parte das éguas e garanhões que não estão no padrão da raça.

— Ele é o que chamam de crioulista? — Ela perguntou e ele confirmou orgulhoso, mas desconfiado. Então, ela não sabia? — Mas, então, por que só tem três ou quatro cavalos aqui? Para ser cabanheiro não é preciso ter um plantel grande?

— Não necessariamente, mas não é aqui a cabanha. Esses cavalos estão aqui para serem treinados para as provas em outubro; os outros cavalos estão em Uruguaiana, onde o patrão tem sua cabanha.

Definitivamente tinha muita coisa que precisava saber sobre a vida de Leo. Ele era um homem muito bem de vida, mas também muito ocupado. Não era de admirar que passasse horas no escritório em frente ao computador. Deveria ser mais maleável com ele, decidiu. Com certeza, Leonardo estava se virando em dez para dar conta de tudo, morando agora na fazenda.

Escultura era a égua mais perfeita que já vira, fazendo jus ao nome que recebera. No quarto tinha a marca do proprietário, um L bem grande, provavelmente de Leonardo, e do outro lado, a marca da associação brasileira dos criadores de cavalos crioulos. Ela era dócil e Rafa a encilhou sem pressa, sentindo saudade dos tempos da faculdade, onde se imaginava uma veterinária de sucesso cuidando de animais como aquele. Quando conseguisse provar que era inocente e fosse libertada, talvez voltasse a cursar a faculdade, e finalmente se especializaria naquilo de que gostava.

Cavalgar era como se libertar de tudo que a oprimia. Fora um presente de Deus ter ganhado aquela competição, pensou, do contrário jamais teria essa liberdade. Lembrou-se de Leonardo e sentiu um arrepio. Ele era, sem dúvida, o homem mais bonito que conhecera. Quando a olhava, parecia que ia derreter. Ele possuía um magnetismo que era difícil ignorar. Era um homem cheio de charme, com um sorriso de tirar o fôlego... E se tornara presa dele em todos os sentidos das palavras. A princípio, sentira medo, depois raiva, ódio e agora sabia que o amava e que nem o tempo seria capaz de

sufocar aquele amor. Entretanto, não era um mar de rosas. Aquele amor machucava porque sabia que ele jamais a veria como uma mulher séria, uma mãe para seus filhos. Sempre a veria como uma mulher bonita e desejável, mas em quem não podia confiar.

Perdida em seus pensamentos, não percebeu que nuvens negras se formavam no céu. O ar estava carregado e não precisava ser um gênio para saber que em poucos instantes desabaria uma tempestade. Rafaela podia sentir que havia distanciado bastante da fazenda. Há muito havia deixado as últimas estufas para trás, não fazia ideia de que hora era, mas sabia que escureceria logo. Estivera tão absorta em pensamentos que não lembrou de marcar o caminho para regressar. Agora teria que seguir seus instintos. Sentiu o animal se retesando e preocupou-se. Era óbvio que Escultura estava prevendo algum perigo. Deus, o que faria?

O animal saiu em disparada quando um raio caiu em algum lugar e a chuva começou a cair torrencialmente. Felizmente teve reflexo suficiente para se agarrar à sela e deixar que a égua a levasse, sabe-se lá para onde. Encharcada e morrendo de medo de ser atingida por um raio, respirou com dificuldade quando Escultura parou diante do que parecia um galpão velho.

— Louvado seja Deus — balbuciou.

Abriu uma porta caindo aos pedaços e agradeceu a Deus pelo local ser grande o suficiente para ela e o animal. Puxou a égua para dentro, desencilhou-a e recostou-se a um canto para recuperar o fôlego. Lá fora tudo continuava igual. Uma tempestade e barulhos assustadores de trovões. O fato de ela estar dentro daquele galpão não a acalmava em nada. O local era úmido e velho demais, tinha

impressão de que a qualquer momento o vento o carregaria com tudo.

Já estava escuro, o que faria? Tentou levar o animal para fora e voltar para casa, mesmo debaixo daquela tempestade, mas a égua se recusava a passar pela porta. Não tinha jeito, teria que passar a noite ali com fome e frio. *Só podia ser praga de Leonardo*, pensou irritada.

VII

— Por Deus, Javier, eu já procurei Rafaela por toda a propriedade. Tem certeza que ela foi para aquele lado?

— Claro, patrão. Também estou preocupado. Escultura é muito mansa, mas morre de medo de tempestades e se...

— Não vamos pensar o pior — Leonardo tinha o rosto transtornado pela preocupação. Onde aquela louca se havia metido, e por que demorara tanto para voltar? Se tivesse voltado quando a tempestade estava se formando, teria chegado a tempo. — Vou voltar a procurá-la, Javier, se ela aparecer você liga para o meu celular, por favor.

Leonardo havia ido procurá-la a cavalo da primeira vez, mas agora pegou o jipe do treinador emprestado e começou a percorrer toda sua propriedade. Uma ideia lhe ocorreu e fazendo a volta seguiu por outro caminho, entrando na propriedade de seu vizinho rival. Se Rafaela tivesse ido além dos limites da propriedade e, com medo da tempestade, fosse se esconder no galpão velho? Sim, só podia ser isso. Aumentou a velocidade, fazendo o veículo sacolejar. Desceu do jipe e saiu correndo em direção ao galpão.

— Obrigado, Senhor — agradeceu quando ouviu o relinchar de Escultura. — Rafaela, meu bem, eu estou aqui.

Entrou apressado e deu de cara com a égua inquieta e sozinha. Onde estaria Rafaela? Praguejou e saiu do local dando partida no jipe, pronto a chegar em casa e chamar uma equipe de resgate. Sentiu o coração acelerado ao pensar que Rafa poderia ter sido atingida por um raio.

Já estava prestes a fazer outra ronda quando avistou um vulto no meio da chuva torrencial. Sentiu o coração disparar. Mais tarde avaliaria o que aquilo significava. Por enquanto, precisava ter certeza de que era Rafaela.

Ela cambaleava pelo caminho enlameado; resvalou e caiu estatelada no chão; então, desabou sentimentalmente e caiu no choro que estivera contido, desde quando começou a tempestade.

Leonardo saltou do jipe e correu para ampará-la, sentindo como se tivesse levado um soco no estômago quando viu o rosto dela sujo de lama e banhado em lágrimas.

— Raios! Está pensando em se matar, garota? — Ele a pegou nos braços e a levou para o jipe, agradecendo a Deus em silêncio por ela estar bem. — Por que não ficou no galpão com Escultura até a tempestade passar? Poderia ter sido atingida por um raio, sabia?

— Pare com isso, Leonardo — gritou. — Não sabe o que eu senti quando me dei conta que estava no meio de uma tempestade e longe da fazenda. Não preciso que você fique dando lição. Já basta o susto que eu levei — soluçou, e Leo a abraçou, acariciando seus cabelos e pouco se importando em sujar de lama sua camisa imaculadamente branca.

— Desculpe-me, é que eu fiquei preocupado. Procurei você por toda parte desde que cheguei de *Bella Ciudad* com a notícia de que estava se formando uma tempestade.

— Aposto como só saiu a me procurar porque pensou que eu tivesse fugido — acusou-o, e só então Leo se deu conta de que em nenhum momento pensara naquela possibilidade. Tudo o que

queria era certificar-se de que Rafa estava bem, mas era melhor que ela pensasse assim.

— Vamos para casa, você deve estar com frio e fome — deu partida, sério.

— Obrigada, Leo. Seja lá qual foram os motivos que levaram você a me procurar, o que importa é que me achou. De fato, estou louca por um café bem quente e roupas limpas.

Foi com alívio que avistou a casa da fazenda, mas era inútil suas tentativas de esquecer que a égua estava lá, assustada com cada raio que caía. Leonardo percebeu sua inquietação.

— Já estamos chegando. Logo você estará quentinha e bem alimentada.

— Não é isso. Eu estou preocupada com Escultura. Ela estava com muito medo da tempestade. Foi por isso que eu a deixei e comecei a voltar a pé...

— Vou pedir a Javier que mande alguém buscá-la, até porque amanhã ele não estará por aqui. Vai pegar uns dias de folga para visitar parentes na capital.

— Mas, quem você vai chamar? Não estamos no meio do nada?

— Podemos até estar no meio do nada, mas eu tenho empregados que fazem esse serviço. Basta um telefonema e eles estarão aqui em um minuto.

— Mas, por que Javier mesmo não vai? — Perguntou Rafa, mal disfarçando a ansiedade.

— Ele é treinador e veterinário, não que os outros sejam menos, mas você entende que eu não posso pedir para que o

veterinário da fazenda saia de sua casa no meio de uma tempestade para buscar um animal.

— Ele é veterinário? — Esse era um assunto que a interessava de fato.

— E dos melhores... Chegamos.

— E o Jipe?

— Quando essa chuva passar levarei para ele, não se preocupe.

Mais informação que Rafaela conseguia obter. Se com apenas um telefonema os empregados estariam ali em um minuto, como ele dissera, então havia gente morando por perto e o veterinário também tinha casa por ali, se Leo entregaria o jipe mais tarde. Claro, como fora idiota em pensar que estava presa em um local totalmente isolado. Leo jamais teria uma propriedade como aquela e animais caros em um lugar ermo. Ele havia dado a entender que o local era deserto para ter mais segurança e evitar que elas tentassem fugir.

Tomou um banho quente e demorado e vestiu um pijama. Como era bom estar em segurança outra vez. A tempestade já havia ido embora, mas a chuva continuava forte. Desceu os degraus até a cozinha e sentiu um cheiro delicioso de comida. Leo estava de banho tomado, vestia um abrigo de moletom e estava encostado na geladeira, pensativo. Rafa sentiu aquela costumeira vertigem e uma alegria imensa a invadi-la. Como aquele homem era lindo, céus!

— Quase morri de susto quando me olhei no espelho e me deparei com um rosto cheio de lama — ela riu, tentando descontraír.

— Você quase me matou de susto também — disse ele rouco. Impossível não olhar para aqueles lábios que já lhe haviam

proporcionado tanto prazer. Ela era como um ímã.

— Meu rosto estava tão ruim assim?

— Eu não quis dizer isso... Deixe isso para lá... Você gosta de sopa de capelete? — Perguntou, movendo-se em direção à panela que fervia.

— Quem não gosta? Você fez? — Perguntou incrédula.

— Na verdade, eu apenas aqueci. Tinha uma lata congelada no freezer. Achei que seria bom tomar uma sopa depois do banho de chuva que tomamos.

— Hum... O cheirinho está irresistível, posso servir-me?

— À vontade.

Nunca conhecera alguém tão espontâneo quanto Rafaela. Ela era diferente das outras mulheres que estavam sempre fazendo onda em relação à comida; para ela não, tudo estava bom e ela comia com vontade. Mais um problema que acabava de constatar. Ultimamente não conseguia parar de enumerar mentalmente as qualidades dela, isso não era bom, querendo ou não, sabia que algum dia teria que libertá-la e era melhor ir se acostumando com a ideia de conviver sem aquela bandidinha em sua vida, mas essa ideia não lhe agradava em absoluto.

Mais tarde, quando já haviam terminado de lavar a louça do jantar, Leonardo a convidou para tomar café em seu escritório, e mais uma vez assumiu aquele ar sério. Rafa sentou-se no sofá perto da estante enquanto ele se dirigia ao telefone no lado oposto da sala.

— José, desculpe incomodá-lo fora de seu horário de trabalho, mas você poderia pegar o jipe de Javier, que está aqui em frente, e levar até a casa dele? — Ficou em silêncio, escutando a

pessoa do outro lado da linha. — E também gostaria que fosse até o galpão velho do vizinho buscar Escultura.

A pessoa do outro lado perguntou alguma coisa e Leonardo respondeu sorrindo.

— Oh não, eu não teria coragem de invadir a propriedade daquele tirano... Minha mulher foi cavalgar e acabou se perdendo. Enfim, com a tempestade teve que deixar a égua no local mais próximo... Você me faria esse favor? Certo, obrigado.

Mentalmente, Rafaela registrou as recentes informações. Fora parar em território inimigo, quase causando problemas para Leo. Pelo que ele falara ao telefone, seu vizinho era um rival, e a informação mais interessante, os empregados também pensavam que Rafaela fosse mulher de Leonardo. Certamente fora esse o motivo que deixara o veterinário tão impressionado. Fizera montes de perguntas referentes ao próprio marido. Não era de estranhar que Javier a tenha tratado de forma tão educada. Na cabeça dele, ela era a mulher do patrão.

— Agora podemos conversar — ele disse, sentando-se ao seu lado e fazendo-a retesar-se.

— Vamos discutir a relação, marido? — Tentou descontraír.

— Foi você quem criou essa situação, portanto, não me condene...

— Ei, espere, eu inventei essa loucura lá em Gramado. Por acaso, você é conhecido mundialmente? — Disse irritada.

— Ainda não querida, mas, assim que Max ficou sabendo que você era minha "mulher" fez questão de ligar para a prima, por sinal, minha ex-namorada, e contar que eu estava casado. Em

algumas horas Lídia estava sabendo e Javier é filho dela, agora você entende?

— Oh, me desculpe pelo transtorno, eu não imaginava que as notícias corresseem tão rápido por aqui — mas, de repente, algo lhe ocorreu. — Leo... Eles sabem que a sua suposta mulher sou eu? A pessoa que todo mundo acusou de ser uma criminosa?

— Felizmente, não. Todo mundo está fazendo questão de conhecer a senhora Martins, mas até agora eu consegui mantê-los afastados. Graças a Deus, meus empregados, incluindo Javier, não estavam naquela festa e não a conhecem.

— Leo — ela sentiu o sangue ferver sem suas veias — eu nunca fiz nada daquilo de que me acusaram. Sou uma pessoa cheia de defeitos, escondo verdades que seria muito bom poder revelar a alguém, mas jamais seria capaz de atrocidades como essas. Eu nunca vi um dinheiro falso em minha vida...

— Eu queria muito acreditar, Rafaela, mas não consigo... Esse dinheiro estava em seu trailer, e tem a fazenda que foi assaltada naquela noite. O coelho é a prova do crime e, além do mais, tem os documentos falsos. Eu já pesquisei, e não há ninguém com os nomes que estão naqueles documentos — ele pegou em sua mão e olhou em seus olhos. — Se você quer mesmo que eu acredite em você, tem que me falar a verdade, sem deixar nada oculto, a começar pelo seu sobrenome verdadeiro.

— Eu não posso, Leo, apesar de am... Gostar muito de você... — Quase confessara que o amava. Precisava tomar mais cuidado —... Não posso falar meu sobrenome. Meu pai me fez jurar que não contaria a ninguém, e não posso quebrar a promessa.

— Droga — Leonardo levantou-se. — Eu não posso mantê-la aqui para sempre. As pessoas querem saber quem é minha mulher e, de alguma forma, eu não estou cumprindo a promessa que fiz ao meu pai, de não deixar impune quem fizesse mal ao seu povo.

— Mas você acha que não é suficiente estar presa em uma fazenda?

— Você sabe que não está presa, e isso é o que mais me intriga. Você teve todas as chances para fugir e não o fez, por quê?

— Por quê? — Ela perguntou incrédula, se levantando também. — Leonardo, eu prometi a você que não fugiria e não fugi, para que você pudesse confiar em mim; de alguma forma, eu queria provar a você que não fiz nada daquilo.

— Ótimo, então por que alguém que é inocente se submeteria a viver trancada em uma fazenda sem protestar? Obviamente, você e sua irmã acharam um esconderijo perfeito onde ninguém as acharia. Confesse que veio muito bem a calhar.

Estava no seu limite. Durante todo aquele tempo tentara ser forte e demonstrar à irmã que estava tudo sob controle, entretanto, não aguentava mais. Seu pai a colocara naquele tipo de situação desde que era um bebê. Não era justo, tinha vontade de receber o carinho e a compreensão de sua mãe Beatriz, mas ela não estava por perto. Sem mais se conter, deixou que as lágrimas rolassem.

— Leonardo — soluçou e ele pareceu ceder um pouco, mas não se aproximou. — Quando tudo se volta contra você e você não tem como provar o contrário, a única saída é aceitar que perdeu a batalha... Foi o que fizemos. Eu não tenho como provar nada, mas acredito que existe um Deus que pode fazer o que, para o ser humano, parece impossível.

— Nessa parte eu concordo. Também acredito que, nesse caso, só Deus para me mostrar uma luz. Você me diz que mora em uma mansão e Fabi, sem saber, concorda; me diz que tanto você quanto sua irmã cursavam uma faculdade; pelas roupas, parece que são ricas... Só que não dá para compreender como duas meninas ricas saem a vagar por esse mundo com documentos e dinheiro falso, a menos que...

— Que o quê? — Perguntou, sentindo uma luz no fim do túnel.

— Rafaela... Você conheceu meu pai? — Ele se aproximou. Doía muito ter que perguntar isso a pessoa que poderia ser a culpada de tudo, mas tinha que tentar.

— Não... Eu nunca estive no Uruguai antes — ela não entendia por que Leo estava perguntando aquilo a ela.

— Ele foi assassinado naquela cabana onde vocês ficaram.

— Assassinado? — Meu Deus, sempre pensara que o pai de Leo havia morrido de morte natural. — Mas... Eu pensei...

— Mais precisamente, meu pai foi assassinado por uma pessoa brasileira, residente no Rio de Janeiro.

Não, não poderia ser verdade. Leo estava insinuando que ela estaria envolvida no assassinato de seu pai. Sentiu uma flechada no coração. Verbalizou seus pensamentos com grande dificuldade:

— Leonardo, você está insinuando que eu teria participação no assassinato de seu pai?

Era muita humilhação. Ser acusada de assassina pelo homem a quem entregara seu coração. Sentiu o rosto ardendo de indignação e lágrimas grossas caírem por seu rosto.

— Eu preciso acreditar que não... — Ele não terminou a frase, pois Rafaela acertou-lhe um tapa no rosto e saiu correndo em direção a seu quarto.

Ele levou a mão no rosto e sorriu aliviado. Rafaela havia ficado tão chocada, tão indignada, que ficou claro para ele que ela não fazia ideia do que estava sendo acusada. Só que havia comprado uma bela de uma briga. Rafaela jamais voltaria a ser a mesma com ele.

Ela chorou até não ter mais nenhuma gota de lágrima. Aquele cretino sem vergonha que pensasse o que bem quisesse dela. Fugiria na primeira oportunidade.

— Abra a porta, Rafaela — ele estava batendo a mais ou menos meia hora.

— Saia daqui, eu não quero mais ver sua cara nojenta — gritou.

— Não fique assim. Amanhã ou depois você terá que ver minha cara nojenta novamente, querida — ele tentou brincar.

— Está muito enganado. Eu vou embora assim que clarear o dia. Você nunca mais me verá.

— Droga — resmungou baixinho, depois sorriu. — Que bom que me preveniu, doçura, terá que voltar a ficar trancada.

Mas era uma idiota mesmo. Por que não mordera a língua? Acabara dizendo a ele que pretendia fugir, descartando, assim, todas as possibilidades que tinha. Dessa vez chorou com mais intensidade e, sem perceber, acabou dormindo.

No dia seguinte, sexta-feira, Rafaela acordou, desceu, tomou café, sua raiva havia passado um pouco. Leo não estava em lugar nenhum, nem no escritório. Pensou em procurá-lo nas cocheiras.

Precisavam conversar, agora que ela estava com a cabeça fria... Só que ao tentar abrir a porta constatou o inevitável. A porta estava trancada como ele prometera. Praguejou mil nomes feios. *Aquele desgraçado*, bufou. Tudo voltava a ser como era antes. Encontrou um bilhete dele na mesa de centro da sala.

“Acabou sua liberdade. Deveria ter sido mais esperta. Não espere por mim, ficarei o dia todo fora.”

Nada de querida, nada de doçura, podia até imaginar o semblante sério de Leonardo ao deixar o recado. Ótimo, ela amava um homem que achava que ela era bandida e assassina também, e o que ela conseguia? Acabar com a pouca confiança que, com sacrifício, conseguira obter dele.

O dia passou depressa. Apesar de Rafaela estar se sentindo um trapo, resolveu limpar a casa e lavar as roupas sujas. O dia estava terrivelmente quente e em nada lembrava a tempestade do dia anterior. Pelo meio da tarde, com tudo pronto, exercitou-se um pouco na esteira e tomou banho.

A fazenda estava insuportavelmente silenciosa. Ela sentiu um arrepio estranho percorrer-lhe o corpo dos pés a cabeça. Sabia que aquilo não era bom. Era o tipo de sentimento que precedia algo muito ruim. Que Deus protegesse sua irmã! Pediu. Ligou a televisão e fez o seu lanche na sala. Estava passando um programa sem graça e que ela não entendia quase nada, já que falavam em um espanhol muito rápido. Escureceu e ela foi para seu quarto, vestiu um pijama e se enfiou embaixo dos lençóis com um livro na mão. Sabia que Leo demoraria a chegar.

Virou-se pela milésima vez na cama. Não conseguia se concentrar na leitura, por isso decidira fechar os olhos e contar

carneirinhos como quando era criança, mas não adiantou. Estava preocupada e nervosa, para não dizer com ciúmes. O que Leo estaria fazendo até uma hora daquelas em *Bella Ciudad*? Antes ele tinha uma namorada, mas agora estava livre para fazer o que bem entendesse. Com certeza, não faltariam mulheres querendo ocupar o lugar de Valéria. Ela mesmo estava na fila de espera, concluiu amarga. Porém, era uma mulher orgulhosa que jamais confessaria ou demonstraria o que sentia por ele. Já fora rejeitada uma vez, quando tinha a idade de Fabiana, e aprendera a lição.

Lembrou-se com tristeza do fato ocorrido há anos. Ela cursava os primeiros anos da faculdade e se apaixonara perdidamente pelo rapaz mais bonito do campus. Ele demonstrara interesse nela e chegaram até se beijar, mas então ela se declarou e disse que estava apaixonada por ele. Ainda se lembrava das palavras do rapaz:

— Desculpe, querida, eu não pedi para que se apaixonasse, mas antes que isso me cause problemas, é melhor você seguir seu caminho.

E era justamente isso o que previa que aconteceria, caso fosse boba a ponto de declarar seu amor por Leonardo. Tinha uma proposta para lhe fazer... Não queria voltar para casa, então pretendia propor cuidar da fazenda ou algum emprego na usina em Uruguaiana, mas para isso precisaria da ajuda de Laura. Só de pensar na possibilidade de nunca mais ver Leonardo, seu coração doía, e como não podia nem sequer cogitar a ideia de ele vir a amá-la, já vislumbrava seu futuro, triste e sem graça. Entretanto, guardaria cada segundo dos momentos que vivera ao lado dele para se lembrar mais tarde, quando estivesse na solidão.

— Droga — resmungou ao sentir que lágrimas rolavam por sua face. — Como o amor deixa as pessoas tolas!

Fabiana e Hector chegariam domingo. Ainda restava um dia sozinha na companhia de Leo. Pretendia convidá-lo a cavalgar e fazerem um piquenique, mas depois da briga de ontem achava difícil que ele fosse concordar. Se ela não tivesse sido idiota a ponto de revelar que pretendia fugir! A verdade era que fora apenas coisa de momento, não iria a lugar algum. Se Leo achava que ela havia matado seu pai, tudo que podia fazer era negar e disfarçar a dor que aquela desconfiança lhe causava. Sorriu. Era muito bom recordar a fisionomia do rosto espantado de Leo quando lhe dera aquela bofetada. Com certeza surtira o efeito desejado, já que ele havia ficado quase meia hora batendo na porta de seu quarto querendo desculpar-se.

Leonardo olhou para o relógio de parede do restaurante, quase dez horas. Rafaela devia estar preocupada. Se pelo menos tivesse um telefone na fazenda para que pudesse telefonar avisando que tivera um jantar de última hora com um cliente. Mas era sua culpa. Se não tivesse cortado o telefone... Bem, em instantes estaria em casa. Era ridículo pensar na possibilidade de ligar para sua prisioneira e avisar que chegaria tarde.

— Ouvi dizerem por aí que se casou com uma mulher misteriosa que poucos conhecem — comentou o homem, visivelmente com pouca pressa de ir embora.

— Falando nela, deve estar ansiosa. Ela ficou sozinha na fazenda, então, se você não se importar...

— Fique á vontade, Leonardo, para quem te conhece desde pequeno como eu o conheço... Bem, nunca imaginei vê-lo preocupado com uma mulher. Aliás, seus olhos brilham quando se refere a ela. Vá garoto... Vá, antes que sua mulher pense bobagens — o homem fez um gesto de aprovação.

Leonardo dirigia com pressa para a fazenda, quando algo pelo que não esperava lhe passou pela cabeça, deixando-o atordoado. Aquela ânsia de voltar para casa e ver se Rafa passara o dia bem, a maneira como se orgulhava de dizer que ela era sua mulher, mesmo não sendo, o modo como seu coração disparara quando a vira chorar no dia anterior, a inexplicável vontade de sentir-se perdoado pelas coisas horríveis que a acusara... E, por fim, como se sentira desolado quando ela dissera que pretendia fugir, só significava uma coisa, estava perdidamente apaixonado pela primeira vez em seus quase trinta anos de idade.

Apertou as mãos, furioso no volante. Apaixonado? Só podia ser uma peça que o destino estava pregando. Em primeiro lugar, Rafaela era um enigma que ele não conseguia decifrar e, em segundo lugar, o que estava sentindo por ela jamais seria retribuído. Rafaela o odiava por tê-la privado de sua liberdade, por tê-la acusado de várias coisas, inclusive do assassinato de seu pai.

Quando estava nos portões de entrada da fazenda decidiu o que havia de ser feito. Se não fora capaz de prevenir seu coração contra aquele sentimento, agora teria que arcar com as consequências. Sobreviveria sem ela por mais que doesse. Esperaria até que Hector chegasse no domingo, e então colocaria seu plano em ação. O que não iria fazer de jeito nenhum seria confessar seu

amor e ver o deboche e o desdém no rosto de Rafaela. Seria forte... Sempre fora, desta vez não seria diferente.

Rafa ouviu quando o automóvel chegou e sentiu-se aliviada. Devia ser quase onze horas, calculou. Pelo menos, Leo estava de volta. Ouviu-o guardar o carro na garagem e abrir a porta da frente, passos na escada... Prendeu a respiração quando ele parou diante de seu quarto, mas não entrou, e seguiu para a sua própria suíte; barulho de água do chuveiro e depois silêncio total. Obviamente, ele dormia o sono dos anjos. De imediato, o sono lhe veio e ela dormiu, mas acordou com barulhos estranhos. Apurou os ouvidos. Sim, o barulho vinha dos estábulos. Sem pensar duas vezes correu para o quarto de Leo abrindo a porta sem bater. Seu coração estava acelerado e, naquela hora, ela nem se lembrou que estava no quarto do homem mais sexy do mundo. Tudo o que queria era avisá-lo de que havia algo estranho acontecendo nas cocheiras.

— Leonardo... Leo... Acorde, por favor — ela o sacudiu fortemente, pouco se importando se ele iria se zangar ou não.

— O que foi? Você não está bem? O que... — Ele estava totalmente desperto e a preocupação em seu olhar era comovente.

— Não... Não está ouvindo o barulho vindo do estábulo? Acho que estão mexendo nos cavalos...

Leonardo vestiu rapidamente uma calça jeans e uma camiseta. Parecia mais preocupado do que nunca. Desceu as escadas correndo.

— Deixe-me ir com você, Leo, pode ser perigoso — ela pediu, tremendo diante da possibilidade de vir a acontecer alguma coisa com ele.

— De jeito nenhum. Você aproveitaria a oportunidade para fugir como prometeu ontem. Não venha com esse papinho — disse, já saindo na porta e trancando pelo lado de fora.

Rafaela subiu correndo as escadas e foi para o terraço de sua suíte de onde podia ver com perfeição os estábulos. Leo havia ascendido todas as luzes e estava voltando com ar transtornado no rosto másculo. Alguma coisa estava muito errada. Novamente ela desceu as escadas correndo e chegou à sala ao mesmo tempo que ele.

— O que aconteceu? — Perguntou, vendo o rosto contraído.

— Picasso está se rolando no chão... Parece não estar nada bem. Foi esse o barulho que você escutou. Ele estava se debatendo.

— Oh não... O veterinário — ela pôs a mão na boca, enquanto ele discava alguns números rapidamente no celular.

— Inferno! Será que todo mundo desliga o celular à noite?

Rafaela entendia perfeitamente o desespero de Leo. O veterinário estava em Montevideú. Estavam num povoado sem recursos e o helicóptero estava em São Paulo. Não havia tempo para chamar um veterinário, mesmo que fosse da cidade mais próxima.

— Eu posso ajudá-lo, Leo...

— Oh, cale a boca! Você não está preocupada com Picasso, tudo o que quer é fugir daqui.

Rafaela controlou-se, tentando não levar para o lado pessoal. Sabia que ele estava muito nervoso, mas também sabia que ela era a única que poderia ajudar. Era óbvio que ele nem fazia ideia do que estava acontecendo com seu animal caríssimo, mas ela sabia e não desistiria sem lutar.

— Leonardo, se você quer que seu animal se salve, não pode deixá-lo deitado. Com certeza ele está com cólica e precisa se movimentar...

— O que... Como sabe?

— Depois eu explico... Leo, nós estamos perdendo tempo. Pelo que há de mais sagrado, deixe-me ajudá-lo.

— Vamos — ele cedeu e saíram correndo porta afora. Rafa com o coração aos saltos.

Picasso estava deitado no piso do estábulo. A imagem era dolorosa até de se ver.

— Levante-o — ordenou. — Confie em mim, Leo, e faça tudo que eu mandar. Levante Picasso e comece a troteá-lo de forma lenta e contínua, não deixe-o parar.

Leonardo levou o cavalo para fora e fez o que ela havia dito.

— Dê-me o celular, por favor — ela pediu, caminhando ao lado dele para que não parasse de puxar o cavalo.

— Para quê? — Perguntou desconfiado.

— Vou ligar para Javier e pedir para que me passe as instruções, preciso que alguém me oriente...

— Mas...

— Quietos. Depois eu lhe direi tudo o que precisa saber. Por enquanto, apenas confie em mim, só isso — ela pegou o celular e discou o número, fazendo uma oração silenciosa enquanto chamava. Nunca havia feito aquilo antes, mas havia assistido uma aula e, com a graça de Deus, salvaria o animal.

— Alô — uma voz de quem estava dormindo e perturbado por ser acordado atendeu ao telefone.

— É a mulher de Leonardo... — Identificou-se —... Javier, Picasso está passando mal... Está com cólica. Vou precisar que você me diga o que tenho que fazer, através do telefone — ela procurou ser simples e objetiva. — Não temos alternativa, e eu sou quase formada em veterinária.

— Que Deus nos dê graça — ele pediu e passou-lhe o nome de um remédio que ela deveria injetar no cavalo.

Colocou o aparelho no viva-voz e largou-o em um banquinho próximo. Lavou as mãos com bastante água e sabão e gritou para Leo trazer o cavalo. Injetou o conteúdo da seringa em Picasso. Segundo Javier, o remédio era para que o cavalo parasse de sentir dor e dessa forma parar de contrair o estômago. Cada vez que o cavalo contraía, o alimento se empedraria mais e ficaria mais difícil.

Aproximadamente quinze minutos depois, após a injeção de vários outros remédios para diminuir a dor, recebeu instruções para ferver bastante água e providenciar uma mangueira de jardim, já que não havia a mangueira especial para essa ocasião. Sem um único comentário, Leo se encarregou de providenciar tudo. Em instantes, voltou de uma salinha dentro do galpão com a mangueira e uma panela enorme com água fervente.

O cavalo estava amarrado pelo buçal em um palanque central de forma que não conseguisse deitar, mas, vez ou outra, as pernas fraquejavam como se fosse cair.

— E agora, Javier? — Ela perguntou, tentando esconder o tremor na voz.

— Coloque a mangueira na água fervendo até que ela fique macia.

Foi o que ela fez e, em seguida, veio a pior parte. Teria que introduzir aquela mangueira pela narina do animal e levá-la até o estômago para retirar o ar. Foi doloroso demais. Por duas vezes a mangueira entrou pelo lado errado e o sangue pingava no chão do galpão. O animal, sempre tão agitado, agora estava terrivelmente quieto, parecendo suplicar para que ela terminasse com seu sofrimento. Leo não mencionou uma única palavra e parecia sentir tudo o que seu cavalo estava sentindo. Sim, Rafaela salvaria aquele animal. Finalmente conseguiu seu objetivo e respirou aliviada. De alguma forma, estava funcionando. Barulhos estranhos começaram a ser ouvidos da barriga do garanhão. Rafaela encostou a cabeça na barriga de Picasso e olhou para Leo que a encarava esperançoso.

— O organismo está começando a trabalhar novamente... Devagar, mas está progredindo — deu um tapinha no lombo do animal. — Muito bem, garoto.

— Ele ainda não me parece bem — falou Leo com a testa enrugada, e foi Javier quem o encorajou.

— Calma, meu amigo, os procedimentos ainda não acabaram.

— Não? — Perguntaram Leo e Rafa ao mesmo tempo.

— Não... Acho que o pior já passou. Se vocês ouvem barulhos na barriga dele é porque está dando certo. Agora você precisa desintoxicá-lo, devido ao tanto de remédio que foi injetado nele por conta da dor.

— Ótimo — ela se encaminhou para o armário onde eram guardados os remédios. Felizmente, alguém, provavelmente Javier, havia tomado os cuidados necessários, e todos os remédios que ele citou estavam ali.

Depois da desintoxicação veio a parte do soro. Segurando nas mãos várias bolsas de soro, largou-as em uma caixa de isopor. Espetou a agulha na veia do cavalo e pediu para que Leo colocasse a bolsa de soro de forma que ficasse bem acima do animal. Suspirou, e agradeceu aos céus, Picasso estava visivelmente melhor, apesar de fraco; o soro devolveria parte das forças que havia perdido nas últimas horas.

— Javier — chamou bocejando. — Você está aí?

— Claro, deu certo? — Ele perguntou.

— Não sei como lhe agradecer. Picasso está reagindo muito bem. Acabei de colocar a terceira bolsa de soro nele. Eu sei que é pedir demais, mas será que poderia interromper sua folga e vir amanhã conferir como está o cavalo? — Olhou para Leo que assentiu.

— Mas, é claro. Eu nem pensaria em ficar aqui, sabendo que o nosso meninão não está muito bem — ele sorriu aliviado também. — Fique tranquilo, Leonardo, pela manhã estarei aí.

Rafaela olhou para o relógio. *Meu Deus, não fazia ideia que já era tão tarde!* Não havia reparado nas horas enquanto estivera envolvida. Era quase três da madrugada.

— O que eu faço quando acabar a etapa do soro? — Perguntou.

— A parte do soro é mais tranquila. Devem sentar-se e esperar. O ideal é que seja colocado dez litros. Vai demorar um pouquinho, mas é necessário. Depois, o serviço está feito, então é só levá-lo para pastar um pouco e torcer que tudo continue bem... O resto é comigo, amanhã... Temos soro suficiente aí?

Leo contou as bolsas na caixa de isopor. — Sim, já foram colocadas quatro — disse, observando os pingos de soro caírem lentamente e agradeceu a Deus por seu cavalo ter sobrevivido. Talvez fosse cedo para comemorar, mas tinha quase certeza que ele ficaria bem... E que jamais seria grato o suficiente por Rafaela ter salvado seu cavalo.

— Muito bem. Parabéns pela sua mulher, ela foi espetacular. Não sei por que não mencionou antes que ela era veterinária — ele disse e desligou.

— Você merece todos os aplausos, obrigado — disse virando-se para Rafa. — Eu fui um idiota, quase não permitindo que você viesse comigo. Se não estivesse aqui, Picasso poderia estar morto á essa hora — ele tinha vontade de apertá-la nos braços, mesmo ela estando com o pijama todo sujo de sangue, mas não tinha coragem. Fora um crápula duvidando dela.

— Pelo menos, agora sabe que eu não estava mentindo quando disse que havia cursado a faculdade de veterinária...

— É... e que hora mais propícia para que eu acreditasse, não apenas em palavras, mas em provas. Mais uma vez obrigado, Rafaela.

— Eu não teria conseguido sem você — ela disse, sendo sincera.

Sentiu-se solidária com Leo. Ele parecia desarmado, como se nada mais fizesse sentido. Estava claro em seu olhar e em suas maneiras. Rafa achou que ele fosse abraçá-la ou até beijá-la, mas ele não o fez, provavelmente por estar se sentindo perdido.

Ainda não estava pronto para colocar seus sentimentos em ordem, pois estava preocupado demais com Picasso, mas sabia que

mais tarde, bem mais tarde, analisaria tudo o que estava sentindo. Pelo menos, podia se alegrar com um fato simples, mas que o fazia sentir-se um homem honesto ou menos canalha. Havia confessado a si mesmo que estava apaixonado por Rafaela antes de ela ter salvado a vida de seu cavalo, o que, aliás, fizera com uma dedicação comovente. Se tivesse descoberto esse fato horas mais tarde, nunca saberia dizer se seu amor era verdadeiro ou apenas gratidão. Era pouco, mas já servia para encorajá-lo a sorrir para a mulher que descobrira horas antes, amava. Ela retribuiu o sorriso e, para quebrar o silêncio, ele se levantou e foi em direção a porta do estábulo.

— Vou preparar um café para nós.

— Leo... — Ela chamou. — Fique aqui comigo, não quero ficar sozinha — pediu.

— Claro, querida. Tem uma cozinha aqui no galpão — falou, apontando para uma porta á sua esquerda. — Se não se importar...

— Eu não me importo. Vou ficar aqui com Picasso — ela sorriu, olhando para o animal que estava começando a ficar inquieto como era seu habitual. — Ele vai ficar ótimo, novamente.

— Vai sim — talvez quem nunca mais voltaria a ficar ótimo novamente seria ele, pensou, encaminhando-se para a pequena cozinha.

Encontrou uma chaleira e pôs água a ferver. Abrindo o armário encontrou café instantâneo e açúcar, e pegou duas canecas. Se tivesse ido até a casa poderia fazer melhor e trazer leite e *galletas*, mas não podia negar um pedido tão carinhoso para que não a deixasse sozinha. Voltou trazendo um café forte e fumegante. Ela sorveu um gole.

— Tomei a liberdade de preparar seu café. Achei que Picasso poderia se assustar se eu trouxesse a bandeja e tudo mais.

— Obrigada, está ótimo — ela sorveu mais um gole e sentou-se em cima de um monte de sacos de ração. — Foi complicado, Leo, achei que não iria conseguir. Já agradei a Deus várias vezes, eu nunca havia feito isso antes.

— Como assim, você não é veterinária? — Ele perguntou, sentando-se ao lado dela com a caneca fumegante nas mãos.

— Sim, mas eu não me especializei nessa área... Ainda.

— Então, era verdade o tempo todo... Você estava falando a verdade quando disse aos meus amigos em Gramado que era veterinária, e quando disse que gostava de cavalos — ele baixou a cabeça, depois olhou-a e sorriu como se lembrasse de algo.

— O que foi? — Quis saber.

— Agora vai ser mais difícil manter os curiosos à distância, quando souberem que minha mulher salvou a vida do meu cavalo de prova, o mais caro.

— Você pode alegar que sua mulher é tímida e que não gosta de aparecer... Ou pode dizer que ela gosta tanto da fazenda que não sente vontade de sair...

— E ela é assim mesmo? — Perguntou interessado.

— Quem? — Ele estava perguntando se ela era tímida e se ela gostava da fazenda a ponto de não querer sair? Essa era a verdade, mas ela não era a mulher dele.

— Minha mulher... Nesse caso, você — ele segurou-lhe a mão e sentiu que ela se retraía. Obviamente sentia-se enojada por ele estar sendo todo gentil agora, quando horas atrás a havia mandado calar a boca.

— Eu gosto daqui — foi uma resposta evasiva, concluiu ele.
— Mas não posso dizer que sou tímida, seria apenas uma desculpa mesmo.

— Você gostaria de ir á cidade de vez em quando? — Ele perguntou, querendo morder a língua em seguida. Estava agindo de forma horrível. Rafaela, na certa, estaria pensando que ele estava sendo tão gentil porque se sentia devedor em relação á ela, mas não era verdade, sentia-se grato sim, mas queria poder enxergar-lhe o coração e ver se havia pelo menos um lugarzinho para ele.

Rafaela se perguntou o que ele pretendia perguntando isso e sendo tão carinhoso com ela. Não havia esquecido a mágoa que sentira ao ouvi-lo mandá-la calar a boca, e não era só isso, não queria sua gratidão. O que ela queria ele não estaria disposto a dar. Queria muito mais que gratidão, queria seu amor, e como não poderia tê-lo não se contentaria com nada menos.

— Para ser sincera, não. Não gostaria de ir a *Bella Ciudad*... Só imagino como as pessoas me olhariam depois de tudo o que acusaram sobre mim e minha irmã.

— É... acho que elas estavam erradas...

— Oh não, não me venha com isso agora... — Ela estava indignada, tentara de todas as formas fazer com que ele confiasse nela e acreditasse em suas palavras, e agora, só porque ela salvara seu cavalo? Não... Isso não. —... Se quiser que eu continue a pensar em você como um homem de caráter, é melhor não continuar essa conversa.

Era exatamente o que previra. Para ele não havia mais muitas dúvidas, não sabia bem o por que e nem quando, mas passara a acreditar que ela e a irmã, de alguma forma, eram

inocentes, por mais improvável que pudesse parecer, e tinha certeza que não era por causa de Picasso. Pensando melhor, achava que havia chegado a essa conclusão quando admitira para si mesmo que a amava.

Ela levantou-se e colocou a caneca no chão.

— Onde vai? — Ele perguntou, levantando-se também.

— Acabou o último soro. Vamos levá-lo para comer um pouco de pasto como Javier sugeriu; aliás, bendita tecnologia não é? Imagine o que faríamos se Javier não nos tivesse orientado pelo celular sobre o que fazer.

— Concordo. Posso levá-lo? — Perguntou, segurando as rédeas do animal.

— À vontade — ela sorriu e acariciou o garanhão que estava bem mais animado.

Ele pastou mansamente e os dois se entreolharam agradecendo silenciosamente aos céus.

— Ele está ótimo. Vamos soltá-lo aqui onde poderá pastar quanto quiser. Daqui a pouco viremos dar uma olhada no nosso amigo... Ele ficará bem — acrescentou, percebendo a relutância de Leo.

Ele acariciou Picasso e retirou o cabresto, soltando-o. Picasso caminhou mansamente, parando seguidamente para arrancar o pasto rente ao chão parecendo nunca ter passado por aquelas horas de sufoco. Aquele típico barulhinho do animal ruminando era como um canto suave aos ouvidos de Rafaela e Leo.

— Precisa de um banho — disse Leonardo, e pela primeira vez, Rafa se deu conta que estava com o pijama imprestável.

— É... Eu preciso de um banho — os dois voltaram para casa de mãos dadas num acordo silencioso.

Para Rafa, era um momento que ela jamais esqueceria, mas Leo não conseguia perceber o que se passava com ela, e interpretou seu leve tremor como asco de seu contato, ainda assim não retirou os dedos entrelaçados aos dela porque talvez não voltaria a ter outra chance.

Depois de tomar um longo banho, que milagrosamente a fez relaxar, Rafaela desceu as escadas. Sabia que Leonardo a esperava, além do mais, perdera completamente o sono e não pretendia deixar de observar como estava Picasso.

— Sente-se aqui — Leo bateu no lugar vazio do sofá onde estava sentado. — Preparei um lanche para nós comermos.

Ele havia feito sanduíches, que ela aceitou com prazer. O trabalho cansativo a deixara faminta.

— E então, o que você acha que aconteceu com Picasso para que ele tivesse essa cólica do nada? — Rafaela perguntou.

— Diga-me você, não sou eu o veterinário, aliás, estou sentindo-me um idiota por ter duvidado todo esse tempo de você...

— Ainda bem que reconhece. Na verdade, eu nunca cheguei a mencionar para você que eu havia cursado a faculdade de veterinária. A única vez que insinuei alguma coisa foi no coquetel em Gramado, mas você riu da minha cara. Além do mais, isso não faz diferença nenhuma...

— Como não? Você é quase especialista em cavalos, acho um tanto improvável que uma pessoa com seu grau de inteligência seja capaz de cometer...

— Já pedi para parar com essa conversa, Leonardo, mesmo que eu seja uma veterinária, isso não prova nada. Eu continuo sem poder provar todo o resto e... Não acredito que você esteja realmente me considerando inocente.

Droga, o que estava acontecendo com ela? Leonardo se mostrava compreensivo e até tentou dizer-lhe que a considerava inocente, e ela ficava fugindo do assunto e induzindo-o a pensar que ela tinha mesmo culpa no cartório. Apesar de estar se perguntando, sabia muito bem as repostas. Tinha medo de ter que deixá-lo, porque era exatamente isso que aconteceria se Leonardo a considerasse inocente. Ele a libertaria para voltar para casa.

— Tudo bem, Rafa, na verdade, eu prefiro vê-la como bandida mesmo. Seria muito triste se, de repente, eu descobrisse que estive cometendo uma injustiça durante todo esse tempo — ele sorriu amargo e mudou de assunto. — Por que você acha que Picasso teve cólica?

— É bem provável que ele tenha sido alimentado quando ainda estava com o corpo quente dos exercícios, o que eu não entendo é que, se Javier não estava, quem...

— Javier deixou um de meus empregados em seu lugar, na verdade, o rapaz não entende nada sobre cavalos... Está explicado, provavelmente Picasso estava suado por ser inquieto e estar solto, e o rapaz deu-lhe ração mesmo assim, e quase me mata o cavalo — balançou a cabeça contrariado. — Culpa minha, se eu tivesse acreditado em você poderia pedir para que tomasse conta, enquanto Javier e eu não estávamos.

— Tarde demais... Vamos ver como ele está?

Quando voltaram, se atirou na cama e dormiu. Quando acordou estava meio perdida, olhou para o relógio e boquiaberta constatou que era cinco horas da tarde. Esfregou os olhos e apressou-se para o banheiro. Depois de um banho sentiu-se bem melhor, apesar de sua cabeça estar doendo bastante.

— Dormiu bastante. Eu estava preparando-me para subir e acordá-la, mas achei que não seria bem-vindo — Leo sorriu, parecendo tão cansado quanto ela.

— Você não dormiu? — Rafa perguntou, notando a barba por fazer.

— Acordei as três da tarde. O barulho do jipe de Javier me acordou. Ele já está cuidando de Picasso, mas me garantiu que está tudo perfeito e que ele poderá continuar treinando para as provas.

— Isso é realmente uma notícia boa.

— Eu pretendia levá-la a algum lugar para agradecer pelo que fez, mas acho que... Bem, baseado no que me disse ontem, acho que não vai aceitar...

O homem que amava estava se oferecendo para levá-la a algum lugar, por que não? Ele não precisava ficar sabendo que ela o amava, mas também nada a impedia de passar um dia inesquecível com ele. Com certeza, mais tarde precisaria daquelas lembranças para aplacar os anos de solidão que a esperava.

— Eu aceito, depois da noite de ontem será maravilhoso relaxar um pouco.

Leonardo ficou mais que surpreso. Esperava que Rafaela fosse dispensar seu convite, no instante seguinte, qual não foi sua surpresa, quando ela aceitou com um sorriso. Entretanto, ela deixara claro que só aceitava porque precisava relaxar e não porque

apreciasse sua companhia. Pretendia fazê-la passar momentos inesquecíveis, depois de tudo que a havia feito passar trancada naquela fazenda. Se fosse necessário, ele mesmo arranjaría as provas de sua inocência para vê-la tranquila.

— Para onde vamos?

— Surpresa. Corra e troque de roupa, porque hoje, a noite será especial.

VIII

Chegaram ao local quando já anoitecia e Rafa ficou estupefata. Se Leo dissera que a noite seria especial, então faria o possível para esquecer que tudo aquilo era gratidão. O lugar onde ele a levou era maravilhoso, já a primeira vista. Durante todo o trajeto não conversaram muito, e Rafa preferiu nem saber para que lugar a estava levando, mas agora tinha que admitir que ele tinha escolhido um lugar perfeito para jantar.

Era uma espécie de restaurante que Rafa nunca tinha visto na vida. Havia um chalé redondo grande onde ficava a cozinha e o bar, e outros vários espaços semelhantes só que menores e, apesar de serem cobertos, não tinham paredes. Leonardo escolheu um com vista para o lago artificial, aliás, o único que restava, porque os demais estavam ocupados, e ela calculou que ele havia ligado e feito reserva. Havia uma mesa e duas cadeiras e, em um canto, um sofá vermelho do tamanho de uma cama. Parecia irreal. O local era aconchegante e uma música suave vinha de algum lugar, Rafa não conseguia identificar de onde.

Acomodaram-se naquele sofá diferente e Leonardo apertou o botão de um aparelho na mesinha ao lado, depois de verificar a carta de vinhos.

— Por favor, tragam o melhor vinho da casa para o chalé com vista para o lago.

Rafaela arqueou uma sobrancelha involuntariamente, imitando o costumeiro gesto de surpresa feito por Leo.

— Estou impressionada. Depois de frequentar vários lugares sofisticados no Rio, não imaginava encontrar nesse povoadinho do Uruguai um lugar tão atual como esse, em que se pede o vinho e o cardápio por meio de um interfone.

— Pois é... Que bom que consegui impressioná-la.

Um garçom uniformizado apareceu trazendo uma bandeja com duas taças de vinho e alguns salgadinhos.

Aquela música suave a fazia sonhar acordada. Estava diante do homem mais lindo que já conhecera, e não era apenas isso, aquele homem magnífico era o homem por quem estava apaixonada, a quem havia entregado seu coração. Leonardo alcançou-lhe a taça de vinho e, com um sorriso sincero, brindou:

— Ao nosso futuro — quem sabia o que o futuro poderia reservar?

Ela pareceu surpresa, ainda assim levantou sua taça para um brinde. Na penumbra, pôde perceber um brilho diferente nos olhos de Leo. Será que sentia o mesmo que ela? Impossível.

— Pode escolher o que vai pedir para o jantar, confio em sua escolha — disse, vendo que o garçom continuava a espera.

— Bem... Adoro lasanha, acha que é pouco sofisticado? — Perguntou, tentando disfarçar o leve tremor nas mãos. O simples fato de estar tão perto do homem que amava a deixava nervosa, com medo de suas próprias reações.

— De jeito nenhum, também gosto de lasanha; aliás, sua escolha foi ótima, nunca duvidei que tivesse bom gosto.

Não podia contrariá-lo nessa parte. Tinha muito bom gosto, fora exatamente por isso que se apaixonara por alguém tão interessante quanto ele. Depois de fazer o pedido, Leo aproximou-se

mais que o necessário no sofá vermelho e segurou sua mão, acariciando levemente e fazendo-a estremecer. Olhou-a nos olhos e com voz rouca declarou:

— Você é linda, Rafaela, nunca havia parado para pensar, mas deve ter um homem a sua espera, no Rio — só de pensar nessa possibilidade tinha vontade de socar o tal homem que nem sequer conhecia.

— Não... Não há homem algum... — Gaguejou.

— Isso é uma informação valiosa — seus olhos brilharam e, sem pensar, aproximou-se devagar para o caso de Rafa o desprezar, mas ela não o fez e, então, Leo continuou o trajeto até seus lábios se encaixarem para um beijo urgente e apaixonado.

Ela era doce e meiga, nunca conseguiria entender porque Rafa o beijava como se ele fosse o último homem da face da Terra, com uma urgência desesperadora. Ele tinha vontade de beijá-la o tempo todo, mas sabia que isso acontecia porque a amava e a queria em sua vida para sempre, mas Rafaela o odiava, achava que ele era um miserável e com toda razão. Então, por que cargas d'água retribuía seu beijo com tanto ardor? A resposta lhe veio certa e dolorosa. Certa vez, Valéria lhe dissera que era fácil para qualquer mulher beijá-lo, pois ele era muito atraente, entretanto, não queria dizer que essa mulher sequer gostasse dele, o que era seu caso, claro. Só que, com Valéria não se importara, já com Rafaela era diferente, não queria que ela apenas gostasse de beijá-lo porque era atraente, mas porque também o amava. Parou abruptamente e resolveu perguntar para ter certeza e parar de se torturar.

— Seja sincera comigo, Rafaela, por que você retribui ao meu beijo dessa forma? Por acaso, você gosta um pouquinho sequer

de mim?

Droga, se ela falasse o que realmente sentia, com certeza Leonardo a mandaria embora no dia seguinte, além de rir dela por ser tão idiota; não, jamais falaria a verdade.

— Eu já disse uma vez que você é muito bonito, não disse? Então, por que não aproveitar o beijo de um belo homem. Sou uma mulher de carne e osso que aprecia a companhia de um homem atraente, só isso.

— Ótimo — suas piores suspeitas haviam sido confirmadas pela boca daquela mulher linda a quem havia entregado seu coração. — Eu posso dizer o mesmo, gosto de beijar mulheres bonitas, e nos últimos meses, você vem tentando-me, andando pela minha casa como se ela lhe pertencesse, acho que estou no direito de pelo menos me divertir.

Apesar de ele estar repetindo suas palavras, doeu demais saber que tudo o que Leo queria era diversão. Retesou-se pronta para voltar a ser a Rafaela distante que estava tentando ser desde que descobrira seu amor por aquele mulherengo.

— Ei, eu não quis ofendê-la, Rafinha... — Disse baixinho, fazendo um carinho em seu pescoço antes de depositar um beijinho inocente. — Você não é qualquer uma, você é especial e acho que nunca mais...

O garçom trouxe os pratos colocando-os na mesa e quebrando o clima que se havia estabelecido entre os dois. E Rafaela jamais saberia o que ele iria falar sobre nunca mais... Alguma coisa.

Jantaram em silêncio. Rafa tinha medo de abrir a boca e confessar que estava apaixonada e que não queria ir embora, então, era melhor ficar calada. Não queria ser alvo de risos da parte de

Leo. Após jantarem ele olhou para o relógio, certamente estava na hora de voltar à realidade. Um frio percorreu sua espinha, não eram necessárias palavras para saber que aquele jantar era um adeus.

Com um sorriso maroto nos lábios, Leonardo falou:

— Ficaria muito feliz se você não me esquecesse — droga, lá estava ele novamente falando sem pensar, Rafaela já deixara bem claro que não sentia absolutamente nada por ele.

Mas, no fundo, esperava que ela dissesse que não iria esquecê-lo, e a expressão de seu rosto confirmou o que ele mais temia.

— Mesmo que eu quisesse, não conseguiria esquecer.

A dor que se estampou em seu rosto foi evidente, até para si mesma. Não conseguira controlar; o fato era que, pelo menos isso, ele precisava ficar sabendo. Jamais esqueceria Leonardo, e já começava a vislumbrar seu futuro com apenas as lembranças que restariam dele. Era tudo com o que podia contar.

Entretanto, para Leonardo, a dor que vira no rosto dela tinha um significado bem diferente. Interpretou as palavras dela erroneamente. Para ele, Rafa jamais poderia esquecê-lo, pois sofreu demais ao ser mantida presa sem merecer. Com certeza, se lembraria dele com ódio, como um homem cruel que não merecia perdão. Puxou-a para perto de si e a beijou com paixão, como se através daquele gesto pudesse pedir-lhe perdão.

— Eu preciso que você me perdoe — pediu, olhando-a profundamente em seus olhos e, por um momento, Rafa chegou a vislumbrar algo parecido com o que gostaria que ele sentisse, mas, então, a verdade lhe atingiu em cheio. Leonardo era perspicaz e

sabia ser gentil quando queria alguma coisa. Desvencilhou-se dele com raiva, não queria ser usada e não admitiria isso tampouco.

— Por que está pedindo perdão, Leonardo?

— Não é óbvio? — Ele encarou-a. — Eu errei durante todo esse tempo, julguei você e sua irmã de forma errada, e estou arrependido... Eu sei que não mereço o seu perdão, mas por favor... De-me uma chance...

— Você está querendo dizer que, de repente, descobriu que eu não sou tudo aquilo de que me acusou? Ótimo, e o que pretende fazer? Mandar-me embora, de volta para o Rio, como se eu fosse uma encomenda?

Sabia que estava gritando, mas não conseguia se controlar diante do que estava acontecendo. Estava prestes a ser libertada e teria que voltar para sua casa e dar adeus ao amor de sua vida, isso aconteceria mais cedo ou mais tarde, mas não pensara que esse dia chegaria tão rápido.

Com a descoberta de que o dinheiro que tinham era falso, não havia a menor chance de continuarem uma viagem. Mas não era apenas a questão do dinheiro, na verdade, nada mais faria sentido longe de Leo, ainda mais se tivesse que voltar para casa. Além do mais, Antônio Donnelly, que já agia como um louco antes delas viajarem, se sentiria no direito de ser ainda pior com a constatação de que suas protegidas não sabiam cuidar de si mesmas, exatamente como ele sempre fizera questão de frisar.

Olhou com seriedade para Leo.

— Pois eu sei exatamente o que você quer. Trouxe-me para esse lugar lindo, me serviu uma comida deliciosa e me beijou como se eu fosse a mulher que você ama. Tudo isso com um único

objetivo... Queria que eu o perdoasse para não se sentir culpado e, principalmente, por medo de ir preso, porque é isso que acontecerá se eu resolver denunciá-lo... Até consigo visualizar as manchetes: *o milionário Leonardo Martins é preso após ser acusado de manter sob cárcere privado as filhas do senhor...* — Calou-se de imediato. Céus! Por pouco não havia revelado o segredo que guardara durante uma vida inteira.

— Continue... As filhas do senhor...?

— Não interessa. Você é um canalha mesmo. Mas pode ficar sossegado, quando chegarmos em casa podemos nos sentar e entrar num acordo.

— Em casa? — Bem que ele gostaria que ela se referisse à fazenda como sua casa.

— Você entendeu. Por falar nisso, vamos? De repente, comecei a ficar entediada.

Leonardo tentou segurá-la pelo pulso e, apesar de ela estar tentada a deixar que ele a tocasse, retirou a mão, pois naquele momento sua raiva era maior.

— Por favor, me ouça Rafa, eu não sei quem você é de verdade. Pode ser que você seja mesmo a criminosa que eu pensei que fosse de início... Eu não sei, estou confuso, gostaria que me esclarecesse as coisas, quem sabe assim ficaria mais fácil para nós dois. É inegável que você guarda um segredo muito importante, do contrário, por que se negaria a dizer quem são seus pais? Foi exatamente por isso que cogitei a hipótese de você e sua irmã terem algo a ver com o assassinato do meu pai.

Dessa vez, Rafa fitou-o com expressão mais amigável. Com certeza, ele sofria com a morte do pai; com certeza, seu

relacionamento com ele não era semelhante ao que tinha com Antônio Donnelly, um homem que apesar de tê-la colocado no mundo, pouco sabia sobre ele.

— Leo... — Ela aproximou-se dele e segurou-lhe a mão. — Como foi que isso aconteceu? Tem alguém cuidando do caso para descobrir quem fez essa maldade?

— Nós não sabemos ao certo como ou porque isso aconteceu. Na verdade, meu pai andava meio estranho nos dias que precederam sua morte. Ele viajou às pressas para o Rio de Janeiro e quando voltou parecia outra pessoa, estava feliz da vida e com ares de que em breve algo muito bom aconteceria. Nós pensamos que se tratava de negócios, mas há poucos dias ficamos sabendo através do investigador que ele nunca esteve em nenhuma reunião de negócios como nos disse — ele baixou a cabeça com olhar triste. Era doloroso demais falar sobre aquele assunto. — Mas, enfim, ele me procurou e pediu para que eu cuidasse de mamãe e de Hector, e que não deixasse que nada de mal acontecesse ao povo de *Bella ciudad*. Eu deveria ter imaginado que ele esperava pelo pior... Poucos dias depois, ele foi para a fazenda. Como *papá* sempre ligava à noite, estranhamos quando isso não aconteceu. Viajamos para a fazenda e não o encontramos, então começamos uma busca e fomos achá-lo morto com um tiro naquela cabana... Foi horrível. Temos um ótimo investigador no caso, mas, até agora, pouca coisa se sabe. Nossa única esperança é que Wagner trabalha em uma das melhores empresas de investigação do Brasil. Essa companhia trabalha em equipe com todos os profissionais da área. Todas as investigações são transferidas em detalhes para um programa seguro, e inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, um quebra-cabeça se

encaixa quando se trata das mesmas pessoas e dos mesmos casos, e então bingo, tudo se esclarece. É o que esperamos que aconteça... Apesar de saber que nada o trará de volta.

— Eu... Sinto muito, e agora consigo compreender como se sentiu quando todas as suspeitas caíam sobre mim e minha meia-irmã. Foi por isso que nos levou para aquela cabana? Para ver como reagiríamos?

Ele meneou a cabeça assentindo.

— Espere... Você disse minha meia-irmã? Fabiana não é sua irmã de pai e mãe?

Mais uma de suas deslizadas. Bastara sentir a dor nos olhos do homem que amava para começar a falar as coisas sem pensar. Bem, não faria mal confessar.

— Sim, eu e Fabiana somos filhas de mães diferentes.

— A mãe de Fabiana roubou seu pai de sua mãe? Eu não entendo... Porque vocês duas se acertam tão bem se...

— Não é nada disso, e não tente adivinhar, porque de minha boca você não saberá mais nada, espero que entenda.

— Não, eu não entendo, mas gostaria muito que você me perdoasse. Eu não tenho medo de ir preso, nem das manchetes que possam sair ao meu respeito... Meu pai me ensinou que quando uma pessoa erra tem que reconhecer, e é o que estou tentando fazer.

— Pode esperar sentado, querido Leonardo Martins, porque eu não vou aliviar sua consciência — disse, levantando-se e pegando sua bolsa.

Chegaram na fazenda por volta da meia-noite e antes de entrarem foram dar uma olhadinha em Picasso que estava tranquilo em sua cocheira, havia um recado do veterinário dizendo que estava tudo bem e que dali há alguns dias o cavalo voltaria a treinar. Leonardo havia trancado a cara e nem parecia o mesmo homem do jantar.

Ótimo, ele fizera papel de palhaço! Levara Rafaela para jantar em um dos lugares mais aconchegantes da região, a beijara com paixão, quase implorara para que ela não o esquecesse e por pouco não pronunciou a frase EU TE AMO, e ela nem sequer se dera o trabalho de tentar entender como ele se sentia com tudo que estava acontecendo; a verdade é que nem mesmo ele conseguia se entender. Tudo bem que considerava agora que errara e que ela era inocente, mas não sabia se essa era a conclusão verdadeira ou se passara a pensar assim porque estava apaixonado. Inferno, sua vida estava de cabeça para baixo. Por via das dúvidas, era melhor se manter longe daquela feiticeira. Devia ser proibido amar tanto assim uma mulher que ao menos se dignava a lhe conceder o perdão.

— Queria entrar num acordo? — Perguntou, tentando disfarçar a ansiedade quando adentrou a porta principal da fazenda.

— Hoje não, Leonardo, amanhã nós conversamos. Estou cansada e com uma dor de cabeça horrível — não era mentira, tudo o que queria era deitar em sua cama confortável e esquecer os problemas, mesmo que momentaneamente.

No dia seguinte acordou com um alvoroço. Não podia ser outra pessoa a não ser sua irmã. Ela entrou no quarto toda agitada.

— Ainda está dormindo, Rafinha? Vamos, saia dessa cama que o dia está lindo e tenho montes de novidades para lhe contar.

— Venha aqui me dar um abraço. Senti sua falta, maninha —
Rafa abraçou a irmã com carinho. Era muito bom tê-la por perto novamente. — Conte-me, como Hector se saiu no campeonato?

— Ganhou, como já era esperado, pena que não pude estar com ele na entrega do troféu.

— E por que não?

— Estavam filmando, e não quisemos correr o risco de alguém me filmar. Leonardo, na certa, ficaria furioso.

— Muita coisa aconteceu desde o dia que vocês viajaram. Leo já não é mais o mesmo. Agora ele tem quase certeza de que somos inocentes.

Fabiana sentou-se na beira da cama e pôs as mãos na cabeça, como se seu mundo estivesse desabando.

— Isso não é bom... Rafa, você não está pensando em denunciá-lo, está? Olhe, eu sei que você quer ir embora, mas pense em Hector, além do mais, Leo não foi tão mau assim.

— Eu estou com tanta vontade de ir embora quanto você, querida...

— Você também não quer voltar? — Perguntou, sem entender. — Acho que sei o porquê, e acho também que você não vai denunciar Leo, mas tudo bem, fique tranquila. Eu não contarei a ninguém que está apaixonada.

— Fabiana! De onde tirou essa ideia? Só pode estar louca...

Ela mudou de assunto bruscamente, baixando a voz até parecer um sussurro:

— Precisamos conversar em algum lugar longe daqui. Talvez possamos cavalgar à tarde, apesar de não ser meu esporte favorito.

— Deve ser mesmo importante para você sugerir cavalgar — apesar de usar um tom brincalhão, Rafa reconhecia que, pelo olhar sério da irmã, algo importante havia acontecido.

— Mas não espere nada animador. As notícias não são boas... No momento é tudo que posso dizer. Vamos dar um jeito de sair sem levantar suspeitas, e eu te conto com detalhes os desastres ocorridos.

Rafa arrepiou-se. Fabiana não era uma pessoa que perdia o entusiasmo facilmente e, se estava sendo tão séria, era porque algo estava errado. Teria que se conter até à tarde, o que não seria nada fácil.

Depois do almoço, Fabiana se aproximou de Leonardo, que lia com falso interesse um jornal na sala. Encontrava-se sentado num dos sofás com as pernas em cima da mesinha de centro.

— Olá, Leonardo, parece que não ficou muito satisfeito com a nossa volta... Se quisesse ficar mais uns dias sozinho com minha irmã deveria ter ligado, assim prolongaríamos nossa estadia por lá — provocou, tentando tirar um sorriso daquele rosto carrancudo, mas o efeito foi totalmente contrário. Ele ficou ainda mais sério e respondeu azedo:

— Aposto que sua irmã não gostaria de ficar nem mais um segundo na minha companhia. Pelo menos, deixou isso bem claro.

— É por isso que está com essa cara de poucos amigos? — Leo não respondeu e ela continuou — vejo que não conhece Rafa. Quando minha irmã não tem controle sobre seus sentimentos, ela se contradiz...

— Ou é você que é sentimental demais? — Cortou-lhe.

— Talvez — Fabiana deu de ombros e levantou-se. — Ainda acho que você e Rafaela deveriam procurar um psicólogo. Só não me ofereço para isso porque é antiético em se tratando de parentes ou amigos... — Suspirou — mas acho que perdi meu tempo, afinal, você não acredita que cursei uma faculdade, não é?

— Engano seu. Depois que Rafaela salvou a vida do meu cavalo mais caro, mostrando ser uma excelente veterinária, não duvido de mais nada — ele respondeu, dessa vez com um brilho no olhar.

— O quê? Como assim, Rafa salvou a vida do seu cavalo? — Ela parecia incrédula e Hector, que se aproximava naquele momento, e também ouvira o que o irmão dissera, ficou boquiaberto.

Leonardo explicou com detalhes tudo o que havia acontecido naquela noite em que Picasso tivera cólicas, e Fabiana e o namorado se olharam em pânico.

— Então, o que estamos fazendo aqui ainda? — A pergunta lhe escapara, antes mesmo que pudesse se conter. Não podia ser verdade... Teria que deixar o homem de sua vida? De jeito nenhum...

— Está pronta, Fabi? — Rafaela entrou na sala livrando Leonardo da resposta, aliás, resposta essa que ele nem mesmo sabia. — Imagino que estavam falando de mim, porque pararam no momento que eu entrei.

— Aonde vocês vão? — Hector quis saber.

— Vamos cavalgar, querido.

— Vou com vocês — ele apressou-se a se convidar.

— Não, você fica, Hector, precisamos conversar — ordenou Leonardo, e ficou claro para todos que não aceitaria negativas.

— Ainda não acredito que consegui ganhar a confiança de Leonardo salvando a vida de seu cavalo — Fabiana disse quando entravam no estábulo.

— Boa tarde, senhora — Javier cumprimentou-a e Rafa gelou. Acontecera tanta coisa, desde que sua irmã viajara, que ela acabara esquecendo de contar. — Seu marido me pediu para que deixasse Escultura sempre por aqui, caso resolvesse cavalgar. Ela está na cocheira, vou buscá-la — mas antes de sair voltou-se com um sorriso — perdoe-me senhora, essa deve ser sua irmã, de quem Hector me falou. Muito prazer, *señorita*.

Depois que Javier saiu, Fabiana não se conteve e riu; um riso abafado.

— Seu marido? Aqui, Leo também é seu marido?

— As notícias correm rápido, querida irmã. Parece que todo o povo de *Bella Ciudad* já está sabendo que Leonardo finalmente sossegou. E, por favor, não me olhe com essa cara. Ninguém sabe que a felizarda é a mulher que foi acusada de repassar dinheiro falso.

— O que me preocupa é que nossos dias aqui estão contados; com certeza, Leo nos mandará de volta e morrerá de remorso, pelo resto de sua vida, por nos ter feito prisioneiras. Aliás, foi isso que você sempre quis, não foi? — Acusou-a Fabi.

— Acalme-se, Fabiana, vou dar um jeito nessa situação. Não precisamos voltar para casa. Ainda temos alguns meses, antes que feche os seis meses que prometemos ao poderoso Donnelly.

— Não se trata disso. Eu, simplesmente, não vou abandonar Hector, e a decisão já está tomada. Além do mais, voltar pra casa

está fora de questão... — Novamente o ar preocupado voltava ao rosto de Fabiana.

— Aqui está, *señora*, encilhei Escultura para a *señora* e Rosita para sua irmã — disse Javier, entregando-lhe as rédeas das éguas.

Quando já estavam cavalgando a quase um quilômetro da propriedade, Rafa freou Escultura e Fabiana fez o mesmo com a égua petiça chamada Rosita.

— Eu não aguento mais essa tortura, Fabi. Por favor, me fale o que está acontecendo — pediu desmontando. Sua irmã fez o mesmo e sentaram-se na relva depois de amarrarem os animais.

— Você vai ter que ser forte, Rafinha. Tudo o que fiquei sabendo foi através dos jornais, mas tenho certeza de que não se trata apenas de sensacionalismo. Papai está quase falido, parece que desmanchou uma sociedade e está perdendo tudo, dia após dia.

Por um momento, Rafa se sentiu aliviada. Ela já sabia daquilo. Era triste perder um patrimônio como o que possuíam, mas também não era o fim do mundo. Quem sabe pobre, Antônio Donnelly, enfim, diria a todos que tinha duas filhas.

— Mas não é só isso, antes fosse... Mamãe não está mais morando com ele...

— O quê? Mamãe Bia se separou dele? Mas, por quê?

— Não é exatamente isso. Ela descobriu algumas coisas sobre papai e o denunciou, então teve que sair de casa. Você conhece muito bem o senhor Donnelly, e sabe que ele a mataria caso a visse outra vez depois disso... — Como Rafa estava muda, ela prosseguiu: — Ele está sendo acusado de ter matado Lia, a nossa babá.

— Oh não, ele não seria capaz de algo tão monstruoso.

Estava chocada demais para conseguir chorar. Lia fora uma espécie de mãe para ela e Fabiana. Ela cuidou das duas até quando Rafa tinha dezoito anos e Fabi quatorze. Era óbvio que Beatriz sofria por não poder criar as filhas da maneira convencional, mas Antônio Donnelly era bastante rígido quanto a isso, dizendo que seria melhor se ninguém soubesse que suas filhas eram filhas de um homem milionário como ele. Então, em um certo dia, chegou-lhes a notícia de que Lia, a babá que elas tanto amavam, havia ingerido veneno e se suicidado.

— Por favor, diga alguma coisa, Rafinha... Eu fiquei em estado de choque quando li tudo isso. Imagine como foi horrível aguentar no osso do peito, para não demonstrar nada a Hector.

— As peças se encaixam tão bem que fica difícil defender nosso pai — Rafaela falou com raiva, deixando que as lágrimas rolassem. — Existem provas?

— Infelizmente não. Parece que mamãe conseguiu fugir de carro e foi direto à polícia, depois de ler um diário encontrado no cofre que papai esqueceu aberto. Nesse diário ele contava todas suas sordidezes, mas ele chegou a tempo de pegar o diário e, assim, é a palavra dela contra a dele.

— Mamãe Bia deve estar perdida com tudo isso. Onde será que ela está se escondendo?

— Ela está sendo protegida por uma equipe, pelo que o jornal mencionou, e parece que não acaba por aí; segundo o que fiquei sabendo, existem mais coisas que estão correndo sob segredo, para não amedrontá-lo. Não tome por surpresa quando anunciarem em todas as emissoras a prisão de Antônio Donnelly.

— É o mínimo que ele merece depois de ter feito esse absurdo com Lia; e ainda por cima ter mentido, dizendo que ela se havia matado — balanceou a cabeça desconsolada. — Eu não entendo. Apesar de ele ter atitudes duras conosco, ele sempre se mostrou um pai atencioso, com muito medo de nos perder...

— É, estão considerando a hipótese dele ter alguma doença psicológica. Na minha opinião, isso não é desculpa para seus crimes, e tudo o que consigo sentir no momento é muito ódio.

— Infelizmente, como eu já disse antes, as peças do quebra-cabeça se encaixam perfeitamente. Talvez, por esse motivo, ele tenha agido da forma que agiu conosco durante uma vida toda, escondendo-nos das pessoas como um louco.

— Essa foi uma das razões para eu ter escolhido a psicologia — Fabi suspirou — mas nenhum estudo da psicologia me preparou para a verdade, sobre o monstro que consideramos pai, até poucos dias atrás.

Rafaela passou a mão no rosto, como se com aquele gesto pudesse mandar embora a dor e o sofrimento.

— A essa altura, então, já devem estar sabendo quem nós somos...

— Não, mamãe ainda não falou nada, obviamente para nos proteger; e é por esse motivo que ainda não acharam as razões que o levaram a matar Lia, mas nós sabemos que ele a matou quando não precisava mais de seus serviços, para que ninguém mais soubesse da nossa existência. Lia sempre quis a nossa liberdade, ela sabia como vivíamos desde que éramos bebê. E a única razão pela qual ele concordou com a viagem foi porque, sem querer e sem

sabermos da verdade, citamos o nome da pobre da Lia. Ele deve ter morrido de medo que descobríssemos o que ele fizera com ela.

Mais uma vez, Rafaela passou a mão no rosto. Sua cabeça começava a latejar e já era hora de voltar para a casa da fazenda.

— O que está pensando em fazer? — Hector perguntou mais uma vez, como Leo não respondeu, prosseguiu — Esse é o preço por achar que sempre tem razão. Por mais que tudo apontasse para as meninas, deveria tê-las levado à polícia, ao invés de bancar o justiceiro.

— Eu sei disso, mas agora é tarde demais para arrependimentos... E o pior é que eu estou agindo pela emoção. Sei que Rafaela não é uma criminosa, porque uma criminosa não teria amor por um animal a ponto de salvar-lhe a vida, mas essa não é uma desculpa que eu possa apresentar ao povo de *Bella Ciudad*, quando me perguntarem o que aconteceu com as garotas.

— Eu não acredito... — Hector falou exasperado. — Depois de tudo o que aconteceu, depois de todos esses meses convivendo com elas, você ainda tem dúvidas quanto à inocência de ambas. Rafaela tem toda razão em não aceitar o seu perdão. Para falar a verdade, concordo com Rafa, quando diz que você só passou a considerá-la inocente depois que salvou o seu cavalo idiota.

— Droga, não é só isso... Não me faça sentir pior do que já estou...

— Eu havia feito uma pergunta, Leonardo, o que pretende fazer agora? Fique sabendo que, durante minha estadia no Rio, eu e Fabiana estivemos conversando e planejando o que faríamos quando

esse momento chegasse, e decidimos que vamos ficar juntos para todo o sempre.

— Vão se casar? — Leo perguntou, sentindo a inveja crescer dentro de si; por que as coisas não funcionavam assim com ele? Por que Rafa não o amava a ponto de fazer o mesmo que a irmã? Podiam ser felizes juntos, se ela o perdoasse.

— Ainda não. Somos jovens e eu pretendo ser um homem respeitado para dar a Fabiana estabilidade — respondeu decidido. — Voltarei a trabalhar na usina e quando me estabilizar pedirei Fabiana em casamento; enquanto isso, ela continuará morando com os pais no Rio, e eu vou para lá todos os fins de semanas e férias.

— Percebo que esqueceu um pequeno detalhe, irmãozinho. Você nem sabe quem são os pais de Fabiana. Aliás, você não sabe nem seu sobrenome.

— Isso não é problema. Fabiana me garantiu que, assim que tudo isso acabar, vai dizer quem ela é de verdade... E ainda disse que eu ficarei de queixo caído.

— Pois eu duvido. Rafaela me disse que são filhas de mães diferentes, e que nunca revelará quem são seus pais, pois se trata de um segredo.

— Desculpe-me, maninho mas eu acho que você está morrendo de ciúmes...

— Oh, me poupe! E respondendo sua pergunta sobre o que vou fazer... É simples, vou conversar com Rafaela, pedir desculpa mais uma vez e dizer que ela pode ir embora a hora que quiser. Eu poderia oferecer dinheiro para que não precisasse trabalhar pelo resto da vida, mas eu sei que se fizesse isso ela me odiaria ainda mais — e isso era a última coisa que desejava. Se não podia ter o

amor de Rafa, pelo menos teria o consolo de que agira com decência.

Rafaela reuniu toda a força de que era capaz e entrou pela porta da frente, como se nada de mais tivesse acontecido. Os irmãos Martins olhavam para elas como se fossem duas estranhas. Forçando um sorriso, Rafaela comentou:

— Espero que o café já esteja na mesa, já passa das cinco e a cavalgada me deixou faminta, e então?

— Não quis desorganizar a cozinha que estava impecável — Leo respondeu num tom amável que a surpreendeu. — Além do mais, você é incrível na cozinha, então, se sinta à vontade e se precisar de ajuda é só chamar.

— Hum... Nesse caso, acho que estou precisando de ajuda desde já — sabia que estava flertando, mas não resistia. Leo era o grande e único amor de sua vida, e estava prestes a perdê-lo.

— E o que a madame precisa? — Ele se aproximou e enlaçou-a pela cintura, diante do olhar curioso de seus irmãos, e ela cochichou em seu ouvido:

— Que me leve até a cozinha — e ambos riram por que ficou claro que Fabi e Hector imaginaram outra coisa bem diferente.

Só que ao chegarem na cozinha, Leo não a soltou, virando-a para que ficasse de frente para ele, segurou-lhe o rosto delicado com as mãos e beijou-a com amor e, antes que pudesse raciocinar com clareza, falou:

— Eu não quero perdê-la, Rafa — ela retesou-se e perguntou com olhos arregalados.

— O que isso quer dizer?

— Depois conversamos. Trata-se de algo muito importante e não quero falar assim. Depois que tomarmos café encontre-me no escritório.

Leonardo pretendia dizer que a amava e que precisava de seu perdão, que não importava se ela não o amava, mas que se ficassem juntos, talvez um dia ela conseguisse sentir algo mais forte por ele.

Com certeza, entendera as palavras de Leonardo errado, pensou enquanto colocava pó de café na cafeteira. Ele dissera que não queria perdê-la, mas talvez estivesse pretendendo convidá-la para ser veterinária ou que fosse empregada da casa na fazenda. Ainda se lembrava de como era o estado da casa quando chegaram. Suspirou, só podia ser isso. Seria melhor parar de fantasiar; em breve estaria longe dali, e mesmo que Fabiana continuasse em contato com aquela família, ela provavelmente estaria bem longe.

Tomaram café em silêncio. Era visível que todos estavam com os nervos a flor da pele. Para Leo, apesar de tudo estar delicioso, era como se estivesse mastigando serragem. Em alguns instantes revelaria tudo o que sentia á Rafaela, e podia levar o maior fora de sua vida ou se ela, por um milagre dos céus, aceitasse seu amor e ele descobrisse que ela era de fato uma mulher que, apesar de ser doce e meiga e de ser uma ótima profissional, gostava de gastar suas horas livres como bandida? Droga! Estava perdido.

Ela e Fabi terminavam de arrumar a cozinha. Olhou no relógio de parede, o tempo passou depressa e já era quase oito horas.

— Você e Leonardo estão apaixonados. Por que não admitem isso de uma vez por todas? — Fabiana olhou para a irmã

que pendurava um pano de prato para secar.

— Pare com isso, Fabiana. Só porque Leonardo me enlaçou pela cintura na frente de você e de Hector, não quer dizer que esteja apaixonado.

— Mas você está, e não me diga que não, porque eu a conheço muito bem. Seus olhos brilham cada vez que o vê.

Rafaela sentiu o coração se despedaçar. Queria que a irmã continuasse insistindo que Leo estava apaixonado por ela, fazia bem para seu coração abatido. Já estava farta de ficar enganando a irmã e a si mesma. Quem sabe se confessasse para Fabiana, passaria a sentir-se mais leve.

— Sim, Fabi, você quer a verdade? Sim, eu não apenas estou apaixonada por Leo, como o amo de uma maneira doentia... E, antes que você comece a me analisar com sua psicologia, vou avisá-la de que não vou confessar meu amor a ele, e vou embora assim que ele mandar, satisfeita? Acho que será melhor conviver com a frustração do que com a rejeição.

— Tudo bem, de minha boca você não ouvirá mais nada, querida, mas acho que está amassando sua vida como se faz com um papel de rascunho e jogando na lata do lixo. Vai se arrepender mais tarde, acredite — falou e virou as costas para sair, mas parou a meio caminho quando Rafa a chamou perplexa:

— Fabiana...

— Não se preocupe, estarei ao seu lado quando precisar de um ombro para chorar — dessa vez deixou a cozinha com passos decididos, e uma Rafaela com olhos arregalados.

IX

Fabi e Hector permaneciam quietos enquanto assistiam um documentário sem graça e Rafa adiava ao máximo seu encontro com Leonardo. Estava a caminho da porta do escritório quando ela se abriu abruptamente e Leo saiu de lá com um semblante muito preocupado.

— O que aconteceu? — Perguntou já com preocupação e sentiu um aperto inexplicável no peito ao cogitar a ideia de que Laura não estivesse bem.

— Lídia me ligou e disse que precisa que eu vá para *Bella Ciudad* com urgência, disse que não podia adiantar o assunto por telefone... Pelo tom de sua voz estava em pânico; não entendo por que pediu para que eu fosse sozinho, entretanto.

— Você vai de helicóptero? — Perguntou Hector.

— Se o assunto é tão urgente, acho melhor me prevenir e ir de helicóptero.

— Quer que o acompanhe, Leo? Você está muito nervoso, e não é bom pilotar...

— Eu estou bem, qualquer coisa eu ligo. Desejem-me boa sorte.

Rafaela estava mais assustada do que ele. Ficou óbvio que Leonardo estava muito nervoso, porque suas palavras soavam com um forte sotaque castelhano. Ela não resistiu e aproximando-se ficou na ponta dos pés e beijou-lhe de leve os lábios e, tentando pronunciar a frase corretamente, falou: — *Valla con Diós*.

— *Gracias* — respondeu e beijou-a outra vez.

Poderia dizer-lhe naquele momento que a amava, apesar de não ser a hora apropriada, ela parecia tão preocupada com seu bem-estar... Não, ele decidiu, antes precisava resolver o problema que o esperava, e então diria a ela essas três palavrinhas com toda a calma do mundo.

Pousou o helicóptero na pista e quase correu rumo ao hotel de Lídia, que ficava a poucos metros dali. Ela o esperava na porta.

— Que bom que veio, querido. Venha, vamos até meu escritório, não quero correr o risco de sermos ouvidos.

— Por favor, Lídia, fale logo. Não imagina como estou nervoso — pediu assim que sentaram-se.

— E vai ficar ainda mais. Lembra-se das garotas que estiveram há alguns meses pela cidade? Aquelas que se vestiram de mulher-gato e que foram acusadas, inclusive por mim, de serem criminosas?

Como ele poderia esquecer? Ninguém sabia, mas aquelas duas garotas estiveram o tempo todo em sua casa na fazenda.

— Claro que sim, aliás, pode ficar sossegada que elas receberam o castigo que mereciam. Ter repassado dinheiro falso foi muito...

— Oh, não — Lídia colocou as mãos no rosto. — Era justamente isso que eu temia...

— O que está querendo dizer, Lídia? Explique-se, porque eu não estou entendendo.

— Saí às pressas de Montevideú assim que soube o que aconteceu, pois precisava informá-lo pessoalmente. Foi presa uma quadrilha de assaltantes ontem à noite e, hoje pela manhã,

confessaram terem feito vários assaltos em todo o país, entre eles, a fazenda de criação de coelhos daqui. Falaram o dia e a hora em que tudo aconteceu, e coincide exatamente com o dia da festa do hotel. As meninas estiveram falando a verdade o tempo inteiro. Não foram elas que roubaram a estância de coelhos.

Dessa vez foi Leo quem deixou escapar um gemido frustrado. Então, era essa a verdade. Havia mantido presas duas garotas brasileiras que nada tinham a ver com o roubo daquela maldita fazenda.

— Sim, mas e o dinheiro falso...

— Eu já estava chegando lá, Leonardo, notícia ruim não vem sozinha. Quando passei pela aduana encontrei-me com Maria, a filha de um dos guardas, e ela disse que precisava demais do apoio de algum conhecido. Convidou-me para tomarmos um café, pois precisava desabafar. Maria me contou que o pai havia ido embora, mas que deixara um bilhete para ela pedindo que fosse encontrar-se com ele em São Paulo, pois ele agora era um homem rico, que duas garotas bobinhas haviam passado pela aduana com uma maleta cheia de dinheiro, e que ele as trocou por dinheiro falso, tomando para si a que continha o dinheiro verdadeiro... É claro que ela já o denunciou e a polícia brasileira está atrás dele, mas duvido que consigam recuperar o dinheiro das pobres garotas. Fale alguma coisa, Leo... Coitadinhas, estou sentindo-me uma megera por tê-las acusado injustamente. Elas estavam falando a verdade, não roubaram nada e também não sabiam que estavam pagando com dinheiro falso.

Que Deus tivesse piedade de sua alma, pensou Leo. Durante quatro meses mantivera presas duas meninas inocentes, as levara

para uma cabana imunda, as ameaçara com um revólver para que admitissem que tinham feito tudo aquilo. Como Rafaela ainda conseguia ser gentil com ele? Não passava de um monstro. Esperava que de fato elas fossem culpadas para poder dormir em paz, mas a verdade lhe bateu na cara. Elas eram inocentes, não tinham culpa de nada. Provavelmente, eram garotas ricas acostumadas ao conforto e que, de repente, se viram nas garras de um homem louco, sem juízo... Hector e sua mãe estavam cobertos de razão. Como fora imbecil!

— Você vai desmaiar, Leonardo, está branco feito um fantasma. Espero que não tenha sido muito rude com a pena que sentenciou a essas garotas.

Ele levantou-se e, como um autômato, agradeceu: — Obrigada por ter contado tudo isso, Lídia.

— E sua mulher, querido? Fiquei sabendo que trouxe uma companheira para a fazenda...

— Foi um erro, Lídia, ela me odiará para sempre — riu amargo.

E pensar que quisera declarar-se para Rafaela. Com certeza, ela cuspiria em sua cara. Sabia que Rafa não planejara aquilo, mas não poderia haver vingança maior. Amar a mulher que o considerava um monstro, um monte de lixo e, com toda razão, jamais teria coragem de encará-la novamente.

Saiu do hotel e foi direto para um bar que conhecia, ali perto. Precisava de algo forte, queria sumir... Enquanto tomava um copo de uísque, era como se a voz de Rafaela ecoasse em seus ouvidos, dizendo que queria ver seu rosto quando descobrisse quem ela era de verdade. Bem, a verdade estava aí, e a cara dele não

poderia estar pior. Era o legítimo canalha bebendo num bar para ver se esquecia que seu mundo havia desabado. Pela primeira vez em anos teve vontade de chorar. Se seu pai estivesse ali sentiria-se decepcionado com o filho idiota que colocara no mundo.

— Mais um copo, garçom — pediu.

Dois amigos se juntaram a ele, e então a bebedeira começou. Não era acostumado a fazer aquilo, mas no momento faria qualquer coisa para poder esquecer por algumas horas que nunca mais se sentiria um homem de verdade, que perdera a mulher de sua vida. Ainda em um momento de lucidez lembrou-se que, se tivesse dito a Rafaela que a amava antes de ter ido falar com Lídia, quem sabe ainda existiria alguma chance? Mas agora era tarde, porque ela alegaria que ele só estava dizendo aquilo para ser perdoado.

— Adeus, Rafinha, adeus... — Falou já com a voz pastosa.

— Oh, meu Deus... O que será que aconteceu com seu irmão, Hector? Ele não ligou e já passa das onze horas.

— Pare de se torturar, Rafaela, Leo é assim mesmo. Se não ligou é porque está tudo bem. É incrível como você ainda consegue se preocupar com ele, depois de tudo que meu irmão fez a você.

— Eu sou humana, só isso, além do mais não consigo guardar mágoa de ninguém.

Fabiana arqueou uma sobrancelha e fez uma careta, mas como havia prometido que não falaria mais nada a respeito, permaneceu calada.

— Eu não aguento mais essa espera. Por favor, Hector, me empreste seu celular — pediu por fim, não aguentando mais esperar. — E me dê o número do celular de Leonardo.

Discou o número pela décima vez e nada, continuava na caixa de mensagem. Então tomou coragem e ligou para o hotel. A recepcionista atendeu:

— Hotel *Bella Unión. Buénas Noches.*

— Boa noite, eu gostaria de falar com Lída.

— Um momento, por favor.

— Pois não? — Lída atendeu.

— Oi, Lída é a mulher de Leonardo. Não consigo entrar em contato com ele. Você saberia dizer se ele já está a caminho da fazenda?

— Oi, querida, prazer falar com você. Temo não poder ajudá-la. Ele saiu daqui já faz algum tempo, algumas horas precisamente. Ele ainda não chegou em casa?

Era óbvio, pelo tom de voz, que Lída achava que Rafaela era uma daquelas mulheres ciumentas. Se ela soubesse que nem mulher dele Rafa era!

— Não se preocupe, Lída, com certeza, Leonardo deve ter ido para Uruguaiana, aproveitando que estava com o helicóptero. Obrigada mesmo assim.

Que bela desculpa inventara a Lída para não parecer a mulher ciumenta atrás do marido traidor! Aquela altura da noite, seu amado Leo deveria estar nos braços de outra mulher. Que outra explicação teria para a demora dele?

— Acho melhor irmos dormir — disse, devolvendo o celular para Hector. — Leonardo já é bem grandinho e sabe se cuidar.

Depois de tomar um demorado banho na banheira de hidromassagem, dizendo para si mesma que aquilo era tudo que precisava no momento, Rafaela colocou um conjuntinho de dormir composto de um short e blusa de alcinhas. Secou os cabelos com o secador enquanto recebia um olhar de reprovação de sua irmã, que se acomodava debaixo do edredom.

— O que foi, Fabiana? — Perguntou impaciente.

— Eu prometi que não falaria mais nada...

— Desembucha, maninha — incentivou.

— Eu acho que você deveria pegar o carro que está na garagem e ir até a cidade ver o que Leonardo está aprontando.

Ela riu sem achar graça.

— Você acha que eu sou louca? Leonardo que faça o que bem entender de sua vida. Eu vou dormir, porque amanhã pretendo levantar bem cedo para cavalgar.

— Eu só fiz essa sugestão porque sei que está morrendo de ciúmes...

— Agora chega, feche os olhos e durma — ordenou e Fabi colocou a cabeça embaixo do edredom e abafou o riso.

Duas horas mais tarde, Fabiana dormia profundamente e Rafaela começava a sentir a cabeça latejar. Levantou-se e foi à cozinha tomar uma aspirina. Não querendo voltar para o quarto, uma vez que não tinha um pingo de sono, resolveu ligar a televisão, só que àquela hora da madrugada não havia nada de interessante. Deitou-se no sofá e começou a pensar no que faria dali em diante. Em primeiro lugar, precisava deixar bem claro a Leonardo que não iria embora tão cedo. De que adiantaria sair da fazenda? Para onde iriam se sua mãe Bia estava em algum lugar escondida e seu pai se

havia mostrado um monstro? Sim, pediria a Leo que a deixasse ficar mais um pouco. Era o mínimo que ele poderia fazer para se desculpar, se é que queria mesmo o perdão que tanto implorara.

Sem perceber, pegou no sono e acordou com batidas na porta. Assustada, olhou no relógio e constatou que eram três e meia da madrugada. Quem seria àquela hora? Impossível ser Leo, pois havia saído de helicóptero e não tinha ouvido barulho nenhum. Levantou-se de um salto e abriu a porta sem pensar duas vezes, e sentiu o coração bater descompassado ao se dar conta do perigo que corria ao abrir a porta àquela hora para um total estranho que, apesar de ser bonito, possuía um olhar malicioso, fixando em suas pernas expostas e a blusa que pouco escondia.

— Quem é você? — Perguntou quando recuperou a voz.

— Sou amigo de seu marido... Para falar a verdade, estou surpreso que um homem que tem uma mulher como você em casa precise...

— Onde ele está? — Pediu com olhos preocupados. — O que aconteceu com ele?

O homem caminhou em direção ao carro que estava estacionado a poucos metros dali e disse: — Acho que vou precisar de sua ajuda...

Ele puxou para fora do carro um Leonardo totalmente bêbado parecendo estar desmaiado, mas ele balbuciava algo que não dava para entender.

— O que aconteceu com ele? — Céus! Leonardo parecia um trapo, não conseguia ficar em pé e o homem teve que arrastá-lo para dentro de casa.

— Não é óbvio? — Arqueou uma sobrancelha, e parecia não estar nada satisfeito com a situação. — Seu marido encheu a cara num bar. Posso não ser seu melhor amigo, mas já que vinha para o mesmo lado achei que poderia evitar um desastre ao ver que ele insistia em vir pilotando.

— Oh, meu Deus... — Colocou a mão no rosto ao pensar que Leo poderia ter morrido, não fosse a ajuda daquele bom samaritano.

Colocaram-no sentado no sofá, mas ele caiu desajeitado para um lado e não parou um segundo de balbuciar frases desconexas.

— Como o senhor se chama?

Mais uma vez, o homem a olhou de cima a baixo como se fosse devorá-la.

— Hum... Quer o número do meu celular também, gracinha?

— Não seja idiota, meu marido está bem ali... Eu queria saber seu nome para poder dizer a Leo, quando ele estiver melhor.

— Não tem importância... Mas já que insiste, ele vai gostar de saber que seu vizinho lhe foi útil para alguma coisa. Sou Juan Gustavo Ribeiro, da propriedade ao lado. Talvez eu possa vir visitá-la algum dia.

— Agradeço por ter trazido meu marido, mas dependendo de mim, o senhor não precisa mais colocar seus pés nessa fazenda. Não gosto de homens que não tem educação e que não respeitam mulheres casadas.

— Oh, não fique zangada, eu só estava brincando — o homem parecia de fato ter ficado envergonhado, talvez também tivesse bebido um pouco.

— Tudo bem — ele já havia dado as costas e caminhava em direção ao carro, quando Rafa não resistiu e perguntou: — Ele estava com alguma mulher?

— Não — ele respondeu sério, mas depois com um sorriso de vitória acrescentou: — mas não parou um minuto sequer de mencionar o nome de uma mulher... Uma tal Rafaela — e deu-lhe as costas, mas antes que pudesse entrar no carro Rafa disse:

— Não fique tão satisfeito, Gustavo... Eu sou Rafaela. — Disse, achando propício o ditado popular “quem ri por último ri melhor”.

Fazendo o mínimo de barulho possível para não acordar ninguém, Rafaela carregou-o com dificuldade para o banheiro do escritório e trancou a porta, não queria que Hector encontrasse o irmão daquela maneira. Com certeza o que Lídia lhe dissera fora terrível demais para ele ter ficado naquele estado, entretanto, encher a cara não era solução para nenhum problema. De repente, sentiu uma raiva enorme.

— Por que fez isso, Leo? Eu sempre considerei você um homem equilibrado...

— Eu soou... Um idiota — respondeu com voz pastosa.

— Sim, você é um grande idiota — confirmou tirando sua camisa, respirou com dificuldade ao passar as mãos no peito musculoso. Ele tinha os músculos firmes e fortes. — Droga — praguejou.

Leo estava bêbado e provavelmente nem estava sentindo seus dedos sobre sua pele. Não poderia se impressionar, ainda teria que tirar-lhe a calça antes de empurrá-lo para o chuveiro.

— Não toooque em mimmm amor, eu sou repulssssssivo — Leonardo disse, mal conseguindo pronunciar as palavras.

— Eu toquei sem querer, mesmo — disse com raiva. — Minha vontade era atirá-lo na piscina, ao invés de me dar ao trabalho de tirar-lhe a roupa. Está sendo constrangedor para mim e amanhã, provavelmente, você se sentirá um homem miserável.

— Eu ssssssssssou miserrrr... miserávvvel...mas eu... Amo todo mmmundo... Amo voccccê. Diz ppp mim que me amma tttttambém.

— Cale a boca, Leonardo. Essa sua falação está irritando-me, prefiro que fique de boca fechada até conseguir falar alguma palavra sem arrastar a língua.

Tirou-lhe a calça e fechando os olhos empurrou-o para baixo do chuveiro com água bem fria, e pediu a Deus que ele não caísse no box. Alguns minutos depois ele saiu e enrolou uma toalha na cintura. Continuava bêbado, mas pelo menos já conseguia comandar seus movimentos e a fala não estava tão enrolada.

— Vista isso — ela entregou-lhe um pijama que havia buscado em sua suíte com todo cuidado, para não acordar ninguém.

— Desculpe-me — pediu com a voz quase normal.

— Vou trazer uma xícara de café bem forte para você — disse, saindo em direção a cozinha. Estava atônita, ele dissera que a amava e queria que ela dissesse o mesmo.

Que loucura! Era apenas um bêbado falando bobagens. Além do mais, ele dissera que amava todo mundo. Voltou com uma bandeja e duas xícaras fumegando, também precisava de uma boa dose de cafeína.

— Tome — entregou-lhe a xícara. — Acha que consegue subir até seu quarto ou prefere que eu arrume uma cama no chão da sala?

Provavelmente estava bem melhor, porque olhou-a com um brilho raivoso nos olhos.

— Vai ser terrível subir aquelas escadas, mas acho que consigo. Minha cabeça está explodindo.

Depois que ele terminou de tomar seu café preto e sem açúcar, fazendo cara de nojo, Rafaela o ajudou a subir as escadas e a deitar-se na cama.

— Rafa... perdoe-me...

— Não está em condições de conversar, Leonardo. Além do mais, apesar de ter melhorado, continua bêbado. Amanhã conversamos.

— Eu não estou bem, fique aqui comigo — pediu em voz baixa.

Vendo o rosto pálido e os olhos fundos, Rafaela achou que não faria mal fazer companhia a um bêbado até o amanhecer. É claro que esse bêbado era um homem atlético e maravilhosamente lindo, além de ser o homem que amava... Mais um motivo para ficar ao lado dele. Duvidava que fosse correr algum risco, provavelmente Leo dormiria assim que fechasse os olhos.

— Tudo bem, Leo — ela deitou-se ao seu lado e puxou o edredom até o pescoço. — Duvido que se lembre de alguma coisa amanhã, mas espero que se lembre que só aceitei passar a noite aqui porque você está péssimo, e eu não quero que Hector veja o irmão que ele tanto admira nesse estado.

Quando acabou de falar gemeu frustrada, Leonardo dormia profundamente e nem escutara o que ela dissera. Antes de apagar a luz da mesinha de cabeceira, Rafaela admirou o homem ao seu lado. Que grande ideia tivera de separar-lhe um pijama, assim era mais fácil dormir ao lado daquele homem, másculo demais para ser ignorado mesmo dormindo. Passou as mãos pelo rosto dele. Ele murmurou algo inaudível, mas voltou a dormir. Devagar se aproximou dos lábios dele e tocou-os de leve depois de murmurar.

— Você é lindo... eu... — Não, não podia dizer, mesmo que ele estivesse dormindo não podia dizer que o amava.

Apagou a luz e estava tão exausta que dormiu imediatamente.

Leo abriu os olhos devagar, mas fechou-os rapidamente ao sentir a cabeça latejar. A última coisa de que se lembrava era que estava tomando muito uísque em um bar. Onde estaria? Mexeu-se e sentiu que alguém, com um perfume suave e inebriante, dormia em seus braços, e que tinha a pele mais macia que já havia tocado. Será que havia ido parar em algum motel com uma mulher qualquer? Droga, não se lembrava de nada e tinha medo de abrir os olhos e o grão do olho saltar para fora, tamanha era a dor em sua cabeça.

Porém, nada o impedia de continuar sentindo aquele perfume. Sua intuição lhe dizia que não se tratava de nenhuma prostituta barata. Aspirou o perfume dos cabelos daquela mulher e encontrou mais abaixo um pescoço macio onde depositou um beijo e outro e outro. Podia sentir o contato de sua pele, a dela quente e

cheirosa em contato com a sua. Acariciou-lhe as costas e depois o ventre.

Ela virou-se de frente para ele e acariciou-lhe o peito, nunca conhecera alguém tão desejável. Quem seria? Sabia que sonho não era, mas tinha medo de abrir os olhos.

Ela mordiscou-lhe o queixo antes de beijá-lo, apaixonada.

Rafaela estava em um de seus melhores sonhos. Leonardo tão próximo dela como nunca estivera, ele lhe acariciava os cabelos e oh... Ele lhe beijava o pescoço... E agora acariciava suas costas e seu ventre. Estava ciente de que era um sonho e que deveria aproveitar, então se virou para ele e retribuiu o carinho beijando-lhe com todo amor que podia sentir, e então...

— Querida — Leonardo falou com voz rouca.

Rafaela abriu os olhos e deixou escapar um grito ensurdecedor. Não estivera sonhando coisa nenhuma. Agradeceu aos céus por ter acordado a tempo. Leonardo também abriu os olhos e sentiu, além da dor na cabeça, a maior surpresa de sua vida, ao constatar que a mulher que povoava seus sonhos e seus pesadelos estava de shortinho em sua cama. Como? O que era pior, não se lembrar de nada, ou lembrar apenas que aquela era a mulher que ele havia mantido presa, sendo inocente?

— Por que está tão assustada? — Leo perguntou a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Eu havia esquecido que dormi no seu quarto.

Ela falava com tanta naturalidade que nem parecia aquela garota recatada que ele conhecia. Tentaria lembrar-se de como a havia persuadido a vir parar em sua cama.

— Você parece bem melhor, mas deve estar com a cabeça latejando — ela disse desconcertada, puxando o edredom para tapar as pernas de fora.

— Como você sabe? — Perguntou, tentando ganhar tempo para ver se lembrava de algo importante, qualquer detalhe que fosse. Se os carinhos que haviam trocado agora há pouco eram uma pista, então podia imaginar como fora a noite... Era uma pena não lembrar de absolutamente nada.

— Como eu sei? Querido Leonardo — começou com ironia — eu tive que arrastá-lo de um carro para dentro de casa, tirar-lhe os sapatos e roupas, empurrá-lo para o chuveiro, fazer café forte e ainda lhe fazer companhia durante a noite, porque pensei que pudesse precisar de um médico...

— Onde está o helicóptero? — De repente, Leo começava a lembrar algumas coisas. Lembrava que bebera todas em um bar e que insistira em vir pilotando, depois disso sua memória era só vazio.

— Está na cidade. Felizmente um bom samaritano não permitiu que você viesse pilotando e o trouxe até aqui. Tem ideia de que poderia estar morto a uma hora dessas?

— Droga, me desculpe... E eu achando que havia passado uma noite maravilhosa com você — riu de si mesmo. — Quem me trouxe?

— Seu vizinho, Gustavo Ribeiro...

— O quê? Aquele desgraçado... Deve ter feito isso para rir depois as minhas custas. Ele é meu pior inimigo.

— Realmente, sinto muito e, apesar de não ter nada a ver com isso, acho que você mereceu. Um homem como você não deve

sair por aí bebendo feito um louco. Aliás, o que de tão grave Lídia lhe disse, para deixá-lo tão transtornado?

Como Leo gostaria de ter esquecido aquela parte também, ainda mais depois de experimentar a pele macia da mulher que amava junto a sua. Era assim que sonhava passar o resto da vida, acordar com Rafaela do seu lado como sua mulher.

— Eu falei muita bobagem ontem? — Perguntou, se ela não sabia sobre o que Lídia dissera, provavelmente ele não falara nada.

— Oh sim, um monte de bobagens, inclusive que me amava, e insistiu para que eu dissesse o mesmo. Mas não se preocupe, porque eu não levei a sério.

— Ainda bem — disse. Rafa não merecia nem ouvir da boca de um maldito que ele a amava mas para ela foi como se lhe cravassem uma faca no peito. — Acho melhor me levantar, o que temos para conversar é sério demais para tratarmos na cama.

Já havia decidido, não merecia mais nenhuma chance. Rafaela podia até achá-lo atraente, mas jamais o amaria, e nem teria coragem de pedir que o perdoasse. Para o que havia feito, simplesmente não havia perdão. O melhor a fazer era trancar a cara e arcar com as consequências do que ele mesmo buscara. Virou para o outro lado quando Rafaela levantou-se com o minúsculo conjuntinho. Ela percebeu e disse com o queixo erguido:

— Fique sabendo que só dormi na sua cama porque você pediu que eu não fosse embora, pois não estava se sentindo bem.

— Lamento o transtorno — respondeu sério.

Saiu do quarto dele tentando disfarçar os olhos vermelhos e o rosto corado de humilhação, mas Fabiana veio correndo ao seu encontro com a cara mais feliz do mundo.

— Uau... Não era você que queria acordar cedo hoje? Já passa das dez da manhã, deve ter valido a pena esperar acordada... Hector queria vir acordá-los, mas eu não deixei...

— Quer parar de falar um minuto e me deixar explicar? — Rafaela pediu com raiva. Leonardo a havia humilhado e ela nunca pretendia perdoá-lo.

— Tudo bem, você não precisa explicar nada...

— Eu e Leonardo não fizemos nada, se é o que está pensando — não pretendia contar nada a sua irmã e a Hector, mas Leonardo merecia um castigo. — Seu querido cunhado chegou em casa as três horas da madrugada caindo de bêbado, tive que dar banho gelado nele e colocá-lo na cama, e acabei ficando porque ele não estava bem, mas dormimos a noite inteira.

— E você deve estar frustrada, não é, maninha? — Brincou.

— Fabiana, eu não estou no melhor dos meus dias, pare com as gracinhas... Tudo o que eu quero saber é por que Leo bebeu tanto na noite passada, e por que, segundo o homem que o trouxe para casa, ele não parou de mencionar meu nome.

— Parece óbvio, só você não consegue enxergar — Fabi desceu as escadas cantarolando.

Leonardo, depois de tomar uma ducha de água fria e de vários remédios para dor de cabeça, chamou as duas irmãs e Hector para juntarem-se a ele na sala de estar, onde agora o clima estava tenso.

— Em primeiro lugar, eu gostaria de saber onde você andou ontem à noite. Rafaela ligou para Lídia e acho que ficou a noite toda andando pela casa, preocupada com seu bem-estar — disse Hector.

Aquilo foi como se tivessem-no golpeado a cabeça com uma barra de ferro. Saber que Rafaela se preocupara com ele a ponto de ligar para Lídia era muito ruim, pois ele não merecia sua consideração. Mas o fato dela não ter contado nada a Hector só provava que se tratava de uma garota fina e educada. Como fora capaz de duvidar disso?

— Então, não sabe? Bebi feito um louco, Gustavo Ribeiro me trouxe para casa. Rafaela teve que me colocar embaixo do chuveiro e ainda cuidar, a noite toda, de um bêbado chato.

— Mas, por que fez isso? — Hector perguntou chateado.

— Não sei... Como diz o ditado, a verdade dói...

— Não me diga que essa verdade da qual está falando é sobre as garotas — Hector estava exultante, enquanto Rafa e Fabi prendiam a respiração. Chegara a hora da verdade.

— Exatamente — confirmou tentando parecer natural, mas era evidente que não se sentia à vontade. — Lídia me chamou para dar a notícia que uma quadrilha foi presa e confessou ter assaltado várias fazendas, entre elas a de coelhos, daqui de *Bella Ciudad* que, exatamente como vocês duas juraram, não tinham nada a ver com o assalto, e o Bola de Neve foi uma infeliz coincidência. Falando nele, o que fizeram com o bichinho? — Perguntou para descontraír.

— Ele não parava mais em lugar nenhum. Eu pedi para que Hector fosse bem discreto e o levasse de volta a criação de onde veio, porque me senti culpada por ter feito Rafa me ajudar a roubá-lo — Fabiana confessou.

— Mas não é só isso. Acho que devo um pedido de desculpas, apesar de estar sentindo-me ridículo em não ter confiado em vocês. Eu fui um idiota... Um guarda roubou a maleta de vocês

na aduana e desapareceu, deixando um bilhete para a filha que o denunciou, e a polícia está atrás dele, mas duvido que consigam recuperar o dinheiro — suspirou. — De qualquer forma, eu vou devolver todo o dinheiro que tinha na mala. Afinal, foram acusadas de repassar dinheiro falso quando na verdade foram meus compatriotas que fizeram isso... Acho que é o mínimo que eu posso fazer.

— De jeito nenhum. Não foi você quem roubou o dinheiro — Fabi sacudiu a cabeça e olhou para a irmã esperando aprovação, mas Rafaela parecia perdida num mundo de mágoa.

— Por que não acreditou no que eu sempre disse? Precisou que alguém esfregasse a verdade na sua cara...

— Você disse uma vez que gostaria de ver minha cara quando descobrisse a verdade, pois acaba de ver um homem acabado. Sinto-me um monstro — Leo gravou os traços da mulher amada e sentiu um nó se fazer em sua garganta. Sabia que nunca mais a teria como a tivera pela manhã.

— Pensa que estou feliz com essa situação, Leonardo? Eu estou tão desesperada quanto você, e vê-lo sentindo o peso da culpa não ajuda em nada.

Ele levantou-se.

— Bem, vou providenciar o dinheiro para que possam voltar para o Rio. Vou voltar hoje mesmo para Uruguaiana...

— Leo — Rafaela chamou, tentando disfarçar a voz rouca pelo esforço de não chorar. — Eu não quero voltar já, será que podemos ficar na fazenda por mais alguns dias?

— Tudo aqui é seu, querida. Pode ficar o tempo que precisar — falou gentil e acrescentou: — Prometo que nunca mais terão que

me suportar.

Ela não conseguiu falar nada, pois seus olhos se encheram de lágrimas. Correu escadaria acima e se atirou na cama, soluçando e molhando o travesseiro. Adeus, Leonardo! O amor de sua vida dissera as últimas palavras cheio de culpa. Queria abraçá-lo, beijá-lo e dizer que não guardava mágoa nenhuma, que com certeza o destino se encarregara de tudo aquilo, mas não podia. Não podia dizer aquele homem que o amava, simplesmente não podia.

Ao ouvir barulho de carro meia hora mais tarde, correu para a sacada de seu quarto a tempo de ver Leo cruzando a entrada da fazenda e indo embora para sempre. Ele não se despedira dela, não fora lhe dar um último abraço.

— Leo... Não vá embora, Leo — gritou, enquanto seu corpo sacudia convulsivamente e lágrimas grossas escorriam por sua face.

Os dias que se seguiram foram os mais dolorosos de sua vida. Tentava em vão não parecer tão deprimida. Por sorte, tanto Fabiana, quanto Hector, respeitavam seu silêncio e sua dor, ambos fingindo que não percebiam nada. Sabia que os dois andavam planejando alguma coisa e, certo dia, aproximadamente dez dias depois que Leo se fora, não aguentou e perguntou:

— O que vocês andam planejando?

Eles se entreolharam e Fabiana, com ar culpado, informou quais eram seus planos.

— Não sei se você vai nos apoiar. Na verdade, Hector sabe apenas parte da verdade. Eu contei a ele que nossa vida está ligada a um homem chamado Ramiro Perez, e Hector jura que nunca ouviu esse nome antes, mas concordou em irmos investigar seu passado

na Argentina, sem levantar suspeitas, claro. Vamos dizer à Laura e Leo que fomos a passeio, e queremos que venha conosco.

— Eu deveria ter imaginado que você não deixaria barato. Quero tanto quanto você ver àquele homem na cadeia, mas acho que não serei de grande ajuda. De qualquer forma, passe para o meu e-mail as informações obtidas. Pretendo fazer minhas investigações aqui mesmo, agora que tenho acesso à internet.

— Você não vem conosco? — Hector perguntou desapontado.

— Acho a ideia fascinante, mas levantaria suspeitas se eu fosse com um casal de namorados em férias. Eu vou ficar bem não se preocupem.

Ficar bem? Cinco dias mais tarde, Rafaela ria de sua própria mentira. Jamais voltaria a ficar bem em toda sua vida. Depois que passou seu desespero pela partida de Leo, lhe restara o ressentimento. Lembrava-se de tudo que haviam partilhado juntos, especialmente da manhã em que acordara em seus braços e ficava se perguntando por que Leonardo não lhe dissera adeus. Por que não lhe dera sequer um aperto de mão?

Decidida a achar algo realmente importante sobre o pai começou a vasculhar sua memória em busca de algo, mas tudo o que conseguia lembrar é que o pai sempre se mostrara distante e controlado, como se nada o afetasse. Resolveu preparar um café para ver se conseguia se acalmar. Hector lhe deixara um celular e entraria em contato com Fabiana no dia seguinte, avisando que pretendia voltar ao Rio o mais breve possível. Aquela casa cheia de lembranças de Leo era mais do que poderia aguentar.

— Por favor, querido, você está irritando-me. Eu cuidei dos negócios sozinha durante quatro meses, enquanto você se encarregava de prender duas garotas inocentes, então pare de me dar ordens como se eu fosse sua empregada — Laura explodiu. Ainda estava ressentida com tudo o que havia acontecido. Seu filho perdera o juízo e não agira como homem quando descobriu a verdade.

— Por favor peço eu, mamãe. Não estou dando ordens, só pedindo que faça uma ligação para mim...

— Por que você mesmo não faz?

— Não se trata de uma ligação de negócios...

— Não? — Ela arqueou uma sobrancelha, querendo uma explicação.

— Eu queria que você ligasse para a fazenda, para saber como Rafaela está... Até agora ninguém entrou em contato comigo. Eu pedi a Hector que me ligasse, mas...

— Mas você está mesmo muito desligado. Pensei que soubesse que Hector está na Argentina com a namorada e...

— O quê? Hector está na Argentina? Como foram capazes de deixar Rafaela sozinha, meu Deus? *Mamá*, por que não me avisou?

— Pensei que soubesse. Aliás, pensei que já tivesse ligado há muito tempo para a fazenda, para ver como a mulher que você ama está se sentindo, depois de sua partida como um fugitivo.

— Está tão evidente assim?

— Que você a ama? Pode esconder de qualquer pessoa, menos de sua mãe, querido. Percebi que estava apaixonado pela menina quando estive na fazenda; seus olhos brilhavam cada vez que mencionava seu nome.

— Mas ela me odeia, mamãe — Leo enterrou as mãos nos cabelos desalinhados. Só de pensar que Rafa estava sozinha numa fazenda a quilômetros da cidade, sem um carro, e ainda por cima podendo receber a visita de seu inimigo, Gustavo Ribeiro, a qualquer momento, seu coração se enchia de angústia. — Nunca vou conseguir seu perdão.

— Por que não tenta ser sincero com ela pelo menos uma vez? — Laura sabia o que estava dizendo. Durante todos os anos que esteve casada com Olavo, sabia que o conquistara por ter sido sincera; quem sabe não podia acontecer o mesmo com seu filho? — Você sabe ser bem persuasivo quando quer.

Ele sabia exatamente o que a mãe queria dizer, e era o que faria. Quem sabe ainda lhe restava uma esperança. Era pedir demais que ela o perdoasse, mas... Tentaria, pelo menos uma única vez.

A noite era sempre pior. Como Rafaela sabia que não havia a possibilidade de Leonardo voltar, nem de sua irmã e Hector voltarem tão cedo, resolveu passar a dormir no quarto de Leonardo. Tentara evitar e dizer para si mesma que fora um sentimento passageiro e que nunca o amara de fato, mas os dias que se passavam só faziam-na admitir que o que sentia por ele era amor, e que jamais diminuiria.

Ajudava saber que o homem que amava dormira nas mesmas cobertas e no mesmo travesseiro em que ela agora dormia. Podia sentir o perfume dele impregnado em todo quarto. Ainda eram oito horas, mas ficar perambulando pela casa não era nem um pouco agradável, por isso se retirava para a suíte o mais cedo possível.

Um barulho ensurdecedor a fez estremecer. O helicóptero estava aterrizando. Seu coração batia descompassado, avisando de que era Leonardo, mas o que ele estaria fazendo ali, depois de dizer que não iria mais incomodá-la com sua presença? E o que diria a ele?

Não conseguiria agir como se nada de mais tivesse acontecido. E só então lembrou de que estava no quarto dele, e que não daria tempo de arrumar tudo antes de ele entrar.

— Rafa, você está aí? — Perguntou e Rafaela sentiu seu corpo arrepiar-se. Era a voz que almejava ouvir durante os quinze dias que ficou sem vê-lo.

Parado no pé da escada estava Leo, muito mais lindo do que ela lembrava, vestindo uma roupa elegante de trabalho, o que a fez deduzir que ele viera da empresa. Mantinha uma expressão ansiosa, apesar de determinada.

— Estou — respondeu. A voz saiu fraca. Sem esperar, ela desceu a escada correndo e, antes que pudesse organizar os pensamentos, correu e atirou-se em seus braços.

— Rafa...

— Que bom que você voltou, Leo. Foi horrível todo esse tempo... — Ele a beijava no rosto, nos olhos, nos lábios, estava surpreso demais para dizer qualquer coisa. Nem em seus sonhos mais impossíveis imaginara aquela recepção. — Senti muita saudade, Leonardo. Por que veio? — Perguntou sendo direta, e ele não pretendia mentir.

— Meu amor, eu não poderia ficar mais nenhum segundo longe de você. Estava deixando todos loucos na usina e quando soube que estava sozinha na fazenda não consegui mais me conter e vim para dizer que...

Rafaela prendeu a respiração. Leo havia mesmo dito todas aquelas coisas ou ela havia sonhado? Não podia ser verdade.

— Para dizer o quê, querido? — Incentivou.

— Eu não sei se essa recepção calorosa foi por você estar sozinha e com medo, ou porque... Sei lá... Mas, se me quiser esbofetear, me chamar de monstro, eu vou aceitar, mas antes quero que saiba que eu te amo e que não aguento mais esconder de você... Sei que parece absurdo, depois de tudo o que aconteceu, mas é a mais pura verdade. Apaixonei-me perdidamente e...

— O... o que você está dizendo é muito sério, Leo — Rafaela gaguejou, sem acreditar no que acabara de ouvir.

— Tudo bem, se conseguir me perdoar, quem sabe com o tempo você consiga sentir algo por mim, além de atração e...

— Seu bobo, eu me apaixonei por você desde o dia em que o vi chegar naquela festa com farda de policial, e mais tarde descobri que te amava, apesar da ideia não ter me agradado nem um pouquinho.

Desta vez era Leo quem estava vivendo um sonho. Rafaela acabara de dizer com os olhos cheio de sinceridade que o amava. *Obrigado meu Deus*, agradeceu em pensamento. O destino os fizera se encontrar da pior maneira possível, mas ali estavam, prontos para viverem um grande amor. Ele a beijou demoradamente, ainda não acreditava que conseguira ficar tantos dias longe daquela mulher linda. Ela seria para sempre sua. Amava-a de uma maneira incomum.

Tê-la nos braços novamente era um presente dos céus, e saber que ela o amava era o melhor de todos os prêmios. O beijo que trocavam era cheio de promessas. O olhar de ambos se encontrou, mas as palavras já eram desnecessárias.

— Eu sou o homem mais feliz do mundo por ter o seu amor. Eu prometo que vou amá-la sempre, vou fazer de você uma mulher

realizada.

— Querido, diga quando isso aconteceu? — Queria saber tudo, já que haviam perdido tanto tempo.

— Não sei exatamente. Primeiro, você me cativou de uma forma assustadora naquela festa. Eu a beijei esquecendo-me que tinha uma namorada de conveniência e tudo o mais. Depois me senti traído quando todas aquelas acusações caíram sobre você. Várias coisas aconteceram antes que eu percebesse que o que eu sentia não era apenas atração, mas algo bem mais forte, mas você se mostrava tão distante que achei que nunca seria retribuído — ele beijou-a mais uma vez, e Rafa sorriu cheia de amor.

— O que quero saber é se você passou a me amar antes ou depois que as provas de minha inocência apareceram.

— Oh, minha linda, muito antes. No exato momento em que cheguei em casa no meio de uma tempestade e Javier me avisou que minha linda esposa havia saído para cavalgar e não havia voltado. No desespero de não encontrá-la ou de ter acontecido alguma coisa, descobri que não conseguiria viver sem você, pois a amava mais que tudo e acredite, foi um choque para mim também, pois não queria aceitar a ideia de amar alguém que me odiava. Até eu admitir a mim mesmo que a estava amando, ainda percorri um longo caminho, e quando isso aconteceu, na noite em que voltava da cidade para a fazenda, tive ímpetos de fugir, com medo desse sentimento.

— Eu amo você, Leonardo, e ouvir de sua boca que meu amor é retribuído é mais do que eu poderia esperar.

— *Yo te amo también mi amor.* — Disse, abraçando-a com carinho e, de repente, ficou sério.

— O que foi? — Ela perguntou. Será que ele estivera brincando esse tempo todo? Não, seria doloroso demais.

— Rafaela — ele ajoelhou-se a sua frente. — Não tive tempo de comprar um anel, mas podemos providenciar o maior e o mais caro...

— Anel?

— Quero que se case comigo; quero que seja minha mulher pelo resto de meus dias... Se tiver alguma mágoa por tudo que lhe fiz eu entendo, mas posso fazer com que esqueça tudo que a fiz passar. O amor que sinto por você é suficiente para apagar as mágoas... Mas diga que sim, diga que se casa comigo.

— Se eu tivesse um pouco de juízo em minha cabeça à essa hora, eu já deveria estar bem longe depois de tudo o que você me fez passar — brincou — mas como você já percebeu, sou uma desajuizada e meu coração é todo seu e, apesar de estar surpresa com seu pedido, eu te amo muito e...

— Por favor, Rafa, eu não conseguiria viver sem você; não apenas como namorada, eu quero você como minha mulher, quero dormir e acordar ao seu lado, quero que seja mãe dos meus filhos... — Seu olhar parecia implorar para que ela aceitasse, mas em momento algum pensara em dizer não. Casar-se com Leonardo era tudo com que poderia sonhar.

— É claro que eu aceito casar com você, meu amor.

Ele ergueu-a nos braços e a rodopiou no ar, beijando-a sem parar enquanto sorriam como duas crianças.

— O que acha de comemorarmos esse momento com champanhe? — Sugeriu. — Sabe, ainda não acredito que me ama de verdade, Rafa.

— Se precisar de provas é só entrar na sua suíte e ver a cama desarrumada. Desde que Hector e Fabiana viajaram passei a dormir em sua cama, só para sentir seu perfume.

— Hum... — Ele lhe beijou o pescoço e com olhar malicioso acrescentou — pode continuar dormindo lá se quiser.

— Deixe-me pensar... — Ela lançou-lhe um olhar malicioso — só se você me convencer...

— Oh, meu amor, não me tente, você sabe que eu sou muito persuasivo — disse, entrecortando as palavras com beijos quentes.

Ele mordiscou-lhe o lóbulo da orelha fazendo-a gemer de prazer e, em seguida, deslizou os lábios por seu pescoço, aspirando o perfume sedutor que o inebriara nos últimos meses.

— Acha que estou saindo bem? — Murmurou com a voz rouca e sensual.

— Muito bem, se continuar assim vai acabar convencendo mesmo — Rafa tentava manter a todo custo a cabeça no lugar, mas diante de tanto calor ficava quase impossível resistir.

— Eu posso fazer uma demonstração muito melhor se você subir aquelas escadas comigo — Leo falou, pegando-a no colo e dando os primeiros passos rumo à escada.

As palavras de Leo fizeram Rafa voltar ao seu estado normal. Ele era o homem mais lindo e mais sexy que já conhecera, agora tinha certeza que a amava e estavam sozinhos naquela casa, tendo como companhia apenas a noite linda lá fora; tudo isso contribuía para que ela se entregasse, mas não fora assim que planejara sua primeira vez, queria que tudo fosse perfeito e sua intuição dizia que seria muito melhor se esperassem mais um pouquinho.

— O que foi? — Leo perguntou, largando-a no chão sem entender sua reação. — Falei alguma coisa que a deixou chateada?

— Não, meu amor, tudo está perfeito e deve continuar sendo perfeito, entende?

— Não... Acho que eu não entendi, você acha que eu estou indo depressa demais? Não quero que se sinta pressionada *dulçura*.

— É... — Rafa baixou o olhar, sentindo-se tímida diante da situação. — Leo, você me pediu em casamento e eu aceitei... Mas eu quero que seja perfeita minha... bem... Você sabe... Eu nunca estive com um homem antes...

— Meu amor — Leo beijou-a com doçura. — Você é a mulher mais linda que eu já conheci. Não precisa se sentir envergonhada, eu... Não fazia ideia — ele parecia realmente emocionado — serei o primeiro e último homem em sua vida. Rafa... — Ele ergueu seu queixo e a fez encará-lo. — Sinto-me o homem mais feliz do mundo por tê-la apenas para mim, para sempre. Vai ser perfeito como você sempre sonhou. Você é uma princesa, e eu vou ser o seu príncipe. Vou fazê-la a mulher mais amada desse mundo.

Rafa olhou-o apaixonada. Como foram idiotas em perderem tanto tempo negando a si mesmos o amor que os consumia.

— Então, você não se importa? Vai esperar até o dia do nosso casamento?

— É claro, *bella*, você é a mulher da minha vida. Mas não vai demorar muito. Pretendo casar-me com você o mais rápido possível, essa semana ainda, se concordar.

— Nossa! Tão rápido?

— Não quero ficar nem mais um minuto longe de você.

Apesar de estar incrivelmente feliz, Rafaela sabia que alguns probleminhas ainda teriam que ser enfrentados antes de tudo estar resolvido. Agora, mais do que nunca, não queria que Leo soubesse quem era seu pai, um homem monstruoso e atormentado. Felizmente tinha uma carta na manga. Quando ela e Fabiana resolveram viajar, costurou cuidadosamente sua certidão de nascimento muito bem dobrada no forro de um casaco onde sabia que ninguém jamais a acharia e, de fato, Leonardo, quando revirou seu trailer não a encontrou.

Era seu único documento verdadeiro e, pela primeira vez, agradeceu ao seu pai por tê-la registrado com seu nome verdadeiro, Ramiro Perez. Assim, Leo nunca saberia quem seu pai era de verdade. Claro que, depois de casados, ela lhe diria toda a verdade, mas até lá preferia que ele a visse simplesmente como Rafaela Perez, e não a herdeira desconhecida de um acusado de assassinato, entre outras atrocidades.

Naquela noite foi difícil para ambos conciliar o sono, sabendo que estavam tão próximos um do outro, divididos apenas por uma parede, mas aquela era mais uma forma de provarem um ao outro o quanto se amavam.

No dia seguinte ligaram para Fabiana e Hector pedindo que eles voltassem para ajudar nos preparativos do casamento, que seria no sábado.

— Que maravilha... Hector, você precisa ouvir isso — dizia Fabiana, falando com a irmã e com Hector ao mesmo tempo. — Rafa e Leonardo vão se casar no sábado. Precisamos voltar imediatamente. Quando isso aconteceu?

— Ontem — Rafaela estava deitada no sofá com a cabeça no colo de Leonardo, que acariciava seus cabelos. — Leonardo ficou sabendo que eu estava sozinha e resolveu se declarar, então descobrimos que sempre estivemos apaixonados um pelo outro, mas não tínhamos coragem de confessar.

— Só vocês não percebiam. Estava na cara que se amavam. Nós já sabíamos que não conseguiriam ficar longe por muito tempo, não é amor? — Disse, voltando a falar com Hector. Ele pegou o telefone.

— Peça a Leo que mande alguém vir nos buscar de helicóptero agora mesmo. Quero ajudar em tudo para que o casamento de vocês seja perfeito. Parabéns aos dois. Eu sabia que vocês se amavam.

Depois que desligou, Rafa comentou com Leonardo.

— Parece que todos sabiam que nos amávamos, menos nós dois.

— Agora já sabemos — ele acariciou seus cabelos e a beijou cheio de amor. — Não vejo a hora de poder chamá-la de minha esposa, dessa vez de verdade e não de mentirinha.

Laura, feliz demais com o casamento do filho mais velho, encarregou-se de toda a parte da decoração e do bufê, dos convites e do vestido da noiva, mandando buscá-la para escolher um vestido em Uruguaiana.

— Gostaria que meu estilista desenhasse um vestido especial para você, mas como não temos tempo, vamos ter que escolher um da loja mesmo — queixou-se Laura.

O vestido que escolheu era lindo, imaculadamente branco, reto, tomara-que-caia com minúsculas pérolas que pareciam gotas de orvalho. Laura sentiu algo totalmente estranho ao ver Rafaela naquele vestido branco. Lágrimas de emoção correram em seu rosto, o que raramente acontecia.

— Espero que esteja chorando de felicidade, Laura — Rafaela a abraçou com carinho. — Ou melhor, apesar de você ser bastante nova, acho que devo chamá-la de dona Laura, já que em alguns dias será minha sogra.

— Eu estou muito feliz por você e Leonardo, querida. Pode chamar-me da maneira que quiser. Eu simpatizei com você desde que nos vimos pela primeira vez.

— Você está linda, maninha — Fabiana elogiou também, com os olhos marejados de lágrimas.

Rafa sabia que Laura estava louca para perguntar se seus pais não viriam, mas ela e Leonardo já haviam combinado que não fariam perguntas a respeito, e que tudo seria esclarecido depois do casamento.

Faltavam dois dias para a tão esperada data. Rafa estava ansiosa como toda noiva, mas não via a hora de ser a mulher de Leonardo e ter certeza de que viveriam o resto de suas vidas um ao lado do outro. Haviam combinado em morar a princípio na fazenda, pois Rafaela amava aquele lugar tanto quanto Leo e, mais tarde, decidiriam entre o Rio e Uruguaiana.

Entre Hector e Fabi já estava decidido, ele voltaria para Uruguaiana onde passaria a trabalhar na usina, e Fabiana pretendia voltar para o Rio e terminar a faculdade.

Naquela mesma noite receberam uma visita inesperada. Laura e um homem chamado Wagner. Pareciam preocupados e ela dava sinais de que estivera chorando. Reuniram-se no escritório depois de Leo tê-lo apresentado como o detetive que haviam contratado para investigar o assassinato do pai. Rafa e Fabi subiram para o quarto e ficaram conversando sobre os planos para o casamento. Ainda custava a acreditar como as coisas haviam mudado de uma hora para outra.

Toda a tristeza que sentira nos últimos dias, certa de que nunca mais veria Leo, e agora tudo mudava e estava prestes a se casar com ele. Sorriu emocionada, teria boas histórias para contar para os filhos que teria com Leo. Já conseguia até imaginar o rostinho deles quando contasse que o pai deles havia mantido a mãe prisioneira. Era uma história e tanto, talvez eles nem acreditassem.

No escritório, o clima era tenso.

— Trago notícias do assassino do pai de vocês. Já sabemos quem fez essa maldade, apesar de não sabermos a razão — Wagner disse, indo direto ao assunto. De nada adiantaria prolongar o sofrimento de todos.

— Quem foi o desgraçado? — Hector perguntou.

— Um magnata do petróleo, chamado Antônio Donnelly, é claro que ele não fez o serviço pessoalmente, e o homem que atirou em seu pai foi preso depois de confessar tudo.

— Antônio Donnelly — repetiu Leo, sentindo os olhos arderem. — O nome não me é estranho. Não o conheço pessoalmente, mas já ouvi falar do desgraçado. Mas por que...

— Não sabemos. A mulher dele, Beatriz, me procurou quando descobriu um diário onde ele escrevia todos os crimes. Ela não conseguiu pegar o diário a tempo, mas tudo o que conseguiu ler foi de grande ajuda. Ela foi à polícia, mas como não confiava totalmente neles procurou-me para que eu descobrisse detalhes que o colocasse na cadeia e, conforme o que ela ia contando, ia se encaixando com os detalhes que eu já possuía sobre o assassinato de Olavo.

— Onde essa mulher está, no momento? Ela deve saber os motivos que levaram esse desgraçado a matar meu pai — Leonardo procurou a verdade durante esse tempo todo para sentir-se melhor, entretanto, era horrível imaginar tamanha maldade. Tudo voltava à tona, inclusive sua raiva pelo assassino.

— Desculpe-me, Leonardo, mas o sigilo faz parte do meu trabalho, não posso dizer onde ela está. Eu também tenho certeza de que ela sabe os motivos, mas se nega a dizer mais alguma coisa, pois diz que tem um segredo a proteger.

— Ela precisa colaborar — insistiu Hector.

— Ela jura que fará isso quando encontrar as pessoas que procura, mas também se nega a dizer quem são — ele puxou de um envelope uma foto grande de Donnelly, e passou-a de mão em mão.

— Os olhos desse homem não me são estranhos — Laura falou pela primeira vez. — Tenho a impressão de tê-lo visto em algum lugar antes, mas não consigo lembrar...

— O que aconteceu com ele?

— Quando a polícia conseguiu todas as provas de que precisava decretou prisão, mas ele sofria de problemas cardíacos e

morreu quando estavam algemando-o. Acho que teve o que mereceu. Não incomodará mais ninguém.

— Mas para alguém tão importante como ele, como não foi noticiado em lugar nenhum sobre tudo isso? — Leo quis saber.

— A mulher andou negociando com todas as emissoras e prometendo uma história incrível com a condição de que, por enquanto, ninguém falasse nada a respeito. Gastou uma pequena fortuna para impedir que os jornais publicassem a história verdadeira sobre o marido, de forma que o pouco que foi publicado falava somente que o magnata morrera de ataque cardíaco.

— Essa mulher é bastante estranha — conjecturou Hector.

— Ela é uma dama, e acredito que tem razões fortíssimas para agir dessa forma — defendeu-a Wagner.

As meninas continuavam lá em cima, planejando o futuro de ambas, e nem faziam ideia que o pai estava morto e que matara o pai dos homens que ocupavam seus corações.

De alguma forma, o destino unira aquelas duas famílias e em pouco tempo todos saberiam o quanto ele fora cruel.

No dia seguinte, um dia antes do casamento, o clima estava um pouco tenso, e Rafa sabia que se devia a visita do detetive. Elas resolveram não fazer perguntas, pois se tratava de algo doloroso e que não lhes dizia respeito e, aparentemente, os irmãos Martins acharam melhor assim. E dessa forma elas continuaram sem saber a realidade dos fatos.

Apesar das notícias ruins do dia anterior, Leonardo se sentia muito feliz com o casamento que seria no dia seguinte. Finalmente teria aquela mulher linda e que amava de forma assustadora, para

sempre. Foi até a suíte onde ela estava, pois não aguentara ficar alguns minutos longe dela.

— Oh, meu Deus! — Exclamou petrificado na porta do quarto. — Você está magnífica nesse vestido de noiva, Rafaela.

— Saia daqui, Leo, dá azar o noivo ver o vestido da noiva antes do casamento — Fabiana o empurrava porta afora, gritando feito uma louca, e Rafa se divertia com a situação. Definitivamente não acreditava naquelas superstições.

— Deixe que meu noivo me dê apenas um beijinho antes de descer — pediu, e Fabi, deixando os braços caírem ao lado do corpo, permitiu que ele entrasse.

— Trouxe isso para você, amor, combina com seus olhos — disse, entregando-lhe uma caixinha de veludo e depositando um beijo suave em seus lábios.

Era um anel de esmeralda lindíssimo, e Rafa perdeu o fôlego quando abriu e viu aquela pedra enorme da cor de seus olhos, brilhando. Leonardo colocou-o no dedo anelar da mão direita.

— Agora é minha noiva, oficialmente — beijaram-se dessa vez com intensidade. O amor gritando a alegria daquele momento tão especial. Duas vidas unidas pelo acaso ou pelo destino, mas que construíram juntos sentimentos tão fortes que seriam eternos.

— Obrigada, Leo, é o anel mais lindo que eu já vi... Eu amo você.

— Também amo você, *dulzura*.

Dia do casamento...

Cuidadosamente, Rafaela havia levantado às seis horas da manhã e colocado um envelope com sua certidão de nascimento na mesa do escritório de Leonardo. Sabia que ele ficaria feliz em finalmente saber quem eram seus pais.

Nove horas da manhã...

Leonardo que já estava acordado há bastante tempo, inclusive já havia tomado café, entrou no escritório para acertar os últimos detalhes do casamento. Laura também estava acordada. Sua noiva, Fabiana e Hector continuavam dormindo. A mãe o seguiu até o escritório e ficou sentada bebericando uma xícara de café, enquanto ele fazia algumas ligações para confirmar uma reserva no melhor hotel de Paris, onde passariam a lua-de-mel.

Depois que desligou, seus olhos pousaram num envelope branco escrito com a letra de Rafaela: **como prova do meu amor.**

Abriu cuidadosamente, sorrindo de felicidade, mas ao olhar para a certidão e ler os nomes ali escritos, sentiu como se tivessem cravado-lhe o peito; sentiu a cabeça zozna, devia ter imaginado que tudo estava perfeito demais para ser verdade. O destino às vezes era cruel e, especialmente nesse momento, estava sendo o pior dos inimigos.

— O que aconteceu, meu filho? — Laura levantou-se e se aproximou preocupada. Leonardo estava pálido.

— Fique exatamente onde está, dona Laura, eu volto num minuto...

Subiu as escadas sem sentir onde pisava. Entrou na suíte de Rafa sem bater na porta. Ela estava escovando os cabelos cuidadosamente. Aquele deveria ser o dia mais feliz de sua vida ou o

mais horrível, felizmente, as coisas aconteceram a tempo de poder evitar uma tragédia.

— Bom dia, meu amor, você está lindo essa manhã — ela disse aproximando-se, mas ele fez um sinal para que parasse. Era a primeira vez que Rafa o via corar diante de um elogio.

— Pare, Rafaela, sinto muito por ter levado isso adiante. Não vai mais haver casamento nenhum, nós nos enganamos, não era amor o que sentíamos...

— Deve estar brincando, Leonardo. Eu amo você e em momento algum me confundi ou me enganei. O que está acontecendo? O nosso casamento acontecerá em algumas horas...

— Não haverá mais casamento. Será melhor para nós dois... Por favor, não me peça explicação, pois nem eu mesmo entendo como essa tragédia aconteceu.

Não era o mesmo Leonardo que lhe jurara amor eterno. Aquele homem na sua frente não a encarava. Parecia ter vergonha de um dia ter dito que a amava ou pior, parecia querer vê-la longe dele o mais rápido possível. O que ele disse confirmou suas suspeitas.

— Se você quiser se sentir melhor, sugiro que volte para sua casa o mais rápido possível, pois eu não quero vê-la nunca mais.

— Diga-me o que aconteceu, Leonardo, foi alguma coisa que eu fiz ou deixei de fazer? Por favor, não faça isso comigo — ela estava ajoelhada e chorava implorando — eu amo você, não me abandone no dia do nosso casamento.

— Levante-se e pare com isso — ordenou. — Se quiser pode ficar, mas dessa vez eu juro que não vou voltar — e deu-lhe as costas, deixando-a em pranto.

Rafa sentia-se como se tivessem tirado-lhe o mundo de baixo de seus pés, sentia sua cabeça a ponto de explodir, enquanto soluços e gritos saíam de sua garganta, sem que se importasse com o que os outros poderiam pensar. Leo a abandonara outra vez e pior, no dia de seu casamento.

Ele entrou no escritório e trancou a porta irritado, pela primeira vez tomando consciência do tamanho da loucura que estivera prestes a cometer. Laura continuava sentada, mas tinha uma expressão assustada.

— Diga-me de uma vez o que aconteceu. Ouvei os gritos de Rafaela daqui.

— Leia os nomes desta certidão, e vai saber porque acabei de cancelar o casamento com Rafaela Perez.

Laura empalideceu ao ouvir o sobrenome e caiu na poltrona com a mão na boca para abafar o grito quando leu os nomes da certidão.

— Ramiro Perez... O pai de Rafaela... A minha filha, que procurei durante todos esses anos... Mas aqui está o nome de outra mulher como sendo sua mãe...

— Claro, o que esperava? Que o canalha a registrasse no seu nome? — Leo disse sarcástico.

— Você nunca vai entender...

— E o que você quer que eu entenda? Que há anos atrás traiu o meu pai e teve uma filha com outro homem, e que por pouco não me caso com minha própria irmã?

— Por favor, Leonardo, não me julgue erroneamente... Meu Deus! — Exclamou, lembrando-se de algo.

— O que foi? — Leo perguntou irritado, começando a colocar alguns documentos numa pasta.

— Os olhos... São os mesmos. Eu sabia que conhecia Antônio Donnelly de algum lugar. Ele e Ramiro Perez são a mesma pessoa!

A cabeça de Leonardo funcionava rapidamente. Agora tudo estava esclarecido.

— Precisamos ligar para Wagner e contar tudo para ver se ele nos esclarece melhor — Laura estava estarrecida. Leo estava furioso, pois jurava que ela havia traído seu pai; enquanto isso, sua filha, que procurara durante a vida inteira, estava há poucos metros dali, e ela não podia chegar e dizer: olá querida, eu sou sua mãe.

— Não precisamos ligar para ninguém. A verdade está tão clara quanto água cristalina. Sente-se, se quer entender meu raciocínio.

— Você acha que as meninas sabiam de tudo desde o começo?

— É claro que não. Sua filha não é uma pervertida para se casar com o próprio irmão. As garotas são inocentes, são as vítimas dessa história toda... Rafaela vai desejar a morte quando souber de tudo isso — falou, sentindo a dor aumentar no peito. Confundiram amor fraterno com outro tipo de amor. — Elas viviam escondidas da sociedade, é por isso que Beatriz não quis dizer toda a verdade sobre o marido, e é por isso que as meninas se negaram a falar quem eram seus pais. Provavelmente Donnelly as obrigava a mentir suas identidades, por isso as identidades falsas...

— Agora eu entendo... Quando seu pai foi para o Rio de Janeiro não foi a negócio, mas sim encontrar-se com Donnelly e

descobriu que a minha filha estava com ele, por isso voltou tão feliz para casa, mas o desgraçado não queria que eu soubesse onde ela estava e mandou matar a única pessoa que poderia levar-me até ela, seu pai... Oh, meu Deus, mas o destino se encarregou de trazê-la para mim.

— Da pior maneira possível. Veja como seus atos impensados prejudicaram as pessoas — Leo disse e saiu batendo a porta com força.

Caminhou rapidamente até o helicóptero e foi embora. Nunca mais voltaria àquela fazenda e nunca mais queria ver sua mãe. Sua cabeça doía e seus olhos ardiam, mas não iria chorar... Devia ter imaginado, era um amor muito puro, muito intenso, sentia-se envergonhado por tê-la beijado, por tê-la desejado como mulher, por pouco não a levava para a cama. Teria sido terrível se isso tivesse acontecido. Se é que podia tirar algo de bom daquela história, era o fato de Rafa ser tão pura a ponto de não querer fazer amor com ele antes de se casarem.

Ainda não sabia para onde iria, mas com certeza ninguém mais o encontraria.

Laura só se deu conta que Leo havia sumido alguns minutos depois. Estava tão perdida em seus pensamentos e mergulhada na culpa que não se dera conta da realidade dos fatos. Leonardo estava transtornado porque quase se casara com a própria irmã. Não diria nada à Rafaela, ela não podia saber que era sua filha, pois se sentiria da mesma maneira que Leo. Era melhor que pensasse que ele não a queria mais por outros motivos, fossem quais fossem.

— Onde está sua irmã? — Perguntou à Fabiana.

— Está no quarto arrumando as malas, e se eu fosse você nem chegava perto. Ela está furiosa e com certeza vai descarregar a raiva em você — avisou, carregando a primeira mala para a porta da frente.

— Mas aonde vocês vão com todas essas malas?

Laura estava preocupada. De repente seu mundo virara de cabeça para baixo. Leo a odiava e com razão, e Rafaela, a filha que esperara por muitos anos, não a queria por perto. Além do mais, todos estavam saindo de sua vida como grãos de areia escorrendo pelo meio dos dedos.

— Vamos voltar para o Rio. Queremos fazer uma surpresa ao meu pai — disse misteriosa. — E Rafa não tem mais nada para fazer aqui, depois de ser humilhada como foi... O que foi? Você está quase desmaiando.

Pobres garotas, pensou Laura, elas nem sequer sabiam que o pai estava morto.

— Vamos Fabi, Hector trará as outras malas — Rafaela entrou e olhou com cara de poucos amigos para Laura. — Espero que seu adorado filho queime no inferno.

— Não diga isso, querida, ele está sofrendo tanto quanto você — ali estava diante de si sua filha, a filha que fora proibida de amar, de cuidar, de dar banho quando bebê, de ouvir dizendo as primeiras palavras e dando os primeiros passinhos.

— Não tente convencer-me. Ele pretendia brincar com meus sentimentos... — Ela ergueu o queixo — mas não tem importância, não vou morrer por causa disso.

Foi uma viagem exaustiva. Hector resolveu acompanhá-las e se mostrou um perfeito cavalheiro, o contrário do irmão, pensou Rafa. Ele providenciou tudo de forma que não precisaram se preocupar com nada. Quando chegaram ao aeroporto, no Rio, ele interrogou para onde deveria seguir. Não precisavam mais esconder nada, por isso Fabiana, com o olhar cheio de ódio disse:

— Pela primeira vez, vamos entrar pela porta da frente de nossa casa. Siga para a mansão dos Donnelly — e deu-lhe o endereço.

Hector olhou-a por um momento, achando que se tratava de mais uma das brincadeiras de sua namorada, mas ela permanecia séria. Sarcástica falou: — Eu esqueci de contar que o monstro, assassino, psicopata chamado Antônio Donnelly é nosso pai?

— Por favor, Fabiana diga que está brincando. Donnelly não tem filhos... Você parece odiá-lo, mas se ele é mesmo pai de vocês... Oh, meu Deus! — Hector levou as mãos à cabeça. — Ele mandou assassinar o meu pai e nem sabemos o motivo...

— O que está dizendo, Hector? Como isso é possível? — Rafa agora tomou parte na conversa. — Aquele desgraçado matou o seu pai? Que destino o nosso, hem? E foi exatamente na casa de vocês que nós fomos parar. Leonardo tinha razão o tempo todo, só pode ter sido intuição ele ter deduzido que tínhamos alguma coisa a ver com o assassinato do pai — *será que havia sido por isso que Leo a abandonara?*

— Espero que ele esteja atrás das grades — Fabi disse com raiva. — Ou no manicômio.

— Ele... Ele morreu do coração — Hector contou de supetão.

Um silêncio profundo caiu dentro do automóvel. Esperavam que ele fosse preso, não que estivesse morto, mas estranhamente nenhuma das duas conseguia sentir mais do que um pouco de consideração por ele ser o pai delas, nada mais.

Beatriz estava no pátio da mansão e chorou emocionada quando viu as duas filhas descendo do automóvel.

— Que coisa maravilhosa, minhas duas filhas sãs e salvas. Pensei que nunca mais fosse vê-las. Por onde andaram, meus amores? — Beatriz parecia outra mulher e estava exultante por finalmente poder chamá-las de filhas na frente de outras pessoas.

Hector presenciou o reencontro de pessoas que se amavam muito, e sentiu certo remorso por ter deixado a mãe sozinha em um momento em que parecia que nada estava dando certo. Não sabia os motivos que levaram Leo a partir e a mãe não quisera contar, mas podia prever tratar-se de algo realmente sério.

— Nós estávamos no Uruguai, mamãe Bia, tanta coisa aconteceu que não sei por onde começar... Estivemos, esse tempo todo, presas em uma fazenda, acusadas de coisas horríveis, trocaram nosso dinheiro na aduana por dinheiro falso e isso nos complicou a vida. Como não podíamos falar de quem éramos filhas não tivemos como escapar.

A mãe olhou para as duas com interesse, parecendo não acreditar naquela história.

— Não parece que acabaram de ser libertadas de um cativoiro.

— Nossos raptos eram pessoas adoráveis — interveio Fabiana, olhando para o namorado com adoração. — Esse é um deles, mamãe. Chama-se Hector e é meu namorado.

A mãe parecia exasperada, o que havia acontecido com suas filhas para acharem as pessoas que as mantiveram presas, adoráveis?

— Tão adoráveis, mamãe Bia, que eu também me apaixonei por um deles e meu casamento estava marcado para hoje, mas ele carinhosamente avisou-me que não haveria mais casamento, sem ao menos me dar um motivo — Rafaela contou amarga.

— Desculpe, Hector, mas antes de saber o que de fato aconteceu, não posso dizer-lhe que é um prazer conhecê-lo — Beatriz falou, olhando desconfiada para o rapaz alto e com olhar surpreso à sua frente. — Vamos entrar.

Depois de contarem detalhes de tudo o que haviam vivido durante os últimos quatro meses, Beatriz finalmente entendeu o porquê de suas garotas terem se apaixonado e, apesar de Rafaela estar visivelmente abalada, se sentia feliz porque as filhas estiveram longe durante todos aqueles dias em que ela vivera um inferno nas mãos de Antônio Donnelly.

— Mamãe... Hector e Leonardo são filhos do homem que papai mandou matar — Fabiana mencionou.

— Como assim? Então, vocês já sabem de tudo o que aconteceu, inclusive do ataque que ele sofreu?

— Sim, foi uma triste coincidência nós irmos parar justo na casa dos filhos do homem que papai mandou matar, sabe-se lá por quê. A verdade é que não consigo ficar triste com as mudanças que ocorreram. Poder chamá-la de mãe é uma benção — Rafa confessou abraçando-a.

Beatriz estava preocupada. Rafaela tentava ao máximo parecer despreocupada, fazendo pouco caso de tudo, mas não podia esquecer que a filha que tanto amava havia acabado de sofrer um dos maiores desgostos da vida, havia sido abandonada no dia do casamento. Precisava entrar em contato com a mulher chamada Laura, agora que havia juntado as peças do quebra-cabeça sabia exatamente os motivos que levaram Leonardo a abandonar sua filha, e estava chocada com as conclusões a que chegara. Por pouco sua filha não se casara com o próprio irmão. Também precisava entrar em contato com Wagner para que a ajudasse, pois agora que as filhas voltaram e estavam seguras, tinha uma dívida com a imprensa que precisava pagar.

Durante a semana que se seguiu, Rafaela teve que sufocar toda a dor que sentia, pois uma série de mudanças ocorreram em sua vida, a começar pelo fato de poder partilhar com a mãe Bia coisas que nunca pudera fazer antes, como ir ao shopping ou simplesmente ficar horas a fio conversando. Agora sim formavam uma família feliz, moravam sob o mesmo teto como uma família de verdade. A mãe e Fabiana tentavam distraí-la o tempo todo, sabia disso, para que esquecesse a dor e o sofrimento que Leonardo lhe havia causado. No fundo de seu coração, sabia que o amava mais do que nunca, mas que precisava esquecê-lo se quisesse continuar a viver. Entretanto, sabia que mais cedo ou mais tarde desabaria e não queria que, quando essa hora chegasse, as pessoas que tanto amava estivessem por perto.

Hector voltou para casa depois de uma semana no Rio, onde curtiu as praias ao lado da namorada, mas era hora de voltar para junto da mãe. Depois de ouvir a história de uma vida toda vivendo escondidas, podia entender porque as meninas aceitaram tão bem a vida na fazenda. Só o que não conseguia entender era por que Leo havia desmanchado o casamento que parecia ser tão feliz? Presenciara a mudança no comportamento de Rafaela, ela não era mais a mesma garota alegre e extrovertida, parecia cada dia mais sem vida e sem motivos para continuar a sorrir e, com certeza, perdera vários quilos, o rosto estava pálido e com olheiras profundas e escuras que tentava disfarçar com maquiagem.

Beatriz informou as suas filhas que elas teriam que comparecer a várias emissoras de televisão para contar sua história e elas concordaram, pois sabiam que era necessário. Rafaela achou que era ótimo ter alguma coisa em que pensar, assim, quem sabe, aguentaria mais alguns dias.

Durante quinze dias sua vida andou agitada, dia e noite pessoas entrando e saindo da mansão, querendo saber tudo sobre o que haviam passado durante os anos que viveram como prisioneiras do próprio pai. Várias fotos foram tiradas e entrevistas concedidas, e Rafaela via seu rosto pálido todas as vezes que abria uma revista ou ligava a televisão. Pelo menos tinha uma desculpa para seu rosto abatido. As pessoas achavam que sua aparência debilitada se devia ao fato dos acontecimentos recentes. É claro que em nenhum momento foi mencionado o nome da família Martins. Apesar de Rafaela ter vontade de gritar ao mundo que Leonardo era um canalha, seu coração ainda se despedaçava com a constatação de que o amava loucamente.

— Maldito — praguejou.

Podia lembrar-se com precisão dos momentos que compartilharam, da noite em que jantaram naquele lugar pitoresco, de quando se beijaram, de todas as palavras que Leonardo dissera, que a amava, que não poderia mais viver longe dela e da noite em que quase fizeram amor. Por mais que tentasse, não conseguia entender seu comportamento.

Já era hora de dar um rumo a sua vida, precisava ficar pelo menos alguns dias sozinha em algum lugar, talvez quando voltasse conseguisse assimilar melhor tudo o que lhe acontecera.

— *Ótimo, sempre quis conhecer Machu Pichu.*

Uma semana mais tarde ela desembarcava no Peru. Precisava curar sua alma antes de voltar, e nada melhor do que aquele lugar cheio de lendas e mistérios. Quem sabe um condor não lhe trazia respostas para sua alma dilacerada. Riu, nunca acreditara nesse tipo de coisa... Nunca, até Leonardo vê-la vestida de noiva e tudo desandar. Talvez começasse a acreditar em superstições, afinal.

Ficou em um hotel aconchegante chamado *Tupambaé*, mas o que queria naquele lugar não era conforto, e sim ocupar sua mente com coisas que realmente importava, como, por exemplo, gastar todas suas energias subindo até *Machu Pichu*. Queria caminhar quilômetros para descobrir as tribos indígenas que ocupavam o país, quem sabe com algum sacrifício conseguiria pelo menos diminuir um pouco a dor da rejeição.

As maravilhas que conheceu naquele país encantador, na semana que se seguiu, jamais esqueceria. A verdade é que em tudo o que via lembrava-se de Leonardo, ao invés de esquecê-lo, querendo partilhar tudo que estava conhecendo com um único homem, Leonardo Martins, o homem que a abandonara sem a menor consideração.

Por mais que Leo tentasse, era impossível esquecer o rosto pálido de Rafaela implorando que não a abandonasse. O pior de tudo era que continuava amando-a e desejando-a, mesmo depois de

saber que ela era sua irmã, o que o tornava um homem sem caráter nem moral. A vida que estava levando há um mês, na certa seria motivo de deboche entre seus amigos. Alugara um chalé no meio do nada, onde não havia energia elétrica nem água encanada, tinha que cortar lenha para fazer fogo, mas o isolamento era bom para seu coração culpado e amargurado. Deixou o celular desligado para usá-lo somente em caso de emergência.

Beatriz e Laura haviam decidido se conhecer, e agora batiam um papo de mãe coruja.

— Que bom que atendeu meu pedido. Eu precisava conversar com alguém depois de tudo o que aconteceu. Sinto muito pelo seu marido. Infelizmente dei-me conta tarde demais do crápula com quem me casei — Beatriz havia convidado Laura para passar uns dias em sua casa e ela aceitara.

— Nem tente se desculpar por ele, querida, já tive a infelicidade de conviver com a megera, e posso imaginar o que você passou.

Laura sentia-se solidária com a mulher que cuidara tão bem da filha que fora arrancada de seus braços. Agora entendia porque havia sentido algo diferente por Rafaela assim que a conheceu.

— Conseguiu encontrar Leonardo?

— Ainda não, tentei ligar e deixei montes de recados na caixa postal, mas ele não me retorna. Deve odiar-me com todas suas forças... Beatriz, o que devo fazer? — Perguntou como se fossem velhas amigas.

— Não sou a melhor pessoa para dar conselhos, mas nesse caso envolve minha filha, ou melhor, nossa filha. Você ama tanto

Leonardo quanto Rafaela, então, acho que para ninguém se magoar deve esclarecer as coisas com os dois juntos.

— Mas, é claro, como não pensei nisso antes? — Empolgou-se, para em seguida lembrar: — Mas como vou fazer para uní-los em algum lugar?

— Esse é realmente um problema. Conhecendo Rafa como conheço, duvido que ela concorde em estar no mesmo lugar que Leonardo.

— Se Maomé não vai a montanha, a montanha vai a Maomé — Laura filosofou decidida. — Vou dar um jeito de encontrar meu filho e iremos para o Peru ao encontro de Rafaela.

Não resistindo à tentação, Leonardo ligou o celular e começou a ouvir as mensagens de sua mãe, a maioria se desculpando; mas foi a última, há algumas horas atrás que o impressionou, a voz da mãe parecia ansiosa e dizia assim:

“Chegou a hora da verdade. Se quiser saber do que se trata encontre-me no Peru. Não fique surpreso, é nesse país mesmo que me deve encontrar, no hotel Tupambaé, ainda hoje.”

Sua mãe não era do tipo misteriosa e, se fora curta e grossa, era porque se tratava de algo que realmente merecia atenção. Correu contra o tempo para chegar ainda naquele dia no outro país.

Rafaela entrou no elevador, apressada. Já era noite e estava faminta. Havia passado horas no museu. Seu dia fora movimentado,

depois de conhecer vários pontos turísticos da cidade voltara para o hotel e tomara um banho demorado e trocara de roupa para ir em seguida ao museu. Agora estava cansada e com fome. Olhando no relógio constatou que não era tão tarde quanto imaginara, talvez seu organismo tivesse começado a sentir a altitude e estivesse com o famoso *soroche*.

Colocou a chave na fechadura e abriu a porta de sua suíte, estacando diante do que via. Laura e Leonardo estavam sentados no sofá e olhavam para ela, preocupados. Rafaela encarou a ambos, carrancuda.

— Pensei ter ouvido você dizer que nunca mais queria verme, Leonardo — disse com o olhar firme, apesar de suas pernas terem a mesma consistência de uma gelatina.

Ele não respondeu e foi Laura quem começou com as explicações: — Por favor, Rafaela, fui eu que chamei Leonardo aqui porque precisava conversar com os dois e, antes que você comece a reclamar, é melhor ouvir o que tenho a dizer, pois trata-se de sua vida.

Ela torceu a boca, Leonardo sabia que aquele era um sinal de que estava nervosa.

Rafaela vestia uma roupa que ele ainda não conhecia. Uma calça jeans encerada, justa até no tornozelo que deixava suas curvas à mostra, e um casaqueto preto. Desviou o olhar. Se não conseguia controlar seus pensamentos era melhor nem olhá-la. Também estava curioso para saber o que sua mãe tinha a dizer, para partir o mais rápido possível do olhar magoado de Rafaela, sua irmã.

— É melhor você se sentar, Rafa — aconselhou Laura.

— Já que invadiu minha suíte... Espero que seja rápida — disse, sabendo que estava sendo grosseira.

— Também gostaria que fosse breve, mamãe — Leonardo pediu e Rafaela deduziu que ele também não sabia de nada.

— Eu vou ser o mais rápida e objetiva possível, só peço aos dois que não me interrompam até que eu tenha falado tudo... Em primeiro lugar... Rafinha... Meu nome não lembra nada a você?

— Não... Deveria?

Que outra maneira teria para falar que era mãe de Rafaela, a não ser sendo curta e grossa? O impacto seria o mesmo.

— Eu sou sua mãe.

— O quê? Pare com brincadeiras. Minha mãe me abandonou quando eu nasci, e morreu pouco tempo depois.

— Foi isso que seu pai contou para você? Não, querida, seu pai arrancou você dos meus braços e me ameaçou que, se eu o denunciasse ou se tirasse você dele... Ele a mataria.

Rafaela colocou uma mão na boca para não gritar e a outra no estômago, procurando não vomitar. Por esse motivo, Leonardo cancelara o casamento, porque descobrira que eram irmãos.

— Nós somos irmãos? Você é minha mãe... Diga que é mentira. Eu não quero ser sua filha. Além do mais, se eu sou mesmo sua filha, isso significa que traiu seu marido, quando Leo tinha mais ou menos cinco anos... Isso tudo é muito confuso, meu pai era um psicopata e você, uma mentirosa, traidora, não quero ouvir mais nada...

— Pare... Pare com isso, Rafaela, não pense que está sendo fácil para mim — Laura tinha o rosto vermelho. — Vou quebrar a

promessa que fiz ao meu amado Olavo para vê-los felizes então, por favor, não me interrompa mais.

— Desculpe-me — Rafa baixou os olhos envergonhada.

— Eu morava em um orfanato na Argentina, porque não tinha pais. Quando completei quinze anos, um advogado foi me procurar e me dar a notícia que uma tia minha havia morrido e deixado uma herança, alguns hectares de terra no Brasil, só que esse advogado era Ramiro Perez. Eu nunca havia tido alguém que me amasse e, quando Ramiro começou a me dizer coisas bonitas, caí como um patinho. Ele me engravidou sem me dar um nome, e me obrigou a passar as terras para seu nome. Eu pensava que eram simples terras secas até ele me confessar que no local havia petróleo. Nove meses depois, quando você nasceu, ele a roubou como garantia e fugiu para o Brasil, não sem antes me ameaçar, que se eu o denunciasse ou fosse atrás de seu paradeiro, ele a mataria... Como havia prometido, ele fugiu para o Brasil com você, eu não tinha onde ficar nem para onde ir. Lembro-me que naquela manhã, desesperada, poucas horas depois de ter dado a luz, eu agia como uma louca não tendo a quem recorrer, cansada de caminhar sem direção, depois de ter deixado o hospital, me deitei num lugar que pareceu acolhedor, um caminhão que transportava acolchoados. Não sei se dormi ou se desmaiei, só sei que quando acordei estava no Uruguai, em *Bella Ciudad*...

Leonardo não conseguia entender com clareza. Se a mãe tivera Rafaela antes de conhecer seu pai... Havia algo que não se encaixava.

—... Eu descii ligeiro do caminhão e encontrei um menininho de aproximadamente cinco anos, perdido e assustado. Lembrando

de minha filha, que me havia sido roubada, peguei o garotinho no colo e comecei a conversar com ele. Logo um rapaz bonito, mas triste, apareceu e tirou o menino dos meus braços, chamando a atenção dele por ter ido com estranhos. Eu precisava desabafar com alguém, por isso confiei naquele rapaz bonito e contei minha história, e ele me contou a sua também; que sua mulher havia morrido no parto e que ele criava o filho sozinho. Ele deixou que eu ficasse em sua casa, cuidando de seu filho. Eu cuidava com muito amor, dando todo o carinho que não podia dar a minha filha. Eu ajudava na casa e nos negócios dele também, artefatos de lã. Com o tempo, nos apaixonamos e nos casamos, e aquele rapaz me fez a mulher mais feliz do mundo. Dois anos depois tivemos um filho, e meu amado marido me ajudou enquanto viveu, a procurar por você, Rafaela, e morreu quando a encontrou...

Leonardo sentia os olhos arderem e não conseguiu conter as lágrimas que rolavam pelo seu rosto. Rafaela estava mais ou menos em estado de choque.

—... Aquele rapaz bonito era Olavo, e o garotinho era você, Leonardo — Laura também deixou que as emoções aflorassem, depois de vinte e cinco anos escondendo a verdade.

— Você não é minha mãe? Mas, por que nunca me contaram a verdade? Teriam...

— Eu e seu pai prometemos um ao outro não contar nada para você. Se tudo isso não tivesse acontecido, você nunca saberia que não sou sua mãe biológica.

— Mas então, eu e Rafaela não somos irmãos... — Ele olhou para a mulher que sempre amara de forma apaixonada. Não era um perverso, afinal. Rafaela não era sua irmã.

— Não, meu bem, vocês não são irmãos. Foi exatamente por isso que quebrei a promessa que fiz a Olavo, de nunca dizer nada a você. Não aguentava vê-los tão tristes.

Rafaela caminhou devagar para perto da mulher que pensara que a havia abandonado e que estava morta.

— Você nunca deixou de me procurar? — Perguntou com os olhos marejados.

— Nunca, meu bem, eu sabia que iríamos nos encontrar um dia.

— Oh, mamãe... — Mãe e filha se abraçaram emocionadas, tentando recuperar todos os anos que haviam passado separadas, e Leonardo se juntou àquele abraço. Uma nova vida começava para todos eles.

Leo agora passara a amar mais ainda a mulher que o amara e cuidara como se fosse seu próprio filho.

Leonardo e Rafaela se entreolharam apaixonados e se atiraram um nos braços do outro.

— Será que consegue perdoar-me, meu amor? — Perguntou Leo, depois de beijá-la demoradamente.

— Por que tenho a impressão de já ter ouvido essa frase antes? — Brincou Rafaela e só então se deu conta de que Laura já não estava mais na suíte.

— Oh, meu amor, se você quiser eu me ajoelho. Foi uma provação pensar que não podia amá-la porque era minha irmã.

— Querido, você não tem que pedir perdão, o que aconteceu foi terrível para nós dois, mas agora acabou, agora podemos continuar com os planos que tínhamos traçado.

— Eu a amo mais que tudo, Rafaela. Dessa vez nada vai nos separar — jurou Leo junto ao seu ouvido.

— Eu também amo você, Leonardo.

Dois meses depois acontecia o maior casamento que *Bella Ciudad* já havia presenciado. Rafaela tomara o cuidado de mandar fazer outro vestido e, dessa vez, não deixou que Leo sequer chegasse perto da caixa onde o vestido branco se encontrava.

Ele estava magnífico em seu smoking preto. O homem que lhe parecera inatingível, agora era seu marido, e ela era a senhora Rafaela Martins.

— Pode beijar a noiva — o pastor autorizou.

O beijo que trocaram foi diferente dos outros, pois agora sabiam que jamais se separariam, seriam eternos namorados e constituiriam uma família linda, sem culpas nem dúvidas.

— Você está maravilhosa, querida — cochichou ao seu ouvido com olhar malicioso. — Não vejo a hora de vê-la sem este vestido.

Ela beliscou-lhe discretamente e Leo riu, seu riso enchia sua vida de alegria e sabia que seria sempre assim. Estava preparada para ser a melhor esposa e mãe do mundo.

A fazenda estava muito mais bonita agora, mesas enormes com toalhas de linho e talheres de prata ocupavam o espaço em volta da piscina.

Sua irmã e seu irmão Hector estavam muito felizes, e também pretendiam se casar. Fabiana estava linda num vestido longo, e Hector vestido a rigor. Rafaela riu com o pensamento longe.

— O que foi, maninha? — Perguntou Hector, que estava muito animado com a ideia de ter uma irmã que, ao mesmo tempo, era sua cunhada duplamente. Fabi e Leo olharam com interesse, demonstrando ciúmes.

— Estava pensando que o destino foi certo em fazer com que fôssemos acusadas de repassar dinheiro falso, ou nunca teríamos conhecido os homens de nossas vidas...

Laura, que ouviu a conversa, aproximou-se e, fingindo-se ofendida, falou: — E eu acabei vindo no pacote...

Rafaela abraçou-a e beijou sua mão com respeito e carinho.

— Oh, mamãe, o destino foi perfeito comigo, e encontrá-la foi como se revivesse uma parte morta em mim... Eu a amo mamãe.

— Também a amo, querida — e olhou para o lado — mas, sua mãe Bia está morrendo de ciúmes.

Beatriz juntou-se a eles com Wagner, que não descolava dela nem um minuto.

— Mamãe Bia, você não precisa ficar com ciúmes, eu amo as duas do mesmo modo.

Finalmente formavam uma grande família, felizes e sem verdades ocultas ou dúvidas. Não mais precisavam viver escondidas.

— Eu estou muito feliz por ver minhas duas filhas apaixonadas. Espero que os dois cuidem bem de minhas preciosidades — Beatriz abraçou o genro, e o futuro genro, como se fossem também seus filhos.

— E eu, mamãe... — Leonardo queixou-se — eu não ganho abraços?

Laura o abraçou. Era engraçado ver Rafaela e Leonardo, agora casados, chamarem a mesma mulher de mãe, mas o que importava era que sabiam que não havia parentesco algum a assombrá-los.

Mais tarde, quando todos já haviam partido deixando os recém-casados a sós, Leo pegou-a no colo e agora, como sua mulher, carregou a senhora Martins para a sua suíte.

— Como sonhei com esse dia, *mi amor*. O dia em que a tornaria minha mulher — sua voz era apenas um sussurro quando a deitou na cama.

— Valeu a pena esperar, querido; agora nada mais irá nos separar, pois estaremos unidos de corpo e alma.

— Hum... Falando em corpo... — Leo a olhou cheio de malícia e ordenou: — Vire-se.

Rafa virou-se de costas para ele e sentiu seus dedos abrirem o zíper do vestido azul que usara durante a festa. Suspirou quando dedos experientes passaram a acariciar sua pele macia deixando um rastro de fogo. Ele apertou sua cintura e virou-a de frente para si, buscando seus lábios ávidos de desejo.

— Oh, Leo — murmurou cheia de paixão.

— Agora vou levá-la para o paraíso, meu amor, confie em mim — pediu, deitando-a nua na cama enquanto se livrava das próprias roupas.

Tudo aconteceu com perfeição, uma aura de magia a envolvê-los naquele paraíso que Leo havia prometido. Rafa sentia-se realizada, valera a pena esperar por aquele momento, pois tudo se tornara ainda mais incrível. Juntos selaram aquela união eternizando para sempre o amor de ambos.

Bem mais tarde, abraçados, com os corpos suados, ainda sob o efeito dos momentos de paixão que tiveram, Leo e Rafa conversavam felizes e apaixonados.

— Tem ideia de quantas vezes eu tive vontade de ir buscá-la naquele quarto e trazê-la para o meu? — Perguntou Leo.

— Confesso que eu teria medo de entrar nos seus aposentos com você por perto. Na última vez que fiz isso, acabei levando uns belos tapas no bumbum — Rafa brincou fazendo-lhe cócegas.

— Foi naquele dia que descobri que seria muito difícil não me apaixonar por você — confessou.

— E foi difícil? — Ela queria ouvir mais uma vez da boca do homem que amava.

— Muito difícil, olha como eu acabei... Perdido de amor pela mulher mais linda e cheirosa do mundo — disse, beijando-lhe o pescoço.

— Eu amo você, Leonardo, e nunca vou cansar de dizer.

— Pode repetir? — Pediu, agora passando a morder-lhe a orelha.

— Com prazer. Amo você, amo você, amo você!

A partir daquele momento, a vida de ambos tornou-se apenas uma. Jamais esqueceriam que tiveram que enfrentar o mundo para viver aquele grande amor.

O amor que ultrapassa as barreiras mais intransponíveis, o amor que perdoa e confia... O amor que seria para sempre de Rafa e Leo.

Fim...